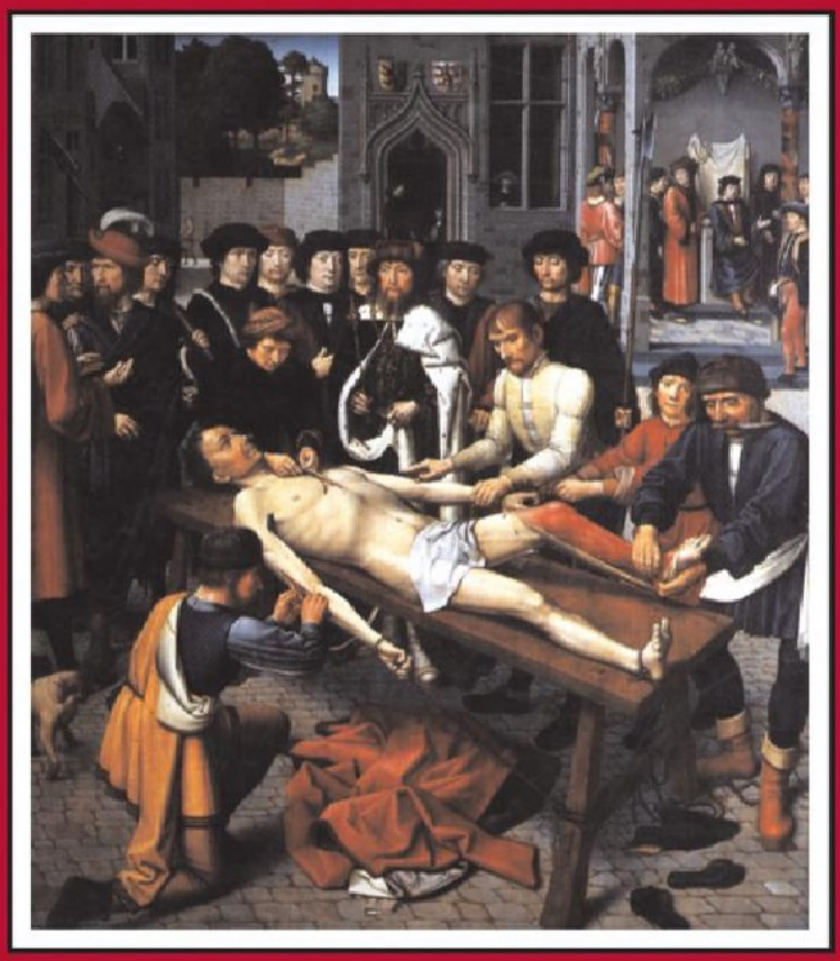
Didier Anzieu



O Eu-pele

Casa do Psicólogo®

Didier Anzieu

O Eu-pele

Psicanálise

Coleção dirigida por Latife Yazigi

Tradutoras:

Zakie Yazigi

Rizkallah Rosaly Mahfuz

Revisora Técnica:

Latife Yazigi

Casa do Psicólogo ®

© 2000 Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.
© 1985 Bordas, Paris
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem autorização por escrito dos editores.

1ª edição
1988
2ª edição
2000

Produção Gráfica Valquiría
Fúrias dos Sumos

Capa

Gérard David, Le Supplice du Sisammès (1498-1499) do painel "La Justice de Cambyse" Groeningemuseum, Bruges - *Ph. (c) do* museu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SR Brasil)

Anzieu, Didier

O eu-pele / Didier Anzieu; tradutoras Zakie Yazigi, Rosali Mahfuz; revisora técnica Latife Yazigi. — São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
Bibliografia:
ISBN 85-851141-11-5

1. Ego (Psicologia) 2. O eu 3. Pele– Aspectos psicológicos 4. Sentidos e sensações 5. Psiquiatria

CDD - 155.2
- 152.1
- 152.182
- 154.22
89-0769 - 616.89

Índices para catálogo sistemático

1. Ego Psicologia 154.22
2. O eu interior: Psicologia individual 155.2
3. Pele: Contatos: Psicologia 152.182
4. Sentidos e sensações: Psicologia 152.1
5. Psiquiatria Medicina 616.89

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à

Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda.
Rua Alves Guimarães, 436 Pinheiros
05410-000 São Paulo SP Brasil
Tel.: (11) 3062.4633
e-mail: casapsi@uol.com.br
http://www.casapsicologo.com.br

Notas sobre a Tradução

Patrocinada pelo Ministério da Cultura e da Comunicação da França - Direção do Livro e da Leitura, esta tradução foi feita com grande preocupação de fidedignidade ao espírito e ao teor da obra srcinal "LE MOI -PEAU".

Duas pessoas trabalharam cuidadosamente na passagem do texto francês para o português: entre elas uma médica.

Houve sempre um esforço para que os mesmos termos no francês tivessem a mesma tradução. O *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis serviu como fonte de referência para os termos psicanalíticos que foram cuidadosamente respeitados. Assim, sempre que o autor usou a palavra "étayage", em português usou-se "apoio"; "Cure psychanalytique" foi sempre traduzida por "cura psicanalítica" já que às vezes é empregada a palavra "thérapie", traduzida fielmente por "terapia".

Esse critério não foi observado na tradução para o inglês que, por exemplo, usa o termo "anaclitic" indiferentemente para "étayage" ou "anaclitique". Ainda a edição inglesa foi a única a optar pela expressão "Ego-skin" quando as demais seguiram as indicações do autor para o "Eu-pele". O "Id" ("ça" em francês) e o "Superego" ("surmoi") permanecem.

Palavras como "reverie", "ersatz", "voyeur" "feedback" "élan", "composite", "leitmotiv", "imprinting" foram conservadas como no texto original - são termos já incorporados à linguagem psicanalítica corrente.

A redundância caracteriza o estilo do autor. Procurou-se respeitá-lo (por exemplo, "representante representativo").

Para facilitar o leitor interessado nas múltiplas possibilidades que esta leitura oferece, organizou-se um glossário de tradução.

Glossário da Tradução

Accolement	união, contato
Affect	Afecto
Brouillard	nebulosidade, névoa, confusão
Brouiller	confundir, misturar
Se Brouiller	aborrecer-se
But	Alvo, meta
Coiffe	coifa
Coiffer	envolver
Contenant	continente
Conteneur	contentor
Contrainte de répétition	princípio de inércia
Déferlement	irrupção
Détresse	desamparo
Écart	distanciamento
Effondrement	desmoronamento
Effraction	agressão, invasão, choque
Emboîtement	encaixe, inserção
Enchevêtrement	emaranhado
Étayage	apoio
Familial	familial (relativo à família)
Familier	familiar (relativo ao já conhecido)
Fourrure	capa de pele, pêlo
Jouissance	fruição
Morcellement	fragmentação
Pulsion d'agrippement	pulsão de agarramento
Pulsion d'emprise	pulsão de dominação

Poussée	força, ímpeto
Raté	falha
Refoulé	recalcado
Refoulement	recalque

Sumário

Primeira Parte
Descoberta

1. Preliminares epistemológicos.....17

Alguns princípios gerais…….....17

1. Cérebro ou pele; 2. Gênese ou estrutura; 3. Desenvolvimento lógico ou renovação metafórica; 4. Inquietação atual na civilização; 5. Casca ou núcleo; 6. Conteúdo ou Continente.

O universo tátil e cutâneo.....27

1. A abordagem lingüística; 2. Abordagem fenomenológica; 3. Abordagem psicofisiológica; 6. Abordagem interacionista; 7. Abordagem psicanalítica.

2. Quatro séries de dados……39

Dados etotógicos……..41

Dados grupais……...47

Dados projetivos……..50

Dados dermatológicos.....52

3. A noção de Eu-pele.....57

Seio-boca e seio-pele.....57

A idéia de Eu-Pele.....61

A fantasia de uma pele comum e suas variantes narcísicas e masoquistas……..63

4. O Mito Grego de Marsias.....69

Quadro sóciocultural.....69

Primeira parte do mito.....71

Segunda parte: os nove mitemas.....72

5. Psicogênese do Eu-pele.....79
O duplo "feedback": no sistema diádico mãe-filho,.....79
Divergências entre os pontos de vista cognitivo e psicanalítico 83
Particularidades do Eu-pele considerado como interface.....87
Dois exemplos clínicos..... 90
Observação de Juanito, o menino dos papéis colados..... 90
Observação de Eleonora, a menina da cabeça-escorredor..... 92

Segunda Parte

Estrutura , Funções, Superação

6. Dois precursores do Eu-pele: Freud, Federn. 97
Freud e a estrutura topográfica do Eu. 97
O aparelho da linguagem. 98
O aparelho psíquico. 101
As barreiras de contato. 103
O Eu como interface 110
Aperfeiçoamentos do esquema topográfico do aparelho psíquico.....115
Federn: sentimentos do Eu, sentimentos de flutuação das fronteiras do Eu.....117
Originalidade de Federn.....117
Os sentimentos do Eu.....120
Os sentimentos das fronteiras do Eu.....123
Observação de Edgar.....124
Os sentimentos de flutuação das fronteiras do Eu.....125
Recalque dos estados do Eu.....126

7. Funções do Eu-pele.....127
As nove funções do Eu-pele.....129
1. Manutenção; 2. Continência; 3. Pára-excitação; 4. Individuação; 5. Intersensorialidade; 6. Sustentação da excitação sexual; 7- Recarga libidinal; 8. Inscrição dos traços; 9. Autodestruição.
Um caso de masoquismo perverso.....142
Observação do Sr. M.....142
O envelopamento úmido: o "pack"; as cavernas.....145

O "pack". 145
Três observações. 146

8. Distúrbios das distinções sensório-motoras de base 149
Sobre a confusão respiratória do pleno e do vazio. 149
Observação de Pandora. 152

9. Alterações da estrutura do Eu-pele nas personalidades narcísicas e nos estados-limite 159
Diferença estrutural entre personalidade narcísica e estado-limite 159
Um exemplo literário de personalidade narcísica, *L'invention de Morel* de Bioy Casares 163
A fantasia de uma parede dupla 167
Distúrbios da crença e estado-limite 169
Observação de Sebastiana, ou um caso de comunicação oblíqua. 170

10. O duplo interdito do tocar, condição de superação do Eu-pele 175
Um interdito do tocar implícito em Freud 176
O interdito explícito de Cristo 181
Três problemáticas do tocar. 184
Os interditos e suas quatro dualidades 185
1. Sexualidade e/ou agressividade; 2. Interdição exógena, interdito endógeno; 3. Interdito da união, interdito do tocar manual; 4. Bilateralidade.
Observação de Janete 190
Do Eu-pele ao Eu-pensante 191
O acesso à intersensorialidade e a constituição do senso comum. 195

Terceira Parte
Principais Configurações

11. O envelope sonoro 199
Observação de Marsias 200
Audição e fonação no bebê. 206
O sonoro segundo Freud. 210
A semiofonia 211
O espelho sonoro. 213

Observação de Marsias (fim) 216

12. O envelope térmico.....219
O envelope de calor..... 219
O envelope de frio..... 220
Observação de Errônea, ou a desqualificaçâo da experiência térmica.....221

13. O envelope olfativo.....225
A secreção da agressividade pelos poros da pele. 225
Observação de Gethsêmani. 225

14- A confusão das qualidades gustativas.....239
O amor da amargura e a confusão dos tubos digestivo e respiratório. 239
Observação de Rodolfo. 239

15. A segunda pele muscular. 247
A descoberta de Esther Bick..... 247
Observação de Alice 24 8
Observação de Mary 249
Duas novelas de Sheckley. 250
Observação de Gérard 252

16. O envelope de sofrimento.....255
A psicanálise e a dor. 255
Os grandes queimados.....257
Observação de Armand.....258
Observação de Paulette.....259
Do corpo em sofrimento ao corpo de sofrimento, segundo M. Enriquez. 261
Observação de Fanchon. 263

17. A película do sonho.....267
O sonho e sua película. 267
Retorno à teoria freudiana do sonho..... 268
Observação de Zenóbia: do envelope de angústia à pele de palavras pela película dos sonhos.....273
O envelope de excitação, fundo histérico de toda neurose. 281

18. Complementos.....285
Configurações mistas..... 286
Observação de Estéfano..... 286
Os envelopes psíquicos no autismo..... 288
Da pele ao pensamento..... 292
Para terminar..... 293
Índice de Observações.....295
Bibliografia.....297

Primeira Parte

Descoberta

1

Preliminares epistemológicos

Alguns princípios gerais

1. A dependência do pensamento e da vontade em relação ao córtex, a dependência da vida afetiva em relação ao tálamo são conhecidas e comprovadas. A pesquisa psicofarmacológica atual completa, e mesmo renova, nossos conhecimentos nestas áreas. Os sucessos alcançados, no entanto, levaram a um retraimento no campo da observação e também no campo teórico. O psicofisiologista tende a reduzir o corpo vivo ao sistema nervoso e o comportamento às atividades cerebrais que o programariam por captação, análise e síntese das informações. Tal modelo, que tem se mostrado fecundo para os biólogos, vem sendo cada vez mais imposto, nos órgãos governamentais de pesquisa, à psicologia, destinada a se tornar a parente pobre da neurofisiologia cerebral - e frequentemente é imposto, com autoritarismo por "cientistas" que, em seu campo de trabalho, fazem uma inversão, defendendo com ardor a liberdade da pesquisa e, sobretudo, da pesquisa básica. Dando destaque à pele como dado de srcem orgânica e ao mesmo tempo imaginária, como sistema de proteção de nossa individualidade, assim como primeiro instrumento e lugar de troca com o outro, procuro fazer surgir um outro modelo, com fundamento biológico assegurado, onde a interação com o meio encontre seu fundamento e que respeite a especificidade dos fenômenos psíquicos em relação às realidades orgânicas como também em relação aos fatos sociais – em resumo

um modelo que me pareça apto a enriquecer a psicologia e a psicanálise em sua teoria e em sua prática.

2 O funcionamento psíquico consciente e inconsciente tem suas leis próprias. Uma delas é que uma parte dele visa a independência enquanto ele é, srcinária e duplamente dependente: do funcionamento do organismo vivo que lhe serve de suporte; das estimulações, das crenças, das normas, dos investimentos, das representações que emanam dos grupos dos quais faz parte (começando pela família e indo até o meio cultural). Uma teoria do psiquismo deve procurar manter juntas estas duas vertentes, evitando limitar-se à mera justaposição de determinismos simplistas. Eu postulo, pois, com René Kaés (1979 b; 1984) uma dupla sustentação para o psiquismo: sobre o corpo biológico e sobre o corpo social; por outro lado, uma sustentação mútua: a vida orgânica e a vida social, pelo menos em relação ao homem, têm ambas tanta necessidade de um apoio quase constante sobre o psiquismo individual (como fica evidente na abordagem psicossomática das doenças físicas e o estudo da fomentação dos mitos ou da inovação social) como este último tem necessidade de um apoio recíproco sobre um corpo vivo e sobre um grupo social vivo.

No entanto, a perspectiva psicanalítica se distingue fundamentalmente das perspectivas psicofisiológica e psicossociológica por considerar a existência e a importância permanentes da fantasia individual consciente, pré-consciente e inconsciente e seu papel de ligação e de tela intermediária entre a psique e o corpo, o mundo, as outras psiques. O Eu-pele é uma realidade de tipo fantasmático: figurada ao mesmo tempo nas fantasias, nos sonhos, na linguagem corrente, nas atitudes corporais, nas perturbações de pensamento; e fornecedora do espaço imaginário que é o componente da fantasia, do sonho, da reflexão, de cada organização psicopatológica.

O pensamento psicanalítico é marcado por um conflito interno entre uma orientação empirista, pragmática, psicogenética (mais acentuada entre os anglo-saxões), segundo a qual a organização psíquica resulta das experiências infantis inconscientes (notadamente aquelas das relações de objeto) e uma orientação estruturalista (dominante na França nas últimas décadas), a qual refuta que a estrutura seja um produto da experiência, afirmando, pelo contrário, que não há experiência que não seja organizada por uma estrutura preexistente. Eu me recuso a tomar partido neste conflito. São estas duas atitudes

complementares cujo antagonismo deve ser preservado enquanto alimente a pesquisa psicanalítica. O Eu-pele é uma estrutura intermediária do aparelho psíquico: intermediária cronologicamente entre a mãe e o bebê, intermediária estruturalmente entre a inclusão mútua dos psiquismos na organização fusional primitiva e a diferenciação das instâncias psíquicas que corresponde à segunda tópica freudiana. Sem as experiências adequadas no momento oportuno, a estrutura não é adquirida ou, com maior freqüência, encontra-se alterada. Mas as diversas configurações do Eu-pele (que descrevo na terceira parte) são variantes de uma estrutura topográfica de base, cujo caráter universal pode levar a pensar que ela se inscreve sob forma virtual (pré-programada) no psiquismo nascente e cuja atualização se encontra implicitamente proposta a este psiquismo como um objetivo a atingir (neste sentido, eu me aproximo da teoria conhecida como epigênese[1] ou da espiral interativa).

Freud propôs um "modelo" (não formalizado) do aparelho psíquico como sistema de subsistemas regidos respectivamente por princípios distintos de funcionamento: princípio de realidade, princípio do prazer-desprazer, princípio de inércia, princípio de constância, princípio de Nirvana. O Eu-pele obriga a levar também em consideração um princípio de diferenciação interna e um princípio de contenção, ambos pressentidos por Freud (1895). As mais graves patologias do Eu-pele (os envelopes autísticos, por exemplo) parecem mesmo oferecer a possibilidade de trazer para a psicanálise o princípio de auto-organização dos sistemas abertos em face dos "ruídos", popularizado pelos teóricos dos sistemas (cf. H. Atlan, 1979). No entanto, este princípio que favorece a evolução dos seres vivos parece se inverter quando se passa da biologia para a psicologia, onde ele aparece sobretudo como criador de organizações psicopatológicas.

3. As ciências progridem por tentativas entre duas atitudes epistemológicas, variáveis segundo a personalidade dos sábios e as necessidades ou os impasses de uma ciência em um momento dado de sua história. Ora uma ciência dispõe de uma boa teoria cujas confirmações, aplicações, desenvolvimentos ocupam e estimulam a inteligên-

1. Teoria fisiológica segundo a qual a constituição dos seres se inicia a partir de célula sem estrutura e se faz mediante sucessiva formação e adição de novas partes que, previamente, não existem no ovo fecundado.

cia, a paciência, a engenhosidade dos trabalhadores de laboratório, teoria que permanece útil enquanto sua fecundidade não é contestada e seus enunciados maiores não são refutados, ora uma ciência se renova pelas luzes de um pesquisador (algumas vezes vindo de uma outra disciplina), que questiona os enunciados tidos como aceitos, as noções consideradas evidentes; sua intuição decorre mais da imaginação criadora do que de raciocínios ou de cálculos; ele é movido por uma espécie de mito interior, despojado de seus excessos fantasmáticos (com o risco de projetar tais excessos nas crenças religiosas, em uma reflexão filosófica, nas atividades conexas de criação literária ou artística) e de onde ele tira conceitos enunciáveis em fórmulas simples, verificáveis sob certas condições, transformáveis e transportáveis em alguns outros domínios. No estudo do funcionamento psíquico individual, Freud concretizou esta segunda atitude (não foi por acaso que na juventude me tenha interessado nos caminhos de sua imaginação criadora durante a auto-análise - cf. D. Anzieu, 1975 a - pela qual ele, em sua própria juventude, descobriu a psicanálise). No quadro definido por Freud desta nova disciplina, as duas tendências epistemológicas continuaram a se opor. M. Klein, Winnicott, Bion, Kohut, por exemplo, inventaram novos conceitos (posições esquizo-paranóide e depressiva, fenômenos transicionais, ataques contra os vínculos, transferências em espelho e grandiosas) específicos de novos domínios: a criança, o psicótico, os estados-limite, as personalidades narcísicas, aos quais permitiam estender a teoria e a prática psicanalíticas. Mas a maioria dos psicanalistas se prendem cada vez mais à primeira atitude: retorno a Freud, comentários inesgotáveis, quase talmúdicos, de seus textos, aplicações mecânicas de suas idéias, ou seu remanejamento à luz, não de um novo campo da prática, mas dos “progressos" da filosofia e das ciências do homem e da sociedade, particularmente daquelas da linguagem (Lacan foi na França um exemplo típico). Nas últimas décadas do século XX, a psicanálise parece necessitar mais de pensadores por imagens do que de eruditos, de escoliastas, de espíritos abstratos e formalistas. Antes de ser um conceito, minha idéia do Eu-pele é, intencionalmente, uma vasta metáfora - para ser mais exato, ela parece decorrer desta oscilação metafórico-metonímica judiciosamente descrita por Guy Rosolato (1978). Espero que esta idéia possa esti-

mular a liberdade de pensar dos psicanalistas e enriquecer a gama de suas intervenções junto de seus pacientes em suas curas. Pode esta metáfora levar a enunciados operatórios dotados de uma coerência regional, verificáveis de fato, refutáveis de direito: cabe a este livro convencer o leitor a respeito,

4 Toda pesquisa se inscreve em um contexto pessoal e se situa em um contexto social que deve agora ser precisado. Os Ideólogos trouxeram para a França e para a Europa, no fim do século XVIII, a idéia de progresso indefinido: do espírito, da ciência e da civilização. Foi por muito tempo uma idéia geradora. Foi preciso mudar. Se eu devesse resumir a situação dos países ocidentais e talvez de toda a humanidade neste final de século XX, eu destacaria a necessidade de colocar limites: à expansão demográfica, à corrida aos armamentos, às explosões nucleares, à aceleração da história, ao crescimento econômico, a um insaciável consumo, ao crescente distanciamento entre os países ricos e o terceiro mundo, ao gigantismo dos projetos científicos e dos empreendimentos econômicos, à invasão da esfera privada pelos meios de comunicação de massa, à obrigação de continuadamente bater os recordes à custa de um supertreinamento, do "doping", à ambição de ir cada vez mais depressa, mais longe, cada vez mais caro à custa das aglomerações, da tensão nervosa, das doenças cardiovasculares, do desprazer de viver. De colocar limites também à violência exercida sobre a natureza e também sobre os humanos, à poluição do ar, da terra, das águas, ao desperdício de energia, à necessidade de fabricar tudo aquilo de que se é tecnicamente capaz, sejam monstros mecânicos, arquitetônicos, biológicos, ao relaxamento das leis morais, das regras sociais, a absoluta afirmação dos desejos individuais, sob as ameaças que os avanços tecnológicos fazem à integridade dos corpos, à liberdade dos espíritos, à reprodução natural dos humanos, à sobrevivência da espécie.

Para me restringir a um domínio que não me diz respeito apenas como simples cidadão, mas do qual faço a experiência profissional quase quotidiana, a mudança na natureza do sofrimento dos pacientes que procuram uma psicanálise é significativa nestes trinta anos em que exerço esta terapêutica e tem sido confirmada por meus colegas. No tempo de Freud e das duas primeiras gerações de seus continuadores, os psicanalistas se ocupavam de neuroses

caracterizadas, histéricas, obsessivas, fóbicas ou mistas. Hoje, mais da metade da clientela psicanalítica é constituída pelo que se chama estados-limite e/ou personalidades narcísicas (se se admite como Kohut a distinção destas duas categorias). Etimologicamente, trata-se de estados no limite da neurose e da psicose e que reúnem traços destas duas categorias tradicionais. Na verdade, estes doentes sofrem de uma falta de limites: incertezas sobre as fronteiras entre o Eu psíquico e o Eu corporal, entre o Eu realidade e o Eu ideal, entre o que depende do Self e o que depende do outro, bruscas flutuações destas fronteiras, acompanhadas de quedas na depressão, indiferenciação das zonas erógenas, confusão das experiências agradáveis e dolorosas, não distinção pulsional que faz sentir a emergência de uma pulsão como violência e não como desejo (o que F. Gantheret chama as "incertezas *de Eros*", 1984), vulnerabilidade à ferida narcísica devido à fraqueza ou às falhas do envelope psíquico, sensação difusa de mal-estar, sentimento de não habitar sua vida, de ver de fora funcionar seu corpo e seu pensamento, de ser o espectador de alguma coisa que é e que não é sua própria existência. A cura psicanalítica dos estados-limite e das personalidades narcísicas requer disposições técnicas e uma renovação conceitual que permitam uma melhor compreensão clínica e aos quais a expressão de psicanálise transicional, emprestado de R. Kaês (1979 a), parece adequada (D. Anzieu, 1979).

Não é de se admirar uma civilização que cultiva ambições desmedidas, que louva a exigência de uma responsabilidade global do indivíduo pelo casal, pela família, pelas instituições sociais, o que encoraja passivamente a abolição de todo sentimento dos limites nos êxtases artificiais procurados nas drogas químicas e de outros tipos, o que expõe a criança, cada vez mais filho único, à concentração traumatizante sobre ele do inconsciente de seus pais nos limites de um lar cada vez mais restrito em número de participantes e em estabilidade — não é de se admirar, portanto, que uma tal cultura favoreça a imaturidade e suscite uma proliferação de perturbações psíquicas limites. Ao que se acresce a impressão pessimista de que, por não colocar limites a nada, os humanos se encaminham a catástrofes, que pensadores e artistas contemporâneos se esforçam, como que se antecipando ao pior, em representar como inevitáveis.

Assim, uma tarefa urgente, psicológica e socialmente, parece ser a de reconstruir limites, refazer fronteiras, reconhecer territórios habitáveis e onde se possa viver - limites, fronteiras que ao mesmo tempo instituam diferenças e permitam mudanças entre as regiões (do psiquismo, do saber, da sociedade, da humanidade) assim delimitadas. Sem ter uma clara consciência da finalidade do conjunto, os sábios aqui e lá começaram esta tarefa, localizando-a em seu campo de competência próprio. O matemático René Thom estudou as interfaces que separam abstratamente regiões diferentes do espaço e não foi por acaso que ele chamou "teoria das catástrofes" a descrição e a classificação das bruscas mudanças de forma destas interfaces: devo muito a ele. O olho e o ouvido do astrônomo através de instrumentos cada vez mais aperfeiçoados tentam reunir os confins do universo: este teria limites no espaço, limites em continuada expansão onde a matéria que compõe os quasares, aproximando-se da velocidade da luz, se tornaria energia; limites no tempo, com o bigue-bangue[2] srcinal, cujo eco persistiría no ruído de fundo do universo e cuja deflagração teria produzido a nebulosa primitiva. Os biólogos conduzem seu interesse do núcleo da célula para a membrana na qual descobrem como um cérebro ativo que programa as trocas de íons entre o protoplasma e o exterior, as falhas do código genético podendo explicar a predisposição às doenças graves cada vez mais disseminadas: a hipertensão arterial, a diabetes, talvez algumas formas de câncer. A noção do Eu-pele, que eu proponho em psicanálise, tem o mesmo sentido. Como se formam os envelopes psíquicos, quais são suas estruturas, seus encaixes, suas patologias, como, através de um procedimento psicanalítico "transicional", podem elas ser reinstauradas no indivíduo (e até estendidas aos grupos e às instituições), tais são as questões que eu me coloco e às quais este trabalho propõe respostas.

5. Desde o Renascimento o pensamento ocidental é obnubilado por um tema epistemológico: conhecer é romper a casca para atingir o núcleo. Este tema chega à exaustão, depois de ter produzido alguns bons resultados, mas também graves perigos: a física do núcleo não

2. Em cosmologia, teoria do bigue-bangue é a teoria segundo a qual o Universo, em seu estado inicial, se apresentava sob forma bastante condensada e que sofreu violenta explosão. É atualmente a teoria mais aceita para explicar a formação do Universo.

conduziu sábios e militares até a explosão atômica? A neurofisiologia, desde o século XIX, deu uma parada brusca que não foi de pronto notada. O cérebro é efetivamente a parte anterior e superior do encéfalo. Por sua vez, o córtex - palavra latina que quer dizer casca, passada em 1907 para a linguagem da anatomia - designa a camada externa de substância cinzenta que envolve a substância branca. Eis-nos em presença de um paradoxo: o centro está situado na periferia. O descontente Nicolas Abraham (1978) esboçou em um artigo e depois em um livro que traz este título a dialética que se estabelece entre "a casca e o núcleo". Sua argumentação se confirmou em minha própria pesquisa e dá sustentação à minha hipótese: e se o pensamento fosse uma questão tanto de pele quanto de cérebro? E se o Eu, definido agora como Eu-pele, tivesse uma estrutura de envelope?

A embriologia pode nos ajudar a nos desligar de certos hábitos de nosso pensamento chamado lógico. No estágio da gástrula, o embrião toma a forma de um saco por "invaginação" de um de seus pólos e apresenta dois folhetos: o ectoderma e o endoderma. E, aliás, um fenômeno biológico quase universal: toda casca vegetal, toda membrana animal, salvo exceções, comporta duas camadas, uma interna, outra externa. Voltemos ao embrião: este ectoderma forma por sua vez a pele (incluindo os órgãos dos sentidos) e o cérebro. O cérebro, superfície sensível protegida pela caixa craniana, está em contato permanente com esta pele e seus órgãos, epiderme sensível protegida pelo espessamento e pelo endurecimento de suas partes mais superficiais. O cérebro e a pele são seres de superfície, a superfície interna (em relação ao corpo tomado em seu conjunto) ou córtex estando em relação com o mundo exterior pela mediação de uma superfície externa, ou pele, e cada uma dessas cascas comportando pelo menos duas camadas: uma protetora, a mais externa, e outra, sob a precedente ou nos seus orifícios, suscetíveis de recolher informação, filtrar mudanças. O pensamento, seguindo o modelo da organização nervosa, aparece não mais como uma segregação, uma justaposição e uma associação de núcleos, mas como uma questão de relações entre superfícies, com um jogo de encaixes entre elas, como já assinalara N. Abraham que as faz tomar, uma em relação à outra, ora uma posição de casca, ora uma posição de núcleo.

Invaginação, diz a linguagem da anatomofisiologia. É nos lembrar judiciosamente que a vagina não é um órgão de uma contextura particular, mas uma dobra da pele, como os lábios, como o ânus, como o nariz, como as pálpebras, sem camada mais dura ou córnea protetora fazendo o papel de pára-excitação e onde a mucosa está exposta e a sensibilidade e a erogeneidade estão à flor da pele e atingem seu ponto máximo com o friccionar contra uma superfície também sensível: a da glande masculina próxima da ereção. E todos sabem que, a não ser que estejam se divertindo em reduzir o amor ao contato de duas epidermes, o que nem sempre leva ao pleno prazer esperado, o amor apresenta este paradoxo de trazer ao mesmo tempo com o mesmo ser o contato psíquico mais profundo e o melhor contato epidérmico. Assim, os três alicerces do pensamento humano, a pele, o córtex, o acoplamento dos sexos, correspondem a três configurações da superfície: o envelope, a coifa, o bolso.

Toda célula é envolvida por uma membrana citoplasmática. A célula vegetal possui também uma membrana celulósica crivada de poros para as trocas esta membrana duplica a precedente e assegura; uma certa rigidez à célula e, consequentemente, às plantas (por exemplo, a noz possui uma casca externa dura e uma pele fina que envolve o cerne). A célula animal é flexível; ela se deforma facilmente em contato com um obstáculo e garante aos animais a mobilidade. É através da membrana citoplasmática que se efetuam as trocas físico-químicas necessárias à vida.

As pesquisas recentes têm posto em evidência a estrutura em duplo folheto desta membrana (o que vem de encontro à intuição de Freud (1925), em *"Notícia sobre o Bloco mágico",* sobre a dupla película do Eu, uma como pára-excitação, outra como superfície de inscrição). No microscópio eletrônico, os dois folhetos aparecem distintos e, talvez, separados por um vazio intermediário. Conhece-se dois tipos de cogumelos, uns cuja pele é difícil de desdobrar, outros com duas peles distintas. Outra estrutura que se pode observar é uma superposição de membranas "encaixadas" como a pele da cebola, tema retomado por Annie Anzieu (1974).

6. A psicanálise se apresenta, ou é geralmente apresentada, como uma teoria dos conteúdos psíquicos inconscientes e pré-conscientes. Decorre daí uma concepção da técnica psicanalítica que visa tomar

tais conteúdos respectivamente pré-conscientes e conscientes. Mas um conteúdo não poderia existir sem relação a um continente. A teoria psicanalítica do psiquismo como continente, sem ser inexistente, permanece mais fragmentária, aproximativa, esparsa. No entanto, as formas contemporâneas de patologia às quais a psicanálise cada vez mais tem de se confrontar em sua prática decorrem em grande parte de uma perturbação da relação continente-conteúdo e o desenvolvimento das reflexões pós-freudianas sobre a situação psicanalítica leva a que se tome em consideração, de preferência, a relação entre o quadro analítico e o processo analítico e leva a examinar quando e como as variáveis do quadro são suscetíveis de organizações pelo psicanalista, quando e como elas são substituídas pelo paciente na possibilidade de um processo e transformadas em não-processo (cf. J. Bleger, 1966). As consequências técnicas deste retomo epistemológico são importantes: o psicanalista deve agora não apenas interpretar na transferência as falhas e os superinvestimentos defensivos do continente e "construir" as usurpações precoces, os traumatismos acumulativos, as idealizações protéticas responsáveis por tais falhas e por tais superinvestimentos, mas também oferecer a seu paciente uma disposição interior e um modo de comunicar que representam para o paciente a possibilidade de uma função continente e que lhe permitam uma interiorização suficiente. De minha parte, centrei este remanejamento teórico em torno da noção do Eu-pele e do reajuste técnico que decorre da noção, já citada, de análise transicional.

Assim, a teoria psicanalítica requer complementos e extensões. Entre outros, cinco pontos seriam desejáveis:

— Completar a perspectiva tópica sobre o aparelho psíquico através de uma perspectiva mais estritamente topográfica, isto é, em relação à organização espacial do Eu corporal e do Eu psíquico.

— Completar o estudo das fantasias relativas aos conteúdos psíquicos pelo estudo das fantasias em relação aos continentes psíquicos.

— Completar a compreensão do estágio oral como tendo por base a atividade de sucção pela tomada em consideração do contato corpo a corpo entre o bebê e a mãe ou a pessoa maternante, isto é, ampliar a relação seio-boca para relação seio-pele.

— Completar o duplo interdito edipiano por um duplo interdito do tocar, que o precede.

— Completar o "setting" psicanalítico tipo não apenas por arranjos eventuais (cf. a psicanálise transicional), mas por se tomar em consideração a disposição do corpo do paciente e de sua representação do espaço analítico no interior do dispositivo analítico.

Um sexto ponto é a questão da pulsão: as concepções de Freud sobre a pulsão, sabe-se, variaram. Ele sucessivamente opôs as pulsões de auto-conservação às pulsões sexuais, depois a libido de objeto à libido do Eu e, enfim, as pulsões de vida às pulsões de morte. Ele hesitou sobre a maneira de articular a pulsão com o princípio de constância e depois com o princípio de inércia ou de Nirvana. Se sempre conservou os quatro parâmetros da pulsão (a fonte, a força, o alvo, o objeto), sempre repetiu que a lista das pulsões não era fechada e que se poderia descobrir novas pulsões. Isto me autoriza a considerar uma pulsão de apego (segundo Bowlby) ou de agarramento (segundo Hermann) não como uma coisa provada, mas como uma hipótese de trabalho útil. Se necessário situá-la de qualquer maneira em relação às classificações freudianas, eu a anexaria preferivelmente às pulsões de autoconservação. Freud também descreveu uma pulsão de dominação, ambígua e intermediária em relação aos pares de opostos lembrados acima. Na medida em que ela é sustentada pela musculatura e mais particularmente pela atividade da mão, a pulsão de dominação me parece dever completar a pulsão de apego, que visa a elaboração de uma imagem da pele como superfície continente e passivamente sensível. Compreende-se que tais dificuldades teóricas (nem todas por mim lembradas) conduzem os analistas a se interrogarem mais e mais sobre a oportunidade de conservar ou não o conceito de pulsão.[3]

O *universo tátil e cutâneo*

As sensações cutâneas introduzem as crianças da espécie humana, mesmo antes do nascimento, em um universo de uma grande riqueza e de uma grande complexidade, universo ainda difuso, mas que desperta o sistema percepção-consciência, que subentende um [3]

3. Cf. as atas, editadas pela Associação Psicanalítica da França, do colóquio "A Pulsão por quê?" (1984), sobretudo o artigo crítico de D. Widlöcher, *"Que uso fazemos do conceito de* pulsão?".

sentimento global e episódico de existência e que fornece a possibilidade de um espaço psíquico srcinário. A pele permanece um sujeito de pesquisas, de cuidados e de discurso quase inesgotável. Comecemos por uma síntese dos conhecimentos que lhe dizem respeito:

1. A linguagem, corrente ou erudita, é particularmente prolixa no que se relaciona com a pele. Examinemos primeiro o domínio lexical: todo ser vivo, todo órgão, toda célula, tem uma pele ou uma casca, túnica, envelope, carapaça, membrana, meninge, armadura, película, pleura... Quanto à lista dos sinônimos de *membrana,* ela é considerável: âmnio, aponeurose, blastoderma, córion, coifa, cútis, diafragma, endocárdio, endocarpo, epêndima, franja, frese, hímen, manto, opérculo, pericárdio, pericôndrio, periósteo, peritônio... Um caso significativo é o da "pia-máter", que envolve os centros nervosos; é a mais profunda das meninges; contém os vasos destinados à medula e ao encéfalo: etimologicamente, o termo designa a "mãe-pele": a linguagem transmite bem a noção pré-consciente que a pele da mãe é a pele primeira. No grande dicionário francês *Robert,* os verbetes *pele, mão, tocar, tomar* estão entre os mais extensos, concorrendo (em ordem quantitativa decrescente) com *fazer, cabeça e ser. O* verbete *tocar é o* mais longo do *Oxford English Dictionary.*

Abordemos agora o domínio semântico. Numerosas expressões da linguagem falada fazem referência à maior parte das funções conjuntas da pele e do Eu. Vejamos uma pequena seleção:[4]

— "Alisar alguém", "Ele tem a mão boa" (função de prazer tátil) ("Caresser quelqu'un dans le sens du poil", "Il a eu la main heureuse")

— "Suar a camisa" (função de eliminação) ("Tu me fais suer")

— "Ele é um casca-grossa", "Tirar a pele de alguém" (função defensiva-agressiva) ("C'est une peau de vache", "Se faire crever la peau")

— "Entrar na pele de um personagem", "Trocar de pele" (função de identificação) ("Entrer dans la peau d'un personnage", "Faire peau neuve")

— "Tocar a realidade com o dedo" (função de experienciar a realidade) ("Toucher la réalité du doigt")

— "Entrar em contato", "Meu dedinho me contou" (função de comunicação) ("Entrer en contact", "Mon petit doigt me l'a dit")

4. Foi feita uma adaptação a expressões idiomáticas. (N.T.)

Duas palavras que têm sentidos vagos e múltiplos designam a ressonância subjetiva das coisas sobre nós, dizem respeito em sua srcem a um contato com a pele: sentir e impressão.

Não vou fazer um estudo das representações da pele nas artes plásticas ou nas sociedades diferentes da nossa. A obra ricamente ilustrada de Thevoz (1984) "Le *Corps peint",* esboça esta pesquisa.

2. Por sua estrutura e por suas funções, a pele é mais do que um órgão, é um conjunto de órgãos diferentes. Sua complexidade anatômica, fisiológica e cultural antecipa no plano do organismo a complexidade do Eu no plano psíquico. De todos os órgãos dos sentidos, é o mais vital: pode-se viver cego, surdo, privado de paladar e de olfato. Sem a integridade da maior parte da pele, não se sobrevive. A pele tem mais peso (20% do peso total do corpo no recém-nascido; 18% no adulto) e ocupa uma superfície muito maior (2.500 cm^2 no recém-nascido, 18.000 cm^2 no adulto) do que qualquer outro órgão dos sentidos. Ela aparece no embrião antes dos outros sistemas sensoriais (em torno do fim do segundo mês de gestação precedendo os dois outros sistemas mais próximos, o olfativo e o gustativo, o sistema vestibular, e os dois mais distantes, o auditivo e o visual) em virtude da lei biológica segundo a qual quanto mais precoce é uma função, maior probabilidade de ser fundamental. Ela comporta uma grande densidade de receptores (50 por 100 milímetros quadrados).

A pele, sistema com muitos órgãos dos sentidos (tato, pressão, dor, calor...) está ela própria em estreita conexão com os outros órgãos dos sentidos externos (ouvido, vista, cheiro, gosto) e com as sensibilidades cinestésicas e de equilibração. A completa sensibilidade da epiderme (tátil, térmica, dolorosa) permanece por muito tempo difusa e indiferenciada na criança pequena. Ela transforma o organismo em um sistema sensível, capaz de experimentar outros tipos de sensações (função de iniciativa), de ligá-las às sensações cutâneas (função associativa) ou de diferenciá-las e localizá-las como se fossem figuras emergindo do pano de fundo de uma superfície corporal global (função de tela). Uma quarta função aparece em seguida, da qual a pele fornece o protótipo e a base de referência, mas que se estende pela maior parte dos órgãos dos sentidos, da postura e, quando for o momento, da motricidade: a troca de sinais com o meio ao redor, sob a forma de um duplo "feedback" que eu examinarei mais adiante.

A pele aprecia o tempo (não tão bem quanto a orelha) e o espaço (não tão bem quanto o olho) mas só ela combina as dimensões espaciais e temporais. A pele avalia as distâncias na superfície com maior precisão do que a orelha situa a distância dos sons distantes.

A pele reage a estímulos de natureza diferente: foi possível codificar o alfabeto sob forma de pulsões elétricas sobre a pele e ensiná-lo aos cegos. A pele está quase sempre disponível para receber sinais, aprender códigos, sem que eles interfiram com outros. A pele não pode recusar um sinal vibrotátil ou eletrotátil: ela não pode fechar os olhos ou a boca nem tapar os ouvidos ou o nariz. A pele também não é sobrecarregada de uma loquacidade excessiva como a palavra e a escrita.

A pele não é apenas órgão(s) dos sentidos. Ela preenche papéis anexos de muitas outras funções biológicas: ela respira e perspira, ela secreta e elimina, ela mantém o tônus, ela estimula a respiração, a circulação, a digestão, a excreção e certamente a reprodução; ela participa da função metabólica.

Ao lado destas funções sensoriais específicas e desta função de auxiliar todas as áreas em relação aos diversos aparelhos orgânicos, a pele preenche uma série de funções essenciais em relação ao corpo vivo considerado agora em seu conjunto, em sua continuidade espaço-temporal, em sua individualidade: manutenção do corpo em torno do esqueleto e de sua verticalidade, proteção (por sua camada córnea superficial, por seu verniz de queratina, por seus coxins de gordura) contra as agressões exteriores, captação e transmissão de excitações ou de informações úteis.

3. Em numerosos mamíferos, principalmente os insetívoros[5], encontra-se, pela descrição dos fisiologistas, a existência de dois órgãos distintos e complementares reunidos no mesmo aparelho:

— A capa de pele, que recobre a quase totalidade do corpo e que assegura, segundo Freud, o que se pode chamar a função de pára-excitação, tem a mesma função que a plumagem para os pássaros ou as escamas para os peixes, mas possui também qualidades táteis, térmicas e olfativas que a toma um dos suportes anatômicos da pulsão

5. Animais mamíferos da ordem Insectívora, de pequeno porte, que têm boca em forma de focinho, dentes longos e afiados, pêlos às vezes espíneos, como o porco-espinho e a talpa. (N.T.)

de agarramento ou de apego tão importante entre os mamíferos; o que faz também dos lugares onde sobrevive o sistema piloso, uma das zonas erógenas favoritas da pulsão sexual entre os humanos.

— Os folículos pilosos, ou vibrissas, em relação direta com uma terminação nervosa que os dota de uma grande sensibilidade tátil. Sua distribuição sobre o corpo varia segundo as espécies, os indivíduos, os estágios de desenvolvimento. Entre os primatas, as vibrissas estão em regressão; desaparecem nos homens, pelo menos no estado adulto, mas as encontramos nos fetos ou no recém-nascido; neles, é a epiderme que assegura a dupla função de pára-excitação e de sensibilidade tátil, graças a uma *anastomose* com a camada mais dura ou córnea, protetora das terminações nervosas. "O estudo da estrutura da pele, principalmente dentro da ordem dos Primatas, permite atribuir um valor filogenético a vários caracteres: a implantação dos pêlos, a espessura da epiderme, o estado de desenvolvimento das pregas epidérmicas e a maior ou menor complexidade dos capilares subepidérmicos" (F. Vincent, 1972).

A pele de um ser humano apresenta, a um observador exterior, características físicas variáveis conforme a idade, o sexo, a etnia, a história pessoal etc. e que, assim como as roupas que a duplicam, facilitam (ou confundem) a identificação da pessoa: pigmentação; pregas, dobras, sulcos, padrão dos poros; pêlos, cabelos, unhas, cicatrizes, espinhas, "sardas"; sem falar de sua textura, de seu odor (reforçado ou modificado pelos perfumes), de sua suavidade ou de sua aspereza (acentuada pelos cremes, bálsamos, tipo de vida)...

4. A análise histológica faz aparecer uma complexidade ainda maior, um emaranhado considerável de tecidos de diferentes estruturas, cuja íntima superposição contribui para assegurar a manutenção global do corpo, a pára-excitação e a riqueza da sensibilidade.

a) A epiderme superficial, ou estrato córneo, compõe-se de uma *fusão compacta* (análoga à alvenaria de uma parede) de quatro camadas de células onde a queratina produzida por algumas delas envolve as outras, reduzidas a se tomar cascas vazias mais e mais sólidas.

b) A epiderme subjacente, ou corpo mucoso, é uma estratificação de seis a oito camadas de grandes células poliédricas de protoplasma espesso, ligadas entre si por numerosos filamentos (estrutura em rede *de malha),* tendo a última camada uma estrutura em *palissada.*

c) A derme superficial compreende numerosas papilas, ricamente vascularizadas e que absorvem ativamente certas substâncias que podem ser encontradas no fígado, nas supra-renais...: elas se articulam com o corpo mucoso precedente por uma estrutura em *engrenagem.* O conjunto b e c (corpo mucoso e corpo capilar) garante uma função regeneradora dos machucados e de luta contra o envelhecimento (esvaziando-se de seu protoplasma, elas repelem sem parar para o exterior as camadas subjacentes que se desgastam).

d) A derme ou cório é um tecido de sustentação bem constituído. Apresenta uma estrutura em *feltragem* resistente e elástica, "cimento amorfo" feito de feixes entrecruzados de fibrilas.

e) A hipoderme é um isolante; tem uma estrutura em *esponja*, permitindo a passagem dos vasos sanguíneos e dos nervos para a derme e separando (sem uma clara linha de demarcação) os tegumentos dos tecidos subjacentes.

A pele conta igualmente com diferentes glândulas (que secretam respectivamente odores, o suor e o sebo lubrificador); nervos sensitivos com terminações livres (dor, contato) ou terminando em corpúsculos especializados (calor, frio, pressão...); nervos motores (que comandam a mímica) e nervos vasomotores (que comandam o funcionamento glandular).

5. Se se considera agora sua psicofisiologia, não mais sua anatomia, a pele fornece numerosos exemplos de um funcionamento paradoxal, de tal maneira que se pode perguntar se a paradoxalidade psíquica não encontra na pele uma parte de sua sustentação. A pele protege o equilíbrio de nosso meio interno das perturbações exógenas, mas em sua forma, sua textura, sua coloração, suas cicatrizes, ela conserva as marcas destas perturbações. Por sua vez, este estado interior, que se espera que ela preserve, é bastante revelado em grande parte externamente; ela é aos olhos dos outros um reflexo de nossa boa ou má saúde orgânica e um espelho de nossa alma. Além disso, estas mensagens não verbais emitidas espontaneamente pela pele são intencionalmente desviadas ou invertidas pelos cosméticos, pelo bronzeamento, pelas pinturas, os banhos e mesmo pela cirurgia estética. Poucos órgãos atraem os cuidados ou o interesse de um número tão grande de especialistas: cabeleireiros, perfumistas, esteticistas, cinesioterapeutas, fisioterapeutas, sem contar os publicitários, os hi-

gienistas, os quiromancistas, os curandeiros, os dermatologistas, os alergistas, as prostitutas, os ascetas, os eremitas, os policiais de identificação judiciária (por causa das impressões digitais), o poeta à procura de uma pele de palavras para tecer sobre a página em branco ou o romancista revelando a psicologia de seus personagens a partir da descrição dos rostos e dos corpos e - se se inclui as peles animais - os curtidores, os peleteiros, os fabricantes de pergaminho.

Outros paradoxos: a pele é permeável e impermeável. Ela é superficial e profunda. É veraz e enganadora. E regeneradora, em vista de permanente ressecamento. E elástica, mas um pedaço de pele retirado do conjunto se retrai consideravelmente. Ela atrai investimentos libidinais tanto narcísicos como sexuais. É o lugar do bem-estar e também da sedução. Ela nos oferece a mesma quantidade de dor e de prazer. Ela transmite ao cérebro as informações provenientes do mundo exterior, inclusive mensagens "impalpáveis" já que uma de suas funções é justamente "apalpar" sem que o Eu disso tome conhecimento. A pele é sólida e frágil. Está a serviço do cérebro, mas ela se regenera enquanto as células nervosas não o podem fazer. Ela materializa, por sua nudez, nosso despojamento, mas também nossa excitação sexual. Ela traduz, por sua finura, sua vulnerabilidade, nosso desamparo srcinário, maior que o de todas as outras espécies e, ao mesmo tempo, nossa flexibilidade adaptativa e evolutiva. Ela separa e une os diferentes sensórios. Tem, em todas estas dimensões que acabo de revisar de forma incompleta, um papel de intermediária, de entremeio, de transicionalidade.

6. Em seu bem documentado trabalho *"A Pele e o Tocar",* Montagu (1971) põe sobretudo em evidência três fenômenos gerais:

— A *influência precoce e prolongada das estimulações táteis sobre o funcionamento e* o *desenvolvimento do organismo.* Do que decorrem as etapas seguintes, durante a evolução dos mamíferos, do contato tátil das mães sobre os filhos como estimulação orgânica e como comunicação social: o lamber com a língua, o pentear o pêlo com os dentes, o catar insetos com os dedos, agrados e carícias humanas. Estas estimulações favorecem o desenvolvimento das atividades novas, a partir do nascimento, e que são a respiração, a excreção, as defesas imunológicas, a vigília, em seguida a sociabilidade, a confiança, o sentimento de segurança.

—*Os efeitos das trocas táteis sobre o desenvolvimento sexual* (busca do parceiro, disponibilidade para a excitação, prazeres preliminares, desencadear do orgasmo ou do aleitamento),

— A *grande gama das atitudes culturais em relação à pele e o tocar.* O bebê esquimó é carregado nu preso às costas da mãe, a barriga direto sobre seu calor, envolto pela roupa de pele da mãe, suspenso por uma tira de pano amarrada em volta dos dois corpos. A mãe e o filho se falam pela pele. Quando sente fome, o bebê arranha as costas de sua mãe e chupa sua pele; ela o traz para frente e lhe dá o seio. A necessidade de se movimentar se satisfaz pela atividade da mãe. A eliminação urinária e intestinal se faz sem deixar as costas da mãe; ela o retira e o limpa para evitar o desconforto mais dele do que dela. Ela se antecipa a todas as suas necessidades, pressentindo-as pelo tato. Ele raramente chora. Ela lhe lambe o rosto e as mãos para limpá-los, porque é demorado derreter a água gelada. Daí a serenidade subsequente do esquimó diante da adversidade; sua capacidade de viver, com uma confiança de base fundamental, em um meio físico hostil; seu comportamento altruísta; suas excepcionais aptidões espaciais e mecânicas.

Em muitos países, os tabus de tocar são estabelecidos para proteger da excitação sexual, para obrigar a renunciar ao contato epidérmico total e terno, ao mesmo tempo em que são valorizadas a rudeza dos contatos manuais e musculares, as pancadas, os castigos físicos aplicados sobre a pele. Certas sociedades infligem, mesmo sistematicamente, sobre a pele das crianças, práticas dolorosas (das quais Montagu dá uma lista impressionante), seja sob o pretexto de rituais de iniciação, seja para provocar um aumento de estatura e/ou um embelezamento do corpo, o que, de qualquer maneira, leva a uma elevação do "status" social.

7. A pele tem interessado pouco os psicanalistas. Um artigo bastante documentado do americano Barrie B. Biven (1982),"*The role of skin in normal and abnormal development,with a note on the poet Sylvia Plath",* faz um inventário bastante útil das publicações psicanalíticas sobre este assunto. Não traz uma verdadeira idéia central, mas enumera um bom número de dados, de interpretações ou de observações; as mais interessantes delas serão resumidas nas páginas seguintes.

— A pele fornece um núcleo fantasmático a pacientes que so-.freram privações precoces, O suicídio, por exemplo, pode ser um meio de restabelecer um envelope comum com o objeto do amor.

— A boca serve, para os pequeninos, tanto para tocar os objetos como para absorver o alimento, contribuindo assim para o senso de identidade e para a distinção entre o animado e o inanimado. A incorporação do objeto pela pele é talvez anterior à sua absorção pela boca. O desejo de ser incorporado desta maneira é tão frequente quanto o desejo de se incorporar pela pele.

— O Self não coincide necessariamente com o aparelho psíquico: para muitos pacientes, as partes de seus corpos e/ou de seu psiquismo são vivenciadas como estranhas.

— A pele que o recém-nascido aprende a conhecer melhor é a das mãos e dos seios de sua mãe.

— A projeção da pele sobre o objeto é um processo comum entre os pequeninos. Pode ser encontrado em pinturas, quando a tela (muitas vezes sobrecarregada ou sombreada) nos dá uma pele simbólica (muitas vezes frágil) que serve ao artista como uma barreira contra a depressão. O investimento auto-erótico de sua própria pele aparece mais precocemente entre os bebês separados muito cedo de sua mãe.

— A Bíblia assinala as chagas puentas de Job, expressão de sua depressão, e a artimanha de Rebeca que cobre com pele de cabra as mãos e a nuca de seu filho imberbe, Jacó, para que ele se faça passar por seu irmão peludo, Esaú, junto a Isaac, seu pai cego.

— Helen Keller e Laura Bridgman, cegas e surdas afastadas do mundo, puderam aprender a se comunicar pela pele.

— O tema da pele é dominante na obra da poetisa e romancista americana Sylvia Plath, que se suicidou em 1963 aos 31 anos. Eis a lembrança de infância que ela evoca quando sua mãe volta para casa com um bebê:

> "Eu detestava os bebês. Eu que, durante dois anos e meio, tinha sido o centro de um universo de ternura, senti como uma punhalada, e um frio polar imobilizou meus ossos... oprimindo meu rancor... malvada e cheia de remorsos, como um pequenino ursinho triste, parti, puxando a perna tristemente, completamente sozinha, em direção oposta, em direção à prisão do esquecimento. Senti então, fria e sobriamente, como se estivesse longe sobre uma estrela, separada

de tudo... Senti o muro de minha pele. Eu sou Eu. Esta pedra é uma pedra: a fusão maravilhosa que havia entre mim e as coisas do mundo não existia mais."

E ainda: "A pele se descasca facilmente, como se fosse tirada do papel".

— Quanto às afecções da pele, o arranhar-se é uma das formas arcaicas do retomo da agressividade sobre o corpo (em lugar de voltá-la sobre o Eu, o que supõe a instauração de um Superego mais evoluído). A vergonha consequente decorre do sentimento de que, uma vez que se comece a coçar, não se pode mais parar, que se é levado por uma força incontrolável e oculta, que se está perto de abrir uma brecha sobre a superfície da pele. A vergonha por sua vez tende a ser apagada pela volta da excitação erótica encontrada no coçar, conforme uma reação circular cada vez mais patológica.

— As mutilações da pele - às vezes reais, mais frequentemente imaginárias - são tentativas dramáticas de manter os limites do corpo e do Eu, de restabelecer o sentimento de estar intacto e coeso. O artista vienense Rudolf Schwarzkogler que sentia seu próprio corpo como objeto de sua arte, amputou sua própria pele, pedaço por pedaço, até morrer. Foi fotografado durante toda esta operação e as fotos foram objeto de uma exposição em Kassel, na Alemanha.

— As fantasias de mutilação da pele se exprimem livremente na pintura ocidental a partir do século XV, sob a capa de arte anatômica. Um personagem de Jean Valverde traz sua pele cobrindo os braços. Outro de Joachim Remmelini (1619) traz sua pele enrolada em volta de seu ventre como uma tanga. Outro ainda de Felice Vecq d'Azy (1786) tem o escalpo caindo sobre o rosto. O personagem de Van Der Spiegel (1627) destaca a pele de seus fêmures para delas fazer polainas. O de Benetini é cegado pelos pedaços de sua própria pele. A mulher pintada por Bidloo (1685) tem os pulsos cobertos por pedaços de pele de suas costas.

Termino meu resumo do artigo de B.B. Biven assinalando que, muito antes dos escritores e dos pesquisadores, os pintores apreenderam e representaram a relação específica entre o masoquismo perverso e a pele.

2

Quatro séries de dados

O que era reprimido no tempo de Freud, nos discursos individuais e nas representações coletivas, era o sexo: foi esta a razão de origem externa (a outra razão foi sua auto-análise) que levou o inventor da psicanálise a dar destaque à sexualidade. Durante quase todo o terceiro quarto do século XX, o corpo - o grande ausente, o desprezado, o negado no ensino, na vida quotidiana, na eclosão do estruturalismo, no psicologismo de muitos terapeutas e por vezes mesmo na puericultura; isto aconteceu, e permanece em grande parte, como dimensão vital da realidade humana, como dado global pré-sexual e irredutível, como aquilo sobre o qual as funções psíquicas encontram toda sua sustentação. Não é por acaso que a noção de imagem do corpo, inventada pelo psicanalista vienense P. Schilde (1950), está ausente do *"Vocabulário da Psicanálise"* de Laplanche e Pontalis (1968), aliás muito bem documentado, e que a civilização ocidental contemporânea é marcada pelo massacre dos equilíbrios naturais, a deterioração do meio ambiente, a ignorância das leis da vida. Não é igualmente por acaso que o teatro de vanguarda dos anos sessenta se fez um teatro de gesto e não mais de texto, que o sucesso dos métodos de grupos nos Estados Unidos a partir desta mesma época, e na Europa em seguida, deve-se não mais às mudanças verbais inspiradas no procedimento psicanalítico das associações livres, mas aos contatos corporais e às comunicações pré-verbais então instauradas. Durante este período, que progressos em sua volta às srcens do funcionamento psíquico realizou o saber psicanalítico?

A indagação psicanalítica sobre os efeitos psíquicos das carências maternas explica o fato de pesquisadores que, antes de serem analistas ou ao mesmo tempo em que o são, eram, permaneceram ou se tornaram psiquiatras de crianças ou pediatras: Bowlby a partir de 1940, Winnicott a partir de 1945, Spitz a partir de 1946, isso para me ater às datas de suas primeiras publicações sobre este tema (sem falar dos trabalhos anteriores dos dois primeiros analistas de crianças - não médicos - Melanie Klein e Ana Freud). Desde estas datas, eles constatam que a maneira como uma criança se desenvolve depende, em boa parte, do conjunto dos cuidados que ela recebe durante sua infância, não apenas da relação de alimentação; que a libido não percorre a série de estágios descritos por Freud quando o psiquismo do bebê sofreu violências; e que um desvio maior das primeiras relações mãe-filho provoca neste último graves alterações de seu equilíbrio econômico e de sua organização tópica. A metapsicologia freudiana não lhes basta para tratar das crianças com carências. Spitz, nos Estados Unidos, designa com o termo pouco feliz de hospitalismo as regressões graves e rapidamente irreversíveis que ocorrem em crianças quando uma hospitalização precoce as separa de suas mães e que são objeto de cuidados rotineiros, mesmo excessivos por parte do pessoal, mas sem calor afetivo, sem o livre jogo das comunicações olfativas, auditivas, táteis, habitualmente exercidas como manifestações do que Winnicott chamou "solicitude primária" materna.

A constatação dos fatos em um domínio não pode levar a um progresso científico se não se dispuser de uma grade de observação que permita a localização dos aspectos essenciais (frequentemente até então desprezados) destes fatos, e também se as conjecturas levantadas neste domínio por um lado se componham com certas constatações já alcançadas em outros domínios e, por outro, encontrem aplicações ou transposições fecundas em novos domínios. Quatro séries de dados alimentaram, orientaram, questionaram então a pesquisa psicanalítica sobre a gênese e as alterações precoces do aparelho psíquico.

Dados etológicos

Por volta de 1950, são publicadas em inglês as obras maiores dos etologistas Lorenz (1949) e Tinbergen (1951). Bowlby (1961), psicanalista inglês, toma então conhecimento do fenômeno do "imprinting": entre a maior parte das aves e entre alguns mamíferos, os filhotes são geneticamente predispostos a manter a proximidade com um indivíduo particular, diferenciado desde as horas ou os dias que se seguem ao seu nascimento e preferido entre todos. Geralmente é a mãe, mas a experimentação mostra que pode ser uma mãe de uma outra espécie, um balão de espuma, uma caixa de papelão ou o próprio Lorenz. O interesse da experiência, para o psicanalista, é que o filhote nada mais faz que ficar junto de sua mãe ou a segue em sua movimentação, mas que ele a busca quando não a encontra e a chama no maior desespero. Este desespero da avezinha ou do filhote de mamífero é análogo à angústia da separação da mãe entre as crianças e cessa assim que o contato com a mãe se restabelece. Bowlby se impressiona pelo caráter primário desta manifestação e pelo fato que ela não está ligada à problemática oral entendida em seu sentido mais limitado (alimentação, desmame, perda e depois alucinação do seio), à qual os psicanalistas em geral se restringiam depois de Freud, com relação aos pequeninos. Estima que Bowlby, Spitz, Melanie Klein e Ana Freud, prisioneiros do aparelho teórico freudiano, não puderam ou não souberam assumir esta consequência e, ao se referir aos trabalhos da escola húngara sobre o instinto filial e a pulsão de agarramento (I. Hermann, 1930, retomado na França por Nicolas Abraham, 1978) e sobre o amor primário (A. e M. Balint, 1965), ele propõe sua teoria de uma pulsão de apego. Lembro resumidamente a idéia de Hermann: os filhotes dos mamíferos se agarram aos pêlos da mãe para encontrar uma dupla segurança, física e psíquica. O desaparecimento quase completo da capa de pêlo sobre a superfície do corpo humano facilita as trocas táteis primárias significativas entre a mãe e o bebê e prepara o acesso dos humanos à linguagem e aos outros códigos semióticos, mas torna mais aleatória a satisfação da pulsão de agarramento entre os pequenos humanos. É se agarrando ao seio, às mãos, ao corpo inteiro e às roupas da mãe que ele desen-

cadearia, como resposta, condutas até então atribuídas a um utópico instinto maternal. A catástrofe que persegue o psiquismo nascente do bebê humano seria a do separar-se: e depois - assinala mais tarde Bion de quem retomo a expressão - isso o mergulha em "um terror sem nome".

A clínica psicanalítica se encontra, nestas últimas décadas, confrontada com a necessidade de introduzir novas categorias nosológicas, entre as quais a de estados-limite seria a mais prudente e a mais corrente. Pode-se considerar que se trata aí de pacientes com experiência de separação ruim, mais precisamente de pacientes que experimentaram alternâncias contraditórias precoces e repetidas - de agarramentos excessivos e de desprendimentos bruscos e imprevisíveis que foram uma violência ao seu Eu corporal e/ou a seu Eu psíquico. Daí decorrem certas características de seu funcionamento psíquico: eles não mais estão seguros do que sentem; ficam muito mais preocupados com o que supõem ser os desejos e os afetos dos outros; vivem no aqui e agora e comunicam sobre o modo da narração; não têm a disposição de espírito que permita, segundo a expressão de Bion (1962), aprender pela experiência vivida pessoal, representar esta experiência, dela retirar uma perspectiva nova, cuja idéia lhes permanece sempre inquietante; têm dificuldade em se desprender intelectualmente deste vivido difuso, misto deles próprios e de outros, em abandonar o contato pelo tocar, em reestruturar suas relações com o mundo ao redor de sua vista, em alcançar uma "visão" conceitual das coisas e da realidade psíquica e um raciocínio abstrato; permanecem grudados aos outros em sua vida social, grudados às sensações e às emoções em sua vida mental; temem a penetração, seja ela do olhar ou do coito genital.

Retomemos a Bowlby. Em um artigo de 1958, *"The nature of the child ties to his mother",* ele apresenta a hipótese de uma pulsão de apego, independente da pulsão oral e que seria uma pulsão primária não-sexual. Distingue cinco variáveis fundamentais na relação mãe-filho: a sucção, o abraçar, o choro, o riso e o acompanhamento. Este último estimula os trabalhos dos etologistas que se dirigiam por seu lado para uma hipótese análoga e que vinham por terminar na célebre e elegante demonstração experimental de Harlow nos Estados Unidos, publicada também em 1958 em um artigo intitulado *"The nature of the*

love". Comparando as reações de bebês-macacos às reações de mães artificiais constituídas por um suporte revestido de tecidos macios, amamentadoras ou não (isto é, apresentando ou não uma mamadeira), e de mães artificiais igualmente amamentadoras ou não, mas feitas apenas de fios metálicos, constata que, eliminada a variável amamentação, a mãe-pele é sempre preferida à mãe-fio metálico como objeto de apego e que, considerada a variável amamentação, esta não introduz uma diferença estatisticamente significativa.

A partir daí, as experiências de Harlow e de sua equipe por volta dos anos sessenta tentam avaliar o peso respectivo dos fatores no apego do filhote e a sua mãe. O reconforto trazido pelo contato com a maciez de uma pele ou de uma capa de pêlos mostra-se o mais importante. O reconforto é encontrado nos três outros fatores apenas de maneira secundária: no aleitamento, no calor físico experimentado no contato, no acalanto do bebê pelos movimentos de sua mãe quando ela o carrega ou quando ele se mantém agarrado a ela. Se o reconforto do contato é mantido, os macaquinhos preferem uma mãe artificial os amamentando a uma mãe artificial que não os amamenta, e isto durante cem dias; preferem igualmente um substituto que balance a um substituto parado durante cento e cinqüenta dias. Apenas a pesquisa do calor se mostrou em alguns casos mais forte do que a pesquisa do contato: um bebê reso colocado em contato com uma mãe artificial de tecido macio mas sem calor não a abraçou senão uma vez e correu para a outra extremidade da gaiola durante todo o mês da experiência; um outro preferiu uma mãe de fio metálico aquecida eletricamente a uma mãe de pano com temperatura ambiente (cf. igualmente Kaufman I.C., 1961).

Como a observação clínica das crianças normais tem constatado, há muito fenômenos análogos. Bowlby (1961) dedica-se agora a uma reelaboração da teoria psicanalítica que possa explicá-los. Ele adota como modelo a teoria do controle, nascida na mecânica e desenvolvida na eletrônica e depois na neuropsicologia. A conduta é definida não mais em termos de tensão e de redução das tensões, mas de fins estabelecidos para se atingir, de processos levando a tais fins e de sinais ativando ou inibindo tais processos. O apego é por ele considerado nesta perspectiva como uma forma de homeostase. O fim para a criança é manter a mãe a uma distância que a deixe aces-

sível. Os processos são o que conserva ou aumenta a proximidade (deslocar-se para, chorar, abraçar) ou que encoraja a mãe a fazê-lo (sorrir e outras amabilidades). A função é de proteção do pequenino, particularmente diante dos predadores. Uma prova disso é que o comportamento de apego se observa com relação não apenas à mãe, mas também ao macaco macho que defende o grupo contra os predadores e protege os filhotes contra os grandes. O apego da mãe pelo filho se modifica à medida que este cresce, mas a reação de incerteza quando ele a perde permanece a mesma. A criança suporta as ausências cada vez mais prolongadas da mãe, mas fica sempre da mesma maneira perturbada se ela não retorna no momento esperado. O adolescente conserva esta reação, interiorizando-a, pois ele tem tendência a escondê-la dos outros, até dele mesmo.

Bowlby dedicou sob o título genérico "*Attachement and Loss"* três volumes para o desenvolvimento de sua tese. Acabo de dar um resumo sumário do primeiro, *"L'Attachement"* (1969). O segundo, *"La Séparation"* (1973), explica a superdependência, a ansiedade e a fobia. O terceiro, "La perte, tristesse *et dépression"* (1975), trata dos processos inconscientes e dos mecanismos de defesa que os conservam inconscientes.

Winnicott (1951) não comparou os pequeninos dos humanos aos pequeninos dos animais nem procurou teorizar de maneira também sistemática, mas os fenômenos transicionais que ele descreveu e o espaço transicional que a mãe estabelece para a criança entre ela e o mundo poderíam perfeitamente ser entendidos como efeitos do apego. A observação de Helena, relatada por Monique Douriez-Pinol (1974), é ilustrativa: Helena pisca os olhos e franze o nariz com um ar de contentamento pleno quando, perto de adormecer, ela explora com o dedo seus cílios, depois estende esta reação à exploração dos cílios de sua mãe, de sua boneca, ao esfregar em seu nariz a orelha do urso de pelúcia e, enfim, ao contato ou com a evocação verbal de sua mãe quando retorna depois de uma ausência ou à aproximação de outros bebês, de um gato, de sapatos forrados, de um pijama macio. O autor descreve aí, com razão, um fenômeno transicional. Eu acrescento de minha parte que o denominador comum a todos estes comportamentos de Helena é a busca do contato com partes do corpo ou

com objetos caracterizados pela presença de pêlos, particularmente macios de tocar ou de uma matéria que passe uma sensação tátil análoga. Este contato a envolve em um contentamento cuja natureza erógena é difícil de afirmar: o prazer encontrado na satisfação da pulsão de apego parece de qualidade diferente do prazer de satisfazer a pulsão sexual oral e fica claro que ele ajuda Helena primeiro a dormir tranqüilamente, depois a ter confiança no retorno de sua mãe e, enfim, a proceder a uma classificação dos seres e dos objetos nos quais ela pode ter confiança.

Winnicott preferiu trabalhar sob uma perspectiva etiológica e articular, com mais precisão que seus predecessores, a gravidade da perturbação mental com a precocidade da carência materna. Reportemos o resumo que ele nos dá em *"L'Enfant en bonne santé et l'enfant* en *période de crise. Quelques propos sur les soins requis"* (1962 b, pp. 22-23): se a carência ocorre antes que o bebê se tenha tornado uma pessoa, ela acarreta a esquizofrenia infantil, as perturbações mentais não orgânicas, a predisposição a perturbações clínicas mentais posteriores; se a carência engendra um trauma em um ser suficientemente desenvolvido para ser suscetível de ser traumatizado, ela produz a predisposição às perturbações afetivas e tendências anti-sociais; se ela sobrevêm quando a criança busca conquistar sua independência, ela provoca a dependência patológica, a oposição patológica, as crises de cólera.

Winnicott (1962 a) precisou igualmente a diversidade das necessidades do recém-nascido, o que aliás subsiste em todo ser humano. Ao lado das necessidades do corpo, o pequenino apresenta necessidades psíquicas que são satisfeitas por uma mãe "suficientemente boa"; a insuficiência das respostas dos que estão à sua volta a estas necessidades psíquicas leva às perturbações da diferenciação do Eu e do não-Eu; o excesso de resposta predispõe a um hiperdesenvolvimento intelectual e fantasmático defensivo. Ao lado de uma necessidade de comunicar, o bebê experimenta a necessidade de não se comunicar e de viver episodicamente o bem-estar da não-integração do psiquismo e do organismo.

Depois desta evocação histórica, tentemos refletir. Comecemos por inventariar os fatos estabelecidos. No que concerne à etologia, eles podem assim se resumir:

1. A busca do contato corporal entre a mãe e o bebê é um fator essencial do desenvolvimento afetivo, cognitivo e social deste último.

2. É um fator independente do dom da alimentação: um macaquinho ao qual se deixa livre acesso a uma mamadeira, colocada sobre um suporte metálico, não se aproxima dela e parece assustado; se se coloca sobre o suporte tecidos macios ou uma capa de pêlos (não obrigatoriamente de pêlo de macaco), ele se enrasca nela e seu comportamento manifesta calma e confiança.

3. A privação da mãe ou de seu substituto acarreta perturbações que podem se tomar irreversíveis. Assim, o jovem chimpanzé, privado do contato físico com seus companheiros, não consegue se acasalar mais tarde. Os macacos de todas as espécies não assumem a atitude adequada em presença dos estímulos sociais emitidos pelos semelhantes, o que desencadeia de parte deles toda sorte de brutalidades e, nele, acessos de violência.

4. As perturbações do comportamento podem ser prevenidas em grande parte se o bebê-macaco privado de sua mãe está em contato com semelhantes também privados de suas mães: o grupo dos companheiros é um substituto materno. A pesquisa etnológica sobre as civilizações negro-africanas já chegara ao mesmo resultado: a classe de idade substitui e reveza a mãe. Entre os macacos, o desenvolvimento do indivíduo favorece mais os pequenos, que se beneficiam sucessivamente do contato materno e do contato grupal.

5. Na idade certa, o bebê-macaco - em seu "habitat", assim como em laboratório - deixa sua mãe e explora o mundo a sua volta. Ele é amparado e guiado por ela neste seu comportamento. Ao menor perigo, real ou imaginário, ele se joga em seus braços ou se agarra a seus pêlos. O prazer do contato com o corpo da mãe e do agarramento é, então, a base, ao mesmo tempo, do apego e da separação. Se os estímulos externos são levemente hostis, o bebê se familiariza com eles e tem, cada vez mais, menos necessidade do consolo da mãe. Se são aterrorizadoras (em uma experiência de Harlow, trata-se de um cão mecânico ou de um urso mecânico batendo um tambor), o bebê-macaco continua sempre a procurar o reconforto da mãe, mesmo quando acontece de tocar e

explorar estes monstros. Uma vez estabelecida a confiança da criança no mundo a seu redor, a separação definitiva da mãe acontece, tanto da parte dela quanto da parte da criança.

6. Entre os macacos, o acesso à vida sexual se faz em três etapas: a primeira é uma experiência de apego satisfatória - de caráter não-sexual - na infância com a mãe. Depois vem a possibilidade de praticar, no grupo dos companheiros, manipulações do corpo do parceiro, de caráter cada vez mais sexual (descoberta da sexualidade infantil). Este apego e depois estes jogos preparam e, entre certas espécies, condicionam o acesso à sexualidade adulta. Entre os macacos, entre muitos mamíferos e pássaros, a mãe nunca é o objeto de manifestações sexuais por parte de seus filhos. Os etólogos explicam este tabu do incesto pelo fato de que a mãe é - e permanece — o animal dominante para o jovem macho. O macaco que se toma chefe de um bando do qual sua mãe continua a fazer parte tem o direito de possuir todas as fêmeas do grupo e ele, em geral, prefere deixar o bando do que copular com ela. A entrada na sexualidade adulta é marcada pelo fim da educação bastante permissiva dada pelo bando em matéria de jogos sexuais infantis e pela introdução de restrições brutais por parte dos que dominam e que se reservam, repartindo-as, a possessão das fêmeas do bando[1].

Dados grupais

A observação dos grupos humanos ocasionais, considerando a formação ou a psicoterapia, oferece uma segunda série de fatos, depois que esta observação se fez sobre um grupo de trinta a sessenta pessoas (não mais sobre o único grupo restrito) focalizando a manei-

1. As duas primeiras resenhas desta questão, publicadas por autores de língua francesa, são de F. Duyckaerts, "L'Objet d'attachement: *médiaieturenlre* l'enfant el le milieu", in Milieu et Développement(1972), e de R. Zazzo, *"L'Attachment. Une nouvelle théorie sur les srcines de l'affectivité".* Dois volumes coletivos se juntam às contribuições francesas e estrangeiras sobre diversos problemas relacionados ao apego: "*Modeles animaux du comportament humain*" Colóquio do C.N.R.S. dirigido por R. Chauvin (1970): *"l'Attachement"*, medi dirigido por R. Zazzo (1974).

ra como o grupo habita seu lugar e que espaço imaginário os membros do grupo projetam sobre este lugar. Já no grupo pequeno se observa a tendência dos participantes a ocupar os espaços vazios (eles se juntam em uma parte da peça se esta é grande, eles dispõem mesas no meio se adotaram uma disposição circular) e a tapar os buracos (não gostam de deixar cadeiras vazias entre eles, amontoam os assentos excedentes em um canto do local, a cadeira vazia de uma pessoa ausente é mal suportada, as portas e janelas são fechadas, com o risco de tomar a atmosfera fisicamente asfixiante). No grupo grande, onde o anonimato é acentuado, onde as angústias de fragmentação são reavivadas, onde a ameaça de perda da identidade egóica é forte, o indivíduo se sente perdido e tende a se preservar voltando-se sobre si mesmo e em silêncio. Os três principais mecanismos de defesa da posição esquizo-paranóide se encontram. A divagem do objeto: o mau objeto é projetado sobre o grupo grande em seu conjunto, sobre os monitores ou sobre um participante tratado como vítima emissária; o objeto bom é projetado sobre os grupos pequenos onde favorece a instauração da ilusão grupal. A projeção da agressividade: os outros são percebidos por mim como devoradores quando falam sem que se possa identificar quem fala, ou me olham, sem que eu os veja me olhar. A busca do elo: se se deixa os participantes livres para se sentar sem disposição preestabelecida dos assentos, a maioria deles tende a se aglutinar. E mais tarde, ou defensivamente, que eles adotam uma disposição em um ou em vários círculos ovais concêntricos: ovo fechado, segurança reconstituída de um envelope narcísico coletivo. Turquet (1974) observou que a possibilidade de um participante emergir como sujeito fora do estado de indivíduo anônimo e isolado passa pelo estabelecimento de um contato (visual, gestual, verbal) com seu vizinho ou seus dois vizinhos mais próximos. Assim se constitui o que Turquet denomina "a fronteira de relação do Eu com a pele de meu vizinho". "No grupo grande, a ruptura da fronteira da 'pele de meu vizinho' é uma ameaça sempre presente e isto não só pela ação das forças centrífugas já mencionadas que causam o retraimento do Eu, levando-o a ficar em suas relações cada vez mais isolado, idiossincrático e alienado. A continuidade com a pele de seu vizinho está também em perigo, pois o grupo grande levanta problemas numerosos como: onde? quem? de que tipo? são os vizinhos do

Eu, sobretudo quando seus lugares pessoais mudam no espaço, como ocorre constantemente, outro participante estando próximo, depois afastado, ora adiante, ora atrás, dantes à esquerda, agora à direita e assim por diante. Essas repetidas mudanças de lugar fazem surgir perguntas: por que esta mudança? em que base? em que direção foi meu vizinho? para que lugar? onde ir? etc. Uma das características do grupo grande é a ausência de estabilidade; a ela se substitui uma experiência caleidoscópica. O resultado para o Eu é a experiência de uma pele distendida, presa ao último vizinho que falou mas que está longe. Uma tal extensão pode atingir o limiar do rompimento da pele; para evitá-lo, o Eu deixa de ser solidário e renuncia, torna-se então um 'solitário' e assim um desertor."

Ainda que Turquet não faça referências sobre isso, sua descrição vem apoiar a teoria de Bowlby, mostrando como a pulsão de apego opera entre os homens: pela busca de um contato (no duplo sentido corporal e social do termo) que garante uma dupla proteção contra os perigos exteriores e contra o estado psíquico interno de desamparo, e que torna possíveis as mudanças de sinais em uma comunicação recíproca onde cada parceiro se sente reconhecido pelo outro. O desenvolvimento, nos grupos, das técnicas de contatos corporais, de expressão física, de massagens mútuas, acompanha o mesmo sentido. Como nas variáveis anexas de Harlow para os macacos, a busca do calor e do movimento acalentador desempenha igualmente um papel. Os estagiários se queixam do "frio" - físico e moral - que reina no grupo grande. No psicodrama ou nos exercícios corporais há sempre uma mímica coletiva de vários participantes cotados uns aos outros, balançando juntos seus corpos. Sua fusão se completa às vezes com uma estimulação de uma explosão vulcânica, figuração da descarga comum da tensão tônica acumulada em cada um, diante da imagem do recém-nascido acarinhado ritmicamente, do qual Wallon gostava de falar, e que descarrega o excesso de tônus nos risos cada vez mais agudos, e que podem, ultrapassado um certo limiar, tornarem-se soluços.

Turquet assinala que a principal conseqüência do estabelecimento pelo Eu psíquico em vias de reconstituição de uma pele-fronteira com seu vizinho é a possibilidade de viver por delegação: o sujeito reemergindo como tal "deseja que um outro membro do grupo grande fale por ele a fim de ouvir dizer alguma coisa que lhe pareça

semelhante ao que ele pensa ou sente e de observar ou perceber, substituindo o outro a si mesmo, qual destino pode ter no grupo o que o outro falou por mim". A mesma evolução com relação ao olhar: um participante relata que estava sentado diante de um "rosto suave" e que isto o tranquilizou. Suavidade de um rosto, suavidade do olhar, suavidade também da voz: "A qualidade da voz dos monitores tem mais efeito do que o conteúdo do que tentam dizer, seu tom suave, calmo, tranqüilizador é introjetado enquanto as próprias palavras são deixadas de lado". Reconhece-se aí a qualidade típica visada pela pulsão de apego: a suavidade, o macio, o forro de pele, o peludo, qualidade de srcem tátil e metaforicamente estendida depois aos outros órgãos dos sentidos.

Lembremos que, na teoria de Winnicott (1962 a, pp.12-13), a integração do Eu no tempo e no espaço depende da maneira da mãe "segurar" (*holding*) o recém-nascido, que a personalização do Eu depende da maneira de o "tratar" *(handling)* e que a instauração pelo Eu da relação de objeto depende da apresentação pela mãe dos objetos (seio, mamadeira, leite...), graças aos quais o recém-nascido vai poder encontrar a satisfação de suas necessidades. E o segundo processo que nos interessa aqui: "O Eu se funde ao Eu corporal, mas é apenas quando tudo se passa bem que a pessoa do recém-nascido começa a se ligar ao corpo e às funções corporais, sendo a pele a membrana-fronteira". E Winnicott traz uma prova *a contrário:* a despersonalização ilustra "a perda de uma união sólida entre o Eu e o corpo, incluindo as pulsões do Id e os prazeres instintivos".

Dados projetivos

Tomo uma terceira série de dados de trabalhos que tratam de testes projetivos. Durante pesquisas sobre a imagem do corpo e a personalidade, os americanos Fischer e Cleveland (1958) isolaram, nas respostas ao teste de borrões de tinta de Rorschach, duas variáveis novas que têm mostrado sua importância: a do Envelope e a de Penetração. A variável Envelope é classificada para toda resposta abrangendo uma superfície protetora, membrana, concha ou pele, e que

poderia simbolicamente ser relacionada com a percepção das fronteiras da imagem do corpo (roupas, peles animais onde se acentua o caráter granuloso, penugento, manchado ou rajado da superfície, buracos na terra, ventres proeminentes, superfícies protetoras ou salientes, objetos dotados de uma blindagem ou de uma forma de conter, seres ou objetos cobertos por alguma coisa ou escondidos anãs de alguma coisa). A variável Penetração se opõe à precedente por ela dizer respeito a toda resposta que pode ser a expressão simbólica de um sentimento subjetivo segundo o qual o corpo tem apenas um débil valor protetor e pode ser facilmente penetrado. Fischer e Cleveland estabeleceram três tipos de representações da penetração:

a. Perfuração, rompimento ou esfolamento de uma superfície corporal (ferimento, fratura, escoriação, esmagamento, sangramento).

b. Vias e modos de penetração no interior ou de expulsão do interior para o exterior (boca aberta, orifício do corpo ou da casa, abertura na terra deixando jorrar substâncias líquidas, radiografias ou secções de órgãos que permitam ver diretamente o interior).

c. Representação da superfície de uma coisa como permeável e frágil (coisas inconsistentes, moles, sem fronteiras palpáveis, transparências, superfícies manchadas, desbotadas, deterioradas, em degenerescência).

Aplicando o teste de Rorschach a doentes psicossomáticos, Fischer e Cleveland assinalaram que aqueles cujo sintoma se relacionava com a parte externa do corpo imaginavam um corpo bem delimitado por uma parede defensiva, enquanto aqueles cujo sintoma dizia respeito às vísceras representavam seu corpo como facilmente penetrável e desprovido de barreira protetora. Os autores consideram provado o fato de que estas representações imaginárias preexistiam à aparição dos sintomas e têm pois valor etiológico. Consideram que tratamentos que mobilizem o corpo (massagens, relaxamento etc.) podem ajudara liberar estas representações imaginárias.

Assim definida por estas duas variáveis, a noção de imagem do corpo não poderia substituir a do Eu, mesmo apresentando a vantagem de acentuar o que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo sobre a percepção das fronteiras deste. Os limites da imagem do

corpo (ou a imagem dos limites do corpo) são adquiridos durante o processo de desfusão da criança em relação a sua mãe e apresentam alguma analogia com as fronteiras do Eu e que Federn (1952) mostrou serem desinvestidas no processo de despersonalização. Se se quer ter a imagem do corpo, não por uma instância ou uma função psíquicas, mas apenas por uma representação elaborada muito precocemente pelo próprio Eu em plena estruturação, pode-se afirmar com Angelergues (1975) que se trata de um "processo simbólico de representação de um limite que tem função de 'imagem estabilizadora' e de envelope protetor. Este procedimento coloca o corpo como o objeto de investimento e sua imagem como produto deste investimento, um investimento que conquista um objeto não intercambiável, salvo no delírio, um objeto que deve ser a qualquer preço mantido intacto. A função dos limites se junta ao imperativo de integridade. A imagem do corpo é situada na ordem da fantasia e da elaboração secundária, representação agindo sobre o corpo".

Dados dermatológicos

Um quarto conjunto de dados é fornecido pela dermatologia. Excetuando-se as causas acidentais, as afecções da pele mantêm estreitas relações com os estresses da existência, com as crises emocionais e, o que mais diz respeito a meu propósito, com as falhas narcísicas e as insuficiências de estruturação do Eu. Estas afecções, espontâneas na srcem, são freqüentemente mantidas e agravadas por compulsões de coçar que as transformam em sintomas que o sujeito não pode mais evitar. Quando são localizadas nos órgãos que correspondem às diversas fases da evolução libidinal, fica evidente que o sintoma acrescenta um prazer erótico à dor física e à vergonha moral necessárias ao apaziguamento da necessidade de punição que emana do Superego. Mas ocorre, nas patomimias, que a lesão da pele seja voluntariamente provocada e desenvolvida, por exemplo, por uma raspagem quotidiana com cacos de garrafa (cf. com o trabalho de Corraze, 1976, sobre esta questão). Aqui, o benefício secundário é a obtenção de uma pensão por invalidez; o benefício primário, não-

sexual, consiste na tirania exercida sobre os que estão em volta pelo doente considerado incurável, e no insucesso prolongado do saber e do poder médico; a pulsão de dominação começa então a funcionar, mas não só ela. A agressividade inconsciente é dissimuladamente subjacente a esta conduta, agressividade reacional a uma constante necessidade de dependência, cuja presença o simulador sente como insuportável. Ele tenta desviar esta necessidade tornando seus dependentes as pessoas que reproduzem os primeiros objetos visados por sua pulsão de apego, objetos anterionnente frustrantes e que, desde então, exigem sua vingança. Esta intensa necessidade de dependência é correspondente à fragilidade e à imaturidade da organização psíquica do pitiático, assim como a uma insuficiência da diferenciação tópica, da coesão do Self e do desenvolvimento do Eu em relação às outras instâncias psíquicas. Estes doentes são decorrentes, também, da patologia da pulsão de apego. Devido à fragilidade de seu Eu-pele, as patomimias oscilam entre uma angústia de abandono, se o objeto de apego não mais está em contato próximo, e uma angústia de perseguição, se ele está em grande proximidade com ele.

A abordagem psicossomática das dermatoses generalizou este resultado. O prurido é sempre ligado a desejos sexuais envolvendo culpabilidade, em um jogo circular entre o auto-erotismo e a autopunição. E também, e antes de mais nada, uma maneira de atrair a atenção sobre si, mais especialmente sobre a pele na medida em que ela não pode ter, nos primeiros anos de vida, por parte do meio materno e familiar, os contatos suaves, quentes, firmes e tranquilizadores, e sobretudo significativos, mencionadas anteriormente. O comichão é desejo premente de ser compreendido pelo objeto amado. Pelo automatismo de repetição, o sintoma físico reaviva, sob a forma primária da "linguagem" cutânea, as frustrações antigas, com seus sofrimentos exibidos e suas cóleras reprimidas: a irritação da epiderme se confunde, devido à indiferenciação somato-psíquica à qual tais pacientes permanecem fixados, com a irritação mental, e a erotização da parte machucada do corpo sobrevêm tardiamente para tornar tolerável a dor e a cólera e para tentar reverter o desprazer cm prazer. O eritema considerado pudico não é apenas angustiante porque a pele do doente, desempenhando seu pape! de "espelho da alma"

em prejuízo do de fronteira, permite ao interlocutor ler diretamente os desejos sexuais e agressivos dos quais o doente se envergonha, mas também porque a pele se revela então ao outro como um envelope frágil e que convida às penetrações físicas e às intrusões psíquicas.

O eczema generalizado poderia traduzir uma regressão ao estado infantil de completa dependência, uma conversão somática da angústia de desmoronamento psíquico, o apelo mudo e desesperado a um Eu auxiliar que forneça um apoio total. O eczema de crianças de menos de dois anos representaria a falta de um contato físico terno e envolvente por parte da mãe. Spitz (1965) hesita sobre a interpretação: "Nós nos perguntamos se as perturbações cutâneas eram uma tentativa de adaptação ou, ao contrário, uma reação de defesa. A reação da criança sob forma de eczema talvez seja uma exigência dirigida à mãe para incitá-la a tocá-la mais vezes; talvez seja um modo de isolamento narcísico, na medida em que, pelo eczema, a criança busca ela mesma, no domínio somático, os estímulos que a mãe lhe recusa. Nós não podemos saber". Eu mesmo fico nesta dúvida, desde meu primeiro estágio como jovem psicólogo, nos anos cinqüenta, no serviço de dermatologia do professor de Graciansky, no Hospital Saint-Louis em Paris. Haveria afecções da pele típicas de pacientes que, precocemente, se beneficiaram e sofreram em sua infância de uma superestimulação da pele durante os cuidados maternos, em oposição a outras tentativas que repetiriam os resultados ou os traços de uma carência antiga dos contatos com o corpo e a pele da mãe? Nos dois casos, entretanto, a problemática inconsciente giraria em torno desta proibição primária do tocar de que falarei mais adiante: a carência da carícia e do abraço maternos seria inconscientemente vivida pelo nascente psiquismo como a aplicação excessiva, prematura e violenta da proibição de se colar ao corpo do outro; a superestimulação em matéria de contatos maternos seria desagradável fisicamente na medida em que ultrapassa a pára-excitação, ainda pouco assegurada da criança e seria inconscientemente perigosa por transgredir e afastar o interdito do tocar, necessário ao aparelho psíquico para que se constitua em um envelope psíquico que lhe pertença como propriedade particular.

A hipótese mais simples e mais certa, à luz das observações clínicas reunidas, é até o momento a seguinte: "A profundidade da alteração da pele é proporcional à profundidade do dano psíquico".[2]

Prefiro de minha parte reformular esta hipótese, introduzindo minha noção do Eu-pele que vou agora apresentar: a gravidade da alteração da pele (que se mede com a resistência crescente colocada pelo doente aos tratamentos quimioterápicos e/ou psicoterápicos) está em relação com a importância quantitativa e qualitativa das falhas do Eu-pele.

2 Cf. os artigos de Danièle Pomey-Rey; dermatologista, psiquiatra, psicanalista, professor-adjunto de consulta de psicodermatologia no Hospital Sain-Louis, sobretudo "Pour mourir guérie", Cutis, 3, Fevereiro 1979, que expõe um caso trágico, o da Srta. P.

3

A noção de Eu-pele

As quatro séries de dados - etológicos, grupais, projetivos e dermatológicos - que acabo de apresentar, me conduziram à hipótese, publicada desde 1974, na *"Nouvelle Revue de Psychanalyse",* de um Eu-pele. Antes de retomá-la e de completá-la, parece conveniente repensar a noção de fase oral.

Seio-boca e seio-pele

Freud não limitava a fase que ele qualificava de oral à experiência da zona bucofaríngea e ao prazer da sucção. Sempre sublinhou a importância do prazer consecutivo da repleção. Se a boca fornece a primeira experiência, viva e breve, de um contato diferenciador, de um lugar de passagem e de uma incorporação, a repleção alimentar dá ao recém-nascido a experiência mais difusa, mais durável, de uma massa central, de uma plenitude, de um centro de gravidade. Não é de admirar que a psicopatologia contemporânea tem sido levada a atribuir cada vez mais importância ao sentimento, entre alguns doentes, de um vazio interior, bem que um método de relaxamento como o de Schulz sugira que se sinta, em primeiro lugar e simultaneamente em seu corpo, o calor (= a passagem do leite) e o peso (= a repleção, a satisfação alimentar).

Quando da amamentação e dos cuidados com ele, o bebê tem uma terceira experiência concomitante às duas precedentes: ele é

segurado nos braços, apertado contra o corpo da mãe de quem ele sente o calor, o cheiro e os movimentos; é carregado, manipulado, esfregado, lavado, acariciado, e tudo geralmente acompanhado por um banho de palavras e de cantarolar. Encontramos aí reunidas as características da pulsão de apego descritas por Bowlby e Harlow e aquelas que, em Spitz e Balint, evocam a idéia de cavidade primitiva. Estas atividades conduzem progressivamente a criança a diferenciar uma superfície que comporte uma face interna e uma face externa, isto é, uma interface que permite a distinção do de fora e do de dentro, e um volume ambiente no qual ela se sente mergulhada, superfície e volume que lhe trazem a experiência de um continente.

O seio é o vocábulo normalmente utilizado pelos psicanalistas para designar a realidade completa então vivida pela criança, onde se misturam quatro características que, a exemplo do bebê, o psicanalista é, por vezes, tentado a confundir: seio por um lado nutridor, por outro lado "preenchedor", pele suave e quente ao contato, receptáculo ativo e estimulador. O seio materno global e sincrético é o primeiro objeto mental, e o duplo mérito de Melanie Klein é de ter mostrado que ele está apto às primeiras substituições metonímicas: seio-boca, seio-cavidade, seio-fezes, seio-urina, seio-pênis, seio-bebês rivais, e que ele atrai os investimentos antagonistas das duas pulsões fundamentais. A fruição que ele proporciona às pulsões de vida - fruição de participar de sua criatividade - atrai a gratidão. Em compensação, a inveja destrutiva visa este seio em sua própria criatividade, quando ele frustra o bebê dando a um outro que não ele a fruição. Mas, ao acentuar assim exclusivamente a fantasia, Melanie Klein negligencia as qualidades próprias da experiência corporal (é em reação contra esta negligência que Winnicott (1962 a) privilegiou o *holding* e o *handling* da mãe real) e, ao insistir sobre as relações entre certas partes do corpo e seus produtos (leite, esperma, excrementos) em uma dinâmica criativa-destrutiva, ela negligencia o que liga estas partes entre si em um todo unificador: a pele. A superfície do corpo está ausente da teoria de Melanie Klein, ausência tanto mais surpreendente por um dos elementos essenciais desta teoria; a oposição de introjecção (sobre o modelo do aleitamento) e da projeção (sobre o modelo da excreção) pressupõe a constituição de um limite diferenciando o de dentro do de fora. Compreendesse melhor,

a partir daí, certas reservas suscitadas pela técnica kleiniana: o bombardeio interpretativo pode tirar do Eu não apenas suas defesas, mas seu envelope protetor. É certo que falando de "mundo interior" e de "objetos internos", Melanie Klein pressupõe a noção de um espaço interno (cf. D, Houzel, 1985 a).

Muitos de seus discípulos, sensíveis a esta falta, elaboraram, para atenuá-la, novos conceitos (na linha dos quais o Eu-pele encontra naturalmente seu lugar): introjecção pelo recém-nascido da relação mãe-lactente enquanto relação continente-conteúdo e constituição consecutiva de um "espaço emocional" e de um "espaço do pensamento" (o primeiro pensamento, de ausência do seio, toma tolerável a frustração devida a esta ausência), terminando em um aparelho de pensar os pensamentos (Bion, 1962); representações respectivas de um Eu-polvo, mole e flácido, e de um Eu-crustáceo, rígido nas duas formas, primária anormal e secundária com carapaça, do autismo infantil (Francês Tustin, 1972); segunda pele muscular como couraça defensivo-ofensiva entre os esquizofrênicos (Esther Bick, 1968); constituição de três fronteiras psíquicas, com o espaço interno dos objetos externos, com o espaço interno dos objetos internos, com o mundo exterior, mas que deixam subsistir um "buraco negro" (por analogia com a astrofísica) onde submerge todo elemento psíquico que dele se aproxima (delírio, turbilhão autista) (Meltzer, 1975).

Devo igualmente citar aqui sem mais delongas quatro psicanalistas franceses (os dois primeiros de srcem húngara, os outros dois de srcem italiana e egípcia) cujas intuições clínicas e as elaborações teóricas, convergentes com as minhas, me trouxeram esclarecimentos, estímulo, conforto. Todo conflito psíquico inconsciente se desenvolve não só em relação a um eixo edipiano como também em relação a um eixo narcísico (B. Grunberg, 1971). Cada subsistema do aparelho psíquico e o sistema psíquico em seu conjunto obedecem a uma interação dialética entre casca e núcleo (N. Abraham, 1978). Existe um funcionamento srcinário, de natureza pictogramática, do aparelho psíquico, mais arcaico que os funcionamentos primário e secundário (P. Castoriadis-Aulagnier, 1975). Um espaço imaginário se desenvolve a partir da relação de inclusão mútua dos corpos da mãe e do filho, por um duplo processo de projeção sensorial e fantasmática (Sami-Ali, 1974).

Toda figura supõe um fundo sobre o qual ela aparece como figura: esta verdade elementar é facilmente desprezada, pois a atenção normalmente é atraída pela figura que emerge e não pelo fundo sobre o qual esta se destaca. A experiência vivida pelo bebê dos orifícios que permitem a passagem no sentido da incorporação ou no sentido da expulsão é certamente importante, mas só há orifício perceptível quando em relação a uma sensação, seja ela vaga, de superfície e de volume. O *infans* adquire a percepção da pele como superfície quando das experiências de contato de seu corpo com o corpo da mãe e no quadro de uma relação de apego com ela tranqüilizadora. Ele assim chega não apenas à noção de um limite entre o exterior e o interior, mas também à confiança necessária para o controle progressivo dos orifícios, já que não pode se sentir tranquilo quanto a seu funcionamento a não ser que possua, por outro lado, um sentimento de base que lhe garanta a integridade de seu envelope corporal. A clínica confirma o que Bion (1962) teorizou com a noção de um "continente" psíquico (container): os riscos de despersonalização estão ligados à imagem de um envelope, que pode ser perfurado, e à angústia - primária, segundo Bion - de um escoamento da substância vital pelos buracos, angústia não de fragmentação, mas de esvaziamento, muito bem metaforizada por certos pacientes que se descrevem como um ovo com a casca perfurada, esvaziando-se de sua clara, e mesmo de sua gema. A pele é, aliás, o lugar das sensações proprioceptivas, cuja importância no desenvolvimento do caráter e do pensamento foi assinalada por Henri Wallon: é um dos órgãos reguladores do tônus. Pensar em termos econômicos (acumulação, deslocamento e descarga da tensão) pressupõe um Eu-pele.

A superfície do conjunto de seu corpo com o de sua mãe pode proporcionar ao bebê experiências tão importantes, por sua qualidade emocional, por sua estimulação da confiança, do prazer e do pensamento, quanto as experiências ligadas à sucção e à excreção (Freud) ou à presença fantasmática de objetos internos representando os produtos do funcionamento dos orifícios (M. Klein). Os cuidados da mãe produzem estimulações involuntárias da epiderme, quando o bebê é banhado, lavado, esfregado, carregado, abraçado. Além do que, as mães conhecem bem os prazeres de pele do bebê - e os seus - e, com suas carícias, suas brincadeiras, elas os provocam deliberadamente. O bebê

recebe esses gestos matemos primeiro como uma estimulação e depois como uma comunicação. A massagem se toma uma mensagem. A aprendizagem da palavra requer principalmente o estabelecimento prévio de tais comunicações pré-verbais precoces. O romance e o filme *"Johnny* s'en va-t-en *guerre"* ilustram bem esse fato: um soldado gravemente ferido perdera a visão, a audição e o movimento; uma enfermeira consegue se comunicar, desenhando com sua mão letras sobre o peito e o abdômen do ferido - depois lhe proporcionando, em resposta a um pedido mudo, através de uma masturbação benéfica, o prazer da descarga sexual. Reencontra assim, o enfermo, o gosto pela vida, pois se sente sucessivamente reconhecido e satisfeito em sua necessidade de comunicação e em seu desejo viril. É inegável que há, com o desenvolvimento da criança, erotização da pele; os prazeres da pele são integrados como preliminares da atividade sexual adulta; conservam um papel primordial na homossexualidade feminina. A sexualidade genital, e mesmo auto-erótica, só é acessível àqueles que adquiriram o sentimento mínimo de uma segurança de base em sua própria pele. Além disso, como sugeriu Federn (1952), a erotização das fronteiras do corpo e do Eu acomete de recalque e de amnésia os estados psíquicos srcinários do Self.

A *idéia de Eu-pele*

A instauração do Eu-pele responde à necessidade de um envelope narcísico e assegura ao aparelho psíquico a certeza e a constância de um bem-estar de base. Correlativamente, o aparelho psíquico pode se exercitar nos investimentos sádicos e libidinais dos objetos; o Eu psíquico se fortifica com as identificações com tais objetos e o Eu corporal pode gozar os prazeres pré-genitais e, mais tarde, genitais.

Por Eu-pele designo uma representação de que se serve o Eu da criança durante fases precoces de seu desenvolvimento para se representar a si mesma como Eu que contém os conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência da superfície do corpo. Isto corresponde ao momento em que o Eu psíquico se diferencia do Eu corporal no plano operativo e permanece confundido com ele no

plano figurativo. Tausk (1919) mostrou muito bem que a síndrome do aparelho a influenciar só podia ser compreendida a partir da distinção desses dois Eu; o Eu psíquico continua a ser reconhecido como seu pelo sujeito (também esse Eu aciona mecanismos de defesa contra as pulsões sexuais perigosas e interpreta logicamente os dados perceptíveis que lhe chegam), enquanto o Eu corporal não mais é reconhecido pelo sujeito como pertencente a ele e as sensações cutâneas e sexuais que dele emanam são atribuídas à engrenagem de um aparelho influenciador, comandado pelas maquinações de um sedutor-perseguidor.

Toda atividade psíquica se estabelece sobre uma função biológica. O Eu-pele encontra seu apoio sobre as diversas funções da pele. Esperando proceder adiante a seu estudo sistemático, assinalo aqui brevemente três funções (às quais me limitava em meu primeiro artigo de 1974); a pele, primeira função, é a bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno aí armazenados com o aleitamento, os cuidados, o banho de palavras.

A pele, segunda função, é a interface que marca o limite com o de fora e o mantém no exterior, é a barreira que protege da penetração pela cobiça e pelas agressões vindas dos outros, seres ou objetos. A pele, enfim, terceira função, ao mesmo tempo que a boca e, pelo menos, tanto quanto ela, é um lugar e um meio primário de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações significantes; é, além disso, uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações.

Desta srcem epidérmica e proprioceptiva, o Eu herda a dupla possibilidade de estabelecer barreiras (que se tornam mecanismos de defesa psíquicos) e de filtrar as trocas (com o Id, o Superego e o mundo exterior). É, para mim, a pulsão de apego que, se precoce e suficientemente satisfeita, dá ao bebê a base sobre a qual pode se manifestar o que Luquet (1962) chamou de "élan integrativo do Eu". Consequência: o Eu-pele cria a possibilidade do pensamento.

A *fantasia de uma pele comum e suas variantes narcísicas e masoquistas*

A noção discutida de masoquismo primário encontraria aqui argumentos para apoiá-la e defini-la. O sofrimento masoquista, antes de ser secundariamente erotizado e antes de conduzir ao masoquismo sexual ou moral, se explica primeiro por alternâncias bruscas, repetidas e quase traumáticas, antes do andar, da fase do espelho e da palavra, de superestimulações e de privações do contato físico com a mãe ou seus substitutos, e portanto de satisfações e frustrações da necessidade de apego.

A constituição do Eu-pele é uma das condições da dupla passagem do narcisismo primário ao narcisismo secundário e do masoquismo primário ao masoquismo secundário,

Nas curas psicanalíticas de pacientes apresentando comportamentos sexuais masoquistas ou uma fixação parcial a uma posição masoquista perversa, frequentemente encontrei o seguinte elemento: eles apresentaram, em sua primeira infância, um episódio de agressão física real à sua pele, episódio que forneceu um material decisivo para sua organização fantasmática. Pode ser uma intervenção cirúrgica superficial: refiro-me a que tenha sido principalmente realizada na superfície do corpo. Pode ser uma dermatose, uma perda de pêlos. Pode ser um choque ou uma queda acidental em que uma parte importante da pele tenha sido arrancada. Podem ainda ser sintomas precoces de conversão histérica.

A fantasia inconsciente que essas diferentes observações não permitiram esclarecer não é a do corpo ''desmembrado", conforme hipótese formulada por alguns psicanalistas: essa última fantasia me parece mais típica das organizações psicóticas. E, para mim, a fantasia do corpo "esfolado" que sustenta a conduta do masoquismo perverso.

Freud evoca, a propósito do homem dos ratos, "o horror de um gozo ignorado". O gozo do masoquismo atinge o grau máximo de horror quando o castigo corporal aplicado à superfície da pele (açoite, flagelação, agulhadas) é levado ao ponto em que pedaços de pele são rasgados, perfurados, arrancados. A volúpia masoquista, como se sabe, requer a possibilidade para o sujeito de imaginar que os golpes

deixaram uma marca sobre a superfície de seu corpo. Entre os prazeres pré-genitais que normalmente acompanham o gozo sexual genital, encontra-se com muita frequência aquele de deixar sobre a pele do parceiro marcas de mordida ou de unhadas: aí está o indício de um elemento fantasmático anexo que, no masoquista, passa para o primeiro plano.

Como iremos ver no capítulo seguinte, dedicado ao mito grego de Marsias, a fantasia srcinária do masoquismo é constituída pela representação: 1º) que uma mesma pele pertence à criança e a sua mãe, pele figurativa de sua união simbiótica, e 2ª) que o processo de desfusão e de acesso da criança à autonomia leva a uma ruptura e a um esfacelamento desta pele comum. Essa fantasia de ser esfolado é reforçada pelas observações feitas sobre animais domésticos mortos e preparados para consumo ou sobre si mesmo, quando submetido a palmadas ou a cuidados a machucados ou feridas.

A maioria dos pacientes, entre os quais encontrei uma fixação masoquista notável, apresentavam fantasias mais ou menos conscientes de fusão cutânea com a mãe. A ligação entre a fantasia inconsciente de corpo esfolado e fantasia pré-consciente de fusão me parece esclarecedora. A união simbiótica com a mãe é representada na linguagem do pensamento arcaico por uma imagem tátil (e aparentemente olfativa) onde os dois corpos, o da mãe e o da criança, têm uma superfície comum. A separação da mãe é representada pelo arrancar dessa pele comum. Elementos de realidade dão crédito a essa representação fantasmática. Quando, por causa de uma doença, de uma operação ou acidente que provocaram um ferimento, a atadura cola na carne, a mãe ou seu substituto arranca ou é imaginada poder arrancar pedaços de epiderme com a atadura: aquela que atende é também a que esfola, mas aquela que rasgou o envelope comum é também a que pode repará-lo.

Na fantasia masoquista, a capa de pele (cf. "La Vênus *à la fourrure*" de Sacher-Masoch) traz a representação figurada do retomo a um contato de pele a pele, macio, voluptuoso, perfumado (nada é mais forte que o cheiro de uma capa de pele nova), a essa união dos corpos que constitui um dos prazeres colaterais do gozo genital. Que a Vênus flagelante de Sacher-Masoch - em sua vida como em seu romance - esteja nua sob uma capa de pele, confirma o valor primário da pele-

capa de pele como objeto de apego antes que adquira um valor denotativo do objeto sexual. Seria preciso lembrar que uma capa de pele é na verdade uma pele de animal e que sua presença remete a um animal escorchado e esfolado? A criança Séverin, fascinada por Vênus ou Wanda vestida de capas de pele, imagina sua mãe coberta com uma pele que significa ao mesmo tempo a fusão e o arrancar. Essa capa de pele representa a doçura física, a ternura sensual, vivida no contato com uma mãe que dispensa amorosamente seus cuidados à criança; mas a Vênus com a capa de pele representa também a mãe que a criança procurou ver nua ou que tentou seduzir, exibindo-lhe real ou imaginariamente seu pênis, a mãe que a puniu na realidade ao lhe bater, na imaginação ao escorchá-la viva até arrancar-lhe a pele, e que veste agora, vitoriosa, a pele do vencido, como os heróis caçadores da mitologia antiga onde sociedades ditas primitivas se vestem com a pele dos animais selvagem ou dos inimigos mortos.

É momento de introduzir uma distinção fundamental entre os dois tipos de contatos exercidos pela mãe e o círculo maternante sobre o corpo e a pele do bebê. Certos contatos comunicam uma excitação (por exemplo, uma excitação fortemente libidinalizada da mãe, durante os cuidados corporais que ela dá à criança, pode transmitir a esta uma estimulação erógena tão prematura e tão excessiva em relação a seu grau de desenvolvimento psíquico que ela vive essa estimulação como uma sedução traumática). Outros contatos comunicam uma informação (em relação, por exemplo, às necessidades vitais do bebê, aos perigos provenientes do mundo exterior, à manipulação dos objetos, à manipulação diferente conforme sejam animados ou inanimados...). Esses dois tipos de contatos são, a princípio, indiferenciados para o bebê e tendem a assim permanecer por tanto mais tempo enquanto a mãe e o círculo maternante os invertam, os confundam, os misturem. Entre os histéricos, essa confusão tende a subsistir permanentemente: ele, ou ela, emite para o parceiro, sob aparência de excitações, informações de tal forma veladas que o parceiro tem todas as chances de procurar responder à excitação, não à informação, provocando assim a decepção, o rancor, as lamentações do histérico. Em certas formas de depressão, a dinâmica é inversa: o bebê recebeu cuidados corporais necessários e suficientes, com a habitual sequência de excitações pulsionais, mas a mãe,

abatida pela perda de um parente próximo, pela perturbação de uma ruptura conjugal, por uma depressão pós-parto, não se interessou suficientemente em captar o sentido dos sinais emitidos pelo bebê nem em devolvê-los por sua vez. Quando adulta, a pessoa se deprime cada vez que recebe um alimento material ou espiritual não acompanhado por trocas significantes e cuja absorção faz com que sinta mais intensamente seu vazio interior.

Os destinos destes dois tipos de contatos - excitantes e significantes - referem-se respectivamente ao masoquismo e ao narcisismo.

O paradoxo dos contatos excitantes consiste no fato de que a mãe, que serve para o bebê de pára-excitação srcinária contra as agressões do meio exterior, provoca nele, pela qualidade e intensidade libidinais desses cuidados corporais, uma superexcitação pulsional de srcem interna cujo excesso se mostra mais ou menos rapidamente desagradável. A construção do Eu-pele se encontra então prejudicada pela instauração durável de um envelope psíquico, ao mesmo tempo envelope de excitação e envelope de sofrimento (em lugar de um Eu-pele ao mesmo tempo pára-excitação e envelope de bem-estar). Aí reside a base econômica e topográfica do masoquismo, com a compulsão em repetir as experiências que reativam, ao mesmo tempo, o envelope de excitação e o de sofrimento.

O paradoxo dos contatos significantes está no fato de que a mãe, atenta às necessidades não apenas corporais mas também psíquicas do bebê, não só satisfaz tais necessidades, mas mostra, pelos ecos sensoriais que devolve e pelas ações concretas que realiza, que interpretou corretamente essas necessidades. O bebê fica satisfeito em suas necessidades e, sobretudo, tranqüilizado quanto a sua necessidade de que se compreendam suas necessidades. Daí a construção de um envelope de bem-estar, narcisicamente investido, suporte da ilusão, necessário para estabelecer o Eu-pele, ao qual um ser colado do outro lado desse envelope reage imediatamente em simetria complementar a seus sinais: ilusão tranqüilizadora de um duplo narcísico omnisciente a sua permanente disposição.

Subjacente aos dois casos, do narcisismo secundário e do masoquismo secundário, encontra-se a fantasia de uma superfície de pele comum à mãe e à criança; superfície onde domina, num, a troca direta das excitações e, no outro, a troca direta das significações.

Quando o Eu-pele se desenvolve, sobretudo sobre a vertente narcísica, a fantasia srcinária de uma pele comum se transforma em fantasia secundária de uma pele reforçada e invulnerável (caracterizada por sua dupla parede grudada, cf. p. 158). Quando o Eu-pele se desenvolve principalmente sobre o plano masoquista, a pele comum é fantasiada como pele arrancada e ferida. As diversas fantasias da pele, segundo a mitologia, permite fazer um inventário (cf. D. Anzieu, 1984), indicando essas duas vertentes: pele-escudo (a égide de Zeus), pele ouripel (as roupas celestes e a capa animal de Pele de Asno), para a primeira vertente; pele machucada, pele esfolada, pele machucadora, para a segunda vertente.

S. Consoli[1] expôs o caso de um paciente (masoquista) que gosta de se imaginar vítima das humilhações impostas por uma mulher nas seguintes condições: ela fica em pé, vestida com uma pele de carneiro ou de vaca, e ele mesmo, de quatro aos pés da mulher, se identifica com o carneiro ou com a vaca. Existe, portanto, representação de uma pele comum ao homem (transformado em animal) e à mulher que o doma, portadora da pele do mesmo animal, em uma complementaridade dos papéis que acentua a ilusão de uma continuidade narcísica. Neste corpo a corpo, cada um é mais do que o "prolongamento" do outro (como pensa S. Consoli), uma das duas faces respectivas dessa interface cutânea comum que procurei ressaltar. É preciso acrescentar que, em inúmeros cenários perversos ou em simples fantasias eróticas, a capa de peles desempenha um papel de fetiche, por analogia aos pêlos que mascaram a percepção dos órgãos genitais e, portanto, da diferença dos sexos.

1. Exposto na jornada "Peau et Psychisme" (Hôpital Tarnier, 19, Fevereiro 1983).

4

O Mito Grego de Marsias

Quadro sociocultural

O mito de Marsias (nome que deriva etimologicamente do verbo grego marnamai e designa "aquele que combate") reflete, de acordo com os historiadores das religiões, os combates dos gregos para submeter a Frígia e sua cidadela Celena (estado da Ásia Menor situado à leste de Tróia) e para impor aos habitantes o culto dos deuses gregos (representados por Apolo) em troca da conservação dos cultos locais, notadamente os de Cibele e de Marsias. A vitória de Apolo sobre Marsias (que toca a flauta de dois tubos abertos) segue-se a vitória do deus grego sobre Pan (o inventor da flauta de um só tubo ou siringe)[1] em Arcádia. "As vitórias de Apolo sobre Marsias e sobre Pan comemoram as conquistas helênicas sobre a Frígia e sobre a Arcádia, assim como a substituição dos instrumentos de sopro por instrumentos de corda nessas regiões, excetuando a região dos camponeses. O castigo de Marsias se refere, talvez, ao rei sagrado que era

1. Marsias teria um irmão, Babis, que tocava a flauta de um só tubo tão mal que teria sido poupado por Apolo: encontra-se aí o tema dos montanheses, estranhos, grosseiros, ridículos, aos quais os gregos, civilizados e conquistadores, toleram a conservação de suas crenças antigas na condição de honrarem igualmente os deuses gregos. Pan, com sua flauta e seu ramo de pinheiro, é um dublê mitológico de Marsias: é um deus da Arcádia, região montanhosa no centro do Peloponeso; Pan simboliza os pastores ágeis e peludos, de costumes rudes e grosseiros como os de seu rebanho, com formas animalescas, gostos simples por sestas sob as árvores, por uma música ingênua, por uma sexualidade polimorfa (Pan quer dizer "tudo" em grego; o deus Pan é tido por desfrutar indiferentemente das prazeres homossexuais, heterossexuais e solitários; uma lenda tardia supõe que Penélope teria dormido sucessivamenre com todos os pretendentes antes do retorno de Ulisses e que Pan teria nascido desses amores múltiplos.

esfolado ritualmente - assim como Atenas retira de Palas sua égide mágica - ou à casca de um broto de amieiro que se corta para fabricar uma flauta de pastor, sendo o amieiro a personificação de um deus ou de um semideus" (Graves R., 1958, p. 71).

A competição musical entre Marsias e Apolo reúne toda uma série de oposições: a dos bárbaros e dos gregos; a dos pastores montanheses de costumes semi-animais e dos habitantes cultivados da cidade; dos instrumentos de sopro (a flauta de um ou dois tubos) e os instrumentos de corda (a lira possui sete cordas); de uma sucessão monárquica e cruel do poder político (pela periódica condenação à morte do rei ou do grande sacerdote e por seu escorchamento) e de uma sucessão democrática; dos cultos dionisíacos e dos cultos apolíneos; da arrogância da juventude ou das crenças ultrapassadas da velhice, chamadas cada uma delas a se inclinar perante o domínio e a lei da maturidade. Marsias é representado, com efeito, ora como um sileno, isto é, um velho sátiro, ora como um jovem companheiro da grande deusa-mãe da Frígia, Cibele, inconsolável pela morte de seu servidor e, sem dúvida, filho e amante Átis[2]. Marsias abranda seu sofrimento tocando a flauta. Esse poder reparador-sedutor de Marsias sobre a mãe dos deuses o torna ambicioso e pretencioso, o que incita Apolo a desafiá-lo para saber qual dos dois produzirá a mais bela música com seu instrumento. Cibele deu seu nome ao Monte Cibele, donde jorra o rio Marsias e no topo do qual estava a cidadela Frígia Celena.

Um mito - enunciei anteriormente esse princípio (D. Anzieu, 1970) - obedece a uma dupla codificação, uma codificação da realidade externa, botânica, cosmológica, sociopolítica, toponímica, religiosa etc., e uma codificação da realidade psíquica interna por sua correspondência com os elementos codificados da realidade externa. Na minha opinião, o mito de Marsias é uma codificação desta realidade psíquica peculiar que eu chamo o Eu-pele.

O que chama minha atenção no mito de Marsias e que denota sua especificidade em relação aos outros mitos gregos é primeiramente a passagem do envelope sonoro (proporcionado pela música) ao envelope tátil (proporcionado pela pele), e, em segundo lugar, o retomo de um

2 É Frazer no "Le Rameau d'or" (1890-1915, tr. fr., tomo 2, capítulo V) que teve a idéia de relacionar Marsias a Átis (e também a Adonis e a Osíris). O tema comum é o destino trágico do filho preferido de uma mãe que quet guardá-lo amorosamente só para ela.

destino, maléfico (que se inscreve sobre e pela pele esfolada) em um destino benéfico (esta pele conservada preserva a ressurreição de Deus, a conservação da vida e o retomo da fecundidade no país). Em minha análise desse mito grego, me aterei somente aos elementos de base, ou mitemas que se relacionam diretamente à pele (e que se encontram representados nas expressões correntes da língua atual: um adversário é completamente vencido quando se tem sua pele; uma pessoa está bem em sua pele quando a conserva inteira, e, ainda, as mulheres podem ser melhor fecundadas pelos homens que elas têm na pele). A comparação com outros mitos gregos onde a pele intervém somente de maneira acessória me permitirá verificar e completar a lista dos mitemas fundamentais da pele e fazer entrever a possibilidade de uma classificação estrutural desses mitos de acordo com a presença ou a ausência desse ou daquele mitema e de acordo com sua sucessão e combinação.

Primeira parte do mito

Evoco primeiro brevemente a história de Marsias antes de a pele entrar em cena, história bastante comum de rivalidade aberta e de desejos incestuosos velados: o que parece manifestar o fato de que as funções srcinárias do Eu-pele são, na ontopsicogênese, encobertas, ocultadas e alteradas pelos processos primários e depois secundários ligados ao desenvolvimento pré-genital e genital e a edipificação do funcionamento psíquico.

Um dia, Atena fez uma flauta de dois tubos com ossos de cervo e tocou a flauta num banquete dos deuses. Ela se perguntava por que Hera e Afrodite riam em silêncio, o rosto escondido atrás das mãos, enquanto os outros deuses estavam maravilhados pela música. Atenas retirou-se sozinha para um bosque da Frígia, à beira de um riacho, e olhou sua imagem na água enquanto tocava a flauta: suas bochechas infladas e seu rosto congestinado lhe davam um aspecto grotesco[3]. Atenas atirou a flauta, lançando uma maldição sobre quem a recolhesse. Marsias tropeçou sobre esta flauta e, nem bem a colo-

3. Este episódio ilustra o que, em contraste com a inveja do pênis, conviria chamar o horror do pênis na mulher. A virgem e guerreira Atenas se horroriza diante de seu rosto transformado em um par de nádegas, com um pênis que pende ou que se levanta no meio.

cou na boca, a flauta, lembrando-se da música de Atenas, pôs-se a tocar sozinha. Assim ele percorreu a Frígia como seguidor de Cibele, a quem consolava do luto de Átis, encantando os camponeses que afirmavam que nem mesmo Apolo com sua lira podia tocar melhor. Marsias teve a imprudência de não os contradizer. Daí a cólera de Apolo, que lhe propôs o desafio já citado, no qual o vencedor infligiria ao vencido o castigo de sua escolha. O orgulhoso Marsias aceitou. O júri era composto pelas Musas[4].

A competição se desenrolou sem que se impusesse um vencedor; as Musas se encantavam pelos dois instrumentos. Então Apolo desafiou Marsias a fazer como ele: virar seu instrumento ao contrário, tocar e cantar ao mesmo tempo. Marsias evidentemente fracassou, enquanto Apolo tocava sua lira invertida e cantava hinos tão maravilhosos em honra aos deuses de Olimpo que as Musas só podiam lhe dar o prêmio (Graves, Op. cit., pp. 67-68). Começa então a segunda parte do mito, que diz respeito especificamente à pele. Aqui, eu sigo o relato dado por Frazer (Op. cit., pp. 396-400) do qual eu destaco, aos poucos, os mitemas subjacentes.

Segunda parte: os nove mitemas

Primeiro mitema: Marsias é pendurado em um pinheiro por Apolo. Não se trata de suspensão pelo pescoço provocando a morte por estrangulamento, mas de suspensão pelos braços a um galho de árvore, permitindo que a vítima fosse facilmente esquartejada ou sangrada. Frazer reuniu uma série impressionante de exemplos de deuses pendurados (haja vista sacerdotes ou mulheres que se penduram voluntária ou ritualmente). Esses sacrifícios, humanos na srcem, foram pouco a

pouco substituídos por sacrifícios de animais e depois de efígies.

4. De acordo com certas versões, o júri era presidido pelo Deus do monte Tmolos (lugar do desafio) e compreendia igualmente Midas, o rei da Frígia, introdutor do culto de Dionísio naquele pais. Quando Tmolos deu o prêmio a Apolo, Midas teria contestado a decisão. Para punilo, Apolo lhe teria feito crescer as famosas orelhas de asno (castigo apropriado a qualquer um que não tivesse orelha musical!); escondidas em vão sob o boné frígio, as orelhas acabaram por ser motivo de vergonha para o portador delas (Graves, op. cit., p. 229). De acordo com outras versões, é o desafio seguinte, entre Apolo e Pan, que Midas teria arbitrado.

Esse mitema me parece relacionado com a verticalidade do homem, em oposição à horizontalidade do animal. Saído da infância e da animalidade, o homem fica de pé se apoiando no solo (como o bebê se apóia sobre a mão de sua mãe para se levantar). E a verticalidade positiva (redobrada pelo pinheiro, árvore mais vertical). O castigo consiste em infligir a verticalidade negativa: a vítima fica vertical, mas suspensa no ar (às vezes com a cabeça para baixo), posição dolorosa e humilhante que expõe a todas as sevícias sem proteção e que reproduz o desamparo inicial do recém-nascido não ou mal cuidado por sua mãe.

Segundo *mitema:* A vítima pendurada nua tem sua pele cortada ou furada por golpes de lâmina, a fim de que se esvazie de seu sangue (seja para fertilizar a terra, seja para atrair os vampiros desviando-os do ataque aos próximos etc.). Esse mitema, ausente do mito de Marsias, é universalmente disseminado junto com o precedente: Édipo, recém-nascido, tem os tornozelos perfurados e é suspenso horizontalmente a um bastão; Edipo-Rei fura os olhos à visão do cadáver de Jocasta, que pende estrangulada de uma corda; o Cristo foi cravado a uma cruz; São Sebastião, amarrado a uma árvore, é cravado por flechas; outra santa, na mesma posição, teve os seios cortados; os prisioneiros dos astecas eram colocados de costas contra uma pedra grande e seus corações arrancados etc.

Esse mitema me parece relacionado com a capacidade da pele de conter o corpo e o sangue, e o suplício consiste em destruir a continuidade da superfície continente crivando-a de orifícios artificiais. Esta capacidade continente é então respeitada pelo deus grego em Marsias.

Terceiro mitema: Marsias é inteiramente esfolado vivo por Apolo e sua pele vazia fica pendurada ou presa no pinheiro. O proprietário do prisioneiro, sacrificado pelos sacerdotes astecas, cobria-se durante vinte dias com a pele do prisioneiro. São Bartolomeu foi esfolado vivo, mas sua pele não foi conservada. Octave Mirbeau descreveu no *"Le Jardin des supplices"* (1899) um homem esfolado arrastando atrás de si sua pele como uma sombra etc.

No meu ponto de vista, a pele arrancada do corpo, se sua integridade é conservada, simboliza o envelope protetor, a pára-excitação, que é preciso fantasmaticamente tomar de um outro para tê-lo sobre si ou para redobrar e reforçar o seu próprio, ainda que com o risco de uma retaliação.

Esta pele pára-excitação é preciosa. Assim é o Tosão de Ouro guardado por um temível dragão e que Jasão tem como missão conquistar, pele de ouro de um carneiro sagrado e alado outrora oferecido por Zeus a duas crianças ameaçadas de morte por sua madrasta; Medéia, a bruxa, protege seu amante dando-lhe um bálsamo com o qual ele unta todo o corpo e que o mantém por vinte e quatro horas ao abrigo das chamas e dos ferimentos. E ainda a pele de Aquiles que se toma invulnerável por sua mãe, uma deusa, que suspende a criança por um calcanhar (primeiro mitema) e o mergulha na água infernal do Styx.

Com esse mitema o destino, até então maléfico, de Marsias se torna benéfico, graças à conservação da integridade de sua pele.

Quarto *mitema:* A pele intacta de Marsias estava conservada, ainda no período histórico, aos pés da cidadela de Celena; ela pendia dentro de uma gruta onde aflorava o rio Marsias, um afluente do Meandro. Os frígios viam nisso o sinal da ressurreição de seu deus pendurado e esfolado. Existe aí, sem dúvida, a intuição de que uma alma pessoal - um Self psíquico - subsiste enquanto um envelope corporal garante sua individualidade.

A égide de Zeus concentra os mitemas um, três, quatro, cinco, seis. Salvo de ser devorado pelo pai por uma astúcia de sua mãe, Zeus é amamentado pela cabra Amaltéia, que o esconde pendurando-o a uma árvore e que, ao morrer, lhe lega sua pele para que dela faça uma armadura. Protegida, por sua vez, por esta égide, sua filha Atenas vence o gigante Palas e lhe toma a pele. A égide não apenas se toma um escudo perfeito nos combates, como permite à força de Zeus se propagar, fazendo-o realizar seu singular destino que é o de se tornar o senhor do Olimpo.

Quinto *mitema:* Frequente nos ritos e lendas de diversas culturas, parece, numa primeira leitura, ausente do mito de Marsias. E de alguma forma o complemento negativo do quarto mitema. A cabeça da vítima é separada do resto do corpo (que pode ser queimado, comido, enterrado); a cabeça é preciosamente conservada, seja para assustar os inimigos, seja para atrair os favores do espírito do morto multiplicando os cuidados a esse ou àquele órgão desta cabeça: boca, nariz, olhos, orelhas...

Esse quinto mitema me parece construído sobre a seguinte antinomia: ou a cabeça sozinha é conservada depois de ter sido

separada do corpo, ou a pele inteira é conservada, inclusive o rosto e o crânio. Não é somente o elo entre a periferia (a pele) e o centro (o cérebro) que é destruído ou reconhecido; antes de tudo é o elo entre a sensibilidade tátil, espalhada sobre toda a superfície do corpo, e os quatro outros sentidos externos localizados no rosto. A individualidade da pessoa, anunciada pelo mitema quatro que enfatiza sua ressurreição (isto é, por exemplo, a volta regular da consciência de si ao acordar), requer a relação entre as diferentes qualidades sensoriais sobre esse "continuum" de fundo fornecido pela representação da pele global.

Se a cabeça cortada é conservada prisioneira, enquanto o resto do corpo é jogado ou destruído, o espírito do morto perde toda a vontade própria; ele é alienado à vontade do proprietário de sua cabeça. Ser si mesmo é, em primeiro lugar, ter uma pele própria e, em segundo lugar, servir-se dela como de um espaço onde se colocam as sensações no lugar.

A égide de Zeus não somente o protegia dos inimigos, mas também a horrível cabeça da Górgona, sobre ela fixada, assombrava os inimigos. Guiado por um escudo de bronze polido que Atenas colocava em cima de sua cabeça, Perseu pode vencer a horrorosa Górgona e decapitá-la; ele tinha dado a cabeça em agradecimento para Atenas, que a tinha utilizado para reforçar o poder da égide.

Sexto *mitema:* Sob o símbolo desta pele suspensa e imortal do deus flautista Marsias, jorrou, impetuoso e barulhento, o rio Marsias com águas abundantes, promessas de vida para a região e cujos estrondos repercutidos pelas paredes da caverna produzem uma música que encanta os frígios.

A metáfora é clara. De uma parte, o rio representa as pulsões de vida, com sua força e seus encantos. De outra parte, a energia pulsional só aparece disponível a quem preservou a integridade de seu Eupele, apoiado ao mesmo tempo sobre o envelope sonoro e sobre a superfície cutânea.

Sétimo *mitema:* O rio Marsias é também uma fonte de fecundidade para a região: assegura a germinação das plantas, a reprodução dos animais, a fecundação das mulheres.

Aí também a metáfora é explícita: a realização sexual requer a aquisição de uma segurança narcísica de base, de um sentimento de bem estar na sua pele.

O mito de Marsias permanece mudo sobre as qualidades da pele que estimulam o desejo sexual. Outros mitos, contos ou relatos de ficção nos esclarecem: a pele da mãe desejável para o menino é vivida como "Vénus *à la fourrure"* (Sacher-Masoch); a pele do pai que tem projeções incestuosas é vivida pela filha como "Peau *d'Ane"* (Perrault).

O excesso de desejo sexual é tão perigoso para a fecundidade como a sua carência. Édipo, que teve a impropriedade de fazer quatro filhos em sua mãe, mergulha Tebas na esterilidade.

Oitavo *mitema: A* pele de Marsias, suspensa na gruta de Celena, era sensível à música do rio e aos cantos dos fiéis, ela tremulava ao som das melodias frígias, mas era surda e imóvel às árias tocadas em honra a Apolo.

Esse mitema ilustra o fato de que a comunicação srcinal entre o bebê e o ambiente materno e familiar é um espelho ao mesmo tempo tátil e sonoro. Comunicar é primeiro entrar em ressonância, vibrar em harmonia com o outro.

O mito de Marsias pára aí, mas outros mitos me levam a propor um último mitema:

Nono *mitema*: A pele se destrói por si só ou é destruída por uma outra pele. O primeiro caso tem por alegoria *"La Peau dé chagrin"* (Balzac): a pele individual se encolhe simbolicamente de uma maneira proporcional à energia que ela permite despender para viver e paradoxalmente seu bom funcionamento se aproxima e nos aproxima da morte por um fenômeno de auto-usura. O segundo caso é o da pele que mata, ilustrada por dois célebres mitos gregos: a roupa e as jóias, intencionalmente envenenadas, que Medéia envia a sua rival, queimam-na no momento em que ela as veste, assim como seu pai, que acorreu em seu socorro, e todo o palácio real; a túnica, involuntariamente envenenada por Dejanira no sangue e esperma do pérfido centauro Nessos (que dela abusou física e moralmente), cola na pele de seu infiel marido Héracles e o veneno assim aquecido penetra na epiderme do herói e o corrói; tentando arrancar esta segunda pele corrosiva, Héracles arranca pedaços de sua própria carne; louco de dor, não tem outra solução para se livrar deste envelope auto-destruidor senão a de se imolar no fogo, sobre uma pira que seu amigo Filoctetes aceita de acender por misericórdia.

Qual é o correspondente psicológico desse mitema? Aos ataques fantasmáticos eventualmente acompanhados de passagem à ação contra os conteúdos do corpo e do pensamento, convém acrescentar as noções de ataques contra o continente, do retomo sobre o continente dos ataques contra o conteúdo, e mesmo de retorno do continente contra ele próprio, noções sem as quais a problemática masoquista não pode ser explicada. Os oito primeiros mitemas, cujo encadeamento constitui o mito particular de Marsias, são, cada um a seu modo, o lugar de um combate análogo, de um conflito interno do qual a competição entre Apolo e Marsias oferece uma representação.

Este retorno destruidor parece ter por analogia um retorno criador que consiste, como mostrou Guillaumin (1980), em imaginar a pele como uma luva, fazendo do conteúdo um continente, do espaço interno uma chave para estruturar o externo, do sentir intemamente uma realidade que se pode conhecer.

Voltemos ao romance de Sacher-Masoch: o episódio final da "Vénus *à la fourrure"* apresenta uma variante do primeiro mitema de Marsias. Sévérin assistiu, escondido, ao intercurso sexual de sua amante, Wanda, e o amante, o Grego: assim, é o desejo "voyeurista" que vai ser punido em Sévérin como o desejo exibicionista o foi em Marsias. Wanda abandona então Sévérin, firmemente preso a uma coluna, às chicotadas do Grego, assim como Atenas, por sua maldição, enviou Marsias ao escorchamento de Apolo. É subentendido nos textos gregos que ela assiste ao suplício. A analogia é reforçada por outros dois detalhes: Sacher-Masoch descreve a beleza do Grego comparando-o a uma estátua de efebo antiga; é uma maneira indireta de dizer que ele é bonito como Apolo. As últimas frases do romance deixam claro a renúncia de Sévérin ao seu sonho masoquista: ser chicoteado por uma mulher, mesmo fantasiada de homem, ainda passa; mas "ser esfolado por Apolo" (como na penúltima linha do texto), por um grego robusto sob uma aparência ambígua de mulher travestida, por um grego que bate forte, não passa. O prazer atingiu seu ponto de horror insustentável.

Os nove mitemas do mito grego de Marsias trazem uma confirmação indireta à teoria (que exponho no capítulo 7) das nove funções do Eu-pele.

5

Psicogênese do eu-pele

O *duplo "feedback": no sistema diádico mãe-filho*

Desde os anos 70, um considerável interesse científico tem se voltado para os recém-nascidos. Sobretudo as pesquisas do pediatra Berry Brazelton (1981), desenvolvidas na Inglaterra e depois nos Estados Unidos, paralelamente às minhas próprias reflexões sobre o Eu-pele e independentemente delas, trazem interessante confirmação e detalhes complementares. A fim de estudar o mais cedo e o mais sistematicamente possível a díade bebê-círculo maternante (que eu prefiro chamar "maternante" em vez de materno para não limitar o círculo maternante à mãe biológica), Brazelton apresentou em 1973 uma *Escala de avaliação do comportamento do recém-nascido,* em seguida amplamente aplicada nos Estados Unidos. Ele obteve os seguintes resultados:

1. No nascimento e nos dias que se seguem, a criança apresenta um esboço do Eu, em virtude das experiências sensoriais já realizadas no fim de sua vida intra-uterina, e também sem dúvida do código genético que predeterminaria seu desenvolvimento nesse sentido. Para sobreviver, o recém-nascido tem necessidade não somente de receber os cuidados repetidos e ajustados de um círculo maternante, mas também: a) de emitir em relação ao círculo sinais suscetíveis de desencadear e refinar esses cuidados; b) de explorar o ambiente físi-

co à procura das estimulações necessárias para exercer suas potencialidades e ativar seu desenvolvimento sensório-motor.

2. O bebê na situação de díade é um parceiro não passivo, mas ativo (cf. M. Pinol-Douriez, 1984); ele interage constantemente com o ambiente em geral, com o círculo maternante em particular, desde que este último esteja presente; o bebê logo desenvolve técnicas para tomar esse círculo presente quando sente necessidade.

3. O bebê solicita os adultos que o rodeiam (e em primeiro lugar sua mãe) do mesmo modo que o adulto solicita o bebê. Esta dupla solicitação (que corresponderia a determinismos epigenéticos previstos ou preparados pelo código genético) se desenvolve de acordo com um encadeamento que Brazelton compara ao fenômeno físico do "feedback", isto é, em cibernética, ao circuito de auto-regulação próprio dos sistemas assistidos. A solicitação mútua permite ao bebê agir sobre o círculo humano (e, através dele, sobre o ambiente físico) , adquirir a diferenciação fundamental do animado e do inanimado, imitar as imitações de alguns de seus gestos que os adultos lhe devolvem e assim se preparar para a aquisição da palavra. Isto pressupõe - o que discutirei mais adiante - considerar a díade mãe-bebê como único sistema formado de elementos interdependentes trocando informações entre eles e no qual o "feedback" funciona nos dois sentidos, da mãe para o bebê e do bebê para a mãe.

4. Se o círculo maternante não entra nesse jogo de solicitação recíproca e não alimenta esse duplo "feedback" ou se uma deficiência do sistema nervoso priva o bebê da capacidade de tomar iniciativas sensório-motoras em relação às pessoas que o cercam e/ou de responder aos sinais emitidos por sua causa, o bebê apresenta reações de retraimento ou de cólera, passageiras se a frieza, a indiferença, a falta de círculo maternante são elas próprias passageiras (como Brazelton observou experimentalmente, pedindo a mães habitualmente comunicativas que mantivessem um rosto impassível e se abstivessem voluntariamente durante vários minutos de qualquer manifestação em relação a seu bebê). Essas reações tendem a permanecer duráveis, intensas e patológicas se a não-resposta do círculo maternante persistir.

5. Os pais sensíveis ao "feedback" devolvido pelo bebê se guiam por ele para agir, para mudar eventualmente de atitude, para se sen-

tirem seguros no exercício de sua função parental. Um bebê passivo e indiferente (em consequência de um traumatismo intra-uterino ou de uma falha no código genético) mergulha na incerteza e no desespero àqueles que se ocupam dele; pode acontecer até, como notou M. Soulé (1978), de deixar sua mãe louca, pois nunca teve proble- mas desse tipo com seus outros filhos.

6. Modelos de comportamento psicomotor se instalam precocemente no bebê por ocasião dessas interações; se bem-sucedidos, repetidos e apreendidos, tomam-se comportamentos preferidos e precursores dos modelos cognitivos posteriores. Asseguram o desenvolvimento de um estilo e de um temperamento próprios ao bebê, os quais fornecem, por sua vez, um referencial que se torna para as pessoas que o cercam um meio de prever as reações do bebê (por exemplo, seus períodos de alimentação, de sono, de atividade de qualquer tipo) e que determina o nível de alerta daqueles que o cuidam (cf. Ajuriaguerra: a criança é "criador de mãe"). As pessoas que o cercam começam então a considerá-lo como uma pessoa, isto é, como tendo um Eu individual. Eles o cercam do que Brazelton chama um "envelope de maternagem" constituído por um conjunto de reações adaptadas à sua personalidade única. Brazelton fala também de um "envelope de controle", recíproco do precedente: as reações do bebê cercam com um envelope de controle seu círculo humano que ele obriga a dar atenção às suas reações. Brazelton fala igualmente do sistema de duplo "feedback" como um "envelope" que engloba a mãe e o bebê (o que corresponde ao que chamo o Eu-pele).

7. O estudo experimental com bebês determinou a natureza de alguns dos circuitos de "feedback" específicos, possíveis pelas sucessivas etapas da maturação nervosa e que o bebê experiencia se lhe possibilitam:

— o prolongado olhar do bebê fixando o olhar da mãe, "olhos nos olhos", entre 6 semanas e 4 meses aproximadamente (antes de 3-4 meses o bebê atrai a atenção do adulto pelo olhar; depois de 3-4 meses, pelos contatos corporais e depois as vocalizações);

— a identificação precoce pelo bebê (de alguns dias ou de algumas semanas) da melodia habitual da voz materna, com efeitos tranquilizadores da agitação e de estimulação de certas atividades;

— os mesmos efeitos quando da apresentação de um tecido impregnado pelo odor materno ao bebê;

— a distinção reflexa pelo bebê, seis horas depois do nascimento, de um sabor bom (açucarado), de um sabor neutro (água insípida) e de um sabor mau (com três graus crescentes, o salgado, o ácido, o amargo), e as modulações progressivas dessas distinções reflexas nos meses que se seguem, de acordo com os encorajamentos, as proibições, as exortações do círculo maternante, o bebê aprendendo a ler sobre a mímica da mãe aquilo que ela considera como bom ou como mau para ele e que não corresponde sempre exatamente (e mesmo nada) ao esquema reflexo srcinário do bebê (Chiva, 1984);

— a percepção dos sons verbais como distintos dos outros sons, e sua diferenciação segundo as mesmas categorias que os adultos a partir de dois meses.

8. O sucesso do bebê, em interação com o círculo maternante, em estabelecer esses circuitos de "feedback" sucessivos, acrescenta a suas capacidades de discriminação sensorial, de realização motora e de emissão significante uma força que o estimula a experimentar outros circuitos, a tentar novas aprendizagens. O bebê adquire um poder de domínio endógeno que vai de um sentimento de confiança nas suas conquistas a um sentimento euforizante de poder ilimitado; à medida que domina cada etapa conquistada, a energia, longe de se dissipar pelo desgaste na ação, é, ao contrário, aumentada pelo sucesso (fenômeno de recarga libidinal, de acordo com a psicanálise) e é investida na antecipação da etapa seguinte; esse sentimento de uma força interior é indispensável ao bebê para realizar as reorganizações de seus esquemas sensório-motores e afetivos, necessários a partir de sua maturação e suas experiências.

O sucesso do bebê nas suas conquistas sobre o meio psíquico e sobre o círculo humano suscita da parte desse círculo não apenas uma aprovação, mas também marcas complementares gratificantes das quais o bebê procura provocar o retorno para seu prazer: à força do desejo de se lançar em novas conquistas se acresce a força do desejo de se antecipar às expectativas dos adultos.

Divergências entre os pontos de vista cognitivo e psicanalítico

A psicologia experimental e a psicanálise concordam quanto à existência de um pré-Eu corporal no recém-nascido, dotado de um "élan" integrador dos diversos dados sensoriais, de uma tendência a ir ao encontro dos objetos, a acionar estratégias em relação aos objetos, estabelecer com as pessoas do círculo maternante relações de objeto (sendo o apego um caso particular), dotado de uma capacidade de regulação pela experiência das funções corporais e psíquicas que o código genético e o desenvolvimento intra-uterino colocaram à sua disposição, entre elas, aquela de discernir os ruídos e sons não-verbais e de reconhecer, no interior destes últimos, as distinções fonológicas pertinentes na língua falada ao seu redor, dotado da capacidade de emitir sinais dirigidos para o círculo humano (primeiro, mímica e choro e talvez emissão de odores; depois, olhar e postura, e, em seguida, gestos e vocalizações). Este pré-Eu corporal é um precursor do sentimento de identidade pessoal e do senso de realidade que caracterizam o Eu psíquico propriamente dito. Ele explica dois fatos objetiva e subjetivamente constatáveis: por um lado, logo após o nascimento, o ser humano é um indivíduo que possui seu estilo particular e verdadeiramente o sentimento de ser um Self único; por outro lado, seu sucesso nas experiências já mencionadas preenche seu pré-Eu de um dinamismo que o leva a tentar novas experiências e que se acompanha de um sentimento verdadeiro de júbilo.

Não existem diferenças importantes entre uma teoria do tipo cognitivista e uma teoria do tipo psicanalítico. A primeira acentua a simetria entre o círculo maternante e o bebê, considerados parceiros tendendo para um sistema homeostático. Não me surpreende que o estudo dos bebês mobilize no observador ilusões como se os visse através de vidro deformante, dos quais ele efetua suas observações. Revela-se então ultrapassada a ilusão de um bebê passivo, com psiquismo tábula rasa ou caráter maleável. Ela é substituída pela ilusão de um bebê competente, dinâmico, parceiro quase em igualdade na interação, formando com sua mãe, se ela própria é uma parceria competente e dinâmica, uma dupla perfeitamente adaptada e feliz, mais

próxima do par de gêmeos do que da díade complementar, porém assimétrica, composta de um adulto com desenvolvimento supostamente terminado e de um ser, senão prematuro, pelo menos inacabado. A mesma ilusão gemelar é igualmente reavivada no adulto enamorado: Berenstein e Puget (1984) mostraram que a ilusão funde o casal amoroso. Ora, só pode haver simetria em relação a um plano (ou a um eixo). Constato que esse plano é fornecido por uma fantasia - desprezada pelos experimentalistas - de uma pele comum à mãe e ao filho; essa fantasia tem uma estrutura de interface; trata-se de uma interface particular, que separa duas regiões do espaço tendo o mesmo regime e entre as quais se instala uma simetria (se os regimes são diferentes, ou se eles são mais do que dois, a estrutura da interface se modifica, ela se enriquece, por exemplo, de bolsões ou de pontos de fraturas).

Os psicanalistas insistem (cf. notadamente Piera Aulagnier, 1979) sobre a assimetria entre o paciente e o psicanalista, entre o bebê e o círculo humano, sobre a dependência primeira e o desamparo srcinário (denominado como tal por Freud, 1895), aos quais, sob o efeito do processo psicanalítico, o paciente regride. Winnicott constatou que ao lado dos estados de integração do Eu físico e do Eu corporal, o bebê experimenta estados de não-integração que não são necessariamente dolorosos e que podem ser acompanhados do sentimento eufórico de ser um Self psíquico ilimitado; ou, ainda, que o bebê pode desejar não se comunicar, por se achar muito bem ou muito mal. O pequenino adquire, pouco a pouco, um esboço de compreensão da linguagem humana, mas que se limita à segunda articulação e sem ter a possibilidade dela se servir para emitir mensagens; a primeira articulação lhe escapa; ele sente esse mistério sonoro e sua impossibilidade semiótica entre dor e cólera como uma violência psíquica fundamental exercida sobre ele - o que Piera Castoriadis-Aulagnier (1975) chamou de "violência de interpretação" - sem contar a brutalidade das agressões físicas e químicas às quais seu corpo é exposto, sem falar da "violência fundamental" (Bergeret, 1984), da cólera, da rejeição, da indiferença, dos maus tratos e das agressões provenientes do círculo humano. Esta dependência cada vez mais mal tolerada por uma mãe que é o "porta-voz" (Piera Castoriadis-Aulagnier, 1975), necessária às suas necessidades, e esta violência atualizam em seu nascente Eu psíquico o imago

da mãe persecutória que desperta fantasias atemorizantes e o obriga a mobilizar mecanismos de defesa inconscientes que vão freiar, parar ou destruir o feliz desenvolvimento acima esboçado: o desmantelamento interrompe o dinamismo integrador das sensações; a identificação projetiva impede o "feedback" de se constituir em circuito; a múltipla divagem dispersa num espaço nebuloso, que não é nem interno nem externo, aglomerados de partes do Self e de partes do objeto; um cinturão de rigidez muscular ou de agitação motora ou de sofrimento físico vem constituir uma segunda pele psicótica ou uma carapaça autista ou um envelope masoquista que supre o Eu-pele enfraquecido, mascarando-o.

Uma segunda divergência decorre do fato que Brazelton trabalha sobre comportamentos e de acordo com o esquema estímulo-resposta, enquanto o psicanalista trabalha sobre fantasias, correlacionadas a conflitos inconscientes e a organizações particulares do espaço psíquico. Brazelton chega até a considerar, com razão, que os múltiplos "feedback" seqüenciais que intervém na relação bebê-círculo maternante constituem um sistema dinâmico, e mesmo econômico, e criam uma realidade psíquica nova de natureza topográfica que ele chama "envelope", sem precisar do que se trata. Envelope é uma noção abstrata que exprime o ponto de vista de um observador minucioso, mas de fora. Ora, o bebê tem uma representação concreta deste envelope, que lhe é fornecida por aquilo que ele com freqüência experiencia sensorialmente, a pele, uma experiência sensorial permeada de fantasias. São essas fantasias cutâneas que vestem seu Eu nascente com uma representação, certamente imaginária, mas que mobiliza, retomando uma expressão de Paul Valéry[1], aquilo que há de mais profundo em nós e que é nossa superfície. São eles que marcam os níveis de estruturação do Eu e que traduzem as falhas. O desenvolvimento dos outros sentidos é relacionado à pele, superfície fantasmática "srcinária" (no sentido como P. Castoriadis-Aulagnier, 1975, entende o srcinário, como precursor e base do funcionamento psíquico primário).

1. *A idéia fixa: "O que há de mais profundo no homem é a* pele." "Depois medula, cérebro, tudo o que é necessário para sentir, sofrer, pensar... .ser*profundo* (...), são as invenções da pele!... Nós nos esforçamos em vão de nos aprofundar, doutor, nós somos... ectoderma." (E Valéry, La Pléiade, tomo 2, pp. 215-216.)

Encontro, como psicanalista, uma terceira divergência na interpretação dos resultados experimentais. Segundo os psicólogos cognitivistas, o sentido do tato não estaria entre os primeiros a se desenvolver. As sensibilidades gustativa, olfativa, auditiva, cuja existência é comprovada desde o nascimento, permitiriam ao bebê a identificação de sua mãe (e a identificação consecutiva à sua mãe), como também um esboço de diferenciação entre o que lhe é bom e o que lhe é mau. Conseqüentemente, quando o pequenino entra no universo das comunicações intencionais, as ecopraxias, as ecolalias, as ecorritmias desempenhariam um papel mais decisivo do que o que eu propus chamar os ecotactilismos, ou trocas significantes de contatos táteis.

Tenho várias objeções contra esta minimização do papel da pele no desenvolvimento do psiquismo. No embrião, ou no recém-nascido, a sensibilidade tátil é a primeira que aparece (cf. p. 27) e está aí sem dúvida a conseqüência do desenvolvimento do ectoderma, origem neurológica comum da pele e do cérebro. O acontecimento do nascer traz para a criança no momento de seu nascimento uma experiência de massagem em todo o corpo e de fricção generalizada da pele durante as contrações maternas e durante a expulsão para fora do envelope vaginal dilatado para as dimensões do bebê. Sabe-se que esses contatos táteis naturais estimulam o desencadeamento das funções respiratórias e digestivas; em caso de insuficiência, são substituídos por contatos artificiais (sacudidelas, banhos, compressas quentes, massagens manuais). O desenvolvimento das atividades e das comunicações sensoriais peta audição, pela visão, pelo olfato, pelo paladar é por sua vez favorecido pela maneira como as pessoas do círculo maternante carregam a criança, acalmam-na apertando seu corpo contra o delas, amparam sua cabeça ou sua coluna vertebral. Como a linguagem corrente mostra, falando de "contato" para todos os sentidos (contata-se ao telefone com alguém que se escuta à distância sem o ver; tem-se bom contato com alguém que se vê, mas que não se toca), a pele é a referência de base à qual espontaneamente são relacionados os diversos dados sensoriais. A pele, supondo-se que ela não tenha a anterioridade cronológica, possui uma prioridade estrutural sobre todos os outros sentidos pelo menos por três razões. Ela é o único sentido que recobre todo o corpo. Ela própria contém vários sentidos distintos (calor, dor, contato, pressão...) cuja

proximidade física leva a uma contigüidade psíquica. Enfim, como Freud (1923) assinala alusivamente, o tocar é o único dos cinco sentidos externos que possui uma estrutura reflexiva: a criança que toca com o dedo as partes de seu corpo experimenta as duas sensações complementares de ser um pedaço de pele que toca, ao mesmo tempo de ser um pedaço de pele que é tocado. Sobre este modelo da reflexividade tátil se constroem as outras reflexividades sensoriais (escutar, emitir sons, aspirar seu próprio odor, se olhar no espelho) e a reflexividade do pensamento.

Particularidades do Eu-pele considerado como interface

Posso agora precisar minha concepção do Eu-pele. O círculo maternante é assim chamado porque ele "circunda" o bebê com um envelope externo feito de mensagens e que se ajusta com uma certa flexibilidade deixando um espaço disponível ao envelope interno, à superfície do corpo do bebê, lugar e instrumento de emissão de mensagens: ser um Eu é sentir a capacidade de emitir sinais ouvidos pelos outros.

Este envelope sob medida acaba por individualizar o bebê pelo reconhecimento que lhe traz a confirmação de sua individualidade: ele tem seu estilo, seu temperamento próprio, diferente dos outros sobre um fundo de semelhança. Ser um Eu é sentir-se único.

O espaço entre o folheto externo e o folheto interno deixa ao Eu, quando mais tarde se desenvolver, a possibilidade de não se fazer compreender, de não comunicar (Winnicott). Ter um Eu, e poder se voltar sobre si mesmo. Se o folheto externo se cola muito à pele da criança (cf. o tema da túnica envenenada na mitologia grega), o Eu da criança é sufocado no seu desenvolvimento, ele é invadido por um dos Eu do meio que o cerca; é uma das técnicas, assinalada por Searles (1965), de deixar o outro louco.

Se o folheto externo é muito frouxo, o Eu fica sem consistência. O folheto interno tende a formar um envelope liso, contínuo, fechado, enquanto o folheto externo tem uma estrutura em rede (cf. a

"peneira" das barreiras de contato segundo Freud, que eu exporei mais adiante - p. 98). Uma das patologias do envelope consiste em uma inversão das estruturas: o folheto externo proposto/imposto pelo círculo humano se torna rígido, resistente, enclausurante (segunda pele muscular) e é o folheto interno que se revela furado, poroso (Eu-pele escorredor).

O duplo "feedback" observado por Brazelton leva, na minha opinião, a constituir uma interface representada sob a forma de uma pele comum à mãe e ao filho, interface tendo de um lado a mãe e, de outro, o filho. A pele comum os mantém ligados, mas com uma simetria que esboça sua separação futura. Esta pele comum, os abarcando um ao outro, assegura entre os dois parceiros uma comunicação sem intermediário, uma empatia recíproca, uma identificação adesiva: tela única que entra em ressonância com as sensações, os afetos, as imagens mentais, os ritmos vitais dos dois.

Antes da constituição da fantasia da pele comum, o psiquismo do recém-nascido é dominado por uma fantasia intra-uterina, que nega o nascimento e que exprime o desejo próprio ao narcisismo primário de um retomo ao seio materno - fantasia de inclusão recíproca, de fusão narcísica primária na qual ele de certa forma arrasta sua mãe, mesmo ela estando esvaziada pelo nascimento do feto que carregava; fantasia reavivada mais tarde pela experiência amorosa, segundo a qual cada um dos dois, tomando-o nos seus braços, envolvería o outro, estando por ele envolvido. Os envelopes autistas (cf. p.288) traduzem a fixação na fantasia intra-uterina e o fracasso em se aproximar da fantasia de uma pele comum. Mais precisamente, em razão desse fracasso (seja ele devido a uma falha de seu programa genético, a um "feedback" deficiente do círculo humano, a uma incapacidade de fantasmatização), o bebê, por uma reação prematura e patológica de auto-organização negativa, escapa ao funcionamento em sistema aberto, se protege num envelope autista e se retira num sistema fechado, aquêle de um ovo que não se rompe.

A interface transforma o funcionamento psíquico em sistema cada vez mais aberto, o que encaminha a mãe e o filho para funcionamentos cada vez mais separados. Porém a interface mantém os dois parceiros numa mútua dependência simbiótica. A etapa seguinte requer o desaparecimento desta pele comum e o reconhecimento

de que cada um tem sua própria pele e seu próprio Eu, o que não acontece sem resistência nem dor. São agora as fantasias da pele arrançada, da pele roubada, da pele assassinada ou assassina que estão agindo (cf. D. Anzieu, 1984).

Se as angústias ligadas a essas fantasias chegam a ser superadas, a criança adquire um Eu-pele que lhe é próprio de acordo com um processo de dupla interiorização:

a) Da interface, que se toma um envelope psíquico continente dos conteúdos psíquicos (de onde a constituição, segundo Bion, de um aparelho para pensar os pensamentos).

b) Do círculo maternante, que se toma o mundo interior dos pensamentos, das imagens, dos afetos.

Esta interiorização tem por condição o que eu chamei de duplo interdito do tocar (cf. cap.10). A fantasia em jogo, típica do narcisismo secundário, é aquela de uma pele invulnerável, imortal, heróica.

A fixação a uma ou a outra dessas fantasias, particularmente à da pele arrancada, os mecanismos de defesa acionados para reprimi-las, projetá-las, invertê-las, superinvesti-las eroticamente, desempenham um papel particularmente evidente nos dois domínios das afecções dermatológicas e do masoquismo.

Resumindo os trabalhos pós-kleinianos, D. Houzel (1985 a) descreve as fases cada vez mais complexas da organização do espaço psíquico que convergem com a evolução do Eu-pele que acabo de esboçar. Na primeira fase (que Houzel de maneira discutível chama de amorfa e que é de fato marcada pela mamada do seio-leite e pela fermentação intestinal), o bebê vive sua substância psíquica como líquida (de onde a angústia do esvaziamento) ou como gasosa (de onde a angústia de explosão); a frustração provoca, na pára-excitação que se esboça, fissuras abrindo a porta ao esvaziamento ou à explosão; a falta de consistência interna do Self deve ser relacionada com a não-constituição da primeira função do Eu-pele (sustentação por apoio sobre um objeto-suporte).

Na segunda fase, a aparição dos primeiros pensamentos (que são os pensamentos de ausência, de falta) torna tolerável as deiscências abertas no envelope pelas frustrações. “O pensamento é como

uma carpintaria interna." Mas - acrescento - são pensamentos cujo exercício requer a segurança de uma continuidade de contato com o objeto-suporte, tornado cada vez mais um objeto continente (cf. minha noção do seio-pele), continuidade de contato que encontra sua representação na fantasia de uma pele comum. A relação de objeto se baseia na identificação adesiva (Meltzer, 1975). O Self ainda mal diferenciado do Eu é sentido como superfície sensível que permite a constituição de um espaço interno diferente do espaço externo. O espaço psíquico é bidimensional. "A significação dos objetos é então experimentada como inseparável das qualidades sensuais que se pode perceber na sua superfície." (Meltzer, *ibid.)*

Na terceira fase, com o acesso à tridimensionalidade e à identificação projetiva, aparece o espaço interno dos objetos, semelhante porém distinto do espaço interno do Self, espaços nos quais os pensamentos podem ser projetados ou introjetados; o mundo interior começa a se organizar graças às fantasias de exploração do interior do corpo da mãe; constitui-se o aparelho de pensar os pensamentos; "produz-se o nascimento psíquico" (M. Mahler, in F. Tustin, 1972). Mas a simbiose persiste; o tempo fica cristalizado, repetitivo ou oscilante, cíclico.

Na fase seguinte, a identificação introjetiva aos bons pais combinados na cena primária e fantasiados fecundos e criadores conduz à aquisição do tempo psíquico. Existe agora um sujeito que tem uma história interior e que pode passar da relação narcísica a uma relação objetal. As seis outras funções positivas que atribuo ao Eu-pele (depois da manutenção e da continência) podem se desenvolver; a função negativa de autodestruição do continente se toma menos temível.

Dois exemplos clínicos

Observação de Juanito

> Uma colega latino-americana, que escutou uma das minhas conferências sobre o Eu-pele, conta esse caso. Juanito, portador de uma malformação congênita, precisou ser operado logo após o nascimento nos Estados Unidos. Sua mãe tinha interrompido suas atividades familiares e profissionais para

> acompanhá-lo, mas, durante muitas semanas, ela só pôde vê-lo através de um vidro, sem tocá-lo nem com ele falar. A operação foi bem-sucedida. A convalescença, graças às condições draconianas, foi bem desenvolvida. Depois do retorno ao país de srcem, a aquisição da palavra foi efetuada normalmente e até mesmo precocemente. O garotinho, espantosamente, conservou seqüelas psíquicas importantes que motivatam uma psicoterapia ao redor dos 5-6 anos.
>
> O momento decisivo da psicoterapia é uma sessão na qual Juanito descola da parede uma grande placa ainda virgem de papel adesivo lavável, específico para que as crianças pudessem pintar livremente sobre a parede. Ele pica essa placa em pedacinhos, se despe por inteiro e pede à sua psicoterapeuta para colar esses pedaços sobre todo o seu corpo, com exceção dos olhos, insistindo sobre a dupla necessidade de por um lado utilizar todos os pedaços e, por outro, recobrir a totalidade de seu corpo sem deixar interstícios (com exceção do olhar). Nas sessões seguintes, ele repete este jogo de envolvimento integral de sua pele pela sua psicoterapeuta e faz o mesmo a um boneco pelado de celuloide.

Juanito procurou assim reparar as falhas de seu Eu-pele, devidas à carência, inevitável numa hospitalização, de contatos táteis e sonoros e de manipulações corporais por parte da mãe e do círculo maternante. A manutenção do elo visual quotidiano com a mãe permitiu a salvaguarda do Eu nascente: de onde a necessidade, no jogo de colagem com sua psicoterapeuta, de preservar seus olhos abertos. Esse menininho inteligente, e tendo um bom domínio da linguagem, soube verbalizar para sua psicoterapeuta as duas necessidades de seu Eu corporal: a necessidade de sentir sua pele como uma superfície contínua, a necessidade de registrar todas as estimulações recebidas ao exterior e de integrá-las em um sensorium commune (um senso comum).

Observação de Eleonora

Colette Destombes, que sabe do meu interesse pelo Eu-pele, comunica uma sequência da psicoterapia psicanalítica desta garota de aproximadamente 9 anos, cujo fracasso escolar é patente. A criança, de inteligência aparentemente normal, compreende de momento as explicações da professora, mas é incapaz de retê-las de um dia para outro. Ela aprende suas lições e as esquece em seguida. O sintoma se repete na cura, tornando-a cada vez mais difícil: a garota não se lembra do que disse ou desenhou na sessão precedente. Ela se mostra sinceramente desolada: “Veja que não se pode fazer nada comigo.” Sua psicoterapeuta está no ponto de abandonar, pensando existir uma debilidade subjacente.

Numa sessão onde o sintoma é mais do que nunca flagrante, ela tenta seu último recurso e diz à garota: “Em suma, você tem uma cabeça-escorredor." A criança muda de expressão e de tom: “Como você adivinhou?” Pela primeira vez, ao invés de reprovações explícitas ou implícitas de seu meio, Eleonora recebe de volta uma formulação justa da imagem que ela tem de si mesma e de seu funcionamento psíquico.

Ela explica que se sente exatamente assim, tem medo que os outros percebam isso e faz tudo para esconder o fato, consumindo sua energia mental nessa dissimulação. A partir desse reconhecimento e dessa confissão, ela se lembra de suas sessões. No encontro seguinte, é ela que propõe espontaneamente, à sua psicoterapeuta, desenhar. Desenha uma bolsa. No interior da bolsa, um canivete fechado, que ela abrirá nos próximos desenhos feitos nas sessões seguintes.

Assim, Eleonora pode revelar a alguém que ela finalmente encontrou alguém disposto a compreendê-la, a pulsão que lhe trazia problema. A bolsa é o envelope a partir de então contínuo de seu Eu-pele e que lhe garante o sentimento de continuidade do Self. O canivete é sua agressividade, inconsciente, negada, inclusa, voltada sobre ela própria, e que perfura seu envelope psíquico de um lado a

outro. Pelos múltiplos furos, sua inveja irada e destruidora pode se escoar sem muito perigo estando clivada, fragmentada e projetada em numerosos pedaços. Ao mesmo tempo, pelos mesmos furos, sua energia psíquica se esvazia, sua memória se perde, a continuidade de seu Self se esfacela, seu pensamento nada pode conter.

A partir daí, a psicoterapia se desenrolou normalmente, o que não quer dizer sem dificuldades. A menina liberou uma agressividade cada vez mais aberta e violenta, atacando e ameaçando sua psicoterapeuta, mas de uma maneira passível de interpretação e que representava um progresso em relação à fase precedente de reação terapêutica negativa, onde ela destruía em silêncio sua psicoterapia e seu aparelho de pensar os pensamentos. Esta observação de Eleonora coloca em evidência uma configuração freqüente do Eu-pele que resulta em ataques irados inconscientes contra o envelope psíquico continente: o Eu-pele escorredor.

Segunda Parte

Estrutura, Funções, Superação

6

Dois precursores do Eu -pele: Freud , Federn

Freud e a estrutura topográfica do Eu

Relendo Freud, fiquei impressionado, como a maior parte dos seus sucessores, ao ver quanto as inovações por eles propostas se encontram freqüentemente em germe na obra de Freud, sob a forma de pensamentos ainda figurativos ou de conceitos prematuramente esboçados e depois abandonados. Vou tentar mostrar como a primeira descrição dada em 1895 por S. Freud do que ele em 1896 chama de "aparelho psíquico"[1] propõe uma antecipação do Eu-pele, graças à noção não retomada posteriormente por ele e inédita durante sua vida, das "barreiras de contato". Seguirei a evolução de Freud até uma de suas derradeiras descrições do aparelho psíquico, a da *"Notice sur le Bloc magique"* (1925),e me esforçarei em aí colocar em evidência a passagem para um modelo topográfico, cada vez mais despojado de referências anatômicas e neurológicas e que requer uma sustentação implícita e talvez srcinária do Eu sobre as experiências e funções da pele.

Sem dúvida, em razão de sua cultura e de seu espírito científicos, Freud pensa em termos de aparelho, palavra que, em alemão como em francês, designa tanto um conjunto natural como um conjunto fabricado de peças ou de órgãos destinado para um uso prático ou uma função biológica. Nos dois casos, o aparelho em questão (enquanto realidade material) é organizado por um sistema subjacente, realidade abstrata que preside a organização das partes, que

1. Carta a Fliess de 06-XII-1896, em Freud, S., 1887-1902, tr. fr., p, 157.

comanda o funcionamento do conjunto e que permite a produção dos efeitos pesquisados.

Tais são, retomando a Freud os exemplos sobre os quais ele se apóia plenamente, um aparelho elétrico ou um aparelho óptico (no caso de aparelhos concebidos pelo homem), o aparelho digestivo ou o aparelho urogenital (no caso de aparelhos pertencentes ao organismo vivo). Uma das idéias novas de Freud foi estudar o psiquismo como um aparelho e conceber este aparelho articulando sistemas diferentes (isto é, como um sistema de subsistemas).

O *aparelho da linguagem*

Em 1891, na sua primeira obra publicada, "Contribution *a la conception des aphasies",* Freud elabora a idéia e a expressão "aparelho da linguagem"[2]. Criticando a teoria das localizações cerebrais então reinante, ele se inspira explicitamente nas idéias evolucionistas de Hughlings Jackson: o sistema nervoso é um "aparelho" altamente organizado que, em estado normal, integra "modos de reações" correspondentes a "etapas anteriores de seu desenvolvimento funcional" e que, sob certas condições patológicas, libera modos de reação de acordo com uma "involução funcional" (trad. fr., p. 137). O aparelho da linguagem liga dois sistemas (Freud fala de "complexos", não de sistemas), o da representação de palavra e o que ele denomina, a partir de 1915, de representação de coisas e que ele chama, em 1819, as "associações do objeto" ou a "representação do objeto". O primeiro desses "complexos" é fechado, enquanto o segundo é aberto.

Reproduzo, a seguir, a figura 8 do livro com o comentário de Freud (*ibid.*, p. 127):

2. *Sprache apparatus. "Appareil à langage" é* a tradução de J. Nassif (Freud, "I'Inconscient", edições Galilée, 1977, p.266 et sq. O capítulo III *é* inteiramente dedicado ao comentário do livro de Freud sobre a afasia). M. Vincent e G. Diatkine propõem "appareil de langage" (tradução, mimeografada, Instituto de Psicanálise, Paris). C. Van Reeth se atém a "appareil du langage" cm sua tradução francesa (de 1983) da obra de Freud sobre a afasia; minhas citações seguem esta tradução.

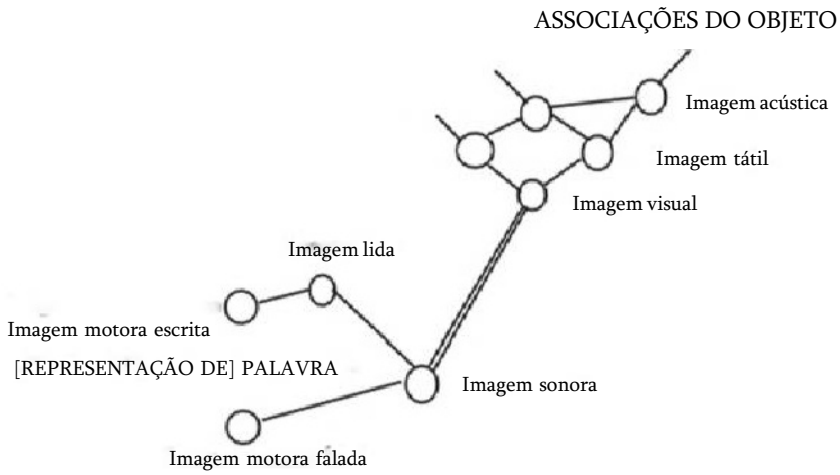


Fig. 8 - Esquema psicológico da representação de palavra.

"A representação de palavra aparece como um complexo representativo fechado; a representação de objeto, ao contrário, aparece como um complexo aberto. A representação de palavra não está ligada à representação de objeto por todas as suas constituintes, mas somente pela imagem sonora. Entre as associações de objeto, são as visuais que representam o objeto da mesma forma que a imagem sonora representa a palavra. As ligações da imagem sonora verbal com as outras associações de objeto não são indicadas[3] ."

O aparelho da linguagem tem por suporte evidentemente um esquema neurológico. "Para que representemos a construção do aparelho da linguagem, nós nos baseamos na observação de que os chamados centros da linguagem são contíguos, em direção ao exterior (marginalmente), a outros centros corticais importantes para a função da linguagem, uma vez que delimitam, em direção ao interior

3. As associações (acústicas, visuais, táteis...) do objeto constituem a representação *de objeto.* Em 1915, na última parte de seu artigo sobre "O inconsciente", Freud modifica sua terminologia e fala então de representação *de coisa,* sempre por oposição à representação da palavra, reservando a expressão representação de *objeto* ao conjunto que combina representação de *coisa e representação de palavra.*

(nuclearmente), uma região de localização não confirmada e que é provavelmente também um campo da linguagem. O aparelho da linguagem revela-se como uma parte contínua do córtex no hemisfério esquerdo, entre as terminações corticais dos nervos acústicos e ópticos, e a terminação dos feixes motores da linguagem e do braço. As partes do campo da linguagem contíguas a estas áreas corticais adquirem - com uma limitação necessariamente indeterminada - a significação de centros da linguagem, no sentido da anatomia patológica e não no sentido da função" (*ibid.,* p. 153).

As lesões situadas nesta periferia separam um dos elementos associados à palavra de suas conexões com os outros, o que não acontece no caso de lesões situadas no centro.

E o esquema psicológico que permite a Freud ver claramente o esquema neurológico e classificar as afasias em três tipos:

— A afasia verbal, onde somente são perturbadas as associações entre os elementos da representação de palavra (é o caso de lesões periféricas com destruição completa de um dos supostos centros da linguagem).

— A afasia assimbólica, que separa a representação de palavra da representação de objeto (a lesão periférica acarreta uma destruição incompleta).

— A afasia agnóstica, que atinge o reconhecimento dos objetos e onde a agnosia perturba conseqüentemente o estímulo para falar (é um distúrbio puramente funcional do aparelho da linguagem decorrente de uma lesão situada no centro).

Do trabalho teórico de Freud sobre o aparelho da linguagem, destaco três traços importantes de sua linha de pensamento: o esforço para separar o estudo da linguagem de uma íntima correlação termo a termo com os dados anatômicos e neurofisiológicos e para buscar a especificidade do pensamento verbal e do funcionamento psíquico em geral; a necessidade de classificação ternária (os três tipos de afasia antecedem a três etapas do aparelho psíquico); e uma intuição topográfica srcinal e promissora: o que funciona como *"suposto* centro" se encontra situado na "periferia".

O *aparelho psíquico*

Em 1895, nos *"Etudes sur l'hystérie",* escritos em colaboração com Breuer, Freud utiliza ainda os termos correntes "organismo" e "sistema nervoso[4]. No *"Esquisse d'une psychologie scientifique",* em 1895, ele diferencia o "sistema nervoso"[5] em três sistemas correspondentes a três tipos fictícios de neurônios, os "sistemas" φ, ■, ϖ com o papel-chave das "barreiras de contato" entre os sistemas φ e ψ; o conjunto forma o "aparelho φ, ψ, e ϖ", protegido do exterior por uma tela pára-quantidades constituída pelos "aparelhos das terminações nervosas".

Em *"L'Interprétation de rêves",* obra publicada em 1899 e datada de 1900, Freud introduz a expressão original "aparelho psíquico"[6]. Freud já comunicara essa expressão a Fliess no dia 6 de dezembro de 1896, relacionando-a explicitamente a seu trabalho anterior sobre a afasia, mais precisamente à idéia de que a memória se srcina de um sistema psíquico diferente da percepção e que ela possui não um mas muitos registros dos acontecimentos (o "rearranjo" dos traços que constituem uma "retranscrição"). Esse aparelho psíquico é composto de três sistemas que Freud chama genericamente instâncias[7] (*Instanz*): o consciente, o pré-consciente e o inconsciente, cujas interações particulares decorrem de um fato topográfico, ou seja, eles são separados pelas duas censuras, e de uma diferença de finalidade, isto é, eles obedecem a distintos princípios de funcionamento.

A propriedade essencial desse aparelho - aparelho da linguagem; aparelho φ, ψ, e ϖ; aparelho psíquico - é estabelecer associações, conexões, ligações. O termo "associação" está presente frequentemente na monografia sobre a afasia, texto complexo onde nem sempre é fácil distinguir entre seu emprego no sentido de conexões nervosas e aquele,

4. Na última frase desse livro, trinta anos mais tarde, na reedição em 1925, ele substitui significativamente *Nervensystem* por *Seelenleben* (vida psíquica).

5. A tradução francesa publicada indica "sistema eurônico",

6. Freud escreve indiferentemente *psychischer* ou *seelischer Apparat* (aparelho psíquico ou mental).

7. A *Standard Edition* escolheu para a tradução inglesa o termo *agency* (agência) por razões que são expostas depois do Prefácio Geral (SE, I XXIII-XXIV).

mais utilizado pela psicologia empirista inglesa, das associações de idéias[8].

A evolução teórica de Freud é concomitante não somente à evolução de seus interesses clínicos, mas também à evolução de suas técnicas terapêuticas em relação a seus pacientes neuróticos. Na época do aparelho de linguagem, ele pratica a eletroterapia e a contra-sugestão hipnótica. O aparelho φ, ψ, e ϖ é contemporâneo da passagem do método catártico (exposto nos *"Études* sur *l'hystérie")* ao método da concentração mental com imposição eventual das mãos sobre a fronte do paciente acordado. O aparelho psíquico é concebido mais ou menos ao mesmo tempo que a palavra - e a noção -de "psico-análise" que instaura o método das associações livres e que introduz como uma das fontes da cura a interpretação dos sonhos e as formações inconscientes análogas. Fiquei impressionado de ver quanto a dupla arborescência desenhada pelo esquema psicológico da representação de palavra de 1891 poderia servir para representar a rede das associações livres verbais no pré-consciente e a manifestação destas nas duas direções, da consciência (onde elas se tomam um sistema aberto) e do inconsciente (onde elas compõem um sistema fechado).

Durante trinta anos, esse esquema de uma dupla arborescência assimétrica se toma para Freud um dos modelos implícitos de suas conceitualizações e de sua prática. *"Au-delà do principe du plaisir"* (1920), *"Le Moi et le Ça"* (1923) marcam a ruptura com esse esquema: para representar o aparelho psíquico, a dupla arborescência cede lugar à imagem e à noção de uma vesícula, de um envelope. A ênfase é deslocada dos conteúdos psíquicos conscientes e inconscientes para o psiquismo como continente. A *"Notice sur le Bloc magique"* (1925) termina de precisar a estrutura topográfica deste envelope e de confirmar implicitamente o apoio do Eu sobre a pele. No intervalo, o manuscrito enviado a Fliess em 1895 prosseguiu no retomo epistemológico esboçado por Freud na sua monografia sobre a Aphasie: o aparelho psíquico (próximo de ser assim chamado) é somente um sistema de transformação de forças; a disposição relativa dos subsistemas que o compõe define um espaço psíquico, cujas configurações particulares

8. Que eu saiba, não existe na obra de Freud qualquer estudo consistente sobre a noção de associação. Tal estudo poderia mostrar como Freud passou das concepções neurológica e psicológica do termo à noção propriamente psicanalítica das associações livres.

estão ainda, no espírito e na imaginação de Freud, muito dependentes dos esquemas anatômicos e neurológicos, antes de achar sua base topográfica na projeção da superfície do corpo, sobre o fundo da qual as experiências sensoriais emergem como figuras significantes.

As *barreiras de contato*

Na obra "*Esquisse d'une psychologie scientifique*", enviada a Fliess no dia 8 de outubro de 1895, obra inédita até sua morte, Freud elabora uma noção nova, a de "barreira de contato" (Kontaktschrank), que ele não utiliza em nenhum de seus textos publicados em seguida e que, até o momento, somente Bion entre os psicanalistas retomou com notáveis modificações[9]. O conceito é surpreendente: é o paradoxo de uma barreira que fecha a passagem por estar em contato e que, por este mesmo motivo, permite em parte a passagem. Apesar de Freud não o explicitar, ele parece se inspirar no modelo da resistência elétrica. Esse conceito pertence à especulação neurofisiológica que lhe era cara durante seu período de juventude científica e que ele abandona quase definitivamente com a descoberta do complexo de Édipo em outubro de 1897. Desde 1884, Freud afirmou que a célula e as fibras nervosas constituem uma unidade anatômica e fisiológica, revelando-se assim um precursor da teoria do neurônio, elaborada em 1891 por Waldeyer. Do mesmo modo, a noção de barreira de contato, em 1895, antecipa a de sinapse, enunciada em 1897 por Sherrington. Foi inventada para responder a necessidades teóricas.

A psicologia científica, tal como Freud a concebe, seguindo o modelo das ciências físico-químicas, parte das duas noções fundamentais de quantidade e de neurônio. Ela é a ciência das quantidades psíquicas e dos processos que as afetam, por exemplo, a conversão histérica, as representações hiperintensas das neuroses obsessivas. Quanto aos

9. No capítulo 8 de "Aux sources de l'expérience" (1962), Bion designa por barreira de contato a fronteira entre o inconsciente e o consciente. O sonho é o protótipo da barreira, mas ela se produz também no estado de vigília. Ela está em processo perpétuo de formação. Consiste de um agrupamento e uma multiplicação de elementos alfa. Esses podem ser simplesmente aglomerados, ou ter uma coesão, ou estar ordenados cronológica, lógica, geometricamente. A tela beta constitui a contrapartida patológica.

neurônios, eles obedecem ao princípio de inércia, isto é, tendem a se livrar das quantidades. A crise histérica é um exemplo de ab-reação quase reflexa de uma quantidade importante de excitações de srcem sexual não descarregadas de outra forma. "O processo de descarga constitui a função primária do sistema neurônico" (Freud, S., 1895 a; SE , I, p. 297; tr. ff., p. 317)[10]. Mas o organismo elabora atividades:

— que são mais complexas que as simples respostas reflexas às estimulações exteriores;

— que respondem às grandes necessidades vitais internas (fome, respiração, sexualidade);

— e cujo desencadear requer uma armazenagem prévia de certas quantidades.

Esta complexidade crescente necessária para a satisfação das necessidades vitais chama-se vida psíquica. Ela se apóia sobre a função secundária do sistema nervoso que é de "suportar uma quantidade armazenada". Como esse sistema o faz?"

"Enquanto os neurônios φ são permeáveis (transmitem as quantidades recebidas do mundo exterior, e deixam passar a corrente), os neurônios ψ são impermeáveis; podem estar vazios ou cheios; a extremidade que os contata uns com os outros é dotada de uma barreira de contato que inibe a descarga, retém a quantidade ou permite somente uma 'passagem parcial ou difícil': são estes os pontos de contato que então recebem o valor de barreiras" (SE, I, p, 298; tr. fr., p. 318). As propriedades das barreiras de contato são numerosas e essenciais para o funcionamento psíquico.

1. São retentores de quantidade. Ou, para empregar um termo de Bion, "contentores" de energia, a qual se torna assim disponível para o sujeito.

2. São órgãos plásticos e maleáveis; as barreiras de contato aceitam uma facilitação que permite que uma menor excitação possa atravessá-las na vez seguinte, tornando-se assim cada vez mais permeáveis.

10. Na sequência desse capítulo as referências à tradução francesa se aplicam a *"La Naissance de la psychanalyse*", Paris, KU.E, 1956.

11. Agradeço Jean-Michel Petot que, através de um estudo minucioso dos textos, me ajudou a redigir a passagem seguinte sobre as barreiras de contato.

3. Elas restabelecem a resistência após a passagem da corrente; mesmo quando uma facilitação total se estabelece, persiste uma certa resistência, idêntica em todas as barreiras de contato; e toda a quantidade presente não circula; uma parte permanece retida; são elas detentoras de energia.

4. Em conseqüência, as barreiras de contato podem repartir a quantidade controlada de acordo com diferentes vias de condução: são repartidores de energia: "Uma excitação forte emprega vias diferentes de uma excitação fraca... Assim, cada via φ será aliviada de sua carga e a quantidade maior em φ se manifestará pelo fato de vários neurônios, em vez de um só, se acharem investidos em ψ. Assim, a quantidade em φ se manifesta por uma complicação em [redacted]" (SE, I, 314-315; tr. fr., pp. 333-334). E Freud evoca alusivamente, como caso particular desta propriedade geral, a lei de Fechner (que estabelece que a sensação varia de acordo com o logaritmo da excitação). Um crescimento quantitativo se traduz por mudanças qualitativas que amortecem os aumentos da intensidade primitiva e que produzem qualidades sensíveis cada vez mais complexas.

5. Sua resistência tem um limite. São temporariamente abolidas ou até mesmo por muito tempo pela irrupção de quantidades elevadas. É o caso da dor que, em seguida de uma excitação sensorial de quantidade elevada, impulsiona o sistema φ e se transmite sem obstáculo algum ao sistema [redacted] Esta dor, "à maneira de um raio *(blitz)",* deixa atrás de si facilitações permanentes, e chega mesmo a suprimir definitivamente a resistência das barreiras de contato (SE, I, 307; tr. fr., p. 327).

6. Mas "uma dor pode então sobrevir quando os estímulos exteriores são fracos. Se isso acontece, é porque ela se encontra regularmente associada a uma solução de continuidade. Quero dizer que uma dor se produz quando uma certa quantidade (Q) externa vem agir diretamente sobre as extremidades dos neurônios φ e não por atravessar os aparelhos das terminações nervosas" (*ibid.*). As barreiras de contato são então proteções de segunda linha que, para funcionar, supõem a intervenção em primeira linha, pelo menos em relação ao exterior, de um "pára-

quantidades" (Quantitätsschirme) cuja ruptura abre a via ao transbordamento quantitativo das barreiras de contato. Com efeito:

> "Os neurônios φ não terminam livremente na periferia, mas em estruturas celulares. São essas últimas e não os neurônios φ que recebem os estímulos exógenos. Esses "aparelhos de terminações nervosas" (para empregar este termo no seu sentido mais geral) poderiam servir para impedir as quantidades exógenas (Q) de agir na plenitude de sua força sobre φ, desempenhando assim o papel de telas em relação a certas quantidades (Q) e só deixando passar frações de quantidades exógenas (Q)."
>
> "Tudo isso concordaria com o fato de que o outro tipo de terminação nervosa - a espécie livre, desprovida de qualquer órgão terminal - e de longe a mais comum, na periferia interna do corpo. Nenhuma tela opondo-se às quantidades (Q) seria aqui necessária, provavelmente porque as quantidades a receber (Q, [redacted] não exigem ser levadas ao nível intercelular visto que elas já estão, à primeira vista, nesse nível" (SE, I, 306; tr., fr., pp. 325-326).

Trata-se de uma estrutura assimétrica. Apesar de Freud não falar ainda de envelope psíquico, este é pressentido e descrito como um encaixe de duas camadas, uma camada externa ("pára-quantidades"; cf. a membrana celulósica dos vegetais, o couro e a capa de pêlo dos animais), uma camada interna (a rede das "barreiras de contato"; cf. os órgãos sensoriais da epiderme, ou a coifa cortical). A camada interna é protegida das quantidades exógenas, mas não das endógenas.

7. A pára-quantidades (que Freud denomina "pára-excitação" *(Reizschutz)* a partir de *"Au-delà du príncipe du plaisir"* em 1920) protege o aparelho nervoso (que Freud logo chamará de psíquico) da intensidade das excitações de srcem extrema; ele continua como uma tela. As barreiras de contato recebem de um lado o que esta tela deixou passar das excitações externas

e, de outro, elas recebem diretamente as excitações de srcem interna (ligadas às necessidades fundamentais). Sua função não é de proteção quantitativa, mas de fracionamento da quantidade e de filtragem da qualidade. Sua estrutura não é a de uma tela mas a de uma "peneira" *(Sieb).* A articulação entre a tela e a peneira oferece a configuração, recorrendo a uma terminologia mais moderna, de uma rede de malhas. A figura 13, desenhada por Freud no manuscrito de "Esquisse *dune psychologie scientifique",* esboça esta configuração, que Freud designa explicitamente como uma estrutura de ramificação e que se apresenta como uma variante da parte direita do esquema da representação de palavra de 1891.

Eis a passagem do texto de Freud que se relaciona a esta figura:

> "Um arranjo particular parece existir aqui de maneira a manter a quantidade (Q) longe de φ. As vias de condução sensoriais em φ têm uma estrutura particular: elas se ramificam sem cessar e oferecem vias mais grossas ou mais finas que têm numerosas terminações. A figura abaixo (fig. 13) irá provavelmente permitir a sua compreensão.

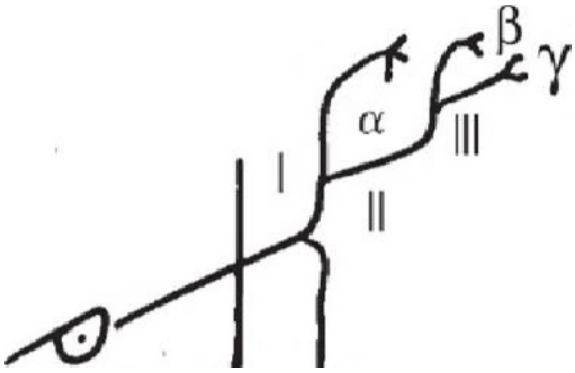


Figura 1.3

> "Uma excitação forte emprega diferentes vias de uma excitação mais fraca. Por exemplo, Q [redacted] I passa apenas pela via I e transmite uma fração para [redacted] num ponto terminal a. Q [redacted] 2 (isto é, uma quantidade duas vezes mais forte que Q ήI) não vai transferir uma fração dupla para a, mas será capaz de percorrer a via II, mais estreita que a I, e a partir dai abrir uma segunda terminação [redacted] (em b). Q [redacted] abrirá a via mais estreita de todas e transmitirá através da terminação [redacted] (ver figura). Assim, cada via φ será aliviada de sua carga e a quantidade maior em φ se manifestará pelo fato de vários neurônios, em vez de um só, se acharem investidos em ψ (SE, I, 314-315; tr. fr., pp. 333-354).

Tudo isso se refere ao tratamento da quantidade, mas as barreiras de contato têm igualmente por função tratar a qualidade, o que equivale falar de sua função de filtragem. As estimulações externas possuem, além da quantidade, um período característico (SE, I, 313, nota 2, tr. fr., p. 332, nota I), que atravessa os aparelhos das terminações nervosas, que é veiculado pelos investimentos em φ e ψ e que, chegando em ϖ (terceiro tipo de neurônios com os quais Freud cria a ficção que serve de suporte aos processos de percepção-consciência), se torna qualidade. Esta noção de período é por sua vez uma homenagem a Fliess (que distinguia a masculidade e a feminilidade ou que marcava os momentos críticos da existência de acordo com seus períodos), uma transposição para a psicologia de um fenômeno familiar aos físicos e a preocupação de uma variável temporal do aparelho psíquico. (Acrescento que é uma intuição do papel da ressonância ou da dissonância rítmica na instalação do Eu-pele ou na de suas falhas.) A quantidade, que forma um "continuum" com o exterior, é "primeiro reduzida, depois limitada pelo corte". As qualidades são ao contrário descontínuas, "de tal sorte que certos períodos nunca agem como estímulos" (SE, I, 313, tr. fr., pp. 332-333). "A quantidade de excitações φ se manifesta em [redacted] por uma complicação e a qualidade, pela topografia, pois, segundo os relatos anatômicos, os diferentes órgãos sensoriais só se co-

municam por neurônios ψ bem determinados" (SE, I, 315; tr. fr., p. 334). Esta sétima função das barreiras de contato podería ser resumida dizendo-se que elas servem para separar a quantidade da qualidade e para trazer à consciência a percepção das qualidades sensíveis, principalmente o prazer e a dor.

8. De suas propriedades relativas à quantidade, decorre que o conjunto dos neurônios ψ, ao contrário dos neurônios φ, pode registrar as modificações e servir de apoio à memória. É a alteração pela passagem que fornece uma possibilidade de se representar a memória" (SE, I, 299; tr. fr., p. 319). "A memória é representada pelas diferenças de facilitação existentes entre os neurônios [redacted]"(SE, I, 300; tr. fr., p. 320). "Existe uma lei fundamental de associação por simultaneidade e esta lei (...) dá o fundamento de todas as conexões entre neurônios φ. Achamos que o consciente (isto é, a carga quantitativa) passa de um neurônio [redacted] a um neurônio [redacted] quando α e β receberam simultaneamente uma carga vinda de φ (ou de outros lugares), assim a carga simultânea [redacted] - β provocou a facilitação de uma barreira de contato" (SE, I, 319; tr. fr., p. 337).

À parte do caso particular da experiência de satisfação, existe uma separação entre a memória e a percepção. Freud postulou, para fundamentar esta separação, dois tipos de neurônios, uns alteráveis continuadamente, isto é, facilitantes (os neurônios [redacted]), e outros inalteráveis, sempre prontos a receber novas excitações, ou melhor, temporariamente alteráveis, pois eles se deixam atravessar pelas quantidades, mas voltam a seu estado anterior após a passagem da excitação (os neurônios φ). Esta separação da memória e da percepção, sem se referir integralmente à ação das barreiras de contato, é no entanto impossível sem elas.

A rede malhada das barreiras de contato constitui assim o que eu proponho chamar uma superfície de inscrição, diferente da tela pára-quantidades à qual ela é acoplada para sua proteção.

Em resumo, as barreiras de contato têm uma função de separação tripla do inconsciente e do consciente, da memória e da percepção, da quantidade e da qualidade.

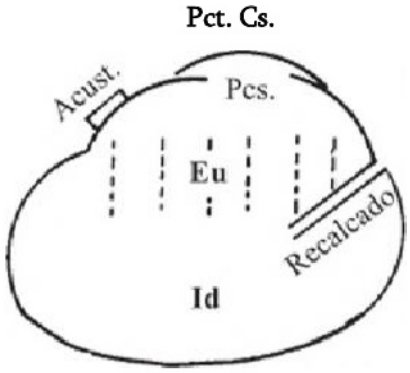
Sua topografia é de um envelope com duas faces, assimétrico (mas a noção de envelope não é ainda afirmada por Freud), uma face voltada para as excitações do mundo exterior, transmitidas pelos neurônios φ, e que está protegida por uma tela pára-quantidades; uma face interna voltada para a *Körperinnerperipherie* (a periferia interna do corpo). As excitações endógenas só podem ser reconhecidas se ligadas ao caso precedente, isto é, projetadas no mundo exterior, associadas a representações visuais, auditivas, táteis etc. (cf. os "restos diurnos" do sonho), e enfim registradas pela rede das barreiras de contato. Decorre daí que as pulsões só podem ser identificadas através de seus representantes psíquicos.

O sistema psíquico não é entretanto autônomo, Freud bem o observa: ele é destinado no primeiro momento ao *Hilflosigkeit* (desamparo srcinário) e necessita de intervenção da mãe como fonte da vida psíquica.

O *Eu como interface*

Em 1923, no capítulo 2 de "*Le Moi et le Ça"* (capítulo ele mesmo intitulado "*Le Moi ei le Ça"),* Freud redefiniu a noção do Eu para dela fazer uma das peças mestras de sua nova concepção do aparelho psíquico.

Esta definição é ilustrada por um esquema, muito tempo negligenciado pelos tradutores franceses e pelos comentadores de Freud, e ela se apóia sobre uma comparação de natureza geométrica. Desenho do diagrama e texto da comparação vão no mesmo sentido: o aparelho psíquico não é mais essencialmente pensado em uma perspectiva econômica (isto é, de transformação de quantidades de energia psíquica); a perspectiva topográfica ganha em importância; o tópico antigo (consciente, pré-consciente, inconsciente) é conservado, porém profundamente renovado pelo acréscimo do Eu e do Id, representados no esquema em negrito. O aparelho psíquico é representável de um ponto de vista topográfico e conceituável em termos de tópico subjetivo.



As abreviações utilizadas acima são traduções das de Freud:

Pcpt.-Cs:	*Percepção-Consciência*	*(W-BW)*	*(Wahrnehmung-Bewusstsein)*
Pcs.:	*Pré-consciente*	*(Vbw)*	*(Vorbewusste)*
Acust.:	*(Percepções) acústicas*	*(Akust)*	*(Akustischen Wahrnehmung)*
Eu		*(Ich)*	
Id		*(Es)*	
Recalcado	*(Vdgt)*	*(verdraängte)*	

Esse esquema é apresentado por Freud em "*Le Moi et le Ça"* (GW, 13, 252; SE, 19, 24-25; nouv. tr. fr., p. 237).

> "Nós logo nos apercebemos que quase todas as distinções que a patologia nos levou a descrever se referem às camadas superficiais do aparelho psíquico, as únicas que nos são conhecidas. Poderíamos esboçar um desenho mostrando essas relações, desenho cujos contornos certamente só estão lá para permitir a representação, sem poder pretender uma interpretação particular[12]. Poderiamos talvez acrescentar que o Eu traz uma 'calota acústica' *(Hörkappe)* e, como o confirma a anatomia do cérebro, de um só lado? Ela é colocada sobre ele, poderiamos dizer, obliquamente."

12. Os comentadores erraram, na minha opinião, ao tomar ao pé da letra esta declaração de prudência. Freud sublinhou muito o papel mediador dos pictogramas entre os representantes de coisa e o pensamento verbal se apoiando na escrita alfabética (seria somente a fim de decifrar o simbolismo do sonho) para não "ver" nesse esquema pré-concepções que ele não pode ainda verbalizar e que permanecem no estado do pensamento figurativo. De minha parte, pude testar a validade desse esquema mostrando-o no espaço do psicodrama em grupo grande e facilitando assim a construção de um aparelho psíquico grupal (D. Anzieu, 1982 a).

A comparação de natureza topográfica retoma diversas vezes no texto de Freud que precede e que segue esse esquema:

> "Já sabemos a que nos ater. Dissemos[13] que a consciência é a superfície do aparelho psíquico, isto é, nós a consideramos como função de um sistema que, espacialmente, é o primeiro a partir do mundo exterior. Espacialmente não apenas no sentido da função, mas aqui no sentido também do corte anatômico. Nossa pesquisa deve considerar esta superfície como ponto de partida" (GW, 13, 246; SE, 19, 19; nouv. tr. ff., p. 230).

Depois dessa descrição da consciência como interface vem a articulação da "casca" e do "núcleo"; o Eu é explicitamente designado como "envelope" psíquico. Este envelope não é somente uma bolsa continente; desempenha um papel ativo de colocar em contato o psiquismo como o mundo exterior e de recolher e transmitir informação.

> "Um indivíduo é então um Id psíquico, desconhecido e inconsciente, à superfície do qual é colocado o Eu que é desenvolvido a partir do sistema Pc como de seu núcleo. Se procurarmos representar as coisas graficamente, acrescentaremos que o Eu não envolve completamente o Id, mas somente nos limites onde o sistema Pc constitui sua superfície, portanto, aproximadamente como o disco germinativo é colocado sobre o ovo. O Eu não é claramente separado do Id, com ele se funde em sua parte inferior[14]". (GW, 13, 251; SE, 19, 243; nouv. tr. fr., p. 236).

13. Freud retoma a *'Au delà du príncipe du plaisir"* (1920), capítulo 4, onde ele introduz a comparação decisiva do aparelho psíquico com a vesícula protoplasmática. O sistema Pcpt.-Cs, análogo ao ectoderma cerebral, aí é descrito como sendo a casca. Sua posição "no limite que separa o de fora do de dentro" lhe permite "receber as excitações dos dois lados"' (GW, 13, 29; SE, 18, 28-29; nouv. tr, fir., p. 65), A "casca" consciente do psiquismo aparece então como aquilo que os matemáticos chamam hoje de uma "interface".

14. Freud diz em outros lugares que o Ego é uma diferenciação interna do Id. A clínica confirma a idéia freudiana de um espaço fusional intermediário entre o Eu e o Id (cf. a área transicional de Wirmicott).

Freud não tem necessidade de trazer aqui um dos princípios fundamentais da psicanálise, segundo o qual tudo o que é psíquico se desenvolve em constante referência à experiência corporal. Indo direto ao resultado de uma maneira tão condensada que pode parecer elíptica, ele determina de qual experiência corporal provém especificamente o Eu: o envelope psíquico se srcina por apoio do envelope corporal. O "tato" é designado diretamente por ele e a pele o é indiretamente sob a expressão de "superfície" do "próprio corpo":

> "Na aparição do Eu e em sua separação com o Id, um outro fator além da influência do sistema Pc parece ter desempenhado um papel. O próprio corpo, e antes de tudo sua superfície, é um lugar do qual podem resultar simultaneamente percepções externas e internas. E visto como um objeto estranho, mas ao mesmo tempo ele permite ao tato sensações de dois tipos, podendo uma delas ser assimilada a uma percepção interna[15]" (GW, 13,253; SE, 19,25; nouv. tr., fr-, p. 238).

O Eu, em seu estado srcinário, corresponde então na obra de Freud ao que propus chamar de Eu-pele. Um exame mais acurado da experiência corporal sobre a qual o Eu se apóia para se constituir levaria a considerar pelo menos dois outros fatores negligenciados por Freud: as sensações de calor e de frio, que são igualmente fornecidas pela pele; e as trocas respiratórias, que são concomitantes às trocas epidérmicas e talvez uma variante particular. Em relação a todos os outros registros sensoriais, o tátil possui uma característica distinta que o coloca não somente à srcem do psiquismo, mas também que lhe permite fornecer ao psiquismo permanentemente alguma coisa que pode ser chamada de fundo mental, a tela de fundo sobre a qual os conteúdos psíquicos se inscrevem como figuras, ou ainda o envelope continente que faz o aparelho psíquico se tornar suscetível de ter conteúdos (nesta segunda perspectiva, para falar como Bion (1967), eu diria que existe primariamente pensamentos e em seguida um "aparelho de pensar os pensamentos": acrescentaria a Bion que a passagem dos pensamentos ao pensar, isto é, à consti-

15. Freud sublinha visto e tato, detalhe que foi omitido na nova tradução francesa.

tuição do Eu, se opera por um duplo apoio, sobre a relação continente-conteúdo que a mãe exerce em relação ao pequenino, como este autor observou, e sobre a relação, decisiva a meu ver, de contenção em relação às excitações exógenas, relação que sua própria pele - estimulada certamente em primeiro lugar por sua mãe - traz a experiência à criança). O tátil fornece com efeito uma percepção "externa" e uma percepção "interna". Freud faz alusão ao fato de que eu sinto o objeto que toca minha pele ao mesmo tempo em que sinto minha pele tocada pelo objeto. Rapidamente - isto é sabido e claro - esta bipolaridade do tátil torna-se objeto de uma exploração ativa por parte da criança: com seu dedo, ela toca voluntariamente as partes de seu corpo, ela leva o polegar ou dedão do pé à boca, experimentando simultaneamente as posições complementares do objeto e do sujeito. Pode-se pensar que esse desdobramento inerente às sensações táteis prepara o desdobramento reflexivo do Eu consciente que vem se apoiar sobre a experiência tátil.

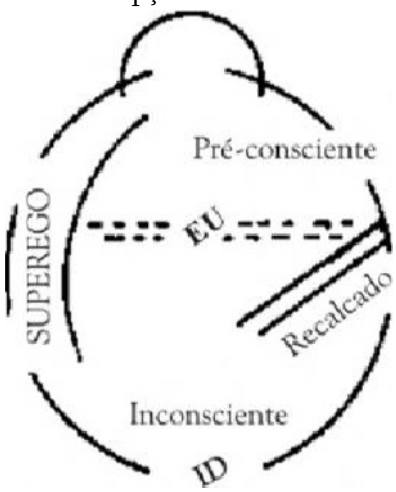
Freud salta esse elo que eu acabo de estabelecer para enunciar a conclusão que se impõe: "O Eu é antes de tudo um Eu corporal *(Körperliches*), ele não somente um ser de superfície *(Oberflächenwesen),* mas é ele mesmo a projeção de uma superfície" (GW, 13, 253; SE, 19, 26; nouv. tr. fr., p. 238). É nesta passagem que se encontra acrescentada a nota seguinte, com a autorização de Freud, a partir de 1927, na edição inglesa, da qual reproduzo entre parênteses os termos ingleses importantes com uma tradução pessoal:

> "Dito de outra maneira, o Eu deriva em última instância das sensações corporais, principalmente daquelas que têm sua srcem na superfície do corpo. Pode ser considerado como a projeção mental da superfície (*surface*) do corpo, além de considerá-lo, como já vimos anteriormente, representando a superfície (*superficies*) do aparelho psíquico" (SE, 19, 26, nota 1; nouv. tr. fr., p. 238, nota 1).

A última linha do capítulo II de "*Le Moi et le Ça"* repete o mesmo enunciado fundamental: "O Eu consciente é antes de tudo um Eu-corpo *(Körper-Ich)" (GW,* 13, 255; SE, 19, 27; nouv. tr. fr., p. 239). Comentemos: assim a consciência aparece na superfície do aparelho psíquico; melhor ainda, ela é esta superfície.

Aperfeiçoamentos do esquema topográfico do aparelho psíquico

O esquema de 1923 é retomado com algumas modificações em 1932-1933 na 31ª edição das "*Nouvelles Conférences d'introduction à la psychanalyse"* (GW, 15,85; *SE,* 22,78; nouv, tr. fr., "*La decomposition de la personnalité psychique",* p. 108).



As duas principais modificações que aparecem têm conseqüências importantes. A primeira é a introdução do Superego, que é colocado no interior do Eu, no lugar da "calota acústica" que era situada em 1923 no mesmo lugar, mas no exterior. O Superego está nos dois casos adjacentes à periferia do Eu, porém ora na face externa, ora na face interna. Ainda que a idéia permaneça implícita na obra de Freud, e sugerida pelo texto e pelo esquema, a exterritorialidade do Superego ou sua interiorização periférica correspondem a diferentes fases de evolução do aparelho psíquico e também a formas psicopatológicas distintas; comandam na cura psicanalítica formas diversificadas de interpretação. Notamos também um outro aspecto do estatuto topográfico do Superego, que é o de ocupar somente um arco de círculo do aparelho psíquico; donde a possibilidade (e a necessidade), prolongando a in-

tuição de Freud, de descrever um tipo diferente de organização psicopatológica, na qual o Superego tende a se fazer coextensivo a toda a superfície do Eu e a substituí-lo como envelope psíquico.

A segunda modificação visível nesse novo esquema é a abertura na parte inferior do envelope que cercava completamente o aparelho psíquico em 1923. Esta abertura materializa a continuidade do Id e de suas pulsões com o corpo e com as necessidades biológicas, à custa, porém de uma descontinuidade na superfície. Ela confirma o fracasso do Eu em se constituir como envelope total do psiquismo (fracasso já notado em 1923), o que implica uma tendência antagonista e, sem dúvida mais arcaica, por parte do Id em se propor ele próprio como envelope global. Esta dupla tensão (entre a continuidade e a descontinuidade da superfície psíquica, entre as propensões respectivas do Superego, do Eu e do Id a constituir esta superfície) se resolve em uma pluralidade de configurações clínicas e requer estratégias interpretativas apropriadas ao excesso ou à falta de continuidade ou de descontinuidade e à expansividade de uma ou outra instância. Essas considerações não constam explicitamente no texto de Freud, mas me parecem contidas em potência nesse novo esquema.

Prosseguindo, indiquei várias características do aparelho psíquico que o modelo de uma invenção técnica material - o bloco ou ardósia mágica - permite a Freud notar em 1925. Resumindo essas características:

- A estrutura em dois folhetos do Eu; o folheto superficial em celulóide representando a pára-excitação (cf. a carapaça, o couro, a capa de pêlo); o folheto de baixo, em papel encerado, representando a recepção sensorial das excitações exógenas e a inscrição de seus traços sobre o quadro de cera.
- A diferenciação, interna ao Eu, da percepção (consciente) como superfície vigilante e sensível (o folheto de celulóide), mas que não conserva as inscrições, e da memória (pré-consciente) que registra e conserva as inscrições (o quadro de cera).
- O investimento endógeno, isto é, pulsional, do sistema do Eu pelo Id; este investimento que é “periódico", “acende e apaga” a consciência, destina esta última à descontinuidade e fornece ao Eu uma representação primária do tempo.

Proponho completar esta última intuição de Freud sugerindo que o Eu adquire o sentimento de sua continuidade temporal à medida que o Eu-pele se constitui como um envelope suficientemente flexível às interações com o círculo humano e suficientemente continente do que se toma então conteúdos psíquicos. Os casos chamados de estados-limite sofrem essencialmente de perturbações no sentimento da continuidade do Self, enquanto os psicóticos são afetados no sentimento da unidade do Self e os neuróticos se sentem preferencialmente ameaçados na sua identidade sexual. As configurações topográficas correspondentes precisam ser delimitadas e explicitadas, partindo do esquema freudiano fornecido pelo "*Le Moi et le Ça"* e por *"Notice sur le Bloc magique"* e trazendo-lhes os desenvolvimentos e também os remanejamentos necessários pela clínica.

Federn: sentimentos do Eu, *sentimentos de flutuação das fronteiras do Eu*

Originalidade de Federn

Cada psicanalista tem um ou dois domínios privilegiados para o exercício de sua auto-análise. Para Sigmund Freud, eram seus sonhos noturnos, ou antes, os relatos que deles fazia para si mesmo ou para Fliess durante o dia e por escrito: ele os reconstruía assim e depois, através de suas associações de idéias, ele os desconstruía. O sonho é a via real que conduz ao conhecimento do inconsciente: Freud o afirmou porque era verdade particularmente para ele. Em Viena, 30 anos aproximadamente depois que Freud se lançou, Paul Federn (1871-1952) impulsiona o encadeamento de suas descobertas interessando-se pelos estados de passagem em si mesmo: não mais pelos sonhos que acontecem dormindo ou pelos lapsos, pelos atos falhos que se cometem em vigília, mas pelas transições entre a vigília e o sono, entre o sono e a vigília e principalmente entre os níveis de vigilância do Eu. Que imagens do corpo então se formam ou se deformam no aparelho psíquico? Que sentimento de si mesmo experimenta o Eu psíquico? Como ele se distingue ou se confunde com o

Eu corporal? A observação de suas próprias alucinações hipnagógicas durante o adormecimento e o acordar quotidianos, ou por ocasião de suas próprias experiências excepcionais, como uma anestesia pré-operatória, ou ainda (apesar de não se basear explicitamente nisso) uma regressão criativa, a comparação com o material relatado por pacientes em situações análogas e também durante hipnose ou em momentos críticos de despersonalização e de alienação, progressivamente abriu a Federn uma outra via, talvez menos "real", para uma compreensão e um tratamento psicanalíticos das psicoses. Esta última realização era considerada impossível por Freud: e Federn só pôde se dedicar a ela depois da morte do mestre e da emigração aos Estados Unidos. O esforço de Freud consistira em comparar o sonho e a neurose. Ora, o sonho noturno é uma alucinação, isto é, um momento psicótico. Como esta alucinação se prepara e se instala gradativamente no sono, que dissociação ela supõe no interior do Eu e entre o Self e o mundo exterior, por quais etapas o sujeito dela emerge ao despertar? Eis aqui o campo singular de experiência de si mesmo que Fedem se propôs entre 1925 e 1935[16]. Ele pressentiu como um ser humano pode se tomar psicótico se aquilo que Bion chamará de a parte psicótica da pessoa se torna dominante em seu funcionamento psíquico; como igualmente ele pode voltar a ser normal, se a parte não-psicótica for restabelecida e consolidada. Nessa época, ainda em Viena, Victor Tausk manifestara um vivo interesse por uma extensão da teoria psicanalítica sobre as psicoses. No seu estudo intitulado *"De la genèse de 'l'appareil à influencer' au cours de la schizophrénie",* Tausk (1919) pressentira a distinção capital entre o Eu psíquico e o Eu corporal.

16. Federn publica seu artigo sobre o sentimento do Eu simultaneamente em inglês e em alemão em 1926. Seus artigos sobre o narcisismo, sobre as variações do sentimento do Eu nos sonhos e no despertar aparecem entre 1927 e 1935. Foram reunidos em 1952 a seus artigos posteriores sobre o tratamento da psicose em uma obra traduzida em francês em 1979, sob o título "*La Psychologie do Moi et íes psychoses*", de onde foram extraídas as citações seguintes. Federn se interessa por uma forma muito particular de afetos, os sentimentos do Eu (antes estados psíquicos que afetos). Paralelamente, um outto psiquiatra vienense, vindo mais tardiamence à psicanálise, Paul Schilder (1886-1940), se interessa pelas perturbações da consciência do Self (1913), pela noção neurológica de esquema corporal (1923) e, após sua rápida emigração aos Estados Unidos em 1930, publica em 1933 seu conhecido artigo "L'lmage do corps" (cf. R Schilder, 1950). Essas duas pesquisas ao mesmo tempo se ignoram e se completam: Schilder coloca em evidência representações inconscientes: Federn, sentimentos prê-conscientes.

Mas o delírio o preocupava mais que a alucinação, e a entrada na psicose o interessava mais que os processos de uma eventual liberação. Este interesse enraizava-se sem dúvida em razões pessoais que o levaram finalmente a um horrível suicídio em 1919, alguns meses depois da publicação do artigo em questão.

Paul Federn é um pensador dos limites. Ele pensa o limite não como um obstáculo, uma barreira, mas como a condição que permite ao aparelho psíquico estabelecer diferenciações no interior de si mesmo, assim como entre o que é psíquico e o que não o é, entre o que decorre do Self e o que provém dos outros. Federn antecipa a noção físico-matemática de interface. A separação devida a esta interface é necessária para que os regimes locais permaneçam distintos. De acordo com o número dessas regiões e com a natureza desses regimes, a forma da interface muda. Algumas mudanças podem ser "catástrofes" (das quais René Thom definiu sete tipos matemáticos). A partir desses efeitos de interface, uma ciência geral da srcem, do desenvolvimento e das transformações das formas - uma morfogênese - se torna (sempre segundo Thom) possível. Federn antecipou esse modelo epistemológico no que concerne à estrutura do Eu e do Self, e este, segundo Freud, como acabamos de ver, em 1913 dá ao Eu uma estrutura de superfície com duas faces e o promove ao nível de uma instância dotada de princípios específicos de funcionamento. A segunda tópica freudiana dá a Federn o quadro no qual ele pode efetuar suas próprias descobertas, um quadro que lhe serve de apoio, ainda que suas fronteiras sejam por ele questionadas. Sua fidelidade a Freud se resume aí: ele conserva, mas completa.[17] Freud se interessava sobretudo pelo núcleo, pelo inconsciente como núcleo do psiquismo, pelo complexo de Édipo como núcleo da educação, da cultura, da neurose. Paralelamente a Paul Schilder, que elaborava ao mesmo tem-

17. Federn faz parte do pequeno grupo inicial que se reúne à volta de Freud a partir de 1902, a "*Societé psychologique du mercredi soir*", que se tornou em 1908 a Sociedade Psicanalítica de Viena. Federn é, juntamente com Hitschamann e Sadger, um dos raros membros fundadores que permanecem nesta sociedade até sua dissolução em 1938 pelos nazistas, quando do Anschluss. Quando Freud é acometido pelo câncer, é em Fedem que ele confia a vice-presidência da Sociedade Psicanalítica de Viena. Quando chegou o momento da emigração, é para Federn que ele envia o srcinal das Minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena. Federn leva o manuscrito para seu exílio americano e o preserva visando uma publicação posterior, realizada depois por seu filho Ernst em colaboração com H. Nunberg.

po a noção de imagem do corpo, Federn se interessou pela casca, pelos fenômenos de limite.

Freud inventariava os processos psíquicos primários e secundários; Federn estuda, ao lado dos processos, os estados do Eu sem o conhecimento e a interpretação dos quais a cura psicanalítica das personalidades narcísicas fica incompleta ou impotente. Mas ele o faz segundo o esquema definido por Freud (1914) no seu artigo "Pour *introduire le narcissisme"*

Segundo Federn, as fronteiras do Eu "estão perpetuamente em mudança". Elas variam com os indivíduos e, no mesmo indivíduo, segundo os momentos do dia ou da noite, segundo as fases de sua vida, e elas encenam conteúdos diferentes. Esta afirmação pode ser compreendida, penso, em relação à cura psicanalítica: o psicanalista deve estar atento na sessão não somente ao conteúdo e ao estilo das associações livres, mas também às flutuações do Eu do paciente; ele deve marcar os momentos onde as flutuações sobrevêm e desenvolver, no Eu do paciente, uma consciência suficiente (e capaz de sobreviver ao fim da psicanálise) das modificações de suas próprias fronteiras. A oportunidade e a eficácia da interpretação decorrem disso: a palavra, segundo Federn, age relacionando duas fronteiras do Eu, o que por sua vez produz modificações da economia libidinal: investimentos "móveis" podem substituir os investimentos pulsionais "estáticos".

Os sentimentos do Eu

O sentimento do Eu, segundo Federn, está presente desde o começo da existência, mas sob uma forma vaga e pobre em conteúdo. Acrescentaria que o sentimento dos limites do Eu é ainda mais incerto, e haveria um sentimento primário de um Eu ilimitado que seria reexperimentado na despersonalização ou em certos estados místicos. Descrevi igualmente esse sentimento de incerteza dos limites na regressão-dissociação individual do arrebatamento criador (primeira fase do trabalho de elaboração de uma obra) ou na regressão-fusão coletiva da ilusão grupal (D. Anzieu, 1980 a). A investigação psicanalítica do casal enamorado mostrou por outro lado que os

dois parceiros se apegam um ao outro, onde suas fronteiras psíquicas são incertas, insuficientes ou enfraquecidas.

Existe então um sentimento do Eu, do qual o sujeito não está consciente no seu estado de funcionamento normal, mas que se revela por ocasião das falhas desse último. O sentimento do Eu é um sentimento primário, constante e variável. O Eu, do qual Freud fez uma entidade, existe: o ser humano tem dele uma sensação subjetiva, sensação e não ilusão, pois ela corresponde a uma realidade que é, ela mesma, de natureza subjetiva. O Eu é ao mesmo tempo sujeito (designa-se pelo pronome "Eu") e objeto (chama-se "Self"): "O Eu é ao mesmo tempo o veículo e o objeto da consciência. Falamos do Eu na sua capacidade de veículo da consciência como eu-mesmo" (P Federn, 1952, tr. fr., p. 101).

Esse sentimento do Eu compreende três elementos constitutivos: o sentimento de uma unidade no tempo (portanto de uma continuidade), o sentimento de uma unidade no espaço no momento presente (mais precisamente de uma proximidade) e enfim o de uma causalidade. Federn concede ao Eu um dinamismo e uma flexibilidade que Freud não lhe concedera, mas, como Freud, ele dá uma representação topográfica do Eu: o sentimento do Eu constitui o núcleo do Eu, e ele é (exceto em patologia grave) constante. O sentimento das fronteiras do Eu constitui seu órgão periférico: diferente do que ocorre com o núcleo, esse segundo sentimento é, em estado normal, o de uma flutuação permanente das fronteiras.

Quanto ao sistema inconsciente, o tempo não existe (daí o sentimento de um Eu sem começo nem fim, de um Eu imortal). O sistema consciente tem em compensação o sentimento de uma unidade do Eu no tempo, o que lhe permite sobretudo considerar que os acontecimentos que nos chegam seguem uma ordem cronológica (daí o sentimento de um decorrer de um antes para um presente; daí a ordem tradicional de um relato narrativo). No funcionamento pré-consciente, o sentimento de unidade do Eu no tempo é muito variável; ele pode ser conservado pelo menos parcialmente; o sentimento de uma ordem cronológica dos acontecimentos do sonho é mantido, com exceção de um sonho que se reduz a um "flash" sobre uma imagem (isso explica que a multiplicidade dos personagens reflete diversas partes do Self do sujeito, e que o sonho seja utilizado por criado-

res como um instrumento de descoberta pela desconstrução dos conhecimentos prévios e dos estados conscientes). Se o sentimento de unidade do Eu no tempo desaparece da vida em vigília, produzem-se fenômenos de despersonalização e de "déjà vu".

Em relação a seu conteúdo, o sentimento do Eu compreende um sentimento mental e um sentimento corporal. Não se nota esta dualidade na vida normal onde eles estão presentes juntos; também não se pode distinguí-los se não se presta atenção aos processos, como o despertar ou o adormecer, onde eles estão separados (a dificuldade é a de conservar uma atenção suficiente nos estados psíquicos marcados pela redução da vigilância). Existe também um terceiro sentimento, o das fronteiras flutuantes entre o Eu psíquico e o Eu corporal. Em estado de vigília, sente-se o Eu psíquico como situado no interior do Eu corporal. O Eu corporal, apoiando-se sobre a periodicidade dos processos corporais, adquire uma avaliação objetiva do tempo (consciente e pré-conscíente que nos permite despertar na hora certa); em compensação, a intensidade do Eu psíquico nos sonhos, unida à ausência de experiência do tempo no inconsciente, explica a experiência anormal da velocidade e da duração vivida do tempo do sonho. O sentimento mental do Eu (ou sentimento do Eu psíquico) tem por formulação racional o "eu penso, logo existo". Ele assegura a conservação e o sentimento de sua própria identidade no sujeito. Está frequentemente associada ao Superego e permanece puramente mental (pois o Superego, que não tem acesso à mobilidade, pode agir sobre a atenção, mas não sobre a vontade). Por exemplo, os impulsos e idéias obsessivas vêm do Superego e são acompanhados do sentimento (variável com a quantidade de investimento inconsciente) de que eles estão prestes a atingir uma descarga motora que jamais conseguem na realidade (daí o sentimento do Eu mental tão agudo no obsessivo). O sentimento mental do Eu é o sentimento de um "Eu interior". Esse sentimento é flutuante: os processos mentais podem deixar de ser atribuídos ao Eu psíquico interno, isto é, deixar de ser reconhecidos como mentais; na neurose histérica, eles são convertidos em fenômenos corporais; na psicose, são projetados na realidade exterior.

O sentimento corporal do Eu é "um sentimento unificado dos investimentos libidinais dos aparelhos motores e sensoriais" (*ibid.*, p. 33).

Ele é "compósito": inclui diversos sentimentos sem ser idêntico a nenhum deles; por exemplo, as lembranças sensoriais e motoras referentes a nossa própria pessoa; a unidade de percepção de nosso próprio corpo em relação à organização somática.

Os *sentimentos das fronteiras do Eu*

O ser humano tem o sentimento inconsciente de uma fronteira entre o Eu psíquico e o Eu corporal. Por outro lado, ele tem o sentimento inconsciente de uma fronteira entre o Eu e o Superego. Vejamos, com Federn, como os sentimentos dessas fronteiras intervém nos estados de passagem. O *adormerimento* dissocia por um lado o sentimento mental e o sentimento corporal do Eu e, por outro, o Eu e o Superego:

"Na retração dos investimentos que acompanham o adormecimento súbito, o sentimento corporal do Eu desaparece antes do sentimento mental do Eu ou do sentimento mental do Superego. O Eu corporal pode desaparecer completamente durante o sono e ser reinvestido e despertado pelo Eu mental que permaneceu acordado. Desta maneira, conseguimos retardar voluntariamente o sono. E provável que, na maioria das pessoas que adormece subitamente, o Superego perca seu investimento antes do Eu" (*ibid.*, p. 34).

No caso de um processo normal de despertar: 1) o Eu corporal e o Eu mental despertam simultaneamente, com um ligeiro avanço do sentimento mental do Eu, mas sem nenhum sentimento de estranheza: nós nos descobrimos com prazer no começo de um novo dia; 2) o Superego só desperta depois do Eu. Por outro lado, quando se desperta saindo de um sonho, o Eu mental desperta primeiro; o Eu corporal se encontra dissociado do mental; o próprio corpo pode ficar alucinado como uma presença estranha.

É com o desmaio que a dissociação dos dois sentimentos culmina; dissociação que cria a ilusão de uma existência separada da alma e do corpo.

Os *sonhos normais,* rememorados como completos e vivazes, são de dois tipos:

a. A maioria deles manifesta uma falta de todo o sentimento corporal; o Eu do sonho se reduz ao Eu mental; a libido foi retirada do corpo, voltou para o Id, ela não foi redirecionada para o Eu corporal; durante a regressão, o Eu encontra as representações de objetos e o investimento libidinal as ativa a ponto de criar a ilusão da realidade; apesar de seu sonho ser vivaz, o sonhador nada sente de seu próprio corpo.

b. Por vezes, ao contrário, o sentimento mental do Eu falha, as sensações vivazes são corporais; são os sonhos típicos de roubo, de natação, de nudez; o sonhador nele se representa e apenas objetos fragmentários figuram eventualmente no seu sonho; são os detalhes do ambiente, da paisagem, dos personagens que são vivazes (cor, claridade), isto é, a realidade externa.

Observação de Edgar[18]

No sonho, o investimento libidinal é insuficiente para que haja representação ao mesmo tempo do objeto desejado e do corpo; se os dois sentimentos, mental e corporal do Eu, estivessem investidos, o sonhador acordaria.

> "Um paciente que não sofria de despersonalização na vida em vigília me contou um exemplo notável de distinção entre o Eu mental e o Eu corporal. Ele tivera um sonho sexual extraordinariamente completo e vivaz, com apresentação de objetos muito vivazes e sentimento do Eu de caráter sexual agradável. O sonho se passava no seu quarto mas não na sua cama. Ele acordou de repente e se encontrou na sua cama num estado de despersonalização completa; tinha o sentimento que seu corpo estava estendido ao lado dele e não lhe pertencia. Seu Ego mental acordara primeiro. O sentimento corporal do Eu não tinha acordado com o Eu mental porque a libido utilizável para fins narcísicos é essencial para o despertar do sentimento corporal do Eu e, no sonho precedente, toda a libido estivera investida na apresentação objetal muito vivaz. Este acontecimento incomum

18. Estou dando esse nome ao paciente anônimo de Federn.

> mostra claramente que o investimento do Eu está em relação de compensação com o investimento de um objeto sexual" *(ibid.,* p. 38).

Os sentimentos de flutuação das fronteiras do Eu

Abordemos agora as variações do investimento libidinal do sentimento das fronteiras do Eu e suas conseqüências, *os sentimentos de estranheza ou de êxtase*.

> "Cada vez que há uma mudança de investimento do sentimento do Eu, temos o sentimento das "fronteiras" de nosso Eu. Cada vez que uma impressão somática ou psíquica entra em colisão, ela se choca com uma fronteira do Eu que é normalmente investida de sentimento do Eu. *Se não existir nenhum sentimento do Eu nesta fronteira, temos o sentimento que a impressão em questão* nos *é estranha.* Não havendo colisão entre uma impressão e as fronteiras do sentimento do Eu, ficamos sem consciência dos limites do Eu. O sentimento psíquico e o sentimento corporal do Eu podem ser ambos ativos ou passivos" *(ibid.,* p. 70).

O sentimento do Eu é o investimento narcísico srcinal do Eu. No começo não há nenhum objeto. Mais tarde, quando os investimentos libidinais de objeto alcançaram a fronteira do Eu com o mundo exterior ou a investiram e foram retirados, aparece o narcisismo secundário.

> "A extensão do estado de investimento que constitui o Eu varia; sua fronteira num dado momento é a fronteira do Eu, e como tal penetra na consciência. Quando uma fronteira do Eu vem carregada de sentimento libidinal intenso, mas não é apreendida em seu conteúdo, o resultado é um sentimento de êxtase; quando, por outro lado, o sentimento é apenas apreendido e não sentido, sobrevêm um sentimento de estranheza" *(ibid.,* p. 102).

Quando a fronteira exterior do Eu perde seu investimento, os objetos exteriores, mesmo continuando a serem percebidos claramente pelo sujeito, e até a interessá-lo, são sentidos como estranhos, não familiares, e mesmo irreais (o que pode levar à perda do senso da realidade). Durante a cura, o aumento do investimento libidinal na fronteira toma a percepção dos objetos mais calorosa, dotada de uma maior intensidade. Sente-se um objeto como real, sem a ajuda de nenhum teste de realidade, quando: a) ele é excluído do Eu; b) e as impressões feitas por ele ultrapassam uma fronteira bem investida do Eu.

Recalque dos *estados do Eu*

O *recalque* não age somente sobre as representações fantasmáticas. Ele se exerce também sobre os estados do Eu. A parte inconsciente do Eu seria assim formada por camadas estratificadas dos estados do Eu, que a hipnose, por exemplo, ou o sonho (ou ainda, penso, a regressão criativa) pode despertar, com sua legião de experiências, de lembranças, de disposições que estão aí ligadas.

Quando há deficiência de investimento do Eu, um Eu muito desenvolvido e organizado não pode manter um investimento conveniente de todas as suas fronteiras e fica suscetível de ser invadido pelo inconsciente e suas falsas realidades. A volta para um estado anterior do Eu exigindo menor gasto de investimento do Eu pode ser um meio de defesa. As fronteiras do Eu são então reconduzidas às deste estado. Daí a invasão do espírito por falsas realidades e a perda da faculdade de pensar, traços essenciais da esquizofrenia.

Tratar um psicótico, segundo Federn, é ajudá-lo a não desperdiçar sua energia mental e sim conservá-la. É não lhe retirar seus recalques, mas criá-los. É não fazer uma anamnese, pois a lembrança de episódios psicóticos anteriores pode ocasionar uma recaída. É revigorar a fronteira enfraquecida do Eu entre a realidade psíquica e a realidade exterior. É corrigir as falsas realidades e levar o paciente a utilizar corretamente a experiência de realidade. É levá-lo a se dar conta do estatuto triplo de seu corpo, como parte do Eu, como parte do mundo exterior e como fronteira entre o Eu e o mundo.

7

Funções do Eu -pele

Baseio-me em dois princípios gerais. Um é especificamente freudiano; toda função psíquica se desenvolve com o apoio de uma função corporal cujo funcionamento ela transpõe para o plano mental. Apesar da recomendação de Jean Laplanche (1970) de reservar o conceito de sustentação ao apoio das pulsões sexuais sobre os funcionamentos orgânicos de autoconservação, sou partidário de um sentido mais amplo, pois o desenvolvimento do aparelho psíquico se efetua através de sucessivas etapas de ruptura com sua base biológica, rupturas que, por um lado, lhe tornam possível escapar das leis biológicas e, por outro, lhe tornam necessário buscar uma sustentação de todas as funções psíquicas sobre as funções do corpo. O segundo princípio, conhecido igualmente por Freud, é jacksoniano: o desenvolvimento do sistema nervoso durante a evolução apresenta uma particularidade que não se encontra nos outros sistemas orgânicos, ou seja, o órgão mais recente e mais próximo da superfície - o córtex - tende a comandar o sistema, integrando os outros subsistemas neurológicos. Assim se passa no Eu consciente, que tende a ocupar no aparelho psíquico a superfície em contato com o mundo exterior e controlar o funcionamento desse aparelho. Sabe-se igualmente que a pele (superfície do corpo) e o cérebro (superfície do sistema nervoso) se srcinam da mesma estrutura embrionária, o ectoderma.

Para o psicanalista, a pele tem uma importância capital: ela fornece ao aparelho psíquico as representações constitutivas do Eu e de suas principais funções. Esta constatação está presente no quadro da teoria geral da evolução. Dos mamíferos ao homem, não há somente

aumento e maior complexidade do cérebro. A pele perde sua dureza e sua capa de pêlo. Os pêlos só subsistem no crânio, onde redobram o papel protetor do cérebro, e ao redor dos orifícios corporais da face e do tronco, onde reforçam a sensibilidade, e mesmo a sensualidade. Como Imre Hermann o demonstrou (1930), a pulsão de agarramento do pequenino a sua mãe se toma mais difícil de satisfazer na espécie humana, destinando os representantes da espécie humana a angústias intensas, precoces e prolongadas por perda da proteção, por falta de um objeto-suporte, e a um desamparo que foi qualificado de srcinário. Por outro lado, a pulsão de apego assume, na criança, uma importância tão acentuada fazendo com que a infância humana seja proporcionalmente mais longa do que em outras espécies. Esta pulsão tem por objetos o referencial, primeiro em relação à mãe, depois em relação ao grupo familiar que a substitui, os sinais - sorriso, delicadeza de contato, calor físico do abraço, variedades das emissões sonoras, firmeza no carregar, embalo, disponibilidade em dar o alimento, os cuidados, o atendimento - que fornecem os índices sobre a realidade externa e sua manipulação e também sobre os afetos experimentados pela parceira, em resposta principalmente aos afetos do bebê. Falamos então não mais no registro da satisfação das necessidades vitais de auto-conservação (alimentação, respiração, sono) sobre as quais os desejos sexuais e agressivos vão se constituir por sustentação, mas no registro da comunicação (pré-verbal e infralingüística) sobre a qual a troca de linguagem encontra o momento propício para se estabelecer.

Os dois registros funcionam freqüentemente de maneira simultânea: a mamada, por exemplo, oferece oportunidade de comunicações táteis, visuais, sonoras, olfativas. Mas sabe-se que uma satisfação material das necessidades vitais, sistematicamente desprovida dessas trocas sensoriais e afetivas, pode conduzir ao hospitalismo ou ao autismo. Constata-se igualmente que, com o crescimento do bebê, a parte consagrada por ele e por seu círculo humano a comunicar por comunicar, independentemente das atividades de autoconservação, vai aumentando. A comunicação srcinária é, na realidade e mais ainda na fantasia, uma comunicação direta, não mediada, de pele a pele.

Freud no "*Le Moi et le Ça* " (1923) demonstrou que não apenas os mecanismos de defesa e os traços de caráter se srcinam, por apoio

e por transformação, em atividades corporais, como também as instâncias psíquicas: as pulsões psíquicas que constituem o Id derivam dos instintos biológicos; o que ele vai chamar de Superego "tem raízes acústicas"; e o Eu se constitui primeiro a partir da experiência tátil. Parece-me necessário acrescentar que um tópico mais arcaico preexiste, talvez srcinário, com o sentimento de existência do Self: Self que corresponde ao envelope sonoro e olfativo, Self ao redor do qual um Eu se diferencia a partir da experiência tátil, Self ao exterior do qual são projetadas as estimulações endógenas e exógenas. O tópico secundário (Id, Eu, com seu apêndice, o Eu ideal, Superego formando dupla com o Ideal do Eu) se organiza quando o envelope visual principalmente sob o efeito do interdito primário do tocar é substituído pelo envelope tátil para fornecer ao Eu a sustentação essencial, quando os representantes de coisas (principalmente visuais) se associam, no pré-consciente que então se desenvolve, em representantes de palavras (fornecidos pela aquisição da palavra) e que as diferenciações do Eu e do Superego são adquiridas por um lado pela estimulação externa e, por outro, pela extração pulsional.

Em 1974, no meu primeiro artigo sobre o Eu-pele, assinalava três funções ao Eu-pele: uma função de envelope continente e unificador do Self, uma função de barreira protetora do psiquismo, uma função de filtro das trocas e de inscrição dos primeiros traços, função que torna possível a representação. Três representações correspondem a essas três funções: a bolsa, a tela, a peneira. O trabalho de Pasche (1971) sobre "Le *Bouclier de Persée"* me levou a considerar uma quarta função, aquela de espelho da realidade.

As *nove funções do Eu-pele*

Proponho agora estabelecer um paralelo mais sistemático entre as funções da pele e as funções do Eu, procurando precisar para cada uma o modo de correspondência entre o orgânico e o psíquico, os tipos de angústia ligados à patologia desta função e as representações de distúrbio do Eu-pele que a clínica nos traz. A ordem que

vou seguir não obedece a nenhum princípio classificatório rigoroso. Não pretendo ser exaustivo quanto ao inventário dessas fimções, que fica em aberto,

1) Assim como a pele desempenha uma função de sustentação do esqueleto e dos músculos, o Eu-pele desempenha uma função de manutenção do psiquismo. A função biológica é exercida pelo que Winnicott (1962, pp. 12-13) chamou de *holding,* isto é, pela maneira como a mãe segura o corpo do bebê. A função psíquica se desenvolve por interiorização do holding maternal. O Eu-pele é uma parte da mãe - particularmente suas mãos - que foi interiorizada e que mantém o psiquismo em estado de funcionar ao menos durante a vigília, tal como a mãe mantém nesse mesmo tempo o corpo do bebê num estado de unidade e de solidez. A capacidade do bebê de se manter fisicamente por ele mesmo condiciona o acesso à posição de sentar, depois de ficar em pé e de andar. O apoio externo sobre o corpo materno conduz o bebê a adquirir o apoio interno sobre sua coluna vertebral, como aresta sólida que lhe permite se manter ereto. Um dos núcleos antecipadores do Eu consiste na sensação-imagem de um falo interno materno ou mais frequentemente parental que assegura ao espaço mental em vias de se constituir um primeiro eixo, da ordem da verticalidade e da luta contra a gravidade, e que prepara a experiência de ter uma vida psíquica própria. É se apoiando neste eixo que o Eu pode recorrer aos mecanismos de defesa mais arcaicos, como a clivagem e a identificação projetiva. Mas o Eu só pode se apoiar nesse suporte com toda segurança se estiver seguro de ter por seu corpo zonas de contato estreito e estável com a pele, os músculos e as palmas da mãe (e das pessoas de seu ambiente primário) e, na periferia de seu psiquismo, um envoltório recíproco pelo psiquismo da mãe (o que Sami-Ali (1974) denominou "inclusão mútua").

Blaise Pascal, órfão precoce de mãe, teorizou muito bem na física e depois na psicologia e na apologética religiosa este horror do vazio interior muito tempo atribuído à Natureza, essa falta de objeto-suporte necessário ao psiquismo para que ele encontre seu centro de gravidade. Francis Bacon, nos seus quadros, pinta corpos deliqüescentes, nos quais a pele e as roupas asseguram uma unidade superficial, mas

desprovidos desta aresta dorsal que mantém o corpo e o pensamento: peles preenchidas com substâncias mais líquidas do que sólidas, o que corresponde bem à imagem do corpo do alcoólatra.[1]

O que está em jogo aqui não é a incorporação fantasmática do seio nutritivo, mas a identificação primária de um objeto-suporte contra o qual a criança se aperta e que a mantém; é mais a pulsão de agarramento ou de apego que encontra satisfação do que a libido. A união face a face do corpo da criança ao corpo da mãe é ligada à pulsão sexual que encontra satisfação ao nível oral na mamada e nesta manifestação de amor que é o abraço. Os adultos que se amam reencontram geralmente este tipo de união para dar satisfação às suas pulsões sexuais ao nível genital. Ao contrário, a identificação primária ao objeto-suporte supõe um outro dispositivo espacial que se apresenta sob duas variantes complementares: Grotstein (1981), discípulo californiano de Bion, foi o primeiro a precisá-los: dorso da criança contra ventre da pessoa objeto-suporte *(background object*), ventre da criança contra dorso desta pessoa.

Na primeira variante, a criança está encostada ao objeto-suporte que se molda, abarcando-a. Ela se sente protegida na sua retaguarda, o dorso sendo a única parte de seu corpo que não se pode tocar nem ver. O pesadelo, comum nas crianças com febre, de uma superfície que se dobra, se curva, se rasga, cheia de saliências e de buracos, traduz em forma figurada o alcance da representação tranqüilizadora de uma pele comum com o objeto-suporte sustentador. Esta superfície que falha pode ser interpretada pelo sonhador como uma ondulação de serpentes, mas seria um erro de interpretação entendê-la unicamente como um símbolo fálico. A presença de várias serpentes em ondulação não tem o mesmo sentido que a de uma serpente só que se levanta. Grotstein cita tal sonho em uma menininha, levada pela mãe para fazer análise com ele.

> "Sua filha acordou no meio da noite vendo serpentes em todos os lugares, mesmo sobre o chão onde ela andava. Ela correu para o quarto de sua mãe e pulou sobre ela, colocando

1. Cf. minhas duas monografias "*De l'horreur du vide à sa pensée: Pascal*" e "*La peau, la mere et le miroir dans les tableaux de Francis Bacon*" reproduzidas no *"Le Corps de l'oeuvre"* (D. Anzieu, 1981a).

> suas costas contra a barriga da mãe. Era o único lugar onde ela podia encontrar um alívio. Apesar de a mãe ser a paciente, e não a criança, suas associações a este acontecimento logo estabeleceram que ela estava se identificando com sua filha. Ela era a garotinha que desejava se deitar sobre mim para buscar o "suporte" (*backing*), a proteção e a "retaguarda" (rearing) de que ela se sentia privada por seus próprios pais[2]."

A segunda posição, da criança estendida unindo a frente de seu corpo às costas da pessoa que cumpre a função de seu objeto-suporte, traz ao interessado a sensação-sentimento de que a parte mais preciosa e mais frágil de seu corpo, isto é, seu ventre, está protegida atrás de uma tela protetora, a pára-excitação srcinária, que é o corpo deste outro mantenedor. Esta experiência começa geralmente com um ou com outro dos pais (e mesmo com um e outro); ela pode prosseguir bastante tempo com um irmão ou uma irmã com o/a qual a criança divide a cama. (Até a sua psicanálise com Bion, Samuel Beckett somente podia vencer a angústia da insônia dormindo bem junto de seu irmão mais velho.) Uma de minhas pacientes, criada por um casal de pais violentos e desunidos, encontrava sua segurança interior até a pré-puberdade dormindo desta maneira contra sua irmã menor com a qual dividia a cama. A que tinha mais medo "se fazia de cadeira" (na expressão delas) para acolher e apertar contra si o corpo tranqüilizador da outra. Durante uma fase de sua análise, sua transferência me convidava implicitamente a "me fazer de cadeira": ela me cobrava a alternância das minhas associações livres com as suas, a confissão de meus pensamentos e de meus sentimentos, de minhas angústias; me propunha a aproximação de seu corpo, não compreendia a minha recusa de que ela viesse se sentar sobre meus joelhos. Tive que analisar primeiro como uma sexualização defensiva, a sedução, histérica com a qual ela encobria seu desejo; depois pudemos elaborar sua angústia da perda do objeto-suporte.

Grotstein relata um outro tipo de exemplo significativo: "Pacientes em análise frequentemente me contaram sonhos nos quais eles

2 Agradeço Annick Maufras du Chatellier por me apresentar este texto, fornecendo-me a tradução francesa.

dirigiam um carro do assento traseiro". As associações a esses sonhos conduziam quase que invariavelmente à noção de ter um "suporte" (*backing*) defeituoso e, em consequência, uma dificuldade de autonomia. Grotstein propõe um jogo de palavras, intraduzível em francês: porque o objeto-suporte se coloca "atrás" ou "em baixo" *(he under stands),* ele fornece o paradigma da "compreensão" *(understandmg).*

2) À pele que recobre a superfície inteira do corpo e na qual estão inseridos todos os órgãos dos sentidos externos responde a função continente do Eu-pele. Esta função é exercida principalmente pelo *handling* maternal. A sensação-imagem da pele como bolsa é despertada, no bebê, pelos cuidados do corpo, apropriados às suas necessidades, dispensados pela mãe. O Eu-pele, como representação psíquica, emerge dos jogos entre o corpo da mãe e o corpo da criança e também das respostas da mãe às sensações e emoções do bebê, respostas gestuais e vocais, pois o envelope sonoro redobra então o envelope tátil, respostas de caráter circular onde as ecolalias e as ecopraxias de um imitam as do outro, respostas que permitem ao bebê experimentar progressivamente essas sensações e emoções por sua própria conta sem se sentir destruído. R. Kaës (1979) distingue dois aspectos desta função. O "continente" propriamente dito, estável, imóvel, se apresenta como receptáculo passivo para o depósito das sensações-imagens-afetos do bebê, assim neutralizados e conservados. O "contentor" corresponde ao aspecto ativo, segundo Bion à "rêverie" maternal, à identificação projetiva, ao exercício da função alfa que elabora, transforma e restitui ao interessado suas sensações-imagens-afetos que se tomam representáveis.

Assim como a pele envolve todo o corpo, o Eu-pele visa envolver todo o aparelho psíquico, pretensão que então se revela abusiva, mas necessária no princípio. O Eu-pele é agora representado como casca, o Id pulsional como núcleo, cada um dos dois termos tendo necessidade do outro. O Eu-pele só é continente se houver pulsões para serem contidas e localizadas em fontes corporais, mais tarde diferenciadas. A pulsão só é sentida como tensão geradora, como força motriz, se ela encontra limites e pontos específicos de inserção no espaço mental onde ela se mostra e se sua srcem é projetada em regiões do corpo dotadas de uma excitabilidade particular. Esta complementaridade da casca e do núcleo fundamenta o sentido da continuidade do Self.

Duas formas de angústia respondem à carência dessa função contentora do Eu-pele. A angústia de uma excitação pulsional difusa, permanente, esparsa, não localizável, não identificável, não tranquilizante, traduz uma topografia psíquica constituída por um núcleo sem casca; o indivíduo procura uma casca substitutiva na dor física ou na angústia psíquica: ele se envolve no sofrimento. No segundo caso, o envelope existe, mas sua continuidade está interrompida por buracos. É o Eu-pele escorredor; os pensamentos, as lembranças, são dificilmente conservados; eles fogem (ver a observação de Eleonora, p. 69). A angústia é passível de ter um interior que se esvazia, particularmente da agressividade necessária a toda afirmação de si. Esses buracos psíquicos podem se sustentar sobre os poros da pele: a observação feita em Gethsêmani (p. 225) mostra um paciente que transpira durante as sessões, liberando assim sobre seu psicanalista uma agressividade nauseante que ele nem pode reter nem elaborar, tanto que sua representação inconsciente de um Eu-pele escorredor não foi interpretada.

3) A camada superficial da epiderme protege a sua camada sensível (aquela onde se encontram as terminações livres dos nervos e os corpúsculos do tato) e o organismo em geral contra as agressões físicas, as radiações, o excesso de estimulações. Desde *"Esquisse d'une psychologie scientifique"* de 1895, Freud reconhecera ao Eu uma função de pára-excitação. Na "*Notice sur le Bloc magique"* (1925), ele especifica que o Eu (assim como a epiderme, se bem que Freud não tenha chegado a esta precisão) apresenta uma estrutura em folheto duplo. No *"Esquisse"* de 1895, Freud deixa entender que a mãe serve de pára-excitação auxiliar do bebê, e isto - o acréscimo é meu - até que seu Eu em crescimento encontre sobre sua própria pele um apoio suficiente para assumir esta função. De uma maneira geral, o Eu-pele é, na época do nascimento, uma estrutura virtual, e ele se atualiza durante a relação entre o bebê e o ambiente primário; a srcem primeira desta estrutura remontaria até mesmo à aparição dos organismos vivos.

Os excessos e os déficits da pára-excitação oferecem representações muito variadas. Francês Tustin (1972) descreveu as duas imagens do corpo que pertencem respectivamente ao autismo primário e secundário: o Eu-polvo (quando nenhuma das funções do Eu-pele é adquirida, nem as do suporte, nem de continente, nem de pára-excitação, e quando o folheto duplo não é esboçado) e o Eu-crustá-

ceo, com uma carapaça rígida que substitui o contentor ausente e que impede as funções seguintes do Eu-pele de se engrenarem.

A angústia paranóide de intrusão psíquica se apresenta sob duas formas: a) roubam-me os pensamentos (perseguição); b) dão-me pensamentos (máquina de influenciar). As funções pára-excitação e contentora existem aí distintamente, porém insuficientes.

A angústia da perda do objeto substituindo o papel de pára-excitação auxiliar é maximizada quando a criança foi dada pela mãe para ser criada por sua própria mãe (isto é, pela avó materna da criança) e esta última se ocupou da criança com tal perfeição qualitativa e quantitativa que a criança não conheceu a possibilidade nem a necessidade de chegar a uma auto-sustentação. A toxicomania pode aparecer então como uma solução para constituir uma barreira de névoa ou de fumaça entre o Eu e as estimulações externas.

A pára-excitação pode ser buscada como apoio sobre a derme em detrimento da epiderme: é a segunda pele muscular (E. Bick), a couraça do caráter (W. Reich).

4) A membrana das células orgânicas protege a individualidade da célula diferenciando os corpos estranhos aos quais recusa o acesso, das substâncias similares ou complementares às quais ela permite a admissão ou a associação. Pela sua granulação, sua cor, sua textura, seu odor, a pele humana apresenta diferenças individuais consideráveis. Elas podem narcisicamente ou mesmo socialmente ser superinvestidas. Permitem diferenciar no outro os objetos de apego e de amor e a afirmação de si mesmo como um indivíduo que tem sua pele pessoal. Por sua vez, o Eu-pele assegura uma função de individuação do Self, que lhe traz o sentimento de ser um ser único. A angústia, descrita por Freud (1919), da “estranheza inquietante", está ligada a uma ameaça visando a individualidade do Self por enfraquecimento do sentimento das fronteiras do Self.

Na esquizofrenia, toda a realidade exterior (mal diferenciada da interior) é considerada como perigosa de assimilar e a perda do sentido da realidade permite a manutenção a qualquer preço do sentimento de unicidade do Self.

5) A pele é uma superfície portadora de bolsos, de cavidades onde estão alojados os órgãos dos sentidos com exceção dos do tato (os quais estão inseridos na epiderme). O Eu-pele é uma superfície

psíquica que liga as sensações de diversas naturezas entre si e que as faz destacar como figuras sobre esse fundo srcinário que é o envelope tátil: é a função de *intersensorialidade* do Eu-pele que leva à formação de um "senso comum" (o *sensorium commune* da filosofia medieval), cuja referência de base se faz sempre ao tato. A carência desta função responde a angústia de fragmentação do corpo, mais precisamente a de desmantelamento (Meltzer, 1975), isto é, de um funcionamento independente, anárquico, dos diversos órgãos dos sentidos. Mostro adiante o papel decisivo do interdito do tocar na passagem do envelope tátil continente ao espaço intersensorial que prepara a simbolização. Na realidade neurofisiológica, é no encéfalo que se efetua a integração das informações provenientes dos diversos órgãos dos sentidos; a intersensorialidade é então uma função do sistema nervoso central, ou, mais amplamente, do ectoderma (donde se srcinam simultaneamente a pele e o sistema nervoso central). Na realidade psíquica, ao contrário, esse papel é ignorado e existe uma representação imaginária da pele como tela de fundo, como superfície srcinária sobre a qual se estendem as interconexões sensoriais.

6) A pele do bebê faz da mãe o objeto de um investimento libidinal. A alimentação e os cuidados são acompanhados de contatos pele a pele geralmente agradáveis, que preparam o auto-erotismo e situam os prazeres de pele como tela de fundo habitual dos prazeres sexuais. Estes se localizam em certas zonas erécteis ou em certos orifícios (excrescências e bolsos) onde a camada superficial da epiderme está adelgaçada e onde o contato direto com a mucosa produz uma superexcitação. O Eu-pele exerce a função de superfície de sustentação *da excitação sexual,* superfície sobre a qual, em caso de desenvolvimento normal, zonas erógenas podem ser localizadas, a diferença dos sexos reconhecida e sua complementaridade desejada. O exercício desta função pode se bastar a ela mesma: o Eu-pele capta sobre toda sua superfície o investimento libidinal e se toma um envelope de excitação sexual global. Esta configuração fundamenta a teoria sexual infantil mais arcaica, segundo a qual a sexualidade se resume nos prazeres do contato pele contra pele e a gravidez resulta do simples abraço corporal e do beijo. Na falta de uma descarga satisfatória, este envelope de excitação erógeno pode se transformar em envelope de angústia (ver adiante a observação de Zenóbia, p. 256).

Se o investimento da pele é mais narcísico que libidinal, o envelope de excitação pode ser substituído por um envelope narcísico brilhante, passível de tomar seu possessor invulnerável, imortal e heróico.

Se a sustentação da excitação sexual não é assegurada, o indivíduo ao se tornar adulto não se sente suficientemente seguro para se envolver numa relação sexual completa, culminando em uma satisfação genital mútua.

Se as excrescências e os orifícios sexuais são o lugar de experiências algógenas mais do que erógenas, a representação de um Eu-pele perfurado se acha reforçada, a angústia persecutória aumentada, a predisposição acrescida às perversões sexuais visando inverter a dor em prazer.

7) A pele como superfície de estimulação permanente do tônus sensório-motor pelas excitações externas responde a função do Eu-pele de *recarga libidinal* do funcionamento psíquico, de manutenção da tensão energética interna e de sua repartição desigual entre os subsistemas psíquicos (cf. as "barreiras de contato" do *"Esquisse"* freudiano de 1895). As falhas desta função produzem dois tipos antagônicos de angústia: a angústia de explosão do aparelho psíquico sob o efeito da sobrecarga de excitação (a crise epilética, por exemplo, cf. H. Beauchesne, 1980); a angústia do Nirvana, isto é, a angústia diante daquilo que seria a satisfação do desejo por uma redução da tensão a zero.

8) A pele, com os órgãos dos sentidos táteis que ela contém (tato, dor, calor/frio, sensibilidade dermatotópica), fornece informações diretas sobre o mundo exterior (que são em seguida reescalonadas pelo "senso comum" com as informações sonoras, visuais etc.). O Eu-pele exerce uma função de inscrição *dos traços* sensoriais táteis, função de pictograma de acordo com Piera Castoriadis-Aulagnier (1975), de escudo de Perseu enviando, segundo E Pashe (1971), uma imagem da realidade em espelho. Esta função é reforçada pelo ambiente materno à medida que ele exerce seu papel de "apresentação de objeto" (Winnicott, 1962) junto do bebê. Esta função do Eu-pele se desenvolve através de um apoio duplo, biológico e social. Biológico: um primeiro desenho da realidade se imprime sobre a pele. Social: o fazer parte de um grupo social é marcado por incisões, escarificações, pinturas, tatuagens, maquilagens, penteados e seus dubles que são as

roupas. O Eu-pele é o pergaminho srcinário que conserva à maneira de um palimpsesto os rascunhos rasurados, riscados, reescritos de uma escrita "srcinária" pré -verbal feita de traços cutâneos.

Uma primeira forma de angústia relacionada a esta função é ser marcado na superfície do corpo e do Eu por inscrições infamantes e indeléveis vindas do Superego (os rubores, o eczema, as feridas simbólicas de acordo com Bettelheim (1954), a máquina infernal da *Colônia Penitenciária* de Kafka (1914-1919) que grava sobre a pele do condenado, em letras góticas, até que a morte sobrevenha, o artigo do código que ele transgrediu). A angústia inversa se apóia sobre o perigo do apagar das inscrições sob o efeito de sua sobre-inscrição, ou sobre a perda da capacidade de fixar os traços, como no sono, por exemplo. A película que permite o desenrolar dos sonhos vem então propor ao aparelho psíquico a imagem visual de um Eu-pele restituído em sua função de superfície sensível.

9) Todas as funções precedentes estão a serviço da pulsão de apego, e depois da pulsão libidinal. Não existiría uma função negativa do Eu-pele, um tipo de antifunção a serviço de Tanatos, e visando à *autodestruição* da pele e do Eu? Os progressos da imunologia desencadeados pelo estudo das resistências do organismo aos implantes de órgãos nos dão indicações sobre o organismo vivo. As incompatibilidades entre doador e receptor de órgãos, confirmando que não existe dois humanos idênticos sobre a Terra (exceto o caso dos gêmeos verdadeiros), permitiram por outro lado captar a importância dos marcadores moleculares da "personalidade biológica"; quanto mais esses marcadores são semelhantes entre o doador e o receptor, mais chances tem o implante de dar certo (Jean Hamburger); e essas semelhanças decorrem da existência de uma pluralidade de grupos diferentes de glóbulos brancos, aparentemente grupos marcadores não somente de glóbulos, mas da personalidade inteira (Jean Dausset).

Os biólogos foram levados a recorrer, sem o saber, a noções análogas àquelas - o Self, o não-Eu - que certos sucessores de Freud tinham criado para completar a segunda concepção tópica do aparelho psíquico. Em numerosas doenças, o sistema de defesa imunológico pode ser ativado, não especificamente, para atacar tal órgão do próprio corpo como se ele fosse um enxerto. São esses os fenômenos autoimunes, o que quer dizer, etimologicamente, que o organismo

vivo dirige contra si próprio a reação imunológica ou imune. O exército celular é formado para rejeitar os tecidos estranhos - o *não-Self,* dizem os biólogos -, mas ele é às vezes suficientemente cego para atacar o Self, já que ele o respeita completamente em estado de saúde: daí as doenças auto-imunes freqüentemente graves.

Como analista, fiquei surpreso pela analogia entre a reação auto-imune por um lado e, por outro, o voltar sobre si da pulsão, a reação terapêutica negativa e os ataques contra as interconexões em geral, e contra os continentes psíquicos em particular. Noto igualmente que a distinção do familiar e do estranho (Spitz) ou do Eu e do não-Eu (me *and not me,* segundo Winnicott) tem raízes biológicas ao nível celular e formulo a hipótese de que a pele como envelope do corpo constitui a realidade intermediária entre a membrana celular (que recolhe, cria e transmite a informação quanto ao caráter estranho ou não dos íons) e a interface psíquica que é o sistema percepção-consciência do Eu.

Os médicos psicossomáticos descreveram, na estrutura alérgica, uma inversão dos sinais de segurança e de perigo: a familiaridade, ao invés de ser protetora e tranqüilizadora, é evitada como má, e a estranheza, ao invés de ser inquietante, se revela atraente: daí a reação paradoxal do alérgico e também do toxicômano que evita o que lhe pode fazer bem e que é fascinado pelo que lhe é nocivo. O fato da estrutura alérgica se apresentar frequentemente sob forma de uma alternância asma-eczema permite precisar a configuração do Eu-pele em jogo. Originariamente, trata-se de remediar as insuficiências do Eu-pele-bolsa em delimitar uma esfera psíquica interna pelo volume, isto *é,* a passar de uma representação bidimensional a uma representação tridimensional do aparelho psíquico (cf. D. Houzel, 1984 a). As duas afecções correspondem aos dois modos possíveis de abordagem da superfície desta esfera: pelo interior, pelo exterior. A asma é uma tentativa de sentir por dentro o envelope constitutivo do Eu corporal: o doente se infla de ar até sentir de dentro as fronteiras de seu corpo e se assegurar dos limites alargados de seu Self; para preservar esta sensação de um Self-bolsa inflada, ele fica em apnéia, com o risco de bloquear o ritmo da troca respiratória com o meio e de sufocar. A observação de Pandora o ilustra (cf. p. 152). O eczema é uma tentativa de sentir de fora esta superfície corporal do Self, em suas rupturas dolorosas, seu contato áspero, sua visão vexatória e também como envelope de calor e de difusas excitações erógenas.

Na psicose, especialmente na esquizofrenia, o paradoxo que aparece com a alergia chega ao paroxismo. O funcionamento psíquico é dominado pelo que Paul Wiener (1983) chamou a reação antifisiológica. A confiança no funcionamento natural do organismo é destruída ou não é adquirida. O que é natural é vivido como artificial; o vivo é assimilado como mecânico; o que é bom para a vida e na vida é sentido como um perigo mortal. Tal funcionamento psíquico paradoxal, por uma reação circular, altera a percepção do funcionamento corporal e se toma reforçado nos seus paradoxos. Aqui a configuração paradoxal subjacente do Eu-pele leva à não-aquisição das distinções fundamentais: vigília-sono, sonho-realidade, animado-inanimado. A observação de Eurídice (D. Anzieu, 1982 b) fornece um exemplo limitado de uma paciente não psicótica, mas que se sente ameaçada de confusão mental. O restabelecimento da confiança em um funcionamento natural e feliz do organismo (desde que o organismo encontre no meio um eco suficiente para suas necessidades) é uma das tarefas essenciais do psicanalista em relação a tais pacientes, uma tarefa árdua e repetitiva em razão das tentativas inconscientes do paciente de paralisar o psicanalista pego na armadilha da transferência paradoxal (cf. D. Anzieu, 1975 b) e de arrastá-lo em seu próprio fracasso.

Os ataques inconscientes contra o continente psíquico, e que se apoiam, talvez sobre os fenômenos orgânicos auto-imunes, parecem se srcinar de partes do Self fundidas a representantes da pulsão de auto-destruição inerente ao Id, expulsas para a periferia do Self, encistadas na camada superficial que é o Eu-pele, corroendo sua continuidade, destruindo a coesão, alterando as funções pela inversão de seus propósitos. A pele imaginária com a qual o Eu se recobre se torna uma túnica envenenada, asfixiante, ardente, desagregadora. Poder-se-ia, então, falar de uma função *tóxica* do Eu-pele.

Esta lista de nove funções psíquicas do Eu, semelhante às funções biológicas da pele, não é, a meu ver, imutável ou exaustiva. Ela fornece uma grade para pôr à prova fatos, grade aberta e passível de ser melhorada, mas que deveria facilitar a observação clínica, o diagnóstico psicopatológico, a conduta das psicoterapias e a técnica da interpretação psicanalítica.

Em relação às funções da pele não ainda citadas[3], seria possível, avançando mais ainda no espírito do sistema, propor outras funções do Eu para lhes corresponder:

— Função de armazenamento (gorduras, por exemplo): em correlação com a função mnésica; mas esta última se srcina da zona pré-consciente do aparelho psíquico e não pertence, Freud insiste, à "superfície" do aparelho, caracterizada pelo sistema percepção-consciência.

— Função de produção (pêlos e unhas, por exemplo): em correlação com a produção dos mecanismos de defesa pela zona (também pré-consciente, e mesmo inconsciente) do Eu.

— Função de emissão (suores, feromônios, por exemplo): em correlação com a precedente, constituindo a projeção um dos mais arcaicos mecanismos de defesa do Eu; mas convém articulá-lo a uma configuração tópica particular, que descreví como Eu-pele escorredor (cf. as observações de Eleonora e de Gethsêmani).

Seria possível igualmente correlacionar, senão certas funções, pelo menos certas tendências do Eu-pele com características estruturais (e não mais funcionais) da pele. Por exemplo, ao fato de a pele ter a maior superfície e o maior peso de todos os órgãos do corpo correspondería a pretensão do Eu de envolver a totalidade do aparelho psíquico e de ter maior peso sobre seu funcionamento. Da mesma maneira, a tendência ao encaixe dos folhetos externo e interno do Eu-pele e dos envelopes psíquicos (sensoriais, musculares, rítmicos) só aparece em relação ao emaranhado (descrito na p. 29) das camadas que compõem a epiderme, a derme, a hipoderme. A complexidade do Eu e a multiplicidade de suas funções poderíam igualmente ser correlacionadas à existência de numerosas e importantes diferenças de estrutura e de função de um ponto da pele a outro (por exemplo, a densidade dos diferentes tipos de glândulas, de corpúsculos sensoriais etc.).

3. Agradeço meu colega François Vincent, psicofisiologista, por ter chamado minha atenção sobre elas.

Um *caso de masoquismo perverso*

Observação do Sr. M.

O caso bastante excepcional do Sr. M., relatado por Michel de M'Uzan (1972 e 1977) anterior ao meu primeiro artigo sobre o Eu-pele (1974), não corresponde a uma indicação de cura psicanalítica e somente foi objeto de duas entrevistas com esse colega. Minha perspectiva das nove funções do Eu-pele permite reinterpretá-lo de imediato colocando em evidência a alteração da quase totalidade das funções do Eu-pele (de que meu inventário se acha indiretamente validado) nos casos graves de masoquismo e a necessidade de recorrer a práticas perversas para restabelecer essas funções.

Para o Sr. M., que não era por acaso um radioeletricista, a função de sustentação está artificialmente assegurada pela introdução de pedaços de metal e de vidro sob toda a pele (trata-se de uma segunda pele, não muscular, mas metálica), principalmente de agulhas nos testículos e no pênis, por dois anéis de aço colocados respectivamente na extremidade do pênis e no início das bolsas escrotais, por lâminas encravadas na pele do dorso, a fim de permitir a suspensão do Sr. M. a ganchos de açougueiro enquanto um sádico o sodomiza (atualização do mitema do deus suspenso, citado anteriormente, p. 72, a propósito do mito grego de Marsias).

Os enfraquecimentos da função continente do Eu-pele são materializados não somente pelas inúmeras cicatrizes de queimaduras e de cortes espalhados sobre toda a superfície do corpo, mas pelo nivelamento de certas excrescências (seio direito arrancado, pequeno artelho do pé direito cortado por serra de metal), pelo preenchimento de certas cavidades (umbigo cheio de chumbo fundido), pelo alargamento artificial de certos orifícios (ânus, fenda da glande). Esta função continente é restabelecida pela instauração repetitiva de um envelope de sofrimento, graças à grande diversidade, engenhosidade e crueldade dos instrumentos e das técnicas de tortura: a fantasia da pele arrancada deve ser reavivada permanentemente no masoquista perverso para que ele se reaproprie de um Eu-pele.

A função de pára-excitação é desprezada até o ponto-Iimite irreversível onde o perigo se torna mortal para o organismo. O Sr. M. sempre retorna intacto deste limite (não sofreu de nenhuma doença grave nem de loucura), mas sua jovem esposa, com quem ele fez a descoberta mútua das perversões masoquistas, morreu de exaustão conseqüente às sevícias sofridas. O Sr. M. sobe os lances progressivamente, jogando com a morte.

A função de individuação do Self só se realiza no sofrimento físico (as torturas) e moral (as humilhações); a introdução sistemática de substâncias não-orgânicas embaixo da pele e a ingestão de substâncias repugnantes (urina, excrementos do parceiro) mostram a fragilidade desta função; a distinção do próprio corpo e dos corpos estranhos é questionada sem cessar.

A função de intersensorialidade é, sem dúvida, a mais respeitada (o que explica a excelente adaptação profissional e social do Sr. M.).

As funções de sustentação da excitação sexual e de recarga libidinal do Eu-pele são igualmente preservadas e ativadas à custa de sofrimentos-limite que acabam de ser descritos. O Sr. M. sai de suas sessões de práticas perversas sem estar abatido, nem deprimido, nem mesmo cansado; elas o revigoram. Ele atinge o prazer sexual não pela penetração ou sendo penetrado, mas a princípio pela masturbação e depois pelo simples espetáculo de cenas perversas (por exemplo, aquela de sua mulher sofrendo a crueldade de um sádico), acompanhado de uma excitação de toda a sua pele submetida também às sevícias. "Toda a superfície de meu corpo era excitável por meio da dor." "A ejaculação vinha no momento em que a dor era mais forte... Depois da ejaculação, eu sofria, bobamente" (*ibid.*, 1977, pp. 133-134).

A função de inscrição de sinais é superativada. Numerosas tatuagens cobrem o corpo inteiro, com exceção do rosto: por exemplo, sobre as nádegas: "Ao encontro de belos rabos"; sobre as coxas e o ventre: "Viva o masoquismo", "Eu sou uma cadela viva", "Sirva-se de mim como de uma fêmea, gozará muito" etc. *(ibid.,* p. 127). Todas essas inscrições testemunham uma identificação particular com a anatomia feminina, com "erogeneização" da superfície global da pele e convite a fazer o parceiro gozar através de diversos orifícios (boca, ânus) pelos quais ele próprio não gozava.

Enfim, a função que eu denominei tóxica do Eu-pele (isto é, autodestrutiva) alcança um paroxismo. A pele se torna a fonte e o objeto dos processos destruidores. Mas a divagem das pulsões de vida e das pulsões de morte é passageira, diferentemente das psicoses onde ela é definitiva. No momento em que o jogo com a morte se toma suicida, o parceiro interrompe suas sevícias, a libido opera um recrudescimento "selvagem" e Senhor M. pode gozar.

Pelo menos, ele tem tido suficiente discernimento psicológico para escolher os parceiros: "O sádico se acovarda sempre no último momento" ele confessa (*ibid.*, p. 137). Desejo de ser todo poderoso, comenta Michel de M'Uzan. Eu diria: a busca de ser todo poderoso na destruição é, para o masoquista perverso, a condição de acesso a uma fantasia de domínio erótico, necessária para desencadear o prazer: não, a pele não é completamente arrancada, as funções do Eu-pele não são irreversivelmente destruídas, sua recuperação operada "in extremis" no momento de sua perda produz uma "assunção de júbilo" muito mais intensa (por ser ao mesmo tempo corporal e psíquica) que aquela descrita por Lacan no estado de espelho, mas cuja economia narcísica é também evidente.

Espero ter demonstrado que esses mecanismos de defesa bem conhecidos (clivagem da pulsão, retorno sobre si, retorno do clivado, superinvestimento narcísico de funções psíquicas e orgânicas lesadas) apenas funcionam com uma tal eficácia em um Eu-pele particular que adquiriu provisoriamente as nove funções fundamentais, que reviveu repetitivamente uma fantasia de pele arrancada e o drama da perda da quase totalidade dessas funções, para gozar com mais intensidade a exaltação de suas recuperações. A fantasia (necessária à evolução em direção à autonomia psíquica) de ter uma pele própria fica profundamente culpabilizada pela fantasia prévia que, para tê-la, é preciso tomá-la de outro e que é melhor ainda deixar que ela seja tomada pelo outro para lhe dar prazer, alcançando ele mesmo finalmente o prazer.

O *envelopamento úmido: o "pack"; as cavernas*

O "pack"

O "pack" é uma técnica de cuidados para enfermos psicóticos graves derivada do envelopamento úmido praticado pela psiquiatria francesa no século XIX e que apresenta as analogias com o ritual africano de amortalhamento terapêutico ou com o banho gelado dos monges tibetanos. O "pack" foi introduzido na França por volta de 1960, pelo psiquiatra americano Woodbury, que acrescentou ao envelopamento físico propriamente dito por lençóis um círculo estreito formado de atendentes em volta do enfermo. Esse acréscimo traz uma confirmação não premeditada para a hipótese, levantada desde o início desta obra, do duplo apoio do Eu-pele: biológica, sobre a superfície do corpo, e social, sobre a presença de um círculo unido e atento à experiência que o interessado está para viver.

O doente, em roupas de baixo ou nu, à sua escolha, é enrolado em lençóis úmidos e frios pelos atendentes. Estes enrolam primeiro separadamente cada um de seus quatro membros, depois o corpo inteiro, com exceção da cabeça. O doente é logo depois envolvido por uma coberta, o que lhe permite se aquecer mais ou menos rápido. Permanece deitado 3/4 de hora, livre para verbalizar ou não o que sente (de qualquer maneira, segundo os atendentes que se submeteram a esta experiência, as sensações-afetos experimentadas são tão fortes e extraordinárias que as palavras não conseguem traduzi-las). Os atendentes tocam com suas mãos a pessoa envelopada, o interrogam pelo olhar, lhe respondem; eles ficam ávidos e ansiosos para saber o que se passa com o paciente. A prática do "pack" forma entre eles um espírito de grupo tão forte que pode ocasionar inveja entre o resto do pessoal. Encontro aí uma confirmação de outra hipótese na qual o envelope corporal é um dos organizadores psíquicos inconscientes dos grupos (D. Anzieu, 1981 b).

Depois de uma fase relativamente breve de angústia ligada à impressão de um ambiente global pelo frio, o envelopado experimenta um sentimento de onipotência, de completitude física e psíquica. Entendo isso como uma regressão a esse Self psíquico srcinário ili-

mitado do qual alguns psicanalistas fizeram a hipótese e que correspondería a uma experiência de dissociação do Eu psíquico e do Eu corporal, como acontece entre os participantes de um grupo, ou místicos, ou ainda os criadores (cf. D. Anzieu, 1980 a). Esse bem-estar não persiste, mas se toma mais durável com a repetição dos "packs" (a cura completa, sobre o modelo da psicanálise, pode levar anos no ritmo de três envelopamentos semanais).

O "pack" dá ao paciente a sensação de um duplo envelope corporal: um envelope térmico (frio e depois quente por causa da vasodilatação periférica reativa ao frio), envelope que comanda a termo-regulação interna; um envelope tátil (os lençóis molhados e apertados que colam na pele inteira). Isto reconstitui temporariamente seu Eu como separado dos outros ainda que em continuidade com eles, o que é uma das características topográficas do Eu-pele. Uma praticante do "pack", Claudie Cachard (1981), referiu-se a "membranas de vida" (cf. igualmente D. de Loisy, 1981).

O "pack" é usado igualmente com crianças psicóticas e com crianças surdas-cegas para quem o único acesso possível a uma comunicação significante com o ambiente é o registro tátil. O "pack" lhes oferece "envelopes de ajuda", estruturantes que substituem, por algum tempo, seus envelopes patológicos e graças aos quais as crianças podem abandonar uma parte de suas defesas de agitação motora e sonora e se sentirem unos e imóveis. Mas existe primeiro uma resistência ao envelopamento: querer imobilizá-las completamente provoca nas crianças um pânico mortal e uma extrema violência.

Três observações

A experiência do "pack" e das grutas me leva a três observações. Primeiro, o corpo do bebê é, parece, programado para fazer a experiência de um envelope continente; se lhe faltam os materiais sensoriais adequados, ele faz esta experiência com o que está a sua disposição: daí envelopes patológicos constituídos por uma barreira de ruídos incoerentes e de agitação motora; esses envelopes asseguram a adaptação do organismo para sobreviver e não a descarga controlada da pulsão. Em segundo lugar, as resistências paradoxais dos educadores decorrem da diferença dos níveis de estruturação do Eu corporal entre os educadores e as crianças, e do perigo, para os educadores,

de uma regressão anulando esta diferença e instaurando a confusão mental. Em terceiro lugar, a terapêutica dos "envelopes de ajuda" ("pack", cavernas, e também massagens, bioenergia, grupos de encontro) só tem um efeito provisório. É aí que se acentua um fenômeno constatável em pessoas normais, que precisam reconfirmar periodicamente, através de experiências concretas, seus sentimentos de base de um Eu-pele. Serve também de ilustração da necessidade, nos casos graves de carência, de desenvolver configurações substitutivas e compensatórias.

8

Distúrbios das distinções sensório-motoras de base

Examinarei nesse capítulo uma só distinção sensório-motora de base, a do pleno e do vazio respiratório. Outras oposições serão estudadas na terceira parte do livro. Recomendo ao leitor meu artigo *"Sur la confusion primaire de l'animé et de l'inanimé. Un cas de triple méprise"* (D. Anzieu, 1982 b).

Sobre a confusão respiratória do pleno e do vazio

Prometeu roubara o fogo do céu para beneficiar os humanos. Para se vingar, os deuses do Olimpo enviam Pandora para desposar seu irmão, Epimeteu; Pandora era mulher notável por sua beleza, seu encanto, sua palavra sedutora e sua habilidade manual, criada à imagem das deusas, portadora de todos os dons e astúcias. Epimeteu confia à sua companheira, com a proibição de abri-la, caixa cheia de ar onde estavam guardados todos os males. Pandora, curiosa, levanta a tampa, os males escapam e seus sopros desde então se espalham sobre a terra.

Esse mito, com o qual denomino a paciente cujo caso vou relatar, não nos informaria sobre a necessidade de certos pacientes de reter em seus pulmões o sopro de um ódio destruidor em relação aos que o cercam? Este ódio visa em sua srcem uma mãe deprimida e muda com a qual, quando bebês, não puderam fazer nem a troca respiratória vital nem a circulação da palavra, cujo suporte é o ar.

Por outro lado, sabe-se que o desencadear do reflexo respiratório no nascimento resulta de massagem global do corpo da criança pelas contrações uterinas e pelo envelopamento vaginal; a conservação desse reflexo requer a repetição das estimulações corporais globais por ocasião da mamada e dos cuidados. A troca respiratória com o meio físico está sob a dependência da troca tátil com o meio humano. Esta dependência se transforma com a troca sonora que utiliza o ar como suporte da palavra. Um conceito de "introjeção respiratória" foi desenvolvido, em sentidos diferentes que não vou examinar aqui, por Otto Fenichel em 1931 e depois pelo kleiniano Clifford Scott. Sobre a função de autoconservação da respiração se estabelece uma função de comunicação srcinária, concomitante aos inícios de constituição do Eu-pele. Citemos um dos resultados obtidos por Margaret Ribble (1944) através da observação de 600 recém-nascidos: "A respiração de um recém-nascido é muito leve, instável e insuficiente nas semanas que se sucedem ao nascimento. Ora, a respiração é estimulada automaticamente e de maneira definitiva pela sucção e pelo contato físico com a mãe. Os bebês que não mamam vigorosamente não respirarão profundamente e aqueles que não são suficientemente seguros nos braços, em particular se são alimentados com mamadeira, apresentam freqüentemente problemas respiratórios e distúrbios gastrointestinais. Eles engolem ar e sofrem do que comumente se chama de cólicas. Têm problemas de eliminação e podem vomitar".

Uma revisão detalhada, embora antiga, dos trabalhos dos médicos psicossomáticos e dos psicanalistas sobre os distúrbios respiratórios encontra-se no artigo de J.A. Gendrot e RC. Racamier (1951): *"Fonction respiratoire et oralité".* Sem dúvida, por razões de ortodoxia psicanalítica, esses dois autores enfatizam a ligação entre a regulação nervosa da respiração e da digestão; eles privilegiam a relação oral em detrimento das trocas táteis e negligenciam as falhas precoces do pré-Eu corporal (que eu prefiro chamar de Eu-pele) no estabelecimento dos distúrbios respiratórios. Em troca, distinguem especificamente os distúrbios da absorção e os da expulsão respiratória. Eles indicam que o bloqueio da expiração está relacionado com um objeto ruim interiorizado: "o asmático é condenado a não poder rejeitar o que ele absorveu agressivamente" (p. 470). Assinalam, em todos

os casos de retenção respiratória, a necessidade de ficar pleno e angústia do esvaziamento.

Em sua obra mais teórica que clínica, *"Le Stade du respir",* J.L, Tristani (1978) critica em Freud seu desconhecimento da respiração em suas elaborações teóricas enquanto as manifestações respiratórias são bem notadas nas suas observações clínicas (tosse nervosa de Dora; cena primária entendida ao mesmo tempo como arfar e como "aleitamento"[1]; referência ao choro como primeiro elo inter-humano no "Esquisse" (1895). Tristani emite várias hipóteses interessantes:

— O respirar faz parte, com a nutrição, das pulsões de autoconservação, logo das pulsões do Eu sobre as quais se apoiam em seguida as pulsões sexuais (falta porém em Tristani uma descrição da mucosa nasal como zona erógena).

— O choramingar está para o respirar, assim como o chupar está para a oralidade nutritiva.

— O dilema vital: ou eu ou o outro mantém certos distúrbios respiratórios graves (Tristani cita uma paciente psicótica de F. Roustang: "Eu tomo o mínimo de ar para não tirá-lo de meus pais. E necessário que eu sufoque para lhes permitir respirar").

— Existem dois tipos de confusão entre os sistemas respiratório e digestivo. A inspiração corresponde à ingestão oral e a expiração à expulsão anal, mas inspiração e expiração se efetuam pelo mesmo orifício, que serve alternadamente de entrada e de saída (o funcionamento respiratório é circular, do tipo vai-e-vem, enquanto o funcionamento digestivo é linear, a entrada e a saída estão em duas extremidades opostas). O primeiro tipo de confusão é o vômito: o sistema digestivo funciona sobre o modelo respiratório: a boca ingere e depois rejeita os alimentos, como se ela respirasse a alimentação. O segundo tipo de confusão é a aerofagia: o sistema respiratório funciona sobre o modelo digestivo: ele come o ar, o engole, o digere (daí os males de estômago, as cólicas). Na verdade, existem dois orifícios respiratórios, o nariz e a boca: pode-se respirar por um dos dois, ou fazer o ar circular por um, entrada, e pelo outro, na saída (por exemplo, nos fumantes inveterados).

1. Em francês, o arfar "halètement" e o aleitamento "allaitement"têm o mesmo som.

Obsevação de Pandora

Pandora me envia uma carta que é um pedido de socorro. Está desesperada: se a psicanálise nada fizer por ela, está sem saída. Ela se sente estranha em sua própria vida. Tem muito medo de seus acessos de tentação suicida. Tem sonhos de angústia aterrorizantes, onde ela sabe que vai ser assassinada

e nada faz para impedir, onde é violentada, sufocada, afogada. Na primeira visita, me deparo com uma alta e bela mulher. Ela examina meu consultório, cercado de estantes de livros, entulhado de pastas, com pé-direito baixo. Diz que não se sente cômoda, que "falta volume", embora haja nesse lugar, em outro sentido, excesso de volumes: assim ela demonstra prontamente seu distúrbio de oposição distintiva fundamental do vazio e do pleno. Conclui que "isto não vai dar certo" comigo. Ela sente falta de ar claramente, mas não o diz. Respondo, através de uma interpretação imediata bastante longa, que é uma construção: ela revive em meu

consultório seu primeiro encontro decepcionante com uma pessoa de quem antigamente ela esperou tudo; se ela se sente comprimida é porque a pessoa que se ocupava dela quando pequena ou não lhe deixava suficiente campo livre ou deixava de lado seus desejos, seus pensamentos, suas angústias; também ela mesma está há muito à procura de limites dentro dos quais ela poderia se reconhecer e se achar. Com minhas palavras, sua respiração se relaxa. Ela confirma minha interpretação: as duas atitudes que descrevi são verdadeiras; a primeira era de sua avó, a segunda de sua mãe. No final, ela decide se tratar comigo. Proponho uma

psicoterapia psicanalítica de uma vez por semana com duração de uma hora, face a face, e ela aceita.

Durante as sessões, Pandora permanece por muito tempo muda e estática, o olhar desviado, mas sempre verificando se meus olhos estão lhe fixando e se eu presto atenção a ela. Se eu relaxo, se me calo, parando de lhe comunicar hipóteses sobre o que não vai bem com ela (sonhos de angústia,

atritos profissionais, fracassos amorosos acontecidos durante a semana), se não mais a olho e não penso nela, ela se levanta bruscamente e parte, batendo a porta. Deduzo então que sua mãe deveria ser indiferente a ela, sem olhar nem falar com ela. Ela confirma que a mãe a alimentava e cuidava convenientemente mas com a ajuda de sua própria mãe (a avó materna de Pandora) e que o resto do tempo esta mãe não se comunicava com ela, dando-lhe as costas e passando horas em silêncio no terraço do apartamento, olhando o vazio. Parecia que o medo atual de Pandora, nos momentos em que ela é atraída por um forte desejo de se destruir (por medicamentos, pelo revólver de seu tio, pelo ataque de seus órgãos sexuais com pedaços de vidro cortante), reproduz seu terror de que sua mãe a arraste com ela no vazio: "terror sem nome" como o chama Bion (1967), identificação com a "mãe morta", como o precisa André Green (1984, cap. 6) e busca de uma união com ela numa realização mútua, não das pulsões de vida, mas do princípio de Nirvana.

Pandora me desafia a compreendê-la e tenta me cercar num dilema: se me calo, esperando que ela traga material que me mostre o caminho, é porque sou incapaz de adivinhar o que é evidente para ela; se falo, ela me critica por estar sempre desviado do caminho. A aliança de trabalho se estabelece mesmo assim, à medida que ela adquire a certeza dupla de que podemos respirar e falar juntos.

Quando Pandora não pode falar em uma sessão, ela me escreve ou me telefona em seguida para se explicar. Compreenderei mais tarde que, para ela, o ar transporta as partes más do Self clivadas e projetadas: ela pode então escrever mais fácil que falar. Respondo sempre às suas cartas, seja por carta, seja verbalmente na sessão seguinte. De minha parte, pouco a pouco, por aproximações e sondagens, conservo muitas interpretações, com as quais me parece vital que ela seja envolvida; e deu certo. Logo ela reconhece e, através de uma lembrança, de um sonho, do relato de uma decepção recente, ela desfila a série cumulativa dos

traumatismos que marcaram sua infância e que a conduziram a criar um mundo imaginário completamente feliz e a olhar com ódio o mundo real como se fosse através de um vidro, com o risco de nele intervir pela provocação ou sarcasmo. Cada vez mais ela apresenta em sessão momentos de dificuldades respiratórias.

Os fisiologistas consideram o riso, o soluço e os vômitos movimentos respiratórios modificados. A observação dos pacientes em psicoterapia confirma a importância dessas reações como três modalidades diferentes de identificação respiratória. A cura de Pandora me colocou em presença das duas primeiras, embora eu suspeite que ela me escondeu a terceira (os vômitos). Comecemos pelo riso. Freqüentemente, no final de uma sessão onde Pandora, com a ajuda de minhas interpretações, pode superar sucessivamente um bloqueio respiratório de tipo asmático e um bloqueio da palavra, ela começa a rir, dizendo, por exemplo, que ela se sente bem viva, que todos os bloqueios não a impedem de gozar de seu corpo, de suas amizades, de seus lazeres artísticos, que me deixei impressionar etc. - riso que geralmente compartilho, no alívio de uma regularidade respiratória reencontrada. Trata-se aqui de uma identificação do paciente com o outro que lhe devolve uma imagem de um funcionamento psicofisiológico "natural"; o paciente pode assim ter confiança na sua própria possibilidade de ter um funcionamento natural. Chegamos agora ao soluço.

Durante uma sessão onde conduzi meu trabalho psicanalítico para suas defesas pelo retraimento da comunicação, pela imobilização muscular, pelo aprisionamento de seus afetos, Pandora descreve uma cena de conflito com seu pai, relatada anteriormente de forma sucinta e com indiferença. Faço com que ela perceba que conta apenas os fatos e não as emoções que sentiu. De repente, chora, a ponto de soluçar. Ela reencontra os dois afetos em jogo: a intensa humilhação que a invadira naquele momento e o sentimento de ser uma criminosa, devido à moção pulsional parricida que claramente

se impusera à sua consciência. Esta rememoração afetiva se acompanha de uma intensificação da transferência. Pandora me acusa, ao lhe fazer reviver estas emoções insuportáveis, de maltratá-la, de levá-la a transgredir uma interdição familiar fundamental: era proibido às crianças chorar. Nada mais perigoso então do que as associações livres recomendadas pela psicanálise, pois elas podem levar as pulsões criminais ao ar livre onde elas poderiam, tal o conteúdo da "caixa" aberta por Pandora, se espalhar e realizar seus malefícios sobre o meio. Outros pacientes chegam aos soluços. Na minha experiência, esta reação está ligada à mobilização da dupla fantasia segundo a qual a psicanálise pode apenas lhes fazer mal, e o ar é um meio apropriado para a propagação dos desejos assassinos.

Pouco a pouco a cura de Pandora evolui. Um processo psicoterapêutico se instala. Mas as sessões permanecem difíceis. Eis o exemplo de uma "sessão" excepcional tanto pela sua intensidade dramática como pelo afastamento que tive que assumir em relação ao quadro psicanalítico clássico. Um domingo de manhã, Pandora me chama ao telefone de seu lugar de repouso. Sua voz é quase inaudível. Dissera antes de partir que ela iniciava uma gravidez, desejada por ela e por seu marido (os progressos de sua cura lhe possibilitaram o casamento e a maternidade). Fatigada pelo seu estado, ela obteve quinze dias de licença de trabalho com a recomendação de uma estada ao ar livre e ao sol. Ora, desde a véspera, ela sofria de uma crise de asma que piorava. A angústia respiratória aumentava com uma angústia em relação à decisão a tomar: os remédios que ela utilizava eram, nesse caso, desaconselhados por constituírem um risco para a saúde e mesmo para a vida do bebê; e se ela não os tomasse, sua própria vida estaria ameaçada; ela sufocava. O médico a deixara nesse dilema, porém pressionando-a a se hospitalizar e indo ao ponto de lhe propor uma interrupção da gravidez. Ela estava desesperada. Tive que fazê-la repetir as frases pois mal a compreendia. Interpretava a estrutura do dilema: "ou a

mãe, ou a criança", "ou ela sobrevive e a outra morre, ou a outra vive e ela morre", como remontando à sua relação de criança com a mãe: "Se eu vivo, provoco a morte de minha mãe". Pandora retifica: "Era o contrário. Durante anos, fiz voto de desaparecer em lugar da minha mãe que falava constantemente em morrer. Eu pensava que, se havia alguém que devia morrer, era eu e que eu tinha que morrer para que ela pudesse viver". Assim, não respirar era deixar o ar para sua mãe. Estávamos tendo uma sessão por telefone. Eu lhe comunico isto, indicando que me encontro disponível para ela (ao contrário de sua mãe, que não o era). Lembrando-me de quanto seu próprio nascimento foi difícil, e relacionando com o futuro nascimento de seu bebê, comunico-lhe a hipótese de uma compulsão a repetir, enquanto mãe em relação a esta criança desejada, a resistência de sua mãe em colocar no mundo uma criança que ela não desejava. Pandora responde: "É verdade. À noite, penso que não chegarei mesmo a fazer tão bem quanto minha mãe e que serei incapaz de dar à luz a uma criança". Eu a convido então para me relatar detalhadamente o que ela sabe de seu nascimento. Ela se declara incapaz de poder falar mais longamente. Encorajando-a, eu a faço ver que, logo após me falar de sua incapacidade de gestação em relação a sua mãe, ela me declara sua incapacidade de comunicação em relação a mim. Pandora, com uma voz mais audível, diz: "Eu vou tentar".

Ela começa um relato circunstancial, contrário a seus hábitos, e me dá detalhes novos sobre esse acontecimento até então abordado obscuramente por ela. Ela nasceu com nó de cordão e temeu-se por ela, pois estava se tomando arroxeada e foi necessário multiplicar as sacudidas bruscas e as palmadas para fazê-la respirar. Este relato é na verdade um diálogo onde rebato cada uma de suas frases e onde a persigo com sacudidelas e estimulações, que constituem os equivalentes verbais das estimulações táteis que lhe fizeram precocemente falta (mas não lhe comunico essa ligação). Faço-a ver que seu aparelho respiratório só precisava, para funcio-

nar, da impulsão adequada, e que o fato de ela ter sobrevivido é prova de que da sempre foi e é capaz de respirar, agora como antigamente.

A medida que nossa conversa progride, eu me tranqüilizo (seria preciso dizer que seu telefonema me inquietara fortemente?) e sinto que ela também se tranquiliza. Faço uma análise, continuando a desenrolar em voz alta o fio das interpretações, e eu fantasio que sou uma mãe que coloca no mundo seu bebê menina e que lhe dá o ar para respirar.

Depois de uma hora, pergunto a Pandora como está sua respiração ("Eu respiro melhor"), se podemos parar ("Sim") e o que ela vai fazer ("Acabo de tomar minha decisão. Por prudência, eu vou me hospitalizar, mas não tomarei remédios que poderíam fazer mal a meu bebê").

Sua gravidez passa ainda por dois ou três episódios agudos quando Pandora acreditou não poder levá-la a termo, mas eu dispunha de elementos suficientes para retomar, desenvolver e completar minhas interpretações nos seguintes sentidos: ela obedecia à maldição materna que lhe proibia de ser mulher e mãe; ela cometia um crime de lesa-majestade querendo igualar-se à mãe e lhe roubar a fecundidade; ela tinha medo de ser abandonada sem proteção, ao impulso de rejeitar sua criança como sua mãe tivera a impulsão de rejeitá-la, ela criança. Esses episódios persecutórios eram desencadeados por sonhos dos quais logo pressenti a existência, solicitando o relato e interpretando o conteúdo.

O parto foi facil. Pandora viveu com seu bebê, que ela amamentava, uma verdadeira lua-de-mel entremeada por bruscas tempestades que lhe anunciavam catástrofes ainda piores e que a perseverança no trabalho psicoterapêutico permite sempre dissipar. Acessos de asma se reproduziram igualmente, menos intensos e menos graves pelo que eles representavam. Eu já dispunha em relação a eles de uma grade interpretativa. A transferência evoluiu da desconfiança paranóica e do

> retraimento esquizóide para uma sedução meio-narcísica, meio edipiana e para o estabelecimento progressivo e contrastante de um amor de transferência visando através de mim a imagem paterna.

Esse fragmento de cura ilustra um ponto de psicogênese: a insuficiência do investimento libidinal e narcísico do recém-nascido pela mãe, quando ele se traduz por uma recusa dos contatos físicos, o predispõe a distúrbios respiratórios: o sistema respiratório não foi suficientemente estimulado no nascimento e durante as primeiras semanas, por excitações da pele do bebê. A observação de Pandora ilustra igualmente um ponto de técnica. O psicanalista se abstém de tocar seus pacientes e de se deixar tocar fisicamente por eles[2], com exceção do aperto de mãos tradicional. Mas ele deve encontrar palavras que sejam equivalentes simbólicos do tocar e que exerçam as funções do Eu corporal e do Eu psíquico que não receberam no passado as estimulações suficientes a seus desenvolvimentos. Esse restabelecimento, sob forma simbólica, da comunicação tátil primária permite ao paciente reencontrar a confiança na possível existência de uma comunicação, não com todo o mundo, o que seria uma ilusão de onipotência e de intercomunicabilidade, mas com interlocutores cuidadosamente escolhidos e solicitados convenientemente. Na verdade, a compulsão de repetição conduz frequentemente os indivíduos frágeis a se apegar a parceiros que reproduzam, em respeito a eles, as carências, os traumatismos, os paradoxos exercidos pelo primeiro ambiente, e que prorrogam assim as situações primitivamente patogênicas. Cabe ao psicanalista desenvolver no paciente uma consciência suficiente de si e dos outros para que ele saiba buscar, encontrar e conservar, fora da análise, os protagonistas capazes de satisfazer suas necessidades corporais e seus desejos psíquicos, sem preencher as falhas narcísicas nem fornecer um objeto real de amor. A saúde mental, dizia Bowlby, é escolher viver com pessoas que não nos tornem doentes...

2. Em certos casos-limite, um mínimo de tocar pode ser excepcionalmente admitido a título transitório, para reconstruir o apoio do Eu sobre a pele, o paciente apoiando, por exemplo, sua cabeça sobre o ombro do psicanalista durante um instante no momento de partir (cf. a cura da Sra. Oggi descrita por R. Kaspi, 1979).

9

Alterações da estrutura do Eu-Pele nas personalidades narcísicas e nos estados-limite

Diferença estrutural entre personalidade narcísica e estado-limite

Uma dificuldade encontrada pela nosologia, pela clínica e pela técnica psicanalíticas desde os anos sessenta concerne a oportunidade de diferenciar ou não os "distúrbios narcísicos da personalidade" (mais ou menos confundidos com as "neuroses de caráter") dos "estados-limite" (às vezes confundidos com as "organizações pré-psicóticas"). Nos Estados Unidos, o debate foi acirrado entre Kohut (1971) e Kernberg (1975), respectivamente partidário e adversário dessa distinção.

Resumindo, o debate parece ser o seguinte[1]. Os estados-limite estão expostos a regressões análogas aos episódios psicóticos transitórios cuja recuperação, sempre possível, mas frequentemente difícil, requer o encontro na vida e/ou nas sessões psicanalíticas de um Eu auxiliar. Esse último mantém um exercício normal das funções psí-

1. Na França, um relato detalhado do debate se encontra nas duas obras de Bergeret (1974, pp. 52-59 e pp. 76; 1975, pp. 283-285). Bergeret é mais próximo de Kohut do que de Kernberg. Ele mostra que um estado-limite não pode ser considerado como uma "neurose" (mesmo narcísica) e que o nível de carência narcísica vai aumentando da personalidade narcísica ao estado-litnite, e até a organização pré-psicótica (esta última encobrindo de fato uma estrutura psicótica não ainda descompensada). Para Bergeret, a verdadeira doença do narcisismo primário é a psicose; a verdadeira doença do narcisismo secundário (relacional) é o estado-limite; a neurose compreende certamente deficiências narcísicas, mas ela não é em si uma "doença do narcisismo". Agradeço Jacques Palaci pela ajuda em esclarecer essas questões.

quicas perturbadas ou mesmo momentaneamente destruídas pelos ataques inconscientes srcinados das próprias partes iradas do paciente, mas que ele considera estranhas a seu Self. O sentimento da continuidade do Self é, nos estados-Iimite, facilmente perdido.

Os distúrbios narcísicos da personalidade afetam um sentimento mais evoluído, o da coesão do Self. Este se relaciona com um desenvolvimento insuficiente do Self. Para Kernberg, o Self provém da interiorização das relações precoces de objeto. Para Kohut, ele resulta das vicissitudes internas do narcisismo, que segue uma linha de evolução relativamente separada daquela da relação de objeto e que passa por uma estrutura particular, a das relações com "Self-objetos", onde a diferenciação do Self e do objeto é insuficiente; essas relações são investidas narcisicamente (enquanto as relações de objeto são investidas libidinalmente); elas são analisáveis graças ao reconhecimento dos dois tipos de transferência especificamente narcísica, a transferência em espelho e a transferência idealizante. Esses pacientes que sofrem de distúrbios narcísicos conservam um funcionamento psíquico relativamente autônomo, com as capacidades - perdidas nos momentos de feridas narcísicas, mas recuperáveis, sobretudo se o outro demonstra empatia a respeito deles - de tolerar um atraso na satisfação do desejo, de suportar a dor moral, de se identificar ao objeto.

Kernberg, ao contrário, distingue uma grande variedade de estados-limite, de acordo com a seriedade da patologia do caráter. Esses diversos graus de estados-limite comportam ainda distúrbios narcísicos associados e variados, que vão do narcisismo normal até a personalidade narcísica, às neuroses narcísicas de caráter e às estruturas narcísicas patológicas definidas pelo investimento libidinal de um Self patológico, por exemplo, o Self grandioso, fusão do Self ideal com o objeto ideal e com as imagens atuais do Self. A função do Self grandioso é defensiva contra as imagens arcaicas de uma fragmentação interna de um Self destruidor e de um objeto persecutório em jogo nas relações de objetos precoces, investidas libidinal e agressivamente.

A perspectiva topográfica na qual se inscreve meu conceito do Eu-pele poderia trazer um argumento suplementar para distinguir as personalidades narcísicas dos estados-Iimite. O Eu-pele "normal" não envolve a totalidade do aparelho psíquico e apresenta uma dupla face, externa e interna, com uma separação entre essas duas faces que deixa

lugar livre para um certo jogo. Essa limitação e essa separação tendem a desaparecer nas personalidades narcísicas. O paciente tem necessidade de se bastar com seu próprio envelope psíquico, e não conservar com o outro uma pele comum que marca e provoca sua dependência em relação ao outro. Mas ele não possui totalmente os meios de sua ambição: seu Eu-pele, que começou a se estruturar, é frágil. É preciso reforçá-lo. Para tal, duas operações. Uma consiste em abolir a separação entre as duas faces do Eu-pele, entre as estimulações externas e a excitação interna, entre a imagem que ele dá de si e aquela que lhe é devolvida; seu envelope se solidifica tornando-se um centro, e mesmo um duplo centro de interesse: para ele mesmo e para os outros, e ele tende a envolver a totalidade do psiquismo. Assim estendido e solidificado, este envelope lhe traz certezas, mas carece de flexibilidade, e o menor ferimento narcísico o rompe. A outra operação visa duplicar exteriormente esse Eu-pele pessoal assim cimentado com uma pele maternal simbólica análoga à égide de Zeus ou a esses ouropéis ofuscantes com os quais as jovens manequins se cobrem, muitas vezes anoréxicas, cujo esplendor as renarcisa provisoriamente, em face de uma ameaça inconsciente de desagregação do continente psíquico. Na fantasia narcísica, a mãe não conserva a pele comum com a criança; ela lhe dá, e a criança a veste triunfante; essa generosa dádiva materna (ela se despoja de sua pele para lhe assegurar proteção e força na vida) possui uma potencialidade benéfica: a criança se imagina chamada a um destino heróico (o que pode efetivamente levá-la a tal). Este envelope duplo (o seu próprio unido ao de sua mãe) é brilhante, ideal; ele abastece a personalidade narcísica com ilusão de invulnerabilidade e imortalidade. O duplo envelope é representado no aparelho psíquico pelo fenômeno - que vou ilustrar - da "parede dupla". Na fantasia masoquista, a mãe cruel apenas finge dar sua pele à criança. É um presente envenenado, cuja intenção, maléfica, é de retomar o Eu-pele singular da criança que será colado a esta pele, arrancando-a dolorosamente do interessado para restabelecer a fantasia de uma pele comum com ele. Isto com a decorrente dependência, com o amor reencontrado à custa da independência perdida e, em contrapartida aos ferimentos morais e psíquicos consentidos.

Nas personalidades narcisícas, graças à organização do Eu-pele em parede dupla, a relação continente-conteúdo está preservada, o

Eu psíquico permanece integrado no Eu corporal. A atividade do pensamento,e mesmo do trabalho psíquico criador, permanece possível.

Por outro lado, nos estados-limite, o ataque não se limita à periferia; é a estrutura do conjunto do Eu-pele que é alterada. As duas faces do Eu-pele são uma, e esta face única é torcida conforme o anel descrito pelo matemático Moebius; foi Lacan[2] o primeiro a comparar o Eu com o anel de Moebius: daí os distúrbios da distinção entre o que vem de dentro e o que vem de fora. Uma parte do sistema percepção-consciência, normalmente localizada na interface entre o mundo exterior e a realidade interna, é deslocada deste local e colocada em posição de observadora externa (o paciente estado-limite assiste de fora ao funcionamento do seu corpo e de seu espírito, como espectador desinteressado de sua própria vida). Mas a parte do sistema percepção-consciência que subsiste como interface assegura ao indivíduo uma adaptação suficiente à realidade para que ele não seja psicótico. A produção fantasmática e sua circulação no ambiente próximo ficam diminuídas. Quanto aos afetos que constituem o núcleo existencial da pessoa, a dificuldade de os conter (devido ao caráter distorcido do Eu-pele) os faz emigrar do centro para a periferia onde eles vêm ocupar cada um dos lugares deixados livre, pela transferência para fora, de uma parte do sistema percepção-consciência e onde, inconscientes, eles se encistam e se fragmentam em pedaços de Self escondido cujo retorno brusco à consciência é temido como uma aparição de fantasmas. Daí um segundo paradoxo obedecendo à mesma estrutura em anel de Moebius: o de fora se torna o de dentro, que se torna o de fora, e assim sucessivamente, o conteúdo mal contido se torna um continente, que contém mal. Enfim, o lugar central do Self, abandonado por esses afetos primários muito violentos (desamparo, terror, ódio), se torna um lugar vazio e a angústia desse vazio interior central constitui a queixa essencial desses pacientes, a menos que consigam preencher esse vazio com a presença imaginária de um objeto ou de um ser ideal (uma causa, um mestre, um amor-paixão impossível, uma ideologia etc.).

2 Para Lacan, o Eu tem normalmente esta estrutura, que o perverte e o aliena. De acordo com minha experiência, esta configuração em anel de Moebius é específica dos estados-limite.

Um *exemplo literário de personalidade narcísica*

Como ilustração da personalidade narcísica, tomarei uma alegoria literária, e não um caso clínico, formada pela novela *"L'Invention de Morei"* (1940), de um escritor argentino, amigo e colaborador de Borges, Bioy Casares[3]. O narrador, refugiado numa ilha deserta, escreve no seu diário o que ele escutou dizer: "Ela é o santuário de uma doença, ainda misteriosa, que mata da superfície para o interior. As unhas e os cabelos caem, a pele e a camada córnea morrem, depois o corpo, em torno de oito a quinze dias. Os membros da tripulação de um navio que tinha ancorado na frente da ilha estavam esfolados, carecas, sem unhas - todos mortos quando o cruzador japonês Namura os encontrou" (p. 12). Esta doença de envelope corporal alcança por fim - em todos os sentidos desse termo - o narrador. Ele a documenta na penúltima página de seu diário: "Eu perco a visão. O tato me é impraticável; minha pele cai; as sensações são ambíguas, dolorosas; eu me esforço para evitá-las. Diante do anteparo de espelhos, constatei que estou glabro, careca, sem unhas, ligeiramente rosado" (p. 120). A corrosão se efetua em dois tempos: primeiro, epidérmica, em seguida ela afeta a derme.

Isto confirma minha idéia da existência de uma dupla pele psíquica - uma pele externa, e outra interna, cujas relações vão ser esclarecidas no decorrer do texto. Este ataque cada vez mais profundo sobre a pele fornece o "leitmotiv" em tomo do qual a novela de Bioy Casares compõe uma série de variações. Primeira variação: vítima de um erro judiciário, o narrador escapou da detenção procurando refúgio nesta pequena ilha abandonada, que lhe serve então de prisão perpétua. Ele se apresenta como um perseguido, como um esfolado vivo permanente. As frustrações e os traumatismos que se acumulam sobre ele nesse lugar inóspito se apropriam sem cessar de seu frágil Eu-pele. A própria ilha, segunda variação, é descrita como uma fracassada pele simbólica que falha no envolver, no conter, no proteger seu habitante: as marés o submergem, os pântanos o engo-

3. As referências dizem respeito à reedição na coleção 10/18 (U.G.E., 1976) da tradução francesa de *"L'Invention* de Morel", editada primeiramente por Robert Laffont em 1973.

lem, os mosquitos o exasperam, as árvores apodrecem, a piscina pulula de víboras, de batráquios, de insetos aquáticos, a vegetação se destrói por sua própria profusão, os alimentos, encontrados no que ele chama o museu (que na realidade era um hotel), estão estragados. Um terceiro desdobramento desta decomposição cutânea, que ameaça progressivamente a vida no interior do corpo e do espírito, toma uma forma filosófico-teológica. O problema que ocupa os pensamentos do narrador, quando não são absorvidos com a luta pela sobrevivência imediata, é de uma sobrevida eterna: A consciência, que é a vida interior do corpo, pode subsistir depois da morte, sem uma sobrevida ao menos parcial da superfície desse corpo? Como limitar a decomposição da consciência?

Este ataque do Eu-pele externo e depois do Eu-pele interno é relacionado, na novela de Bioy Casares, com uma experiência de inquietante familiaridade, um erro da percepção e um distúrbio da crença do narrador. Este acreditava estar a salvo na ilha deserta. Desde a primeira página de seu diário, e é por isso que ele se decide a ter um diário, ele passa de surpresas a temores. A ilha ecoava de repente velhas ladainhas emitidas por um fonógrafo invisível. O "museu" se povoa de serviçais e de veranistas insólitos e esnobes vestidos à moda de vinte anos atrás. A piscina aparentemente inutilizável se anima com suas brincadeiras. A parte alta da ilha é percorrida em seus passeios. Escondendo-se deles, ele escuta e observa pedaços de suas conversações. Esses homens e mulheres, que aí se comportam com naturalidade e segurança, contrastam com esta ilha inóspita ao narrador e suas estranhas construções. Seu primeiro temor é de ser percebido por eles, capturado e denunciado à justiça. Mas aparentemente ninguém se preocupa com isso. Uma inquietude bem mais profunda o toma: apesar de seus disparates, que deveríam fazê-lo notado, apesar de suas tentativas de entrar em contato com uma mulher com jeito boêmio apartada do grupo e por quem ele se enamora, essas aparições, ainda que vivas na realidade, apenas testemunham indiferença em relação a ele. "Seu olhar passava através de mim, como se eu fosse invisível" (p. 32). Quanto mais eles se tornavam familiares, mais lhe eram estranhos. Ele acredita na existência deles. Mas esses "fantasmas" não acreditam na sua existência, a ponto de ele temer se sentir acuado ao crime ou à loucura.

O narrador acaba por compreender que essa perturbação da crença é sua. "Parece agora que a situação verdadeira não é aquela descrita nas páginas precedentes; a situação que eu vivo não é aquela que eu creio viver" (p. 68). Ele assiste, na realidade, a uma cena onde, na véspera de reembarcar, Morel explica aos outros sua invenção. Morel os filmou e os gravou, sem o conhecimento deles, nesta ilha onde colocou três tipos de aparelhos, para captar as suas imagens, para as conservar, para as projetar, - não somente suas imagens visuais e auditivas, como acontece no cinema ou na televisão, mas também suas imagens táteis, térmicas, olfativas e gustativas. Se, como pretendem os filósofos empiristas ingleses, a consciência é apenas a soma de nossas sensações (postulado que me parece pressuposto no raciocínio de Morel), essas imagens que reproduzirão a totalidade sensorial de um indivíduo adquirirão uma alma. Não somente o expectador que assistirá a projeção delas sentirá o indivíduo em questão como real, mas os atores assim filmados se sentirão mutuamente vivos e conscientes durante essas projeções. Morel, a mulher que ele amou em vão e os companheiros da semana passada na ilha viverão assim até a eternidade. Cada grande maré recarregará os motores abrigados nos subterrâneos do museu e desencadeará a projeção do filme da permanência em dimensões naturais. Assim, as aparições que tanto inquietaram o narrador eram apenas imagens, fantasmas de seres reais, as assombrações de pessoas que existiram sem dúvida na época de sua infância, há vinte anos, os ídolos[4]. A invenção de Morel é duplamente alegórica. Alegoria literária: um romance não é também uma máquina de fabricar personagens, dotando-os de qualidades sensíveis tais que o leitor os toma por seres vivos? Alegoria metapsicológica: a máquina de Morel com seus três tipos de aparelhos para a percepção, para a gravação e para a projeção é uma variante metafórica do aparelho psíquico freudiano: o sistema percepção-consciência é desdobrado, a gravação corresponde ao pré-consciente e o inconsciente é... esquecido. Em oposição à pele humana frágil, corrosível, perfurada, a máquina de Morel representa a utopia de uma

4. Os antigos gregos explicavam a visão dos objetos pelo fato de uma película invisível se destacar deles e transportar sua forma ate o olho, que assim recebia a impressão. O ídolo (do verbo *idein*, ver) é esse duplo imaterial do objeto que permite vê-lo.

pele incorruptível. Fascinado pela idealidade desta película, o narrador de Eu-pele tão frágil prefere adorar seus ídolos - o que se chama propriamente idolatria - a amar seres reais.

A máquina de Morel filmou Morel e seus companheiros durante uma semana da qual ela reprojetará indefinidamente os episódios. Mas para transferidos a suas imagens projetadas, esta gravação toma das pessoas reais suas características vivas e conscientes. "Lembrei-me que o horror de certos povos em ser representados em imagens se baseia na crença segundo a qual, quando a imagem de uma pessoa se forma, sua alma passa para a imagem, e a pessoa morre: (...) a hipótese que as imagens possuem uma alma parece exigir como base que os emissores a percam no momento em que são captados pelos aparelhos" (pp. 111-112). Por "imprudência" diz ele (p. 110), mas ainda mais por uma necessidade lógica inerente à sua crença, o narrador procede a uma investigação sobre si mesmo.

Coloca sua mão esquerda na frente do aparelho gravador, e sua mão real pouco depois se descarna, enquanto a imagem de sua mão intacta se conserva nos arquivos do museu onde ele vai ocasionalmente projetá-la. Ele compreende, assim, como Morel e seus amigos morreram: por terem sido gravados eternamente. O cinismo de Morel fez com que fosse o único de seu grupo a sabê-lo e a querê-lo: "Lá está uma monstruosidade que parece bem em harmonia com o homem que, perseguindo sua idéia, organiza uma morte coletiva e decide por sua própria conta tornar todos seus amigos solidários" (p. 112). O que não me surpreende é que a ilusão de imortalidade seja acompanhada por uma ilusão grupal: graças à invenção de Morel, "o homem elegerá um local retirado e agradável, reunirá ao seu redor as pessoas que mais ama e se perpetuará no seio de um paraíso íntimo. O mesmo jardim, se as cenas a serem perpetuadas são tomadas em momentos diferentes, abrigará um grande número de paraísos individuais, os quais as sociedades, ignorando-se entre si, preencherão simultaneamente suas funções, sem atritos, quase nos mesmos lugares" (pp. 97-98).

O narrador - que é um dublê de Morel - leva a lógica de sua invenção e desta ilusão até seu extremo. Ele está enamorado de uma Faustina imortal mas que não pode mais percebê-lo. Então, com grandes esforços, ele aprende a dominar o funcionamento da máquina. Ele projeta as cenas onde Faustina está presente e as grava interca-

lando-se com elas como se ele a acompanhasse e mantivesse com ela um diálogo amoroso. Ele só poderá morrer, e sua pele já começa a cair. Mas ele introduz na máquina de projeção, em lugar da antiga, esta nova gravação que será a partir de então projetada eternamente. Seu diário e sua vida se interrompem no desejo de que alguém invente uma máquina mais aperfeiçoada que o fará entrar na consciência de Faustina - uma máquina que terminará de suprimir toda diferença entre a percepção e a fantasia, entre a representação de srcem externa e a representação de srcem interna.

A *fantasia de uma parede dupla*

Ilusão de imortalidade, ilusão grupal, ilusão amorosa, ilusão de realidade das personagens romanescas: nós estamos bem dentro da problemática narcísica. E a necessidade de superinvestir assim o envelope narcísico aparece como a contrapartida defensiva de uma fantasia de pele descarnada: perante um perigo permanente de ataques externos-internos, é preciso redourar o brasão de um Eu-pele mal aparelhado em suas funções de pára-excitação e de continente psíquico. A solução topográfica consiste então em abolir a separação entre as duas faces, externa e interna, do Eu-pele e em imaginar a interface como uma parede dupla. Enquanto esta solução permanecer "imaginária" no sentido forte (isto é, produtora de uma imagem de si enganosa mas tranqüilizadora), o paciente se inscreve no registro da neurose, mas, se esta solução consiste em uma transformação real do Eu-pele, é o autismo, ou o mutismo psicogênico, como Annie Anzieu, em "*De la chair au verbe"* (1978, p. 129), tentou explicar: "O envelope cutâneo externo do corpo está realmente 'perfurado' pelos órgãos dos sentidos, pelo ânus e pelo orifício uretral. Pode-se fazer a hipótese de que a sensibilidade desses orifícios, orientada para o exterior do corpo pelo objeto que passa por eles, provoca no bebê uma confusão: o contato interno do corpo e de seu conteúdo contra a parede cutânea que lhe dá seus limites não é diferenciado do contato cutâneo externo contra os objetos ambientais. O que equivale a dizer que a criança é penetrada pelas imagens visuais, pelos sons, pelos odores, tornando-

se o continente e o lugar de passagem como acontece com as fezes, com a urina, com o leite ou com seu próprio choro. O envelope interno pode assim ser atacado e perfurado pelas percepções-objetos. Algumas situações de angústia transformam esse fenômeno fantasmático em uma perseguição permanente, que violenta e agita o interior corporal do bebê, e contra o que se toma necessário fechar de qualquer maneira todos os orifícios controláveis".

Ora, é curioso constatar que o narrador de *"L'Invention de Morel",* por um defeito de diferenciação da superfície externa e da superfície interna, vive uma ilusão de parede dupla. Conseguindo localizar, graças a um respiradouro, o subterrâneo das máquinas, hermeticamente fechado, ele pode penetrá-lo por uma brecha cavada com golpes de barra de ferro. Mais do que pela visão das máquinas paradas, "ele ficou maravilhado e admirado: as paredes, o teto, o chão eram de porcelana azulada e tudo, até mesmo o ar (...), possuía esta diafaneidade celeste e profunda que se encontra na espuma das cataratas" (p. 20). Uma vez descoberta qual a intenção de Morel, ele retorna às máquinas para tentar compreendê-las e dominar seu funcionamento. Quando elas entram em funcionamento, ele as examina: em vão, seu mecanismo lhe é inacessível. Ele olha em volta pela sala e se sente subitamente desorientado. "Eu procurava a fenda que fizera. Ela não mais existia (...). Dei um passo de lado para ver se a ilusão persistia (...). Toquei todas as paredes. Juntei os pedaços de porcelana, de tijolo que eu derrubara quando da abertura. Toquei a muralha no mesmo lugar por muito tempo. Fui obrigado a admitir que ela se reconstruira" (pp. 103-104). Ele se utiliza novamente da barra de ferro, mas os pedaços de parede que se soltavam logo se reconstituem. "Em uma visão tão lúcida que parecia efêmera e sobrenatural, meus olhos reencontraram a continuidade celeste da porcelana, a parede ilesa e inteira, a peça fechada" (p. 105). Não há saída possível, ele se sente acuado, vítima de um encantamento, ele se perturba. Então ele compreende: "Essas paredes (...) são projeções das máquinas. Coincidem com as paredes construídas pelos pedreiros (são as mesmas paredes gravadas pelas máquinas, e projetadas sobre elas mesmas), No lugar onde eu quebrei ou suprimi a primeira parede, permanece a parede projetada. Como se trata de uma projeção, nenhum poder é capaz de atravessá-la ou suprimi-la (enquanto os motores

funcionais) (...). Morel deve ter imaginado esta proteção em parede dupla para que ninguém pudesse chegar às máquinas que mantêm sua imortalidade" (p. 106).

Para um estudo mais profundo do envelope narcísico e seu papel no aviador, no herói, no criador, recomendo ao leitor o trabalho de André Missenard (1979) *"Narcíssisme et rupture".*

Distúrbios da crença e estado-limite

A crença é uma necessidade humana vital. Não se pode viver sem acreditar que se vive. Não se pode perceber o mundo exterior sem acreditar em sua realidade. Não se é uma pessoa se não se crê na identidade e na continuidade de si. Não se permanece em estado de vigília sem acreditar que se está acordado. Naturalmente estas crenças, que nos fazem aderir a nosso ser e nos permitem habitar nossa vida, não são conhecimentos. Quando são examinadas sob o ângulo do verdadeiro e do falso, elas aparecem contestáveis e a filosofia, a literatura, as religiões, a ciência psicológica não se saíram bem nem para justificá-las, nem para mostrar sua inutilidade.

O ser humano que possui essas crenças tem certamente que colocá-las em dúvida. Mas aquele que não as possui deve adquiri-las para se sentir "ser", e bem. Sem elas, ele sofre e lamenta sua falta. A clínica, não mais das personalidades narcísicas, mas dos estados-limite, das depressões, de certas desorganizações psicossomáticas (isto é, de estados marcados pela ausência frequente ou durável do continente psíquico), é ilustrativa desse fato. Um dos dados teóricos que permite compreender essa falta de crença foi fornecido por Winnicott (1969). O Eu psíquico se desenvolve por apoio mas também por diferenciação e clivagem a partir do Eu corporal. Existe no ser humano uma tendência para a integração, para "realizar uma unidade da psique e do soma, identidade baseada sobre a experiência vivida entre o espírito ou psique e a totalidade do funcionamento psíquico". Esta tendência, latente desde o início do desenvolvimento do bebê, é fortalecida ou contrariada pela interação com o meio. A um estado primário não integrado no bebê sucede uma integração: a psique se

acomoda então no soma, desfrutando de uma unidade psicossomática que corresponde ao que Winnicott chama o Self. Acrescentemos nesse momento a instauração no pequenino da crença tripla em sua existência contínua, em sua identidade consciente e no funcionamento natural de seu corpo. Esta crença, que fundamenta o prazer primeiro de viver, obedece ao princípio do prazer. Mas uma das característica desse princípio é que a tendência para evitar o desprazer se toma mais forte (como demonstrou Bion) que a procura do prazer em certas condições: de fraqueza da bagagem inata, de ambiente insuficientemente bom, de traumatismos precoces excessivos ou cumulativos. O indivíduo institui então uma dissociação defensiva contra a dor da impotência, da frustração ou do desamparo, com o risco de ter suas crenças de base alteradas e de perder total ou parcialmente seu prazer primeiro de viver. Assim, segundo Winnicott, a dissociação psicossomática é no adulto um fenômeno regressivo que utiliza os resíduos de clivagem precoce entre psique e soma. A clivagem do psíquico e do somático protege contra o perigo de destruição total que representaria para o doente psicossomático a crença de ser uma pessoa unificada integrando o corpo e a vida mental, pois, se um desses dois aspectos fosse atacado, a integralidade de sua pessoa seria então destruída. A clivagem representa o fogo, sacrificando um aspecto para preservar o outro. Se esta defesa, num primeiro tempo, é suficientemente respeitada pelos atendentes, o doente psicossomático poderá se sentir suficientemente tranquilizado em seu interior para que nele a tendência à integração emerja e opere. Onde, em consequência dessa clivagem, a crença vem a faltar, a angústia do vazio se instala.

Observação de Sebastiana

Sebastiana, diferente da personalidade narcísica descrita na novela de Bioy Casares, constitui uma organização-limite, que uma segunda análise face a face comigo pode melhorar, depois de uma infeliz primeira análise prolongada, conduzida por um "psicanalista" pobre em interpretações e adepto de sessões muito curtas. Ela se apresentou num estado de depressão importante, provocada por esta cura que ela acaba de interromper e redobrada pela desidealização brutal

de seu psicanalista. Eis os extratos de sua última sessão antes da temida interrupção das férias, que aumenta sua angústia de uma ruptura na continuidade do Self.

> "Alguma coisa se passa, começa e... pluf! Justo quando eu começo a acreditar nisso e como por acaso, as férias... A questão se coloca também a propósito de 'justo quando eu começo a acreditar nisso' precisamente no momento das férias. Eu tenho medo. Com quem eu estou falando? O que se passa? O que vão fazer comigo? A última vez quando você me falou sobre este episódio de minha infância (tratava-se de jogos sexuais angustiantes aos quais ela se submetia por parte de um meio-irmão mais velho, onde ela se abstinha de sentir prazer e se ausentava de seu corpo), eu tive a impressão de uma enorme mentira. Você me fazia dizer alguma coisa que eu não sabia, onde eu não estava (eu tinha evocado sua vertigem diante de sensações que ela devia então sentir nascer nela). E, no entanto, há pior. Dizendo-lhe aquilo, eu o digo sem o dizer, eu me detesto, eu detesto você. Eu estou cheia (...). Por que eu permaneço? Por necessidade sem dúvida de que você esteja em outro lugar onde eu projeto você com força nesse momento. Para poder falar com você mesmo assim. Para que você me responda mesmo assim e que eu possa viver."

Seus sentimentos de culpa são superficiais, sua vergonha é profunda, ligada a um Eu-pele que não preenche suficientemente sua função de pára-excitação e por cujas falhas as sensações, as emoções e as pulsões que ela gostaria de esconder correm o risco de se tornar visíveis aos outros. A queda no vazio interior é uma maneira de desaparecer perante possíveis olhares. A excitação não está associada a fantasias edipianas; não somente seu sentido sexual não é reconhecido, mas a excitação é vivida como puramente mecânica e radicalmente desprovida de todo sentido. As tentativas de a descarregar, isto é, de lhe fornecer uma resolução quantitativa, terminam em fracassos: a masturbação da adolescência e o coito atual lhe proporcionam orgasmos, mas que não aliviam a tensão sempre difusa no seu corpo. É que a sensação sofreu uma transformação qualitativa; a qua-

lidade agradável das sensações foi delas dissociada sofrendo uma clivagem em múltiplos pedaços disseminados, destruindo esta qualidade agradável. Sebastiana atribui a preeminência ao princípio do evitamento, a todo custo, do desagradável sobre o princípio da procura do prazer, procura que ela prefere renunciar a fim de desviar sua libido do investimento em objetos e de a colocar a serviço dos alvos narcísicos do Eu e da proteção do Self. Esta preeminência é própria, segundo Bion, da parte psicótica do aparelho psíquico, aquela que não é contida pelo ambiente ou pelo pensamento. Esvaziar qualidades sensíveis é uma maneira se não de evacuar o desagradável (pois um sentimento de mal-estar persiste) pelo menos de mantê-lo no exterior do sistema percepção-consciência. É um vazio sanitário, que o aparelho psíquico substitui como "ersatz" ao envelope continente e compreensivo que um Eu-pele enfraquecido não assegura. Efetuado esse vazio das qualidades sensíveis (enquanto as outras funções corporais e intelectuais permanecem geralmente intactas), Sebastiana vive, mas sem acreditar que ela vive, sem acreditar na possibilidade de um funcionamento natural. Sua vida passa a seu lado. Ela assiste a distância ao funcionamento maquinal de seu corpo e de seu espírito, que três anos de psicanálise comigo restabeleceram no essencial. Ela exprime em relação a mim um ódio crescente por três razões: porque ela está descontente com esta melhora que a destina a um funcionamento automático sem prazer e que diminui suas capacidades intuitivas antigamente importantes; porque sua libido, reavivada pela cura, se reorienta para os objetos e reinveste suas zonas erógenas, o que ameaça o equilíbrio obtido pelo vazio e ao qual ela permanece apegada; e finalmente porque a evolução da transferência cessa de lhe fazer procurar em mim a sustentação anaclítica de um ambiente suficientemente compreensivo e a coloca diante da imagem ameaçadora do pênis masculino sedutor e persecutório. Ao mesmo tempo, de maneira contraditória, a esperança de um outro modelo de funcionamento baseado no princípio do prazer e suscetível de torná-la feliz é despertada: as férias acontecem justo quando ela começava "a acreditar nisso". Falta-me interpretar a compulsão de repetição, isto é, a espera, ou mesmo a antecipação provocadora, do retorno da decepção produzida anteriormente pelas usurpações precoces e exigências paradoxais de sua mãe: esta, generosa e superestimulante nos seus

cuidados corporais e no seu amor intenso pela filha, adotava de repente uma atitude rígida, moralizadora e de rejeição diante das necessidades do Eu que a criança expressava.

> Mas não houve só isso. A mãe, leiga praticante, se assim posso dizer, se dedicava a obras sociais. Durante suas ausências freqüentes, ela confiava a guarda de Sebastiana a uma vizinha, robusta camponesa, simples e dedicada que se ocupava ativamente das lides domésticas com seu braço direito enquanto seu braço esquerdo carregava a garotinha mais ou menos apertada contra seu corpo. Além disso, esta mulher usava um enorme avental de couro cheio de gordura, nunca lavado, sobre o qual os pés do bebê envoltos com meias de lã escorregavam. Assim, a angústia da perda da mãe se encontrava agravada pela busca desesperada de um apoio físico, de uma sustentação primordial, e pela angústia da falta de objeto-suporte. Demorei um certo tempo para fazer uma ligação com a repetição transferencial desta falha que prejudicava a primeira função do Eu-pele: eu tinha, na verdade, a desagradável impressão de que quaisquer que fossem meu devotamento e minha engenhosidade em interpretar, a paciente me escorregava entre os dedos.
>
> Durante muito tempo, a postura corporal de Sebastiana me intrigou: ela se sentava sobre a poltrona em frente à minha, mas seu corpo não estava em frente ao meu corpo; ela se virava sobre seu lado direito, fazendo um ângulo de mais ou menos vinte graus em relação a mim e mantinha esta posição durante toda a sessão; quando ela me falava ou me escutava, somente seu olho esquerdo me olhava. Para mim, ela estabeleceu comigo uma comunicação "oblíqua"; aliás, ela compreendia freqüentemente minhas interpretações de forma distorcida; tinha a impressão, quando lhe falava, de ser um jogador de bilhar que deve mirar a bola vermelha não diretamente, mas de lado. Esta postura tinha de fato várias explicações: do ponto de vista edipiano, a postura a protegia de reviver um face a face sexual com seu meio-irmão mais velho; do ponto de vista narcísico, exprimia com

> seu corpo esta torção de seu Eu-pele à maneira do anel de Moebius, já citada anteriormente como típica dos estados-limite. Esta torção da interface constituída pelo sistema percepção-consciência a levava a erros na percepção dos sinais emocionais e gestuais emitidos pelos que a cercavam, seguidos de um agravamento do mal-entendido e da frustração e, enfim, a uma explosão de raiva, desgastante para ela própria e para os seus.
>
> Sebastiana considerou por si própria que sua psicanálise terminara no dia em que ela se sentou em minha frente, o rosto de frente e não de perfil, para me dizer na cara as duas coisas que ela tinha para me dizer: por um lado, era necessário para ela romper esta psicanálise que lhe tomava muito tempo e dinheiro, a mergulhava em muito sofrimento e cólera, trazia muito do seu passado no presente e contribuía para impedi-la de viver; por outro, ela não mais tinha o espírito retorcido, um estalo recente lhe tinha colocado a coluna vertebral no lugar, e agora se sentia capaz de lidar com suas reações de decepção e de cólera, levando-as à justa proporção e delas se desembaraçando sozinha.

Outros pacientes me confirmaram o possível aparecimento de uma brusca reestruturação do Eu e do Self sob o efeito do restabelecimento, na transferência, de uma comunicação não distorcida com o outro. A reconstituição da função contentora do Eu-pele é geralmente suficiente para a cura das personalidades narcísicas. Como mostra o exemplo de Sebastiana, a cura dos estados-limite requer, além disso, a reconstituição das funções de manutenção, de pára-excitação e de recarga libidinal do Eu-pele.

10

O duplo interdito do tocar, condição de superação do Eu-Pele

Quatro razões me impõem a hipótese de um interdito do tocar. Uma razão histórica e epistemológica: Freud descobriu a psicanálise (o dispositivo da cura, a organização edipiana das neuroses) somente depois de ter implicitamente estabelecido na sua prática tal interdito (sem entretanto produzir uma teoria).

Uma razão psicogenética: as primeiras interdições emitidas pelo ambiente familiar em relação à criança, quando ela entra no mundo do deslocamento (locomotor) e da comunicação (infraverbal e pré-linguística), referem-se essencialmente aos contatos táteis, e no apoio sobre essas interdições exógenas, variáveis, múltiplas, vai se constituir um interdito de natureza interna, relativamente permanente e autônomo, do qual vou precisar a natureza, não uma, mas dupla.

Uma razão estrutural: se o Eu é fundamentalmente, de acordo com a expressão de Freud, uma superfície (do aparelho psíquico) e a projeção de uma superfície (do corpo), se ele funciona primeiramente de acordo com uma estruturação em Eu-pele, como ele pode passar para um outro sistema de funcionamento (do pensamento, próprio a um Eu psíquico diferenciado do Eu corporal e, por outro, articulado com ele), senão renunciando, sob o efeito do duplo interdito do tocar, à prioridade dos prazeres de pele e em segurida de mão, transformando a experiência tátil concreta em representações de base sobre o fundo das quais sistemas de correspondências intersensoriais podem se estabelecer (a um nível, primeiramente figurativo, que mantém uma referência simbólica ao contato e ao toque, e depois a um nível puramente abstrato, independente desta referência)?

Enfim, uma razão polêmica: a proliferação das psicoterapias ditas “humanistas" ou “emocionais”, a concorrência de “grupos de encontros” favorecendo e mesmo impondo os contatos corporais entre participantes, a ameaça exercida nas últimas décadas contra o rigor da técnica psicanalítica e sua norma de abstinência do tocar provocam por parte dos psicanalistas outras respostas que não a indiferença surda e cega, ou o desprezo indignado, ou uma conversão passional aos métodos “novos" (que são freqüentemente composições e variantes dos métodos pré-psicanalíticos de “sugestão”).

Quais são, de acordo com os modelos de organização da economia psíquica, os efeitos das estimulações táteis: restauração narcísica, excitação erógena, violência traumática? Em que consiste o jogo das interações táteis na comunicação primária? Com quais tipos de casos o recomeço de um jogo semelhante é desejável e mesmo necessário, ou inútil e prejudicial? Quais as consequências estimuladoras ou inibidoras da vida sexual posterior que decorrem do sucesso ou dos fracassos do aparelho psíquico em se constituir num Eu-pele, superando-o em um Eu pensante? Por que a reflexão psicanalítica contemporânea tende a perder de vista frequentemente a afirmação freudiana (e clínica) segundo a qual a vida psíquica tem por base as qualidades sensíveis? São estas as questões análogas em jogo nesta necessidade de um reconhecimento de um interdito do tocar.

Um interdito do tocar implícito em Freud[1]

No magnetismo animal, Mesmer entra em “relação” com o paciente tocando-o com a mão, o olhar, a voz, até que ele induza um estado de dependência afetiva, de anestesia da consciência e de disponibilidade para a excitação onde, sob o efeito de um contato direto da mão sobre o corpo ou do contato indireto de uma bateria magnetizada tocada por um bastão, se produz um tremor catártico. Em seguida, a mão do hipnotizador imita somente o toque efetuando passes na frente dos olhos do doente, sentado ou deitado, que cai em um sono artificial.

1. Na presente redação dessesubcapítulo, considerei várias observações feitas por G. Bonnet (1985) a propósito de meu artigo editado em 1984 sobre *“Le double interdit du toucher”.*

Para melhor aplicar sua técnica de contra-sugestão dos sintomas histéricos, Charcot pede aos pacientes submetidos a hipnose para fechar os olhos. E a voz do hipnotizador que, por seu calor, sua insistência, sua firmeza, exige o adormecimento e interdita o sintoma, mas a mão de Charcot permanece medicinal apalpando as zonas histerógenas e se mostra experimental, desencadeando, assim, na frente de um público a crise histérica. Substituída pela voz e eventualmente pelo olho - um olho que não apenas contempla, uma voz que apenas fala, mas um olhar, um discurso que envolvem, seguram, acariciam, isto é, um olho, uma voz dotados de poderes táteis a mão do hipnotizador (que geralmente é masculino) exerce uma função real ou simbólica de sugestão e, sobre os adultos, mais especialmente as moças e mais ainda as histéricas, ela exerce uma função complementar de sedução: benefício (ou melhor malefício) secundário da operação.

Durante os dez a doze anos que antecedem a auto-análise de seus sonhos e a descoberta da psicanálise, Freud hipnoterapeuta é mais um homem de visão e de mão do que um homem da palavra. Um incidente, que o esclarece retrospectivamente sobre a desventura de Breuer com Ana O., o alerta sobre os riscos de sedução especificamente. Uma enfermeira do serviço que Freud curara de seus sintomas pela hipnose lhe salta ao pescoço para abraçá-lo e se precipita em seus braços. Freud não cede nem se assusta: descobre - confessa - o fenômeno da transferência. O que ele não confessa, porque não precisa, é que convém ao psicoterapeuta se proibir de todo relacionamento corporal com seus pacientes. Todavia, se o corpo a corpo se toma proibido, devido ao risco de erotização, a mão continua a auscultar os pontos dolorosos - os ovários de Frau Emmy von N., a coxa de Fraulein Elizabeth von R. - onde a excitação se acumula por não poder se descarregar no prazer. Depois, quando Freud abandona o sono hipnótico pela análise psíquica, sua mão sobe das zonas histerógenas, onde se realiza a conversão somática, para a cabeça, onde atuam as lembranças patogênicas inconscientes. Ele convida seus pacientes a se deitar, a fechar os olhos, a concentrar sua atenção sobre essas recordações (visuais certamente, mas também auditivas quando se trata de frases que a simbolização inscreve literalmente no corpo) e sobre as emoções correspondentes que sobrevêm em resposta à questão de srcem de seus sintomas. No caso de resistências

(quando nada vem ao espírito do paciente), Freud procede à imposição de sua mão sobre a fronte anunciando que a retirada de sua mão provocará a aparição das imagens desejadas e reprimidas. O que o paciente vê e escuta então só lhe resta, para seu alívio, dizê-lo. A sugestão foi sempre restrita e localizada. E sempre a mesma carga sexual latente. O sonho relatado por um de meus pacientes o testemunha. Esse jovem sonhou que eu o recebo para a sessão não em meu consultório, mas em um lugar, supostamente minha casa de campo, e que eu adoto em relação a ele uma atitude muito amigável. Eu me instalo numa grande poltrona e o convido a se sentar nos meus joelhos. Os acontecimentos se precipitam, eu o beijo na boca e o fixo direto nos olhos, coloco minha mão na sua fronte e murmuro em seu ouvido: "Diga-me tudo que isso lhe faz pensar". O paciente acordou furioso com minha conduta ou melhor, com minha má conduta, descartando o fato de ser ele o autor do sonho.

A paciente de quem Freud, hipnoterapeuta, melhor aprendeu as características essenciais do futuro quadro analítico foi, sem dúvida, Frau Emmy von N. Desde 1º de maio de 1889, ela lhe roga: "Não se mexa! Não diga nada! Não me toque!", súplicas que ela repete frequentemente em seguida (S. Freud, A. Breuer, *"Études sur l'hystérie"*, 1895, tr. fr., p. 36). Uma outra paciente, Irma, que Freud tem em comum com Fliess, o induz, no dia 24 de julho de 1895, ao primeiro sonho que ele auto-analisa. No sonho, ele ausculta sua garganta, seu tórax, sua vagina e ele constata que a recaída de seus sintomas está relacionada a uma "injeção", feita "levemente", de um produto cuja composição ternária se relaciona à "química" sexual. A auscultação médica do corpo enfermo e de suas zonas dolorosas e histerógenas é necessariamente física. A auscultação psicanalítica das zonas erógenas só pode ser mental e simbólica. Freud (1900) compreende o aviso. Ele renuncia à concentração mental, inventa o termo de psicanálise, estabelece o dispositivo da cura sobre as duas regras de não-omissão e de abstinência, suspende toda troca tátil com o paciente em benefício da única troca de linguagem - troca todavia assimétrica, pois o paciente deve falar livremente enquanto o analista deve falar apenas oportunamente. A assimetria é maior ainda sobre o plano do olhar: o analista vê o paciente, que não pode nem deve vê-lo (mesmo quando Freud não mais lhe impõe que mantenha os olhos fechados).

Nesta situação, seus pacientes - e Freud a eles faz eco - se põem cada vez mais a sonhar. A análise metódica desses sonhos - os seus e os deles - o conduz, em outubro de 1897, à descoberta capital do complexo de Édipo. Assim, o papel estruturante do interdito do incesto só pôde ser explicitado depois que o interdito do tocar, foi implicitamente reconhecido. A história pessoal da descoberta freudiana recapitula nesse ponto a história infantil universal. O interdito do tocar, enquanto ato de violência física ou de sedução sexual, precede, antecipa, toma possível o interdito edipiano, que proíbe o incesto e o parricídio.

A troca verbal que delimita o campo da cura é eficaz apenas porque retoma sobre um plano novo, simbólico, o que foi trocado anteriormente nos registros visual e tátil. Isto fica demonstrado na nota 79 de Freud nos "*Trois essais sur la théorie de la sexualité*" (1905, p. 186): um menino de três anos num quarto sem iluminação se queixava de ter medo do escuro e pedia à sua tia para lhe dizer alguma coisa; esta respondia que isto de nada adiantaria já que ele não a podia ver; a criança respondera: "No momento em que alguém fala, fica claro". E Freud, em outra passagem relativa aos diversos tipos de preliminares sexuais envolvendo o tato e a visão, precisa: "As impressões visuais, em última análise, podem ser levadas às impressões táteis" (*ibid.*, p. 41). O tátil só é criador quando se encontra, no momento necessário, interditado. A prescrição de tudo dizer tem por complemento inseparável a proscrição não apenas do agir mas mais especificamente do tocar. O interdito tátil - válido para o paciente e para o analista - é desdobrado em um interdito visual, especificamente imposto ao paciente: ele não procurará "ver" o psicanalista fora das sessões nem ter "contatos" com ele.

O quadro psicanalítico dissocia a pulsão escoptofílica de sua sustentação corporal, a visão (trata-se de saber, renunciando ao ver); a pulsão de dominação está dissociada de seu apoio corporal, a mão (trata-se de tocar com o dedo a verdade e não mais o corpo, isto é, passar da dimensão prazer-dor à dimensão verdadeiro-falso). Isso permite a essas duas pulsões, acrescentando a pulsão epistemofílica, de constituir, de acordo com a expressão de Gibello (1984), os "objetos epistêmicos", distintos dos objetos libidinais.

Tal interdito se encontrava tão justificado por parte de Freud, que sua clientela era constituída sobretudo por moças e mulheres histéri-

cas, que erotizavam a visão (se expondo e colocando em cena as fantasias sexuais) e que procuravam a aproximação física (serem tocadas, acariciadas, abraçadas). Era necessário com elas, pois, introduzir a distância necessária para que se instaurasse uma relação de pensamento, um espaço psíquico, um desdobramento do Eu em uma parte autoobservante. Freud encontra outras dificuldades com os neuróticos obsessivos, nos quais o dispositivo psicanalítico favorece a relação de objeto a distância (segundo a expressão posterior de Bouvet), a clivagem do Eu psíquico e do Eu corporal, a erotização do pensamento, a fobia do contato, o medo do contágio, o horror de ser tocado.

A dificuldade nos aparece ainda maior com aqueles colocados nas categorias dos estados-limite e das personalidades narcísicas. Suas experiências são mais algógenas que erógenas; o evitamento do desprazer os mobiliza mais que a procura do prazer; eles adotam a posição esquizóide, que maximiza o distanciamento do objeto, a retração do Eu, o ódio da realidade, a fuga para o imaginário. Freud os declarava não analisáveis porque eles não entravam num processo psicanalítico dominado pela neurose de transferência e pelos progressos da simbolização. Com eles, arranjos do dispositivo psicanalítico são muitas vezes necessários. O paciente pode ser recebido em face a face, o que estabelece com ele um diálogo visual, tônico-postural, mímico, respiratório: o interdito de ver é suspenso; o interdito do tocar é mantido. O trabalho psicanalítico se inscreve não mais sobre a interpretação das fantasias, mas sobre a reconstrução dos traumatismos, sobre o exercício das funções psíquicas que sofreram carências; tais pacientes têm necessidade de introjetar um Eu-pele suficientemente continente, superfície global sobre fundo da qual as zonas erógenas podem emergir em seguida como figuras. A técnica psicanalítica a que eu recorro consiste em restabelecer o envelope sonoro que, ele próprio, duplica o envelope tátil primário; em mostrar ao paciente que ele pode tne "tocar" emocionalmente; em realizar equivalentes simbólicos dos contatos táteis enfraquecidos, "tocando-o" através de palavras verdadeiras e plenas, e mesmo de gestos significativos da ordem do simulacro. O interdito de se despir, de se exibir nu, de tocar o corpo do psicanalista, de ser tocado por sua mão ou outra parte de seu corpo é mantido: é o mínimo requisito psicanalítico. Ninguém é obrigado a praticar a psicanálise e existe

espaço de procurar para cada caso o tipo de terapia que melhor lhe convém. Mas se a psicanálise é indicada, e se é para ser posta em prática, convém respeitá-la no espírito e na teoria - no caso, o interdito do tocar. É um abuso da parte de certos terapeutas corporais se prevalecerem da psicanálise para avalizar seus métodos, quando eles deixam de observar uma regra essencial da psicanálise.

O *interdito explícito de Cristo*

Os interditos "inventados" por Freud (no sentido de inventor de um tesouro dissimulado num esconderijo) eram anteriormente conhecidos; a consciência coletiva, em muitas culturas, notara sua existência: Sófocles e Shakespeare se serviram do interdito edipiano como tema dramático. Diderot o descreveu. Freud deu-lhe o nome, baseando-se nesta "obscura percepção" da realidade psíquica contida nos mitos, nas religiões, nas grandes obras literárias e artísticas. O mesmo para o interdito do tocar. Na verdade é encontrado em graus diferentes de acordo com as culturas, mas presente em quase todos os lugares. Não existiria uma circunstância lendária onde ele seria anunciado de maneira explícita?

Durante uma visita ao museu do Prado em Madrid, paro intrigado, perturbado, em frente a uma tela de Courrège, pintada pelo artista com trinta anos, entre 1522-1523. Um ritmo ondulado se impondo aos dois corpos, às suas roupas, às árvores, às nuvens, à luz do dia que está nascendo no plano de fundo, assegura uma composição original ao quadro. Todas as cores fundamentais, com exceção do violeta, estão presentes: brancura do metal dos utensílios de jardim, negrura da sombra, cabeleira castanha e toga azul do homem, deixando bastante desnudo um busto branco e pálido - mas será que é um homem? - a mulher, loira, pele descorada, com ampla veste dourada, uma capa vermelha apenas vislumbrada, jogada para trás, enquanto o céu e a vegetação oferecem todas as nuances do amarelo e do verde. Não é mais um homem, não é ainda um Deus. É o Cristo, vitorioso sobre a morte, que se ergue no dia de sua ressurreição, no jardim do Gólgota, e se prepara para subir em direção ao Pai, o indicador da

mão esquerda apontado para o céu, a mão direita abaixada, dedos esticados e separados, em sinal de interdição, mas com uma nuance de carinho e compreensão, reforçada pela harmonia dos ritmos dos corpos e pela harmonia dos tons da paisagem. Ajoelhada a seus pés, está Madalena, o rosto suplicante, batido pela emoção, a mão direita, que o Cristo por seu gesto repeliu, se dobrando em recuo para a cintura, a mão esquerda segurando doutro lado um pedaço de sua capa ou talvez se segurando a esta dobra. A atenção do visitante se concentra sobre a tripla troca do olhar, do gesto e das palavras adivinhadas pelo movimento dos lábios; troca intensa admiravelmente expressa pelo quadro. O título dado pelo pintor a sua tela é a frase pronunciada por Cristo: *"Noli me tangere".*

E uma citação do Evangelho segundo João (XX, 17). Dois dias depois da Páscoa, após o repouso do Sabá, à aurora, entra em ação Maria de Magdala, nome da vila ao redor do lago de Tiberíade, onde ela nasceu e que lhe valeu o segundo nome de Madalena. Sozinha, segundo João, acompanhada por outra Maria, a mãe de Tiago e de José, segundo Mateus (XXVIII, 1), por uma terceira mulher, Salomé, segundo Marcos (XVI, 1), por todo o grupo de mulheres santas, segundo Lucas (XXIV, 1-12), "ela vai ao túmulo e vê que a pedra foi retirada". Ela teme que o cadáver tenha sido roubado. Alerta Simão Pedro e João, que lá constatam que o túmulo está vazio e percebem que o Cristo ressuscitou. Os dois homens voltam, deixando-a sozinha e aos prantos no jardim funerário. Ela percebe dois anjos que a interrogam, depois uma silhueta que ela toma pelo guardião do jardim e que repete: "Mulher, por que choras? Que procuras?" Ela pergunta a este suposto jardineiro onde ele guardou o corpo. "Jesus lhe diz: - Maria. Ela o reconheceu e lhe disse em hebreu Rabbouni (isto é, Mestre)." Nesse momento, Jesus pronuncia a palavra que nos interessa: "*Noli me tangere",* depois ele encarrega Maria de Magdala, primeira pessoa a quem ele aparece depois de sua ressuneição, de anunciar a boa notícia a seus discípulos.

A tradução francesa do enunciado de Cristo, em latim na Vulgata, é ao mesmo tempo simples e difícil. Simples porque, tomada ao pé da letra, significa: "Não me toque". Difícil, se se quer entender segundo o espírito: "Não me retenha" é a fórmula encontrada pelos responsáveis da tradução dita ecumênica da Bíblia, publicada nas edições

do "Cerf", com a seguinte nota: "Jesus faz ver a Maria que a mudança que se opera nele em função de sua passagem para junto do Pai vai levar a um novo tipo de relação". Constato, pois, que o interdito do tocar, na sua formulação cristã inicial, é ora relacionado com a separação do objeto amado ("Não me retenha"), ora com o abandono da linguagem gestual para uma comunicação espiritual baseada sobre a única palavra ("Não me toque", subentendido: "Somente escute e fale"). Jesus ressuscitado não é mais um ser humano cujo corpo pode ser apalpado: ele retoma ao que era antes de sua encarnação: Verbo puro. Bonnet (1984) observa que o Novo Testamento, anunciando o interdito do tocar, se opõe ao Antigo Testamento, que privilegia o interdito da representação.

Tangere em latim tem a mesma diversidade de sentidos corporais e afetivos que o verbo francês "toucher" (tocar), desde "colocar a mão sobre" até "emocionar". Além disso, se todos os evangelistas fazem alusão ao encontro de Maria de Magdala com o Cristo ressuscitado, João é o único a relatar a injunção proibitória de Jesus. Não é sem dúvida por acaso que o interdito do tocar é colocado para uma mulher - não para um homem. Interdito sexual certamente, levando uma libido ao final inibida e a "sublimação" do amor sexual para um parceiro em um amor dessexualizado para o próximo em geral. Igualmente tabu do tocar: a citação evangélica que comento confirmaria a analogia proposta por Freud entre religião e neurose obsessiva.

Entretanto, o interdito de Cristo do tocar não é uma questão simples. Há muitas contradições; a que se segue não é a menor: apenas anunciado, ele é transgredido, como se constata na referência à passagem imediata do texto de João. O Cristo aparece na mesma noite de sua ressurreição a seus discípulos masculinos reunidos em segredo. Mas Tomé Dídimo, ausente, recusa a crer no Cristo ressuscitado, enquanto não o tenha visto com seus olhos nem tocado suas chagas com seus dedos. "Ora, oito dias mais tarde, os discípulos estavam novamente reunidos na casa e Tomé estava com eles." Jesus reaparece e se dirige a Tomé: "Traga teu dedo aqui e olhe minhas mãos; traga tua mão e ponha-a ao meu lado (...)" (João XX, 27). Assim, Tomé, um homem, é convidado a tocar o que uma mulher, Maria Madalena, devia se contentar em vislumbrar. Uma vez convencido Tomé, Jesus acrescenta: "Porque tu me viste, tu acreditaste.

Bem-aventurados aqueles que, sem terem visto, acreditaram". Os exegetas se calam diante do fato de que esta conclusão confunde o tocar e a visão. Ao contrário, eles são formais a esse respeito: "A fé de agora em diante repousa não sobre a visão, mas sobre o testemunho daqueles que viram". O problema epistemológico subjacente poderia ser colocado nesses termos: a verdade é visível ou tangível ou audível? Eu coloco de passagem uma questão que não tenho competência para tratar: o interdito do tocar seria mais específico das civilizações cristãs do que das outras? Em todo caso, é fato que a prática psicanalítica se tenha sobretudo desenvolvido nos países de cultura cristã: ela tem em comum com esta cultura a convicção da superioridade espiritual da comunicação pela palavra sobre as comunicações de corpo a corpo.

Três problemáticas do tocar

A tradição confundiu sob o nome de Maria Madalena três mulheres diferentes do Novo Testamento.

Maria de Magdala é uma velha doente, acometida por possessões, que Jesus curou fazendo sair dela "sete demônios" (Lucas VIII, 2; Marcos XVI, 9); ela o acompanha em todos os lugares desde então, com o grupo das mulheres santas e o dos doze apóstolos masculinos.

Maria de Betânia unta com um perfume caro os pés e os cabelos de Jesus quando da refeição oferecida por ela e por sua irmã Marta em honra da ressurreição de seu irmão Lázaro. Judas deplora o desperdício e Marta lamenta que sua irmã lhe deixe todo o serviço e Jesus responde que Maria, ao ungir seu corpo, antecipa sua morte (e, subentendido, sua ressurreição) e que, sentando-se a seus pés para ouvir sua palavra, tenha escolhido a melhor parte (João XII, 3; Lucas X, 38-42).

Uma pecadora anônima, igualmente de Betânia, se introduz na sala do banquete oferecido por Simão, um fariseu, em honra de Jesus, que o curou de lepra; ela banha de lágrimas os pés de Jesus, seca-os com seus cabelos, cobre-os de beijos, perfuma-os; o anfitrião se surpreende que Jesus não tenha percebido que "esta mulher que o toca" é uma prostituta; Jesus replica que ela o honrou melhor, que

ela demonstra muito amor e por esta razão ele perdoa seus pecados (Lucas, VII, 37-47). Ao identificar, sem qualquer razão filológica ou teológica válida, esta cortesã arrependida com Maria de Magdala, a tradição seguiu a crença popular, segundo a qual uma atividade de tocar entre duas pessoas de sexo diferente tem necessariamente uma conotação sexual.

De fato, três problemáticas do tocar são representadas pelas três mulheres dos Evangelhos: a problemática da sedução sexual pela pecadora; a problemática dos cuidados dados ao corpo como constitutivos do Eu-pele e do auto-erotismo, por Maria de Betânia; a problemática do tocar como prova da existência do objeto tocado, por Maria de Magdala.

O interdito edipiano (não desposarás tua mãe, não matarás teu pai) se constrói por derivação metonímica do interdito do tocar. O interdito do tocar prepara e toma possível o interdito edipiano, fomecendo-lhe seu fundamento pré-sexual. A cura psicanalítica permite compreender muito particularmente com quais dificuldades, com quais falhas, com quais contra-investimentos ou supra-investimentos esta derivação influiu em cada caso.

Os *interditos e* suas *quatro dualidades*

Todo interdito é duplo por natureza. É um sistema de tensões entre pólos opostos; essas tensões desenvolvem no aparelho psíquico campos de forças que inibem certos funcionamentos e obrigam outros a se modificar.

Primeira dualidade: o interdito atinge ao mesmo tempo as pulsões sexuais e as pulsões agressivas. Ele canaliza a força das pulsões; ele delimita suas srcens corporais; ele reorganiza seus objetos e seus alvos; estrutura as relações entre as duas grandes famílias de pulsões. É evidente para o interdito edipiano. O interdito do tocar diz respeito igualmente às duas pulsões fundamentais: não toque os objetos inanimados que você poderia quebrar ou que poderiam lhe fazer mal; não exerça uma força excessiva sobre as partes do corpo das outras pessoas (este interdito visa proteger a criança da agressividade, sua e

dos outros). Não toque com insistência seu corpo, o corpo dos outros, as zonas sensíveis ao prazer, porque você seria invadido por uma excitação que não é capaz de compreender e de satisfazer (este interdito visa proteger a criança da sexualidade, a sua e a dos outros). Nos dois casos, o interdito do tocar protege do excesso de excitação e sua consequência, a irrupção da pulsão.

Para o interdito do tocar, sexualidade e agressividade não são estruturalmente diferenciadas; elas são assimiladas como expressão da violência pulsional em geral. O interdito do incesto, ao contrário, as diferencia e as situa numa relação de simetria inversa, não mais de semelhança.

Segunda dualidade: todo interdito tem duas faces, uma face voltada para fora (que recebe, acolhe, filtra as interdições significantes pelo meio social), uma face voltada para a realidade interna (que lida com os representantes representativos e afetivos das moções pulsionais). O interdito intrapsíquico se apoia nas proscrições externas que são circunstanciais e não causa de sua instauração. A causa é endógena: é a necessidade do aparelho psíquico se diferenciar. O interdito do tocar contribui para o estabelecimento de uma fronteira, de uma interface entre o Eu e o Id. O interdito edipiano completa o estabelecimento de uma fronteira, de uma interface entre o Eu e o Superego. As duas censuras focalizadas por Freud em sua primeira teoria (uma entre o inconsciente e o pré-consciente, outra entre o pré-consciente e a consciência) poderiam, parece-me, ser satisfatoriamente retomadas nesse sentido.

As primeiras interdições do tocar formuladas pelo meio social estão a serviço do princípio de autoconservação: não ponha sua mão no fogo, nas facas, no lixo, nos remédios; você vai pôr em perigo a integridade de seu corpo e, ainda, de sua vida. Elas têm por corolários prescrições de contato: não solte a mão ao se pendurar na janela, ao atravessar a rua. As interdições definem os perigos externos, os interditos assinalam os perigos internos. Nos dois casos a distinção do de fora e do de dentro é supostamente adquirida (o interdito não tem nenhum sentido sem isso) e esta distinção se encontra reforçada pelo interdito. Todo interdito é uma interface que separa duas regiões do espaço psíquico dotadas de qualidades psíquicas diferentes. O inter-

dito do tocar separa a região do familiar[2], região protegida e protetora, e a região do estranho, inquietante, perigoso. Este interdito é, na minha opinião, o verdadeiro organizador desta mutação que aparece no nono mês e que Spitz reduziu à simples distinção do rosto familiar e do rosto estranho. Não fique agarrado no corpo de seus pais significa ter um corpo separado para explorar o mundo exterior: assim parece ser a forma mais primitiva do interdito tátil. Mas também - e é uma forma mais evoluída - não toque sem cuidado com as mãos as coisas desconhecidas, você não sabe o mal que pode lhe acontecer. O interdito convida a tocar outras coisas além do familiar e do familial e a tocá-las para conhecê-las. A interdição previne contra os riscos da ignorância e da impulsividade: não se toca qualquer coisa de qualquer jeito. Segurar um objeto se justifica quando é para verificar como ele se comporta - não para levá-lo à boca e engoli-lo porque se gosta dele, nem para quebrá-lo em pedaços, o que é imaginado odioso em seu ventre. O interdito do tocar contribui para diferenciar as ordens de realidades que ficam confusas na experiência tátil primária do corpo a corpo: seu corpo é distinto dos outros corpos; o espaço é independente dos objetos que o preenchem; os objetos animados se comportam diferentemente dos objetos inanimados.

O interdito edipiano inverte os dados do interdito do tocar: o que é familial se torna perigoso em relação ao duplo investimento pulsional de amor e de ódio; o perigo é o incesto ao lado do parricídio (ou do fratricídio); o preço a pagar é uma angústia de castração. Por outro lado, quando crescer, o garoto terá o direito em algumas condições e mesmo o dever de lutar contra os homens estranhos à família, ao clã, à nação, e de escolher uma mulher estranha à sua família.

Terceira dualidade: todo interdito se constrói em dois tempos. O interdito edipiano, tal como Freud o focalizou, centrado sobre a ameaça de castração genital, limita as relações amorosas de acordo com a ordem dos sexos e das gerações. Um estado edipiano precoce, pré-genital, estudado por Melanie Klein, o precede e o prepara: daí um interdito anti-canibalesco de comer o seio desejável e a fantasia de destruir as crianças-fezes rivais e o pênis do pai no ventre da mãe, e

2. Usamos o termo familiar ("familier") como relativo ao já conhecido, e familial ("familial") como relativo à família. (N. da X)

também o desmame vivido como castigo dos desejos de devorar. O interdito do tocar também é de dois tempos. Pode-se distinguir duas estruturas da experiência tátil: a) o contato por estreitamento corporal, envolvendo uma grande parte da pele, englobando pressão, calor ou frio, bem-estar ou dor, sensações cinestésicas e vestibulares, contato que implica a fantasia de uma pele comum; b) o tocar manual, que sustenta o corpo do bebê e que em seguida tende a se reduzir quando a criança adquire o domínio dos gestos de designação e de preensão dos objetos e quando, pela educação, o contato pele a pele, considerado muito infantil ou muito erógeno ou muito brutal, se encontra limitado a manifestações de carinho ou de força muscular que devem ser controladas. Existiria então, encaixados um no outro, um primeiro interdito do contato global, isto é, da união, da fusão e da confusão dos corpos, e um segundo interdito relativo ao tocar manual: não tocar os órgãos genitais e principalmente as zonas erógenas e seus produtos; não tocar as pessoas, os objetos de maneira violenta, o tocar estando limitado às modalidades operatórias de adaptação ao mundo exterior; os prazeres que ele proporciona só são conservados quando subordinados ao princípio da realidade. De acordo com as culturas, um ou outro dos dois interditos do tocar se encontra reforçado ou atenuado. São muito variáveis tanto a idade da criança em que cada um interfere quanto seu campo de extensão, mas não existe sociedade onde eles estejam ausentes. As sanções em caso de transgressão são igualmente variáveis. Vão dos castigos físicos à ameaça, e mesmo à simples reprovação moral, manifestada pelo tom da voz.

O interdito primário do tocar transpõe no plano psíquico o que o nascimento biológico operou. Ele impõe uma existência separada ao ser vivo em vias de se tomar um indivíduo. Ele proíbe o retomo ao seio materno, retorno que só pode ser fantasiado (este interdito não se forma no autista, que continua a viver psiquicamente no seio materno). A interdição é implicitamente transmitida à criança pela mãe sob a forma ativa de um distanciamento físico: ela se afasta da criança, ela afasta a criança dela, retirando-lhe o seio, desviando seu rosto que a criança procura pegar, colocando-a no seu berço. Quando a mãe falha em acionar a interdição, sempre há alguém por perto para se fazer, em nível verbal, de porta-voz do interdito. O pai, a sogra, a vizinha, o pediatra lembram a mãe de seu dever de se separar corporalmente do

bebê, para que ele durma, para que ele não seja muito estimulado, para que ele não assimile maus hábitos, para que aprenda a brincar sozinho, para que ande ao invés de ser carregado, para que cresça, para que deixe um tempo e um espaço às pessoas que o cercam, onde ele possa viver por si próprio. O interdito primário do tocar se opõe especificamente à pulsão de apego ou de agarramento. A ameaça do castigo físico correspondente é eventualmente fantasiada sob a forma de uma extirpação que expõe a superfície de pele comum ao bebê e à sua mãe (ou à sua substituta que pode ser o pai[3]), extirpação da qual - como já o vimos - as mitologias e as religiões fazem eco.

O interdito secundário do tocar se aplica à pulsão de dominação: não se pode tocar em tudo, tudo dominar, ser o senhor de tudo. A interdição é formulada pela linguagem gestual ou verbal. O ambiente familial/familiar opõe um "não" à criança pronta a tocar, palavra proferida como tal ou através de um movimento da cabeça ou da mão. O sentido implícito é o seguinte: não se pega, primeiro se pergunta e se deve aceitar o risco de uma recusa ou de uma espera. Esse sentido fica explícito ao mesmo tempo que a criança adquire um domínio suficiente da linguagem, domínio que é adquirido justamente através deste interdito: não se aponta com os dedos os objetos que interessam; eles devem ser designados por seus nomes. A ameaça do castigo físico correspondente ao interdito secundário do tocar é eventualmente expressa pelo discurso familial e social sob a seguinte forma: a mão que rouba, que bate, que masturba será amarrada ou cortada.

Quarta dualidade: todo interdito é caracterizado pela sua bilateralidade. Aplica-se ao emitente das interdições tanto quanto ao destinatário. Qualquer que seja a vivacidade dos desejos edipianos incestuosos e hostis despertados nos genitores por ocasião da maturação sexual de seus filhos, eles não devem neles realizá-los. Da mesma maneira, o interdito do tocar, por exercer seu efeito de reestruturação do funcionamento psíquico, exige ser respeitado pelos pais e educadores. Faltas graves e repetidas constituem um traumatismo cumulativo que produz por sua vez importantes conseqüências psicopatológicas.

3. Os pais "jovens" que, há uma geração na cultura ocidental, assumem espontaneamente,em igualdade com a mãe, a alimentação e os cuidados do bebê (com exceção da gravidez e da amamentação) ajudam muito a mãe e se comprazem com isso, mas complicam a tarefa do bebê. que deve se desobrigar de duas relações duais e não de uma só, e no qual a constituição de um inderdito endógeno se encontra retardada ou enfraquecida.

Observação de Janete

Foi esse o caso de Janete, acompanhada por mim, em psicanálise e em psicoterapia por mais de quinze anos. Durante anos, tive de enfrentar sua intensa angústia persecutória. Ela não se sentia segura nem dentro do seu corpo nem dentro de sua casa. Ela invadia minha casa através de chamadas telefônicas a qualquer hora do dia ou da noite, semana ou fim de semana, com pedidos de encontros imediatos, através de recusas em deixar meu consultório no fim de algumas sessões. O estabelecimento progressivo de um quadro psicoterápico regular e a reconstrução dos principais traumatismos de sua infância e de sua adolescência lhe permitiram constituir aos poucos um Eu-pele, encontrar uma atividade profissional que a tornava independente de seus pais e dedicar seu lazer à composição de textos literários que completavam a elaboração simbólica de seus conflitos. Transpondo em um personagem de ficção a experiência das trocas verbais que ela adquirira comigo, ela descreve as palavras desse personagem como mãos que a tinham segurado, retido, contido, que lhe tinham dado um rosto e permitido reconhecer sua dor; uma mão estendida para ela de muito, muito longe sobre o abismo, uma mão que acaba por conseguir se prender à dela como uma ponte além do tempo (pois na realidade, nós não tivemos contatos corporais, exceto o aperto de mãos tradicional), uma mão que aquece as dela, uma mão que em seguida se afasta, ao mesmo tempo que a voz do personagem explica baixinho que é preciso partir, que ele voltará e, olhando-o se afastar, ela pode, pela primeira vez depois de muito tempo, soluçar longamente. Uma outra passagem significativa diz respeito ao desenlace de uma novela onde a heroína, voltando para casa à noite, é jogada sobre a estrada por um carro. Enquanto ela agoniza, uma voz a seu lado a prende ainda à vida por algum tempo, uma voz que diz quatro vezes e de quatro maneiras: "Não a toque". Ela entra então no sol - sol da morte representando a morte psíquica de minha paciente produzida em conse-

> qüência a tantas violências, mas também sol da verdade. O que ela, sem defesa, só pode exprimir indiretamente por sinais de loucura - isto é, não ser tocada - é enfim anunciado clara, calma e fortemente, como uma lei indestrutível do universo psíquico que carências podem ocasionalmente ocultar, sem alterar, a realidade fundamental estruturante.

Do Eu-pele ao Eu-pensante

Duas precisões devem ser lembradas: o interdito do tocar favorece a reestruturação do Eu apenas se o Eu-pele for suficientemente adquirido; e esse último subsiste, depois da reestruturação como tela de fundo do funcionamento do pensamento. O resumo de um relato de ficção científica introduzirá minha proposta sobre esses dois pontos: "*Les yeux de la nuit*", de John Varley[4]. Um marginal americano, cansado da civilização industrial, perambula pelos Estados do Sul. Ele entra por acaso em uma comunidade surpreendente, composta quase exclusivamente de surdos-cegos. Seus membros se casam e se reproduzem entre si; cultivam e fabricam o que precisam para viver, limitando os contatos com o exterior a algumas trocas de primeira necessidade. O viajante é acolhido por uma jovem de quatorze anos, nua como todos os habitantes desse território que tem um clima quente. Ela é uma das raras crianças nascidas ouvintes e não cegas e aprendeu a falar antes da vinda a esse lugar de seus pais, deficientes sensoriais. Ela serve ao jovem de intérprete entre a língua inglesa deste e a língua tátil usada na coletividade. O território é cortado por vias de circulação marcadas com sinais táteis. A troca de informação se faz pelo tocar e a grande sensibilidade dos autóctones às vibrações do meio humano lhes permite detectar a distância a chegada de pessoas estranhas ou de acontecimentos insólitos. As refeições, feitas num mesmo refeitório onde todos ficam muito juntos,são a ocasião de reunir

4. É a última novela de uma coletânea intitulada "Persistance *de la* vision" (1979), tr. fr. Denoël, "Présence *du Futur",* 1979. Agradeço Françoise Lugassy por ter chamado minha atenção sobre esse texto.

e de trocar informações. Depois, vem o serão num vasto salão-dormitório quando, antes que cada família se recolha em sua área particular, outras comunicações não verbais, mais intensas, mais pessoais, mais afetivas acontecem. Cada um se junta, corpo contra corpo, a um parceiro, ou mesmo a vários, para questioná-lo, responder-lhe, transmitir-lhe suas impressões e sentimentos, de uma maneira direta e imediatamente compreensível. Daí a nudez necessária dos habitantes. Daí sua filosofia implícita: se sua sensibilidade foi precocemente cultivada e se nem vestimentas ou preconceitos morais impedem seu desenvolvimento, a superfície do corpo possui um poder considerável de sugerir diretamente aos outros seus próprios afetos, pensamentos, desejos, projetos. Naturalmente, se um terceiro quer saber o que dois comunicantes se dizem, ele se interpõe pela imposição de sua mão ou de uma parte de seu corpo. Se incomodar, pode ser provisoriamente afastado. Naturalmente também, se o que dois comunicantes têm a se dizer é do registro do amor, eles terminam naturalmente por fazê-lo, em uma união íntima e alegre, à qual a jovem bilingüe de quatorze anos, longe de ser ingênua, atrai o estranho. A liberdade e a reciprocidade com as quais, desde a puberdade, cada um se dá, não deixam assim - pelo menos é a teoria desta comunidade - nenhum lugar para a frustração ou os ciúmes. O amor entre dois indivíduos está portanto apenas a um grau do amor supremo, aquele que a comunidade dirige a si própria. Uma vez por ano, no final do verão, uma pradaria preparada para este fim acolhe toda a assembléia, homens, mulheres, crianças, que se estreitam todos juntos para construir um só corpo e para partilhar - aqui é difícil dizer, pois o narrador, admitido somente como hóspede, não pode tomar parte - os mesmos ideais ou crenças ou sensações, de uma maneira tangível e paroxística.

Cada vez mais seduzido por esta sociedade, o narrador aprende, graças às lições de sua preceptora, a linguagem tátil, mas ele se choca aos limites de sua educação anterior. O que ele pensa verbalmente, ele pode transmitir pelo tato, e o que se lhe comunica pelo tato, ele pode formular verbalmente. Para certos afetos comuns, a ternura, o medo e o descontentamento chegam a experimentá-los e compreendê-los diretamente, mas os graus seguintes da linguagem tátil e que, na medida em que sua jovem instrutora os pode explicar, correspondem a entida-

des abstratas e estados psíquicos de base, permanecem inassimiláveis. Seu hábito de linguagem verbal constitui uma deficiência mental, o que não acontece com os deficientes sensoriais da comunidade. Assim, o mais deficiente dos dois não é aquele que se imagina... A afiliação lhe é finalmente recusada. Sua parceira, culpada por falar uma linguagem dupla, decide se comunicar com ele somente pelo tato. Mesmo que ele furasse os olhos e os tímpanos, seria muito tarde: ele jamais chegaria à simplicidade e à plenitude da comunicação tátil srcinária exclusiva. Ele deixa esta coletividade, carregando no seu coração a nostalgia inesquecível.

Pouco importam as reservas "científicas" trazidas por esse relato "legendário": o universo olfativo é omitido; a cólera clivada do amor é negada; uma linguagem tátil usada pelos surdos-cegos só pode ser inventada pelos que vêem e escutam, tendo adquirido um certo domínio da dimensão simbólica etc... O interesse da ficção científica deriva do fato de ela isolar quase experimentalmente uma variável da qual ela tira o máximo de conseqüências lógicas ou psicológicas. Aqui, a variável é a seguinte: existe uma comunicação precoce de pele a pele; a pele é o primeiro órgão de troca significante; ecopraxias e ecolalias apenas se desenvolvem sobre um fundo srcinário de ecorritmias, ecotermias, ecotactilismos. Naturalmente, a novela de Varley descreve uma construção fantasmática defensiva, um romance das srcens da comunicação, elaborado tardiamente num movimento contra-edipiano, quando o acesso a sistemas semióticos mais evoluídos foi investido. Nesse meio tempo, este investimento foi possível e necessário pela repressão das comunicações táteis primárias, repressão acionada pelo interdito do tocar,

O que acontece quando este interdito falha? Que preço se paga pela sua transgressão? O relato de Varley parece demonstrativo desses dois pontos. Por um lado, onde o interdito primário do tocar, aquele que proíbe o corpo a corpo, não foi estabelecido, o interdito edipiano, organizador da sexualidade genital e da ordem social, não se instala. Por outro lado, a ameaça de uma castração fálica, que dá sua carga de carne e de angústia à transgressão eventual do interdito do incesto, tem por corolário a angústia de uma castração sensorial em caso de falta do interdito do tocar, O conteúdo manifesto da novela de Varley diz que os habitantes se livram do interdito do tocar porque são surdos

e cegos. O conteúdo latente deve ser entendido ao contrário: por se livrarem do interdito do tocar, são acometidos de surdez, de cegueira. Um permanente estado de fusão amorosa para o indivíduo e um permanente estado de ilusão grupal para a coletividade tendem a se instalar onde faltam os dois interditos, o do tocar e o do incesto.

É evidente que as comunicações primárias táteis reprimidas não são destruídas (com exceção de caso patológico); elas são registradas como tela de fundo sobre a qual se inscrevem os sistemas de correspondências intersensoriais; constituem um primeiro espaço psíquico no qual outros espaços sensoriais e motores podem se encaixar; fornecem uma superfície imaginária onde os produtos das operações posteriores do pensamento se depositam. A comunicação a distância por gestos e depois por palavras requer não somente a aquisição de códigos específicos, mas também a conservação desse fundo srcinário ecotátil da comunicação e sua reatualização, sua revivescência mais ou menos freqüente. O conceito hegeliano de Aufhebung se adapta particularmente, no meu entender, para descrever o estatuto desses traços ecotáteis que são ao mesmo tempo negados, ultrapassados e conservados.

Assim como o interdito do incesto, prematuro ou violento, pode exceder seu alvo, que é o de desviar o desejo amoroso e sexual para os estranhos à família e produzir uma inibição de toda realização heterossexual genital com qualquer parceiro, o interdito do tocar, se proibir muito cedo ou rigorosamente os contatos íntimos, em lugar de desencadear uma repressão relativamente fácil de suprimir em certas circunstâncias, sexuais, lúdicas, esportivas etc. codificadas socialmente, pode provocar uma inibição grave de relacionamento físico, o que complica muito a vida amorosa, o contato com as crianças, a capacidade de se defender contra as agressões...

Por outro lado, nos casos de distúrbios graves da comunicação, associados a uma deficiência importante, mental (autismo) ou física (surdos-cegos de nascimento), a função semiótica requer que seja exercida a partir de sua forma srcinária: o contato corpo a corpo e as trocas ecotáteis. É o caso, já o vimos (p. 145), da técnica do "pack".

O interdito do tocar, diferentemente do interdito edipiano, não exige uma renúncia definitiva a um objeto de amor, mas uma renúncia à comunicação ecotátil como modelo principal de comunicação

com os outros. Esta comunicação ecotátil subsiste como srcem semiótica srcinária. Ela toma-se ativa na empatia, no trabalho criador, na alergia, no amor.

O acesso *à intersensorialidade e a constituição do senso comum*

Depois de ter adquirido sua organização de base como Eu-pele, o Eu só pode em seguida chegar a uma nova estruturação rompendo com o primado da experiência tátil e se constituindo em espaço de inscrição intersensorial, em *sensorium commune* (o "senso comum" dos filósofos empiristas). Esta reestruturação não é suficientemente explicada por um "élan" integrativo do Eu (Luquet, 1962), nem por um desejo de crescer e de se adaptar, correlativo dos progressos da maturação nervosa. A intervenção operante de um interdito do tocar, precursor e anunciador do complexo de Édipo, deve ser postulada por uma tripla razão de coerência teórica, de constatação clínica e de rigor técnico.

Depois de uma revisão bastante completa da literatura psicanalítica referente ao papel das experiências corporais precoces na gênese dos distúrbios cognitivos no esquizofrênico, Stanley Grand (1982), de Nova Iorque, concluiu que a disfunção do pensamento na esquizofrenia abriga uma alteração profunda na organização *(articulation)* do Eu corporal. Esta alteração resulta de um fracasso precoce para "articular" adequadamente os dados sensoriais múltiplos (portanto para constituir este espaço multi-sensorial que acabo de citar, com os encaixes necessários aos diversos envelopes sensoriais particulares) e para os integrar em experiências cenestésicas e de equilibração que formam a base do sentido de orientação e o núcleo da experiência da realidade (trata-se aqui na srcem de uma carência da primeira função do Eu-pele, aquela de *holding* ou manutenção). Na falta de um sentimento organizado da coesão e das fronteiras do corpo, a distinção dara entre a experiência interna e a experiência externa, entre o Self e as representações de objeto, não pode emergir. O núcleo da experiência de si e da identidade pessoal não chega a se diferenciar

plenamente da unidade dual do elo mãe-filho. O esquizofrênico é incapaz de se beneficiar plenamente das experiências autocorretivas fornecidas pelo "feedback" que lhe é enviado durante suas ações sobre o mundo exterior, pois um tal benefício só pode ser obtido por alguém que se sente iniciador de suas próprias ações. Ter um Eu é dispor de um poder de iniciativa não sobre um acontecimento simples, mas sobre uma série de acontecimentos que se desenvolvem tanto em cadeias como em círculos. Mecanismos de compensação podem atenuar em parte a integração enfraquecida do Eu corporal, principalmente nos domínios da experiência sensorial cenestésica e térmica: eles sustentam a coesão do aparelho psíquico e impedem sua dissolução completa durante os episódios regressivos.

A psicanálise só é possível em relação ao interdito do tocar. Tudo pode ser dito, desde que se encontre palavras que convenham à situação transferencial e que traduzam pensamentos apropriados àquilo de que efetivamente sofre o paciente. As palavras do analista simbolizam, substituem, recriam os contatos táteis sem que seja necessário recorrer concretamente a eles: a realidade simbólica da troca é mais operante que sua realidade física.

Terceira Parte

Principais Configurações

11

O envelope sonoro

Paralelamente ao estabelecimento das fronteiras e dos limites do Eu como interface bidimensional estruturada sobre as sensações táteis, o Self é constituído pela introjeção do universo sonoro (e também gustativo e olfativo) como cavidade psíquica pré-individual dotada de um esboço de unidade e de identidade. As sensações auditivas, associadas no momento da emissão sonora às sensações respiratórias que lhe fornecem uma impressão de volume que se esvazia e se preenche, preparam o Self para se estruturar tendo em conta a terceira dimensão do espaço (a orientação, a distância) e a dimensão temporal.

A literatura psicanalítica anglo-saxônica trouxe três noções importantes ao longo das últimas décadas. W.R. Bion (1962) mostrou que a passagem do não-pensar ao "pensar", ou, ainda, dos elementos beta aos elementos alfa, se baseava em uma capacidade, necessária ao desenvolvimento psíquico do bebê, dele fazer a experiência real, ou seja, a capacidade própria do seio maternal de "conter", num espaço psíquico delimitado, as sensações, os afetos, os traços mnésicos que irrompem no seu psiquismo nascente; o seio-contentor detém a retroprojeção agressivo-destruidora dos pedaços de Self expulsos e dispersos e lhes possibilita representações, ligações e introjeções. H. Khout (1971) procurou diferenciar dois movimentos antagônicos alternativos e complementares, aquele pelo qual o Self se constitui por difração em objetos com os quais realiza fusões parcelares-narcísicas (os "Self-objetos"), e aquele pelo qual o Self realiza com um objeto ideal uma fusão "grandiosa". Enfim, voltando ao

estado de espelho, como Lacan o concebeu, onde o Eu se edifica como outro sobre o modelo da imagem especular do corpo inteiro unificado, D.W. Winnicott (1971) descreveu uma fase anterior, aquela onde o rosto da mãe e as reações do círculo humano fornecem o primeiro espelho à criança, que constitui seu Self a partir do que lhe é assim refletido. Mas, como Lacan, Winnicott acentua os sinais visuais. Gostaria de evidenciar a existência, mais precoce ainda, de um espelho sonoro, ou de uma pele auditivo-fônica, e sua função na aquisição pelo aparelho psíquico da capacidade de significar, e depois de simbolizar[1].

Observação de Marsias

Vou relatar duas sessões significativas de uma cura psicanalítica. Chamarei o paciente de Marsias, em memória do sileno esfolado por Apolo.

> Marsias está em psicanálise há vários anos. Eu o recebo agora em sessões face a face, com uma hora de duração, devido a uma reação terapêutica negativa que se instalou com a posição deitada. O trabalho psicanalítico prosseguiu graças ao novo dispositivo, levando a um certo número de melhoras na vida do paciente, mas as interrupções da cura por ocasião das férias permanecem mal toleradas.
>
> É a sessão de retorno após as pequenas férias da primavera. Marsias, mais que deprimido, se diz vazio. Ele se sentiu ausente nos contatos com os outros quando da retomada de suas atividades profissionais. Ele me acha da mesma forma com ar de ausente. Ele me perdeu. Depois ele observa que os dois longos períodos de depressão vividos na sua cura aconteceram durante as grandes férias, mesmo se uma delas tivesse sido consecutiva a um fracasso profissional que muito o afetara. Na Páscoa, ele pode se ausentar por um fim de semana prolongado. Esteve em uma região do Sul, num hotel confortável, à beira de um mar magnífico, com uma piscina

1. Cf, G, Rosolato, "La voix", in *"Essais sur le symbolique"* (1969, pp, 287-305).

aquecida. Ele gosta muito da natação e de excursões. Ora, as coisas não correram bem. Teve más relações com as pessoas do pequeno grupo com o qual ele viajava, amigos ou colegas do trabalho dos dois sexos, companheiros freqüentes de fim de semana. Ele se sentiu negligenciado, abandonado, rejeitado. Sua mulher tivera que ficar em casa com seu filho convalescente. As caminhadas o fatigaram, sobretudo as brincadeiras coletivas na piscina se tomaram cada vez piores: ele perdia seu fôlego, não encontrava ritmo nos movimentos, multiplicava os esforços descoordenados, tinha medo de afundar, a sensação de estar molhado tornava desagradável o contato com a água; apesar do sol ele tiritava; por duas vezes caminhando na beira da piscina escorregou sobre o pavimento úmido e bateu dolorosamente a cabeça.

Tenho a idéia que Marsias vem às sessões não tanto para que eu o alimente, como tive a impressão de estar fazendo desde que o recebo com nosso novo dispositivo, mas para que eu o carregue, o aqueça, o manipule, e lhe devolva pelo exercício as possibilidades de seu corpo e de seu pensamento. Pela primeira vez, eu lhe falo de seu corpo como volume no espaço, como fonte de sensações de movimento, como medo da queda, sem obter de Marsias nada além de uma aprovação polida. Eu me decido então lhe perguntar diretamente: como sua mãe o carregava (não se trata da amamentação) quando era pequeno? Ele logo traz uma lembrança, à qual já aludira duas ou três vezes, de como esta mãe adorava falar com ele. Pouco depois do nascimento de Marsias, já bem ocupada por seus quatro primeiros filhos - um filho mais velho e três filhas - ela se via dividida entre o recém-nascido e a filha menor, nascida um ano antes e que caíra gravemente doente. Ela confiara Marsias a uma empregada mais afeita às tarefas domésticas do que aos cuidados exigidos pelo recém-nascido, mas fazia questão sempre de dar o seio a esse menino, cuja chegada tanta alegria lhe trouxera. Ela dava seu seio generosa e rapidamente, e se precipitava, terminada a mamada, e o bebê devolvido às mãos da empregada, para a irmã de

Marsias, cuja saúde ficou durante muitas semanas tão fraca que houve até um momento em que se temia por sua vida. Entre essas visitas-mamadas que Marsias absorvia gulosamente, ele era ao mesmo tempo cuidado e negligenciado pela criada solteira e idosa, austera, de princípios, trabalhadora que agia por dever, não para receber ou dar prazer, e que mantinha com a patroa uma relação sadomasoquista. Ela se interessava pelo corpo de Marsias apenas para as primeiras trocas ou cuidados mecânicos: ela não brincava com ele. Marsias era relegado em um estado passivo-apático. Ao final de alguns meses, notou-se que ele não reagia normalmente e a empregada disse que ele escutava mal e que tinha nascido retardado. A mãe, aterrorizada com esta declaração, agarra Marsias, o sacode, o movimenta, o estimula, lhe fala e o bebê olha, sorri, balbucia, exulta, para a satisfação de sua mãe, tranquilizada quanto à sua normalidade. Ela repetiu várias vezes esta verificação e decidiu pouco depois trocar de empregada.

Este relato me leva a estabelecer vários paralelos que eu comunico parcial e gradativamente a Marsias. Primeiro, ele aguarda as sessões comigo como aspirava as visitas-mamadas de sua mãe: ansiedade perante a idéia de um atraso de minha parte, de uma sessão que eu desmarcasse, medo de que sua mãe não viesse mais e de que ele mesmo adoecesse como a irmã de quem se temia a morte.

O segundo paralelo me ocorrera no início da sessão e se confirma: ele foi suficientemente nutrido; o que espera de mim é o que não lhe dava a empregada: que eu o estimule, que exerça seu psiquismo (havia nele momentos de pobreza de vida interior que davam a impressão de uma morte psíquica). Desde que o recebi face a face, temos diálogos mais freqüentes, trocas importantes de olhares e de mímicas, comunicação em nível de postura. Eu lhe digo que, a distância e através dessas trocas, é como se eu o sustentasse, o segurasse, o aquecesse, o colocasse em movimento, se necessário o sacudisse, e o fizesse reagir, gesticular e falar.

Em terceiro lugar, compreendo melhor qual é a imagem do corpo de Marsias. Para sua mãe ele era um tubo digestivo supra-investido e erotizado nas duas extremidades (à menor emoção, ele é tomado por uma violenta necessidade de micção e um de seus temores é o de urinar durante suas relações sexuais). Seu corpo, como entidade carnal, como volume e como movimento não foi investido pela empregada. Daí sua angústia do vazio.

Temos, sobre esses três temas, uma troca verbal ativa, viva, calorosa. Na despedida, ao invés do seu aperto de mãos habitualmente mole, ele me aparta os dedos com firmeza. Minha contratransferência é dominada por um sentimento de satisfação de trabalho realizado.

Minha decepção foi maior no encontro seguinte. Marsias chega deprimido e, para minha surpresa, já se queixando do caráter negativo da sessão anterior que me parecera, pelo contrário, enriquecedora para ele (e que de fato o fora por minha compreensão dele, isto é, para mim). Abandono-me a um movimento interior de decepção paralelo ao seu mas, evidentemente, nada lhe digo. Penso: depois de um passo à frente, ele faz dois para trás, ele nega os progressos que faz. Fico tentado a desistir. Depois, retomo. Compreendo que, quando ele avança num ponto, teme perder um outro; eu lhe digo isso e lembro a lei do tudo ou nada, de que já lhe falara como regendo suas reações interiores. E explico: comigo ele encontrou, na última vez, o contato "corporal" que lhe faltara com sua babá; ele teve precocemente o sentimento de perder em contrapartida o outro modo de contato, mais habitual entre nós até então, aquele da mamada rápida e intensa com sua mãe. A eficácia da minha proposta é imediata: o trabalho psíquico é retomado. Ele relaciona esta perda alternada com seu longo temor - até então nunca expresso tão claramente - de que a psicanálise lhe retire alguma coisa - não no sentido da castração, ele mesmo explica espontaneamente -, lhe prive de suas

possibilidades mentais. O problema de Marsias se refere na verdade ao déficit de sua libido narcísica e aos efeitos da carência de seu ambiente primitivo em assegurar a satisfação de suas necessidades do Eu, tais como Winnicott as diferencia das necessidades do corpo. Mas onde situar as necessidades do Eu na sequência que acabo de relatar?

A aliança terapêutica reencontrada entre mim e Marsias nos permite levar adiante o trabalho de análise e fazer aparecer uma outra dimensão de sua suscetibilidade à frustração (ou à ferida narcísica): quando alguém lhe dá o que ele não teve de sua mãe, isso não conta; sua mãe é que deveria lhe ter dado. E ele mantém assim na sua cabeça um perpétuo processo inacabado: sua mãe e o psicanalista deveriam reconhecer enfim os erros que cometeram com ele desde o início! Marsias não é psicótico, porque seu funcionamento mental foi no conjunto assegurado durante sua infância: sempre houve alguém, entre seu irmão e suas irmãs, ou as sucessivas empregadas, e depois os padres, para preencher esse papel, e

Marsias pela primeira vez evoca uma vizinha que ele visitava quase diariamente, desde que começou a falar e antes de ir à escola. Ele tagarelava com ela sem parar, muito à vontade, coisa impossível com sua mãe, muito ocupada e que só aceitava o que era conforme a seu código moral e a seu ideal de menino perfeito. Comigo, percebe Marsias, as coisas se passam ora como com a vizinha, ora como com sua mãe.

E ele volta à sua relação comigo. Acha que eu lhe proporciono muito, ele sente muito mais prazer em viver, não faltaria a suas sessões por nenhum preço. Mas persiste entre nós uma importante dificuldade: frequentemente ele não compreende o que lhe digo, isto foi flagrante na última vez, ele não se lembrou de nada, nem mesmo me escutou.

Além disso, se ele pensa em seus problemas no intervalo das sessões e lhe ocorre uma idéia interessante, ele não pode se preocupar com isso na minha frente, ele fica mudo de imediato, com o espírito vazio.

A princípio, fiquei desorientado diante desta resistência. Depois, me vem um paralelo e lhe pergunto: como sua mãe falava com você quando você era pequeno? Ele descreve uma situação sobre a qual, apesar de vários anos de psicanálise, ele jamais dissera uma palavra e que eu, à noite, redigindo a observação desta sessão, resumi sob a expressão de banho negativo de palavras.

Por um lado, sua mãe tinha entonações roucas e duras correspondendo a acessos de mau humor bruscos, imprevisíveis e frequentes: a relação de Marsias, bebê, à melodia materna, como portadora de um sentido global, era então interrompida, cortada, da mesma forma que a relação de troca corporal intensa e satisfatória com a mãe durante as mamadas era cortada pelos cuidados mecânicos da empregada. Assim, as duas principais infra-estruturas da significação (a significação infralingüística encontrada nos cuidados e nos jogos de corpo, a significação pré-lingüística de escuta global dos fonemas) se encontravam afetadas pela mesma perturbação.

Por outro lado, a mãe de Marsias não sabia exprimir bem o que ela sentia ou desejava. Era esse, aliás, um motivo de irritação ou de ironia para com seu meio ambiente. É provável que ela não soubesse nem imaginasse o que as pessoas à sua volta sentiam, nem pudesse ajudá-las a expressá-lo. Ela não soubera falar com seu último filho numa linguagem onde ele pudesse se reconhecer. Daí a impressão de Marsias se relacionar com sua mãe, comigo, em uma língua estranha.

A seqüência dessas duas sessões me confirmou que, em caso de carência do ambiente primordial em relação às necessidades do Eu, falta ao sujeito uma suficiente heteroestimulação de algumas de suas funções psíquicas, heteroestimulação que, em caso de um ambiente suficientemente bom, permite, ao contrário, chegar em seguida, pela identificação introjetiva, à auto-estimulação dessas funções. O objetivo da cura está nesse caso: a) fornecer esta heteroestimulação por modificações apropriadas do dispositivo analítico, pela determinação do psicanalista em simbolizar no lugar do paciente cada vez que este

tenha o espírito vazio; b) fazer aparecer na transferência as falhas antigas do Self e as incertezas na coerência e limites do Eu de maneira tal que os dois parceiros possam trabalhar analiticamente em sua elaboração (na verdade, o paciente carente e não neurótico ficará de qualquer maneira profundamente insatisfeito com o psicanalista e com a psicanálise, mas a aliança simbiótica que terá se estabelecido entre a parte autêntica de seu Self e o psicanalista lhe permitirá reconhecer pouco a pouco, através de suas insatisfações, a presença de alguns déficits precisos, específicos, que podem ser percebidos e nomeados, e relativamente superáveis em condições novas do ambiente).

Audição e fonação no bebê

E necessário agora lembrar os fatos estabelecidos em relação à audição e à fonação no bebê[2] que convergem a esta conclusão: o bebê está ligado a seus pais por um sistema de comunicação verdadeiramente audiofônico; a cavidade bucofaríngea, produzindo os elementos indispensáveis à comunicação, está, muito cedo, sob o controle da vida mental embrionária, ao mesmo tempo que exerce um papel essencial na expressão das emoções.

Além dos ruídos específicos produzidos pela tosse e pelas atividades alimentares e digestivas (que fazem do próprio corpo uma caverna sonora onde esses ruídos são tão mais inquietantes por sua srcem não ser localizada pelo interessado), o choro é, desde o nascimento, o som mais característico emitido pelos recém-nascidos. A análise física dos parâmetros acústicos permitiu ao inglês Wolff, em 1963 e 1966, distinguir no bebê com menos de três semanas quatro choros estrutural e funcionalmente distintos: o choro de fome, o choro de cólera (por exemplo, quando ele é despido), o choro de dor de srcem externa (por exemplo, quando se tira sangue do calcanhar) ou visceral, e o choro de resposta à frustração (por exemplo, em caso de

2. Ura resumo de trabalhos, principalmente anglo-saxônioos e também alemães e franceses, se encontra de H. Herren, *"La voix dans le development psychosomatique de'efant"* (1971). Devo muito a ele. Os autores citados nas páginas seguintes se referem à bibliografia deste artigo. Cf. igualmencente Oléron, *"L'acquisition du langage"* (1976).

retirada de um bico ativamente sugado). Esses quatro choros têm um desenvolvimento temporal, uma duração das frequências e das características espectográficas específicas. O choro de fome (apesar de não estar necessariamente associado a este estado fisiológico) parece ser fundamental; ele sempre sucede aos três outros, que seriam suas variantes. Todos esses choros são puros reflexos fisiológicos.

Esses choros induzem nas mães - que procuram logo diferenciá-los, e com variantes decorrentes de sua experiência e temperamento, reações específicas que visam cessar o choro. Ora, a manobra mais eficaz de extinção é a voz materna: desde o fim da segunda semana, ela pára o choro do bebê muito melhor do que qualquer outro som ou presença visual do rosto humano. A partir da terceira semana, pelo menos em meio familial normal, aparece o "falso choro de desamparo para chamar a atenção" (Wolff): são gemidos que terminam em choro; a estrutura física dos quatro choros de base é muito diferente. É a primeira emissão sonora intencional, considerada a primeira comunicação. Com cinco semanas, o bebê distingue a voz materna das outras vozes, enquanto não diferencia ainda o rosto materno dos outros rostos. Assim, antes do fim do primeiro mês, o bebê começa a ser capaz de descodificar o valor expressivo das intervenções acústicas do adulto. Aí está a primeira das reações circulares constatáveis no bebê, bem anterior àquelas relativas à visão e à psicomotricidade, esboço e talvez protótipo das aprendizagens discriminativas posteriores.

Entre três e seis meses, o bebê está em pleno balbuciar. Ele brinca com os sons que emite. Primeiro são os "cacarejos, estalos, grasnados" (Ombredane). Depois ele se exercita progressivamente a diferenciar, a produzir voluntariamente e a fixar, entre a gama variada dos fonemas, aqueles que constituem o que será sua língua materna. Adquire assim o que o lingüista Martinet designou a segunda articulação da palavra (a articulação do significante em relação a sons precisos ou combinações particulares de sons). Alguns autores pensam que o bebê emite espontaneamente quase todos os sons possíveis e que o ajustamento ao sistema ambiente leva a um estreitamento de sua gama. Outros autores consideram, ao contrário, as emissões desse estágio como sendo um material imitado e que a evolução se dá por enriquecimento progressivo. O certo é que, com aproximada-

mente três meses, em conseqüência do amadurecimento da fóvea, a reação circular motora-visual se instala: a mão se estende para a mamadeira. Mas também para a voz materna! E como a criança nesse estágio só é capaz de reproduzir os gestos que ela se vê fazer (aqueles das extremidades dos membros), a imitação é bem mais diversificada no plano audiofonológico: no seu balbuciar, o bebê imita o que ele escuta do outro ao mesmo tempo que imita a si próprio; com três meses, por exemplo, surgem os choros contagiantes.

Duas experiências são interessantes de relatar. É difícil saber o que o bebê escuta por falta de uma reação observável provando que ele escutou. Esse problema metodológico foi elegantemente resolvido por Caffey (1967) e Moffit (1968) que registraram o eletrocardiograma de bebês com dez semanas, aos quais, depois de uma habituação a alguns sinais fonéticos que eles eram capazes de produzir, eram apresentados sinais ora contraídos, ora próprios do repertório fonético do adulto. Os resultados confirmaram que o bebê possuía uma riqueza perceptiva considerável, bem superior à sua capacidade de emissão fonética, antecipando então esta anterioridade, bem conhecida e constatada alguns meses mais tarde, da compreensão semântica em relação à elocução.

Uma outra maneira de resolver o problema deve-se a Butterfield (1968): bebês com alguns dias sugam mais ativamente nas mamadas um bico musical do que um bico comum. Conforme sua avidez ao mamar, alguns sujeitos manifestariam até mesmo uma preferência para música clássica ou popular ou por uma melodia cantada! Depois de alguns exercícios desse gênero, esses bebês melômanos se tomam capazes, uma hora antes de sua refeição e bem despertos - isto é, independentemente da gratificação alimentar - de controlar a velocidade ou a parada das músicas gravadas e conectadas à mamadeira vazia posta à sua disposição. Esses trabalhos confirmam a teoria de Bowlby segundo a qual uma pulsão primária de apego funcionaria simultaneamente com a pulsão sexual oral e independentemente dela. Mas esses trabalhos trazem também um complemento ou uma correção importante: as capacidades mentais se exerceriam primeiro sobre o material acústico (eu acrescentaria: e sem dúvida também olfativo). Isto torna improváveis as idéias de Henri Wallon, que predominam na França, segundo as quais as diferenciações dos gestos e da mímica - isto é, dos

fatores tônicos e posturais - estariam na srcem da comunicação social e da representação mental. É evidente que "feedbacks" mais precoces com o meio ambiente se formam no bebê: são de natureza audiofonológica; eles se aplicam primeiro nos choros e depois nas vocalizações (porém com analogias funcionais e morfológicas patentes entre os dois) e constituem o primeiro aprendizado de condutas semióticas. Ou seja, a aquisição da significação pré-linguística (aquela dos choros e dos sons no balbuciar) precede aquela da significação infralingüística (aquela das mímicas e dos gestos).

Seguramente, a sucessão cronológica não implica em uma filiação estrutural: as coordenações vocal-motoras e visual-motoras possuem cada uma sua autonomia relativa, e sua especificidade, as primeiras preparando a aquisição da segunda articulação (aquela dos significantes aos sons), as segundas preparando a aquisição da primeira articulação (aquela dos significantes aos significados). Pode-se mesmo pensar que o desenvolvimento da função lingüística e o início da apropriação pela criança durante o segundo ano do código da língua humana materna necessita tolerar as diferenças de estrutura entre a comunicação vocal e a comunicação gestual e superá-las na constituição de uma estrutura de simbolização mais complexa e de nível mais abstrato. Não há dúvida que o primeiro problema colocado à inteligência nascente é o da organização diferencial dos ruídos do corpo, dos choros e dos fonemas, e que os fono-comportamentos constituem, durante o primeiro ano, um fator primitivo do desenvolvimento mental.

Um último fato o ilustra. Entre oito e onze meses, as atividades vocais, a imitação das formas ouvidas, a freqüência do balbuciar sofrem uma diminuição. É a idade onde a criança tem medo de pessoas estranhas (de seu rosto e sua voz), idade também onde, com a aquisição aos dez meses da oposição do polegar e do índice, ela pode, na presença de um modelo exterior, reproduzir os gestos que ela não se vê executar, onde ela pode igualmente se representar mentalmente objetos ou acontecimentos fora do campo percebido. Mas, ao mesmo tempo, e talvez como consequência, ela analisa melhor os fonocomportamentos dos outros do que os seus.

O *sonoro segundo Freud*

A noção de banho de palavras emanando do círculo maternante está ausente da obra de Freud. Por outro lado, em "Esquisse *d'une psychologie scientifique"* de 1895 (tr. fr., pp, 336, 348 e 377), ele atribui um papel importante ao choro emitido pelo bebê. O choro é primeiro pura descarga motora da excitação interna, de acordo com o esquema reflexo que constitui a estrutura primeira do aparelho psíquico. Depois, ele é entendido pelo bebê e pelas pessoas que o cercam como uma exigência e como o primeiro meio de comunicação entre eles, ocasionando a passagem à segunda estrutura do aparelho psíquico onde intervém, em uma reação circular, o sinal, forma primária da comunicação. "A via de descarga adquire assim uma função secundária de extrema importância, a de compreensão mútua". O nível de complexidade decorrente do aparelho psíquico é, como se sabe, o do desejo visando a imagem mnésica do objeto que trouxe a satisfação. Esta imagem é sobretudo visual ou motora (não se trata de registro sonoro); ela fundamenta o processo psíquico primário que visa a realização alucinatória do desejo (é uma experiência de auto-satisfação por oposição à satisfação anterior que é dependente do meio); enfim, a associação de imagens mentais a moções pulsionais constitui a primeira forma da simbolização (não estamos mais no simples sinal). Esta terceira estrutura do aparelho psíquico se toma complexa por sua vez com a articulação de traços verbais (ou representantes de palavras) com os representantes de coisas, o que possibilita os processos psíquicos secundários e o pensamento. Mas é interessante observar que Freud descreve, o que chamarei de nível zero desta articulação, a articulação dos sons com as percepções. "Há em primeiro lugar objetos (percepções) que fazem chorar, porque eles provocam um sofrimento (...) *A informação que nos é dada por nosso próprio choro* nos serve para atribuir uma qualidade (hostil) ao objeto, uma vez que, de outra maneira, e em razão do sofrimento, nós não poderiamos ter qualquer noção qualitativamente clara." Decorre daí que as primeiras lembranças conscientes são as lembranças penosas.

Posso agora me situar precisando os limites da minha concordância com Freud[3], e as complementações que poderíam ser feitas: 1º) O Superego sádico arcaico começa a se transformar em um Superego regulador do pensamento e da conduta com o aprendizado da primeira articulação da linguagem (assimilação das regras que regem o uso léxico, a gramática e a sintaxe). 2º) Anteriormente o Eu se constituiu como instância relativamente autônoma, por apoio sobre a pele, com a aquisição da segunda articulação (fixação do fluxo da emissão vocal aos fonemas que são os formantes da língua materna), com a aquisição igualmente do estatuto de extraterritorialidade do objeto. 3º) Mais anteriormente ainda, o Self se forma como um envelope sonoro na experiência do banho de sons, concomitante com aquela do aleitamento. Esse banho de sons prefigura o Eu-pele e sua dupla face voltada para o interior e o exterior, pois o envelope sonoro é composto de sons alternadamente emitidos pelo meio ambiente e pelo bebê. A combinação desses sons produz então: a) um espaço-volume comum permitindo a troca bilateral (já que o aleitamento e a eliminação operam uma circulação de sentido único); b) uma primeira imagem (espaço-auditiva) do próprio corpo; c) um elo de realização fusional real com a mãe (sem o que a fusão imaginária com ela não seria posteriormente possível).

A *semiofonia*

As novidades da tecnologia e a inventividade da mitologia e da ficção científica me fornecerão um suplemento de provas.

A idéia de mergulhar crianças com distúrbios de linguagem em um banho sonoro antes de qualquer reeducação foi colocada em prática na França com o nome de semiofonia[4]. O sujeito é fechado

3. Os problemas da voz e da audição nunca interessaram os comentadores de Freud. Os editores da *Standard Edition* nem mesmo citam os termos: voz, som, audição. Somente mantiveram as referências ao choro e às semelhanças de sons. utilizadas pelos lapsos e jogos de palavras. Uma pesquisa sobre o sonoro em Freud ainda está para ser realizada.

4. I. Beller, *"La Sémiophonie"* (1973). O autor partiu da experiência de Birch e Lee (1955): estimulações auditivas binaurais de sessenta decibéis durante sessenta segundos em sujeitos com afasia expressiva, em razão de uma inibição cortical permanente, provocam uma melhora imediata da sua eficiência verbal que dura de cinco a dez minutos. É igualmente inspirada na orelha eletrônica de Tomatis, reelaborando sua concepção.

numa espaçosa cabina à prova de som e dotada de um microfone e de um fone de ouvido, verdadeiro "ovo fantasmático" no qual ele pode narcisicamente se interiorizar e regredir. Numa primeira fase, puramente passiva, ele brinca livremente (desenhos, quebra-cabeças etc.) sempre escutando durante meia hora música filtrada, rica em harmônicos agudos, e depois durante outra meia hora uma voz filtrada e pré-gravada. Assim, ele é submetido a um banho sonoro reduzido ao ritmo, à melodia e à inflexão. A segunda fase da reeducação se refere à segunda articulação; ela requer do sujeito, depois da audição da música filtrada, a repetição ativa de significantes igualmente pré-gravados e passados por um filtro suave que torna a voz perfeitamente audível e distinta e favorece a escala dos harmônicos agudos; ao mesmo tempo que repete a palavra, o sujeito se escuta pelos fones de ouvido, ele descobre sua própria voz e faz a experiência do "feedback" auditivo-fonatório. A fase seguinte, mais banal, compreende o desaparecimento do banho musical anterior e dos sons filtrados, e a repetição de frases organizadas em relatos. Se a criança repete mal, se introduz voluntariamente variantes fantasiosas ou grosseiras, nenhuma observação e muito menos reprimendas lhe são feitas. Pode igualmente continuar a desenhar escutando e falando. Para poder apreender um código, não é preciso primeiro brincar com ele e também ser livre para transgredi-lo? "Assim, acreditando dialogar com o outro, a criança aprende muito depressa a dialogar consigo mesma, com esta outra parte de si mesma que ela desconhece e que precisamente ela projetava sobre o outro, afastando assim toda possibilidade de diálogo real" (*ibid.*, p. 64).

A autora se prende a uma posição puramente didática, rejeitando não somente a transferência e a interpretação, mas também a inferência e a compreensão do papel das carências do meio nos déficits linguísticos da criança. Na verdade, ela procura fazer funcionar uma máquina de curar. Mas a sua intuição é fecunda.

"No primeiro período da reeducação dita passiva, onde são filtrados intensamente os sons exteriores que se tornam assim não-significativos, o que é vivido pelo sujeito poderia se definir como um agradável sentimento de estranheza... Esta emoção induz a um estado de elação percebido na própria pessoa, isto é,na representação que o su-

jeito tem de si próprio" (*ibid.*, p. 75). A estranheza só é inquietante quando o meio não "contém" (no sentido de Bion) o vivido psíquico do sujeito.

O *espelho sonoro*

O bebê é introduzido na melodia da ilusão ao escutar o outro, desde que isso envolva o Self na harmonia (que outra palavra senão a musical cabería aqui?), e depois responda, de volta, em eco à emissão e ao estímulo. Winnicott (1951) considerou o balbuciar como fenômeno transicional, colocando-o porém no mesmo plano das outras condutas desse tipo. Ora, o bebê só é auto-estimulado à emissão ao se escutar se o meio ambiente o preparou pela qualidade, precocidade e volume do banho sonoro no qual está mergulhado. Antes que o olhar e o sorriso da mãe que o alimenta e cuida produzam na criança uma imagem de si que lhe seja visualmente perceptível e que seja interiorizada para reforçar seu Self e esboçar seu Eu, o banho melódico (a voz da mãe, suas cantigas, a música que ela proporciona) põe à disposição um primeiro espelho sonoro do qual ele se vale a princípio por seus choros (que a voz materna acalma em resposta), depois por seus balbucios e, enfim, por seus jogos de articulação fonemática.

A mitologia grega não deixou de assinalar a inter-relação do espelho visual com o espelho sonoro na constituição do narcisismo. Não é por acaso que a lenda da ninfa Eco está ligada à lenda de Narciso. Narciso jovem provoca, por parte de inúmeras ninfas e jovens, paixões às quais ele permanece insensível. Por sua vez, a ninfa Eco dele se enamora sem nada receber em troca. Desesperada, ela se retira na solidão, onde perde o apetite e emagrece, restando de sua pessoa debilitada, apenas uma voz plangente, que repete as últimas sílabas das palavras que lhe são ditas. Durante esse tempo, as jovens desprezadas por Narciso conseguem vingança de Nêmesis. Depois de uma caçada num dia muito quente, Narciso se inclina sobre uma fonte para saciar a sede, percebe sua imagem, tão bela que por ela se apaixona. Paralelamente com Eco e sua imagem sonora, Narciso se desliga do mundo, nada fazendo senão se debruçar sobre sua imagem visual, deixando-se

depauperar. Mesmo na passagem fúnebre sobre as águas do rio Styx ele ainda vai procurar distinguir seus próprios traços... Esta lenda marca bem a prevalência do espelho sonoro sobre o espelho visual, assim como o caráter primariamente feminino da voz e o elo entre a emissão sonora e a exigência de amor. Mas ela fornece também os elementos de uma compreensão patogênica: se o espelho - sonoro ou visual - devolver ao sujeito apenas ele próprio, isto é, sua exigência, seu desamparo (Eco) ou sua procura de ideal (Narciso), o resultado é o desequilíbrio pulsional que libera as pulsões de morte e lhes assegura uma primazia econômica sobre as pulsões de vida.

Sabe-se que freqüentemente uma mãe do esquizofrênico é reconhecida pelo mal-estar que sua voz provoca no médico consultado: voz monocordia (mal ritmada), metálica (sem melodia), rouca (com predominância dos graves, o que favorece no ouvinte a confusão dos sons e o sentimento de uma intromissão por eles). Uma tal voz perturba a constituição do Self: o banho sonoro não mais é envolvente; ele se torna desagradável (em termos de Eu-pele, ele seria dito rugoso) e vazado. Isto sem contar, quando da aquisição da primeira articulação de linguagem, com a confusão feita pela mãe do pensamento lógico da criança pela injunção paradoxal e pela desqualificação dos enunciados emitidos pela criança sobre si mesmo (cf. D. Anzieu, 1975 b). Somente a conjunção grave das duas perturbações, fonemática e semântica, produziría a esquizofrenia. Se as duas perturbações fossem leves, teríamos as personalidades narcísicas. Se a primeira acontecesse sem a segunda, a predisposição às reações psicossomáticas se constituiría. Se a segunda se produzisse sem a primeira, reencontraríamos um grande número de distúrbios de adaptação escolar, intelectual e social.

As falhas do espelho sonoro patogênico são:

— sua discordância: ele intervém em detrimento do que o bebê sente, espera ou exprime;

— sua inadequação: ele é ora insuficiente, ora excessivo, e passa de um extremo a outro de maneira arbitrária e incompreensível para o bebê; ele multiplica os microtraumatismos sobre a pára-excitação nascente (depois de uma conferência que fiz sobre "o envelope sonoro do Self ", um ouvinte veio me falar sobre seus problemas relacionados com a "violência sonora do Self ");

— sua impersonalidade: o espelho sonoro não orienta o bebê sobre o que o bebê sente, nem sobre o que sua mãe sente por ele. O bebê se sentirá mal seguro de seu Self se ele for para ela uma máquina de brincar, na qual se introduz um programa. Freqüentemente também ela fala para si própria na frente dele, mas não sobre ele, seja com voz alta ou no mutismo da palavra interior, e esse banho de palavras ou de silêncio lhe faz sentir que ele nada é para ela. O espelho sonoro e depois visual só é estruturante para o Self e depois para o Eu se a mãe exprimir ao bebê ao mesmo tempo alguma coisa dela e dele, e alguma coisa que diga respeito às primeiras qualidades psíquicas vividas pelo então nascente Self do bebê.

O espaço sonoro é o primeiro espaço psíquico: ruídos exteriores dolorosos quando são bruscos ou fortes, gorgolejos inquietantes do corpo mas não localizados no interior, choros automaticamente emitidos com o nascimento, depois a fome, a dor, a cólera, a privação do objeto, mas que acompanha uma imagem motora ativa. Todos esses ruídos compõem alguma coisa parecida com o que Xenakis sem dúvida quis nos dar pelas variações musicais e os jogos luminosos de raios lazer do seu "politope": um entrecruzamento não organizado no espaço e no tempo de sinais das qualidades psíquicas primárias ou como o que o filósofo Michel Serres tenta dizer do fluxo, da dispersão, da primeira nuvem de desordem onde brilham e se movimentam sinais de bruma. Sobre esse fundo de ruídos a melodia de uma música mais clássica ou mais popular pode se sobressair, isto é, produzir sons ricos em harmônicos, música propriamente dita, voz humana falada ou cantada, com suas inflexões e invariantes logo percebidas como características de uma individualidade. Momento e estado nos quais o bebê experimenta uma primeira harmonia (antecipando a sua própria unidade como Self através da diversidade de seus sentidos) e um primeiro encantamento (ilusão de um espaço onde não existe a diferença entre o Self e o ambiente e onde o Self pode ser forte pela estimulação e pela tranqüilidade do meio ambiente ao qual ele está ligado). O espaço sonoro - se for necessário recorrer a uma metáfora para lhe atribuir uma aparência visível - tem a forma de uma caverna. Espaço cavo como o seio e a cavidade bucofaríngea. Espaço abrigado, porém não hermeticamente fechado. Volume dentro do qual circulam ruídos, ecos, ressonâncias. Não é por acaso que o conceito de

ressonância acústica deu aos cientistas o modelo de toda ressonância física e aos psicólogos e psicanalistas de grupo o conceito da comunicação inconsciente entre as pessoas. Os espaços posteriores da criança, o espaço visual, o visual-tátil, o locomotor e, enfim, o gráfico a introduzem nas diferenças entre o meu e o não- familiar, entre o Self e o ambiente, diferenças no interior do Self, diferenças no meio. Sami-Ali levou adiante o estudo com seu livro *"L'Espace imaginaire"* (1974). Mas os déficits srcinários do envelope sonoro do Self prejudicam o desenvolvimento desta série.

Observação de Marsias (fim)

A maneira pela qual tal deficiência funcionou nesse paciente pôde ser esclarecida vários meses depois das duas sessões resumidas anteriormente, graças às referências sólidas que estas sessões nos trouxeram e sobre as quais pude me apoiar mais de uma vez explicitamente (prova de que essas deficiências podem ser notavelmente atenuadas pela psicanálise, desde que lhes sejam dados o tempo, a vontade, o dispositivo espaço-temporal adequado e delas se retire as interpretações de uma teoria correta).

> Apesar de progressos incontestáveis na sua vida interior e exterior que lhe eram necessários, Marsias atravessou uma nova crise não tanto de angústia depressiva, mas de ceticismo: ele jamais chegaria a mudar o quanto lhe seria necessário; ele se sentia muito diferente dos outros, estava desanimado, imaginava que eu o achava incapaz de terminar sua psicanálise e seria melhor sem dúvida interrompê-la de comum acordo. Marsias não diferenciava com certeza o que se passava em seu Self e o que se passava no seu ambiente. Muitas vezes os afetos de seus próximos o invadiam e o desorganizavam; ele procurava deles se distanciar mas se recusava, sempre se criticando, a todos os meios para tal; o que ele sentia, ou guardava para si e lamentava não ser compreendido, ou exprimia com tal vivacidade que acarretava respostas violentas. E sempre a mesma conclusão: eu, Marsias, devo mudar e não sou capaz. Pude interpretar na transferência que ele organizava suas relações com seu meio

> particular e profissional, do mesmo modo que comigo, sobre o modelo de uma discordância inevitável entre o Self e o ambiente. Propus uma fórmula para esta discordância basal: a felicidade de um tem por oposição a infelicidade do outro.

Um outro paciente, apresentando analogias com Marsias quanto à história de sua primeira infância e suas falhas no funcionamento do Self e do Eu, adotara a conclusão simetricamente inversa: ele pensava que cabia ao meio ambiente e ao psicanalista mudarem, e somente a eles, mas que eles não eram capazes disso. O núcleo do problema é o mesmo: a diferenciação entre o vivido sensorial e afetivo do sujeito e o vivido do meio ambiente não se efetua, ou o faz inadequadamente, quando o sujeito não pode mais viver suficientemente um período original onde o meio ambiente respondeu a seu prazer pelo prazer, a sua dor pelo apaziguamento, a seu vazio pelo pleno e a sua fragmentação pela harmonização. O psicanalista deve lhe falar disso sem ter necessidade de o mergulhar numa cabina semiofônica - para criar um ambiente que ecoe tanto em nível da voz como em do sentido.

Rolatid Gori, numa reflexão paralela à minha, e muitas vezes numa interação mútua, elaborou noções convergentes de "imagem especular sonora", de "muralhas sonoras", de "âncora corporal do discurso", de "alienação da subjetividade ao código". Devo-lhe o conhecimento de uma novela de ficção científica de Gérard Klein, *"La Valiée Jes échos"* (1966), que imagina a existência de fósseis sonoros: "Sobre o planeta Marte, exploradores procuram no deserto o vestígio de uma vida desaparecida. Um dia eles penetram entre as falésias denteadas, que não se parecem em nada com paisagens erodidas dispostas ao longo de todo o planeta de areia... e eles reencontram o eco: 'Eu percebi uma voz, ou melhor, o murmúrio de um milhão de vozes. O tumulto de um povo inteiro pronunciando palavras inacreditáveis, incompreensíveis, (...) o som nos invadiu em vagas sucessivas, turbilhonantes.'(...) Nesse vale dos Ecos, os sons de um povo desaparecido estão reunidos; único lugar do universo onde os fósseis não são minerais e sim massas sonoras. Um dos exploradores, ávido do prazer de sua descoberta, avança imprudentemente e as vozes decrescem lentamente até a agonia do silêncio, 'porque seu corpo era uma tela. Ele era muito pesado, muito material, para que essas vozes leves suportassem seu contato' "(R. Gori, 1975, 1976).

Bela metáfora de uma matéria sonora estranha ao corpo vivido, que se mantém por sua própria e vã compulsão de repetição, lembrança ante-histórica e ameaça mortal de uma mortalha audiofônica desdobrada em farrapos, que não envolve e que não retém mais o Self nem a vida psíquica nem o sentido.

12

O envelope térmico

O *envelope de calor*

Uma observação muito frequente em relaxamento é significativa. A pessoa que vai relaxar, chegando adiantada e se instalando sozinha na sala, começa o exercício. Ela sente rápida e agradavelmente o calor em todo o seu corpo. O instrutor chega: a sensação de calor desaparece imediatamente. O interessado comunica isso ao instrutor, que é aliás psicanalista, e que procura, através do diálogo, elucidar e levantar a causa deste desaparecimento: em vão. O psicoterapeuta resolve então ficar silencioso e se relaxar, deixando o paciente, segundo a descrição de Winnicott (1958), experienciar estar só em presença de alguém que respeita sua solidão, protegendo a solidão pela sua proximidade. O paciente reencontra então progressivamente a sensação global de calor.

Como compreender esta observação? O paciente, sozinho em uma sala familiar e valorizada, vive uma experiência de crescimento e de elação do Self, com uma extensão dos limites do Eu corporal às dimensões da sala. O bem-estar de ter um Eu-pele por um lado em expansão, por outro lhe pertencendo, acentua a impressão primária de um envelope de calor. A entrada do psicoterapeuta representa uma invasão traumática nesse envelope muito grande e frágil (a barreira de calor é uma pára-excitação medíocre). Quando o calor desaparece, o paciente procura, em interação com o psicoterapeuta, um novo apoio sobre o qual seu Eu-pele poderia funcionar. Seria isto a fantasia arcaica de uma pele comum aos dois parceiros? Mas o

terapeuta fala ao invés de tocar o corpo, e o paciente resiste a uma tal regressão. Ele reencontra a sensação envolvente de calor quando a angústia da invasão se dissipa e seu Eu corporal volta aos limites mais próximos daqueles do próprio corpo. A presença discretamente protetora do terapeuta (análoga à neutralidade silenciosa acolhedora do psicanalista) deixa o paciente livre para se reapropriar de um Eu-pele, se identificando com o terapeuta, ele mesmo seguro de seu próprio Eu-pele. O paciente escapa ao triplo risco de roubar a pele do outro, ou de ter sua pele roubada pelo outro, ou de ser revestido pelo presente envenenado da pele do outro que o impediría de aceder a uma pele independente. A impressão de calor se estende do Eu corporal ao Eu psíquico e envolve o Self.

O envelope de calor (evidentemente se permanecer moderado) testemunha uma segurança narcísica e um investimento em pulsão de apego suficientes para iniciar a relação de troca com o outro, com a condição de ser sobre uma base de respeito mútuo da singularidade e da autonomia de cada um: a linguagem corrente fala então significativamente de "contatos calorosos". Este envelope delimita um território pacífico, com postos fronteiriços permitindo a entrada e a saída de viajantes, dos quais apenas se verifica não terem intenções e armas hostis.

O envelope de frio

A sensação física de frio sentida pelo Eu corporal e associada à frieza, no sentido moral, oposta pelo Eu psíquico às solicitações de contato que emanam do outro, visa constituir ou reconstituir um envelope protetor mais hermético, mais fechado sobre ele próprio, mais narcisicamente protetor, uma pára-excitação que mantém o outro a distância. O Eu-pele, como já foi dito, consiste de duas camadas mais ou menos separadas uma da outra, uma voltada para as estimulações exógenas, outra para as excitações pulsionais internas. O destino não é o mesmo, na medida em que o envelope frio diz respeito à camada externa sozinha, à camada interna sozinha, ou às duas, o que pode levar à catatonia.

Vou me limitar ao caso do escritor. A primeira fase do trabalho psíquico criador, além de ser uma fase de regressão a uma sensação-emoção-imagem inconsciente necessária para fornecer o tema ou o tom diretor da obra, é também uma fase de "emoção", metaforizada por um mergulho no frio, uma ascensão hibernal, uma marcha desgastante na neve (cf. o cisne de Mallarmé preso na superfície gelada de um lago), com acompanhamentos de arrepios e recursos da doença física e da febre para se reaquecer, com a sensação mortal de perda das referências na brancura de uma neblina gelada, com o "resfriamento" das relações de amizade e amorosas[1]. A face externa do Eu-pele se torna um envelope frio, que interrompe as relações com a realidade exterior, imobilizando-as. A face interna do Eu-pele, assim abrigada e superinvestida, se encontra disponível ao máximo para "apreender" os representantes pulsionais habitualmente reprimidos, e não ainda simbolizados, cuja elaboração fará a srcinalidade da obra.

A oposição do calor e do frio é uma das distinções de base que o Eu-pele permite adquirir e que desempenha um papel notável na adaptação à realidade física, nas oscilações de aproximação e de afastamento, na capacidade de pensar por si próprio. Lembro o caso da transferência paradoxal (relatado no meu artigo sobre esse tema: cf. D. Anzieu, 1975 b), onde as perturbações de equilíbrio do humor, a obstinação masoquista em manter uma vida conjugal insatisfatória, algumas falências do raciocínio puderam ser relacionados pelo trabalho psicanalítico sobretudo a uma alteração precoce da distinção do calor e do frio.

Observação de Errônea

> Trata-se de uma mulher para a qual não encontrei pseudônimo melhor do que Errônea, dada a frequência e a intensidade dramática com as quais, ao longo de sua infância e muitas vezes ainda na idade adulta, lhe foi imposto que o que ela sentia era errado. Quando criança, tomava banho antes e não ao mesmo tempo que seu irmão, o que seria indecente.

1. Dei uma descrição mais detalhada dessa emoção congelante em meu livro "*Le Corps de l'oeuvre*" (1981 a, pp. 102-104).

Assim, para que a água estivesse à temperatura conveniente para o menino, preparava-se para Errônea um banho muito quente, no qual ela era mergulhada à força. Se ela se queixava do calor excessivo, a tia que, estando os pais trabalhando, cuidava das crianças, a chamava de mentirosa. Se ela chorava pelo desconforto, a mãe, chamada à propósito, a acusava de manhosa. Quando ela saía da banheira, vermelha como um camarão cambaleante e a ponto de desfalecer, o pai, que no intervalo também viera, lhe culpava de não ter energia nem caráter. Ela só foi levada a sério no dia em que sofreu uma síncope. Ela suportou incontáveis situações análogas provocadas pelo ciúme desta tia abusiva, pela indiferença distante de uma mãe absorvida pelo seu trabalho e pelo sadismo do pai. Aqui existe um traço apresentando um caráter de dupla coerção (double bind). Ela, que desde pequena tinha sido forçada pela tia e por sua mãe a banhos ferventes, foi, ao crescer, proibida de se banhar por seu pai - os banhos quentes amolecem o corpo e o caráter - e forçada a duchas frias que era obrigada a tomar, inverno ou verão, em uma adega da casa, sem calefação, onde o aparelho fora instalado deliberadamente. O pai vinha controlar pessoalmente, mesmo quando sua filha se tomou adolescente.

Errônea reviveu inúmeras vezes em suas sessões de psicanálise a dificuldade de comunicar seus pensamentos e seus afetos com medo de que eu negasse sua veracidade. Ela sentia repentinamente, sobre o divã, uma sensação de frio glacial. Muitas vezes ela gemia e rompia impulsivamente em soluços. Aconteceu em muitas sessões de ela chegar a um estado intermediário entre a alucinação e a despersonalização: a realidade não era mais a realidade, sua percepção das coisas se desfazia, vacilavam as três dimensões do espaço; ela própria continuava a existir, porém separada de seu corpo, fora dele. Experiência que ela própria compreendeu verbalizando-a suficientemente em detalhes, como a revivescência de sua situação infantil no banheiro, quando seu organismo estava no limite do desfalecimento.

> Acreditei que poderia fazer com Errônea a economia da transferência paradoxal: foi aí a minha vez de estar errado.
> Ela me testemunhara rapidamente uma transferência positiva e pude, nela me apoiando, desmontar-lhe o sistema paradoxal no qual seus pais a tinha colocado e sobre o que ela não parava de falar. Esta aliança terapêutica positiva produziu efeitos benéficos na sua vida social e profissional e na sua relação com seus filhos. Mas ela continuava hipersensível e frágil: a menor observação de sua vida feita por um interlocutor habitual ou por mim mesmo a mergulhava nesse profundo desespero, onde ela não estava mais segura de suas próprias sensações, idéias e desejos, onde os limites de seu Eu se apagavam. Bruscamente ela vacilou na transferência paradoxal, localizando então suas dificuldades na cura comigo, vivenciando-me como aquele que não podia entendê-la e cujas interpretações (que ela me atribuía ou deformava o sentido) visavam a negação sistemática dela própria. Sua cura só recomeçou a progredir quando:
>
> — pude plenamente aceitar ser o objeto de uma transferência paradoxal;
>
> — ela teve a prova de poder me atingir emocionalmente ao mesmo tempo em que eu permanecia firme nas minhas convicções.

Negando que a criança sinta efetivamente o que ela sentia: "sua sensação de sentir calor é falsa, isto é o que você diz, mas não é verdade que você o sinta; os pais sabem melhor do que os filhos o que estes sentem; nem seu corpo nem sua verdade pertencem a você", os pais se situavam não mais sobre o terreno moral do bem e do mal, mas sobre o terreno, lógico, da confusão do verdadeiro e do falso e seus paradoxos obrigavam a criança a inverter o verdadeiro e o falso. Daí os distúrbios consecutivos na constituição dos limites do Eu e da realidade, na comunicação de seu ponto de vista a alguém. Assim se instala o que Arnaud Lévy descreveu, numa comunicação inédita, como uma subversão da lógica, como uma perversidade do pensamento, nova forma da patologia perversa que vem se juntar às perversões sexuais e à perversão moral.

13

O envelope olfativo

A secreção da agressividade pelos poros da pele

Observação de Gethsêmani

Escolhi esse pseudônimo baseando-me no nome do Jardim das Oliveiras (Gethsêmani em aramaico), onde, segundo o terceiro evangelista (o único a relatar este detalhe), Jesus suou sangue, na noite anterior à sua prisão. Seus discípulos dormem. Ele roga em vão a Deus, seu Pai, para poupá-lo da derradeira provação da morte. Sofre de uma profunda "tristeza": "Encontrando-se em agonia, ele orava com mais fervor, e seu suor se tornou gotas de sangue que tombavam sobre a terra" (Lucas, XXII, 44).

> Gethsêmani é de srcem italiana. Bilíngüe, ele faz sua psicanálise em francês. Renunciou entrar no seminário para empreender estudos de engenharia e depois de direito. Tem relações bastante conflitantes com seus colegas da empresa multinacional onde trabalha e se sente mal na sua pele.
>
> Se me limitar ao conteúdo manifesto das associações de idéias e dos afetos trazidos em sessão, posso dizer que durante os três primeiros anos de sua cura, Gethsêmani somente exterioriza sentimentos agressivos: de início contra uma mulher madura, professora de ciências num renomado liceu particular, onde ele fora admitido com uma bolsa, por ser de

srcem modesta (esta mulher o ameaçava de uma dispensa que lhe seria catastrófica); depois contra uma velha senhora autoritária, chamada por ele de madrinha, que vivera até a sua morte com seus pais; por fim, contra um irmão menor que substituira Gethsêmani no amor e nos cuidados de sua mãe, tendo sido amamentado no peito, o que não acontecera com meu paciente, que guardava um profundo sentimento de injustiça. Gethsêmani voltava a esses três aspectos de seu passado com muita emoção. Eu seguia sua lenta progressão na exteriorização de sua agressividade e regressão aos objetos de cólera cada vez mais arcaicos. Intervinha através de correlações. Acolhia este enorme ressentimento como se eu fosse um receptáculo onde ele tinha necessidade de depositá-lo. Sua situação profissional melhorava. Seu relacionamento com uma francesa se consolidava. Eles tiveram um filho desejado (do qual só me falara quando nasceu). Mas estes eram efeitos mais psicoterapêuticos que psicanalíticos. Enquanto no exterior ele continuava vingativo, nas sessões ele se mostrava submisso, cheio de boa vontade, solicitando com consideração minhas interpretações e as aprovando de imediato, sem reservas e sem perder tempo em reflexão. O que me parecia então ser a realidade do aqui e agora de sua psicanálise era uma transferência positiva, idealizante e dependente, mas não uma verdadeira neurose de transferência. Existia uma outra manifestação muito presente quanto à sua vivacidade sensorial da qual eu não sabia o que fazer de um ponto de vista psicanalítico: Gethsêmani, em certos momentos, cheirava mal e este odor era mais desagradável por se misturar ao perfume de colônia com o qual ele embebia seus cabelos, sem dúvida - suponho - para contrabalançar os efeitos de uma forte transpiração. Atribuí esta particularidade de meu paciente à sua constituição biológica e ao seu meio social de srcem. Esta foi minha primeira resistência contratransferencial: considerar que o material mais presente nas sessões não decorria da psicanálise, pois não era verbalizado nem tinha valor aparente de comunicação.

Minha segunda resistência contratransferencial foi o mal-estar. Gethsêmani cheirava cada vez pior, sempre repetindo as mesmas estórias sobre os perseguidores de sua infância. Meu espírito se paralisava, invadido por seu discurso e por seu odor. Nenhuma interpretação nova me ocorria. Ao mesmo tempo, eu me sentia culpado pela falta de atenção a ele. Tentava me justificar dizendo que ele induzia transferencialmente a repetição de sua situação de infância onde ele se tomou um filho negligenciado e mal amado.

Foi a intervenção de um terceiro que despertou minha faculdade de pensar. Uma paciente ocasional, que recebi logo após Gethsêmani, simulou um dia se negar a permanecer em meu consultório. Ela me espicaçou violentamente contra seu predecessor que envenenava a atmosfera da sala, perguntando-me ironicamente se aquilo era um efeito feliz da psicanálise. O incidente me fez refletir e percebi que essa paciente, eu estava a ponto de não mais a poder... sentir, em todos os sentidos da palavra. Não seria a neurose de transferência que se escondia e se exprimia através dessas emissões mal cheirosas, dissimuladamente agressivas contra mim? De repente, eu me interessava novamente pela conduta desta cura. Mas como lhe falar de seu odor, sem ser eu próprio agressivo ou vexatório? Minha formação e leituras psicanalíticas nada me informaram sobre as formas olfativas da transferência, com exceção da noção de "cavidade primitiva" buconasal descrita por Spitz (1965) na criança pequena.

Eu encontrava uma interpretação intermediária bastante geral, que foi a primeira a ser exclusivamente centrada no presente e repetida durante algumas sessões sob formas variadas: "Você me fala principalmente de seus sentimentos mas não de suas sensações"; "Parece que você procura me invadir não somente com suas emoções agressivas mas com certas impressões sensoriais". Gethsêmani então se lembra de si próprio em uma circunstância do passado, até então não mencionada. Sua madrinha tinha uma reputação de

mal-asseada. De srcem camponesa, ela raramente se lavava, com exceção do rosto e das mãos. Ela acumulava durante semanas, até lavá-las, suas roupas de baixo, sujas no banheiro, onde meu paciente ia clandestinamente para respirar o forte cheiro de suas roupas íntimas, operação que lhe dava o sentimento narcisicamente tranquilizador de ser de tudo preservado, mesmo da morte. A fantasia subjacente revelava-se então ser de um contato fusional com a pele mal cheirosa e protetora da madrinha. Ao mesmo tempo, eu soube que sua mãe fazia questão de estar sempre muito limpa e se perfumava abundantemente com água de colônia. Assim - eu me reservava essa observação - os dois odores contraditórios que invadiam meu consultório representavam a tentativa fantasmática de reunir a pele de sua madrinha e a pele de sua mãe sobre ele. Não haverία então uma pele para ele? Eu o estimulava a retornar às circunstâncias dramáticas de seu nascimento, muitas vezes contadas a ele e repetidas rapidamente nas sessões preliminares. O trabalho de parto não progredia. A parteira e a madrinha se recusavam a intervir, a título de um princípio cristão, pelo qual a mãe deve parir na dor. O médico, chamado tardiamente, fez ver ao pai que era necessário escolher entre a vida da mulher ou a da criança, depois tentou com os ferros uma manobra desesperada, que foi bem-sucedida. Gethsêmani nasceu com a pele esfolada e ensanguentada em vários lugares e ficou dias entre a vida e a morte. A madrinha, conservando-o contra ela na sua cama, o teria salvo. Tudo isto estimulou minha reflexão e me encorajou a intervir mais especificamente.

Como ele falara primeiro de mau-cheiro, eu me senti à vontade para tocar no assunto. Os dias em que ele apresentava novamente uma forte transpiração, eu lhe assinalava a importância do cheiro em geral para ele. Na minha terceira ou quarta observação nesse sentido, pela primeira vez durante sua psicanálise, ele mudou o modo de falar (sua palavra até então abundante, contínua e forte, me invadia e não me deixava espaço para intervir), e com a voz baixa e

entrecortada, em tom de confidência e não mais de reivindicação, como se fosse um aparte, ele se diz muito incomodado em relação a mim, quando ele transpirava em sessão, reação que lhe acontecia toda vez que ficava emocionado; tinha vergonha, ao partir, de me estender uma mão úmida. Assim eu representava para ele, na neurose de transferência, a madrinha, não apenas obstáculo, mas proteção, com a qual, até sua partida da Itália, ele mantivera uma comunicação fusional. Descobria em mim outra resistência contratransferencial: meu Eu recusava inconscientemente o papel de uma camponesa abusiva e simbiótica e, ainda mais, nauseabunda. Intimamente, eu ligava seu sintoma ao passado para melhor compreendê-lo e dele melhor me defender. Por outro lado, Gethsêmani vivia esse sintoma no momento presente, isolando-o, mecanismo que somente mais tarde pude lhe formular: os sentimentos experienciados por seu Eu psíquico e as sensações experienciadas por seu Eu corporal. Fragmentando sua experiência presente, ele me dificultava compreendê-la em sua totalidade. O trabalho psicanalítico que eu tinha a fazer com ele era então estabelecer os elos de pensamento, não apenas entre passado e presente, mas principalmente entre os fragmentos de seu presente.

Algumas sessões mais tarde, Gethsêmani me comunica que está sob forte emoção. Eu lhe recordo o elo que ele estabeleceu antes entre emoção e transpiração e pergunto-lhe qual emoção produz nele esta reação de transpiração. Gethsêmani faz um esforço mental, coisa nova para ele, de desdobramento e de observação de seu Eu corporal por seu Eu psíquico e responde que, quando se sentia frustrado, tomava-se agressivo. Completo, em seguida, a interpretação, acentuando o continente psíquico: "Para não sofrer desta agressividade, você a transpira através de sua pele".

Por cerca de um ano trabalhamos para esclarecer as particularidades de seu Eu-pele. Parece que ele se apóia sobre a fantasia de uma pele comum ao menino e à sua madrinha, pele que lhe salvou a vida e que continua protegendo-o da morte. Geralmente, o

Eu-pele se apóia sobre um envelope em sua srcem sobretudo tátil e sonoro. No caso de Gethsêmani, o envelope é principalmente olfativo: esta pele comum reúne os odores específicos dos orifícios genitais e anais aos odores das secreções da pele. Um colega psicofisiologista consultado me explicou que o suor produzido pelas glândulas sudoríparas é inodoro por si só, mas espalha sobre a pele as secreções leitosas e odorantes das glândulas apócrinas, secreções provocadas pela excitação sexual ou pelos estresses emocionais. Compreendo então que, em Gethsêmani, a função de pára-excitação (térmica e higrométrica) do suor confunde-se com a função de sinalização emocional das secreções odorantes[1]. Tal envelope olfativo-emocional realiza uma totalização indiferenciada da pele e das zonas erógenas. Ele reúne igualmente características pulsionais opostas: o contato com o corpo de sua madrinha é por um lado narcisicamente tranqüilizador e libidinalmente atraente e, por outro, dominador, invasor e irritante. A mesma ambivalência - porém numa menina em relação ao pai - é descrita no conto "*Peau d'Âne* "[2] cuja releitura me ajuda no esclarecimento sobre meu paciente. Esse Eu-pele principalmente olfativo constitui um envelope que não é contínuo nem firme. Ele é vazado por uma porção de buracos, que correspondem aos poros da pele e desprovidos de esfíncteres controláveis; esses buracos deixam porejar o excesso de agressividade interior, por uma descarga automática reflexa que não deixa intervir o pensamento; trata-se então de um Eu-pele escorredor. Este envelope de odores é aliás indefinido, vago, poroso; ele não permite as diferenciações sensoriais, base da atividade de pensamento. Por esta descarga no nível do Eu corporal e por esta indiferenciação no nível do Eu psíquico, o Eu consciente de Gethsêmani permanecia isento de toda suspeita de cumplicidade com suas pulsões agressivas. A agressividade era para Gethsêmani uma idéia consciente da qual ele podia falar indefinidamente, mas permanecia ignorante da natureza do envelope, ao mesmo

1. Os psicofisiologistas classificaram quatro tipos de sinais olfativos: o desejo amoroso, o medo, a raiva e o odor de morte das pessoas que se sabem condenadas. Não consegui diferenciar esses quatro sinais em Gethsêmani, ou porque o mundo olfativo é fortemente reprimido em mim ou porque a comunicação fusional global entre Gethsêmani e sua madrinha não permitia a meu paciente diferenciá-los. Pode ser que a intuição e a empatia do psicanalista repousem principalmente sobre uma base olfativa, difícil de estudar.

2. Pele de Asno. (N. da T.)

mo tempo corporal e psíquico, que falhava em conter a força agressiva. Daí o seguinte paradoxo: ele estava ciente do que agia em profundidade (a pulsão) e inconsciente do que agia na superfície (um continente psíquico vazado). A emissão de odores desagradáveis durante as sessões tinha um caráter diretamente agressivo, e também sedutor, sem nenhuma transformação simbólica: ele me provocava, me solicitava, me aviltava, mas, como era "involuntário", isto lhe poupava por um lado um esforço de pensamento, por outro, sentimentos muito fortes de culpa.

> Durante a evolução posterior desta cura, a transpiração malcheirosa se atenuou. Somente reapareceu em circunstância dolorosas de sua vida às quais pude interpretar como repetições de certos traumatismos antigos relembrados por ele à custa de um considerável esforço de atenção, de memória e de julgamento. Ele teve efetivamente que apreender a exercer os processos psíquicos secundários, dos quais a atividade de descarga automática das pulsões o dispensava até então; a partir de então, a estruturação progressiva de seu Eu-pele como contentor psíquico mais flexível e mais sólido era possível. Teve igualmente que agüentar experienciar sentimentos de culpa e de cólera mortal, primeiro por sua mãe, depois por seu pai, à custa de uma angústia intensa que se manifestou sob forma de dores cardíacas. Ele superou gradativamente a divagem do Eu psíquico e do Eu corporal que paralisara o processo analítico no início de seu tratamento.

Freud e Bion publicaram algumas observações sumárias de pacientes que atacavam a continuidade de sua própria pele espremendo as espinhas ou extirpando os cravos: manifestações, de acordo com eles, de um complexo de castração arcaico que ameaça a integridade da pele em geral, e não especificamente a pele dos órgãos genitais. O envelope olfativo com inúmeras perfurações de Gethsêmani é diferente. Ele representa primeiro uma falha fundamental do continente. Em segundo lugar, ele serve para reforçar o complexo de castração, como a sequência da cura irá evidenciar.

O trabalho de elaboração de seu Eu-pele olfativo, ao qual Gethsêmani e eu participamos ativamente, ocupa várias semanas. Retomei o interesse nas sessões. Gethsêmani transpira com menos freqüência e intensidade. Quando isto está para acontecer, ou acontece, ele me comunica e procuramos juntos qual emoção interferiu.

De minha parte, reflito sobre a contratransferência e creio poder destacar:

1º) uma resistência pessoal, relacionada com intervenções médicas no nariz durante minha infância em que atenuaram minha sensibilidade olfativa, desinvestindo-a;

2º) uma resistência epistemológica em razão da ausência de uma teoria psicanalítica do universo olfativo sobre a qual eu pudesse me apoiar;

3º) uma resistência contra uma forma de transferência que visava me incluir num envelope de odor, comum ao paciente e a mim, como ele incluira a si próprio num envelope olfativo comum à sua madrinha e a ele.

Como pude me desvincular dessa contratransferência? Primeiro, reconhecendo que se tratava de uma contratransferência. Depois, construindo o fragmento de teoria psicanalítica que me faltava, ou seja, esta concepção de um envelope olfativo contínuo, invasor, poroso, secretor, ambivalente, como caso particular desta noção de Eu-pele que eu já criara em resposta a problemas igualmente contratransferenciais encontrados nos chamados casos-limite.

No verão seguinte, Gethsêmani viaja de carro para passar as férias de verão na Itália junto a sua família de srcem. Foi tomado por uma intensa angústia durante todo o trajeto: ele é dominado pelo temor de provocar um acidente que levaria à morte ele mesmo, sua mulher e seu filho. Na volta, recomeça o mesmo calvário. Entretanto, a angústia diminui depois da passagem pela fronteira e ele finalmente fica contente de conseguir superar tal provação. E esse seu relato na nossa sessão de reencontro.

Um paralelo se impõe. Quando ele tinha mais ou menos 18 meses, sua mãe grávida teve um acidente do qual ele me falara muitas vezes. Ela descia uma escada de pedra que ía do apartamento para a rua; carregava Gethsêmani nos braços e escorregou. Tinha duas escolhas: deixar cair a criança, com o risco de a criança morrer batendo a cabeça sobre a pedra, ou então cair sobre as costas para proteger o bebê com o seu corpo mas arriscando sua própria saúde e podendo provocar um aborto.

De pronto, escolheu a segunda solução. Gethsêmani sobreviveu com o sentimento reforçado pela repetição do relato materno de ser apenas um sobrevivente circunstancial. A mãe realmente sofreu um aborto e ficou manca. Somente alguns anos depois é que teve um menino, rival odiado por Gethsêmani. A angústia de Gethsêmani na estrada - ou se mata ou mata sua mulher e seu filho - reproduzia o dilema materno no acidente da escada; ou ela mata seu filho nascido ou se machuca e mata a criança por nascer. Gethsêmani se sentia culpado de ter sobrevivido; ele tomou sua vida de outra; a outra viveria no seu lugar. O nascimento posterior do irmão e os ciúmes reativaram o dilema e o sobrecarregaram com uma intensidade insustentável. Era ele então que poderia matar o outro e que fantasmaticamente devia fazê-lo se quisesse sobreviver. Situação cruel à qual Gethsêmani já escapara uma vez, decidindo acompanhar sua madrinha ao campo para estadas prolongadas. Tal dilema está na base do que Jean Bergeret (1984) estudou sob o nome de violência fundamental.

Longe de acalmar a angústia de Gethsêmani, esse paralelo que lhe comunico a reaviva. Ele se apavora de estar numa situação onde só pode viver em detrimento de um outro e onde o outro só pode viver em detrimento dele. Sua reação me confunde. Não sei mais o que interpretar. Penso que ele vai recomeçar a suar e a se sentir mal. De repente, com esta associação me vem uma luz. Eu pergunto se ele transpirou durante as férias. Ele fica surpreso. Na verdade, ele não

> transpirou nada durante o verão. Não se dera conta até antes de minha observação. O que era ainda mais surpreendente, por ter feito o trajeto na estrada sob um sol tórrido. Posso então lhe comunicar a explicação que me ocorre. Antes do verão, elucidamos sua reação de excreção inconsciente de sua agressividade pela superfície de sua pele. Ele não pode mais recorrer a isso para se livrar de seus movimentos agressivos que, por isso, não desapareceram. Ao contrário, eles se tornaram angustiantes para sua consciência, que deve então enfrentá-los sozinha ao invés de recorrer a um mecanismo de escape corporal automático. Assim, ele teme não mais conter tais sentimentos, pois seu pensamento não foi suficientemente exercitado para fazê-lo. Seria o caso de perguntar se seu pensamento não o faria melhor, já que sua pele os deixa porejar. Ao invés de descarregar o excesso quantitativo de agressividade que o sobrecarrega, ele, a partir de então, deve pensar qualitativamente esta agressividade, deve reconhecer a sua parte e deve separá-la do que era problema de sua mãe, de sua madrinha ou de seu irmão caçula. Esta longa intervenção de minha parte traz a Gethsêmani um alívio imediato. O material seguinte mostra que Gethsêmani pode se exercitar na atividade de pensar seus pensamentos, apoiando-se na imagem paterna: de todos os membros da família, era realmente seu pai quem melhor suportava as cóleras e as provocações de Gethsêmani.

Essa transferência da manipulação da agressividade da pele para o Eu me permitiu definir o processo de gênese do Eu-pele que se efetua ao mesmo tempo por apoio e por transformação. Em face das pulsões agressivas, o Eu de Gethsêmani permanecia tão estreitamente fundido à sua pele que ele funcionava como puro Eu-corpo, sem intervenção do sistema percepção-consciência. Separando seu Eu de sua pele, o trabalho psicanalítico permitiu a Gethsêmani apoiar sobre a pele a função de contentor psíquico, condição de funcionamento do sistema percepção-consciência. Mas essa separação do Eu em sua capacidade de perder consciência, de reter, de diferenciar, de compreender (e ao mesmo tempo de tolerar a angústia aferente na

presença de representações agressivas) só podia se realizar à custa de uma mudança de princípio de funcionamento, de uma renúncia ao princípio de descarga automática da tensão pulsional em benefício de um princípio de ligação da pressão pulsional a representantes psíquicos e de ligação entre os afetos e as representações.

> Gethsêmani percebeu, com o apoio de minhas interpretações, a divagem entre seu Eu psíquico e seu Eu corporal: o que se passava em nível de sua pele, e mais genericamente no seu corpo, lhe escapava e lhe era necessário um esforço contínuo de atenção para percebê-lo, esforço que ele decidira empreender mas que lhe exigia um aprendizado (relacionar com o enunciado freudiano segundo o qual os processos psíquicos secundários, isto é, os pensamentos, começam com a atenção).
>
> Seria o primeiro passo para que ele começasse a representar sua agressividade, e a refletir sobre ela, ao invés de livrar-se dela pelo suor.
>
> Segue-se um período durante o qual Gethsêmani se interroga sobre sua transferência. Ele descobre pouco a pouco sua transferência negativa sobre a análise e não só sobre o analista: ele não espera, diz ele, nada de bom de sua psicanálise; os sentimentos que ele traz à tona em relação a seus pais são perigosos; aliás, ele pressente desde o início que a análise lhe fará mal. Eu lhe dou a seguinte interpretação: ele tem o pensamento inconsciente que a análise vai matá-lo. Esta interpretação provoca nele uma agitação emocional considerável, mas que não mais tem necessidade de extravasar, nem por suores, nem por lágrimas, nem por sintomas cardíacos. O mal-estar fica então todo em seus pensamentos. Durante várias semanas, Gethsêmani vive este temor de uma análise que lhe poderia ser mortal. Admite, depois, como conseqüência de minhas observações, que é uma fantasia. Ele pode então reencontrar a srcem disso. Seus pais eram muito hostis às considerações psicológicas.

> "Nem todas as verdades devem ser ditas", eles repetiam. E eles não gostaram da decisão de Gethsêmani de começar uma psicanálise: "Isto nada lhe trará de bom". Desde então a psicanálise de Gethsêmani estava inconscientemente inscrita sob o signo da realização imaginária desta ameaça: ele ia descobrir verdades que lhe fariam mal, que o matariam.

Vê-se como funcionou a articulação de srcem externa e interna de sua neurose de transferência. A srcem interna reside no retorno sobre si próprio de seu desejo de morte, em relação à sua mãe e aos filhos que ela pode gerar. A srcem externa, ou seja, o discurso antipsicológico dos pais, forneceu o texto manifesto (o equivalente dos restos diurnos para o sonho noturno), permitindo ao pensamento latente achar uma saída. Enquanto esta articulação específica para a história individual do paciente não for apreendida e desmontada, a neurose de transferência permanece silenciosamente atuante e a análise não progride de maneira decisiva. Desta forma, a cura analítica de Gethsêmani estava totalmente cercada por uma reação terapêutica negativa.

Compreendo melhor, então, uma das particularidades de minha contratransferência. A idéia de que a psicanálise em geral possa ser nociva e em particular possa matar Gethsêmani me feria tão profundamente em minha identidade e meu ideal de analista que a repeli durante semanas antes de admitir que isso era uma das fantasias diretrizes de meu paciente.

> Alguns meses mais tarde, a análise de Gethsêmani, à custa de uma grande angústia e fortes sentimentos de culpa, que se alternavam com acessos episódicos de suores malcheirosos, se concentra sobre as fantasias sexuais desenvolvidas na puberdade. Nessas fantasias, ele não procurava mais imaginar, como quando era mais jovem, o que se passava na cama entre sua mãe e seu pai. Ele deixava agora a seu pai a posse de sua mulher. Por outro lado, ele imaginava ser iniciado por sua madrinha numa espécie de pacto implícito com o pai: eu lhe entrego minha mãe mas, em troca, você me deixa usar minha madrinha (esta mulher era, a princípio, a madrinha do pai, mas toda a família a chamava de "madrinha"). Essa fantasia

> conhecera esboços de atuação. Quando um sonho mau o despertava e ele não conseguia mais dormir, Gethsêmani ia para cama de sua madrinha, terminando a noite perto dela, com algumas aproximações cuidadosas. Mas eram impedidos de ir mais longe por uma outra fantasia revelada através de um sonho recente, contado em análise: o sexo feminino lhe aparecia perigoso como uma boca ávida e devoradora. Foi sozinho, adolescente, que ele se colocou um dia o interdito do incesto e deixou de frequentar a cama de sua madrinha, lamentando que seu pai não tivesse assumido com mais firmeza esta iniciativa.

Assim, me invadindo com seu odor, Gethsêmani não somente me mostrava atenção, perigo de estresse em relação à agressividade, mas também ele me envolvia com o mesmo odor de sedução sexual que atribuía às roupas íntimas de sua madrinha e que ele exalava ao se juntar com ela em sua cama. Compreendi que a contratransferência não terminava e que ao fechar o nariz e a inteligência para esse sinal sensorial bem concreto, eu resistia em deixar penetrar na minha consciência a representação - que me repugnava - de um adolescente procurando se juntar a mim num banho de odores duvidosos e me fazendo representar um papel de uma velha lúbrica. Isto até que compreendesse estar aí a erotização secundária do contado com objeto-suporte primordial, garantia srcinária da certeza de poder viver.

Devo a Gethsêmani, além de me ter feito descobrir as particularidades do Eu-pele olfativo, esta lição sobre o caráter proteiforme da contratransferência e suas infinitas artimanhas.

14

A confusão das qualidades gustativas

O amor da amargura e a confusão dos tubos digestivo e respiratório

Observação de Rodolfo

Rodolfo, com a postura de um nobre e o espírito temendo uma ameaça mortal, está em análise comigo pela segunda vez. Sua primeira análise tratou sobretudo seus problemas edipianos. Ele me traz suas falhas narcísicas, algumas das quais se manifestam através de sintomas psicossomáticos. Náuseas e vômitos podem ser ligados a uma relação paradoxal com o casal parental: o amargo era imposto como bom e engolido até o desencadear de uma rejeição reflexa pelo organismo; o vinho, o sangue, o vômito eram mal-diferenciados, e o predispunham contra o doce, considerado nocivo. Por isso Rodolfo possui uma desqualificação precoce e repetida das qualidades gustativas naturais ao organismo (cf. p. 177). Rodolfo sofre de consecutivas confusões no pensamento e na comunicação. Seus sonhos representam muitas vezes cenas que se desenrolam na nebulosidade. Em seu trabalho, ficam nebulosas as questões que lhe são colocadas: nebulosidade, fumaça envolvem os problemas. Além disso, ele fuma muito. Parece que fumar, para ele, é

uma maneira de produzir nebulosidade em relação às injunções paradoxais que seus pais lhe impunham, particularmente nos momentos das refeições, na cozinha, invadida pelo vapor nebuloso da roupa posta a ferver e pela comida que fumegava lentamente.

Numa sessão ele me relata um incidente profissional de tipo nebuloso, incidente que pode ser relacionado com a transferência. Na sessão anterior, Rodolfo, na verdade, contou um sonho onde ele associou todos os ângulos, sem me deixar o menor intervalo para intervir, nem mesmo para pensar. Eu interpreto que ele me deixou a visão nebulosa, produzindo uma barreira de nebulosidade entre mim e ele. Ele acrescenta que assim se aborreceu[1] comigo. Mas ao invés de tomar consciência disso ele se aborreceu com um colega no dia seguinte. A sessão continua. Ele se sente menos nebuloso, mais seguro, mais capaz de pensar. Mas ele precisa fumar um cigano antes de vir à sessão. Ele explica seu dilema: ou pensa e é tomado por uma forte angústia, ou se distrai (um cigarro, um tranquilizante) e não pensa mais. É o que aconteceu na sua primeira psicanálise.

Interpreto que não há fumaça sem fogo, que fumar (com os distúrbios respiratórios e digestivos dos quais ele se queixa, principalmente uma sensação dolorosa de queimação dos pulmões) consiste para ele em fazer o papel do fogo. Para que o resto vá bem, ele acha que é necessário sacrificar um órgão, controlar uma ameaça mortal localizando-a em um lugar preciso do corpo.

Algumas sessões depois, Rodolfo volta a esse sintoma tabagista que ele relaciona com seus sintomas alimentares. Ele explica como fuma: enche os pulmões de fumaça segurando a respiração. É uma alternativa cujo outro lado consiste em não conseguir segurar o alimento, rejeitando-o ao expirar o

1. Em francês, brouiller/brouillard significam ficar nebuloso, confundir/nebulosidade, confusão; se brouiller = aborrecer-se. (N. da T.)

ar. Daí os vômitos com soluços. Sua descrição dos episódios de vômitos é tão realista e viva que tenho que lutar contra a náusea. Faço um esforço para relacionar esse sintoma, que ele me induziu, com as circunstâncias em que esse sintoma nele se produzia: seu pai levantava-se da mesa para ir vomitar ou urinar na pia; a televisão esgoelava, os odores da cozinha envolviam Rodolfo como um envelope nauseabundo, reforçado pelos "entuchamentos" freqüentes a que ele era submetido. Interpreto sua identificação ao pai vomitando e sua tentativa de me contagiar com o que ele sofrerá.

A propósito de um prato de espaguete com tomate, que ele comera recentemente e que lhe causou indigestão, Rodolfo toma consciência de um erro que cometia na infância: acreditava que seu pai vomitava sangue, o que de fato era tomate. Assinalo o excesso de acidez do tomate e a incerteza dos limites entre si e o outro simbolizada na forma dos espaguetes.

Rodolfo retorna à primeira sessão aqui relatada. Ele preenche de tal modo o volume das sessões que eu não posso ter um pensamento nem "colocar um pensamento", quando ele tem tanta sede de minhas palavras. Ele se enche de ar e regurjita o alimento.

Interpreto sua confusão entre o tubo respiratório e o tubo digestivo e explico sua imagem de corpo: achatada, atravessada por esse único tubo, com a necessidade de se encher de ar e de fumaça para adquirir espessura, volume, para passar da bidimensionalidade à tridimensionalidade.

Rodolfo associa ao fato de que, quando criança, engolia ar ao comer, de que seus pais o ameaçavam pela aerofagia, lembrança que ainda lhe ocorre. Ele assinala a qualidade erógena da fumaça nos pulmões: a queimação que ele sente é, para sua inteligência, o sinal de uma ameaça de doença dos pulmões (e a indicação de que ele deveria parar de fumar), mas, para seus sentidos, é uma sensação agradável: "Isto lhe mantém quente o interior".

Interpreto por um lado o deslocamento do prazer de absorção do estômago (onde esse prazer é insatisfatório) aos pulmões (onde ele pode controlá-lo e provocá-lo sozinho), e, por outro, o paradoxo que lhe faz sentir como bom alguma coisa que é ruim para seu organismo; enfim, sugiro uma relação entre esses dois dados: quando sua mãe o alimentava abundantemente porém mal, a imagem da mãe que ele absorvia com a alimentação não aquecia suficientemente seu corpo.

Rodolfo acrescenta que isto se refere também a seu pai e que compreende por que ele sente náuseas: seu pai o forçava a comer espinafre cujo amargor lhe repugnava, afirmando que era bom para a saúde, continha ferro e o fortificaria.

Eu: - O que seu corpo sentia como mal espontaneamente, ou seja, o amargor desse prato, se apresentava ao seu espírito como bom. Daí sua tendência em procurar prazer contra as condições naturais. Para as crianças, o açúcar é bom; o amargo é ruim. E o salgado é intermediário: no início, elas o acham ruim, depois aprendem a gostar do salgado dentro de uma certa proporção.

Rodolfo responde que para ele a oposição fundamental em matéria de sabores é a do açúcar e do sal; detesta a mistura deles na cozinha. Por outro lado, come ainda atualmente muitas coisas amargas de que gosta e agora percebe que lhe fazem mal: daí suas crises de náuseas, indigestão e vômitos nos transportes públicos, em casa de amigos ou mesmo certas vezes em sessão comigo.

Nas sessões seguintes, Rodolfo retoma o tema da nebulosidade. Ele tem não apenas a digestão embrulhada ("brouillée"), mas também um núcleo de nebulosidade que ele me aponta como seu núcleo louco. Esse núcleo se revela em relação a uma fantasia de cena primária: Rodolfo evoca, por ocasião de um sonho, a lembrança (lembrança-tela?) de uma cena freqüente onde seu pai, homem idoso e ciumento, controla sua jovem esposa que ele suspeita flertar com

> um vizinho pela janela. Rodolfo assiste à cena como testemunha desejosa de defender sua mãe. O pai espia através do vidro opaco da porta da cozinha ou através de uma cortina de fumaça ou de vapor de água provocado pela mãe ao cozinhar ou ao passar a ferro. O pai está louco, ele pegou uma faca de cozinha: é desse modo que o olhar de Rodolfo o surpreende através da nebulosidade do sonho, nebulosidade que faz tela aos dois sentidos do termo: que interpõe uma barreira e que fornece uma superfície de projeção. Assinalo a junção entre os dois sentidos de "nebuloso" ("brouiller") os quais ele revivera sucessivamente na transferência: ele me deixa a visão nebulosa ("me brouillait"), ele se aborrece ("se brouillait") comigo. Esta junção se faz pela elaboração de uma fantasia edipiana: seu pai "via" através da nebulosidade a infidelidade de sua mulher e também os desejos incestuosos de Rodolfo que imaginariamente se ligava a ela contra ele, pai; por sua vez, Rodolfo "via" através da nebulosidade a ameaça mortal que emanava de seu pai: o pai podería matá-la (conteúdo manifesto); podería matá-lo (conteúdo latente).
>
> Várias sessões são, a partir de então, dedicadas à análise do núcleo "louco" de Rodolfo: louco, pois lá se reuniam, confundiam e enevoavam uma problemática narcísica e uma problemática edipiana, cada uma com a sua "lógica" ou sua "loucura" própria.

Os paradoxos gustativos e respiratórios aos quais Rodolfo fora precocemente submetido foram redobrados na segunda infância por paradoxos semânticos que ele continuava a escutar sem ter consciência de sua srcem (confirmação da hipótese freudiana de uma raiz acústica do Superego). Esses paradoxos acústicos intrincados aos paradoxos gustativos e respiratórios reforçaram a nebulosidade de seu pensamento lógico e estenderam essa nebulosidade do pensamento perceptivo primário ao pensamento verbal secundário. Em Rodolfo, o duplo superinvestimento narcísico do pensamento lógico e da imagem discursiva e problemática que ele dava aos outros veio na adolescência solidificar, com um sucesso relativo, uma inseguran-

ça narcísica, uma incerteza sobre as fronteiras do Eu e do Superego por um lado, e do Eu psíquico e do Eu corporal por outro.

Quando teve que abordar no intervalo a problemática edipiana (Rodolfo enfrentou-a e superou-a em grande parte com a ajuda de sua primeira cura), suas falhas narcísicas (representadas pela nebulosidade) alteraram e obscureceram este confronto. A percepção de uma excessiva violência pulsional - sexual e agressiva - em seus pais prejudicou nele o reconhecimento e o emprego das forças pulsionais. Dispunha para se proteger apenas de um envelope de nebulosidade na falta de um Eu-pele suficientemente continente para delas se apropriar. Daí seu terror diante das forças pulsionais sentidas como uma ameaça de loucura. Ao invés de reconhecer seus próprios desejos, respectivamente incestuosos e parricidas em relação à mãe e seu pai, Rodolfo vê, na nebulosidade (isto é, em um Self mal-delimitado), a loucura amorosa de sua mãe e a loucura assassina de seu pai (isto é, as pulsões dos outros; não as suas).

Esse fragmento da cura de Rodolfo me leva a três comentários.

1) Analisar é sempre analisar o complexo de Edipo, mas não apenas ele. Toda problemática edipiana está intrincada, enevoada ("embroullée") em uma problemática narcísica. É necessário, cedo ou tarde, desenredá-las ("débrouiller"). De acordo com os casos, isto se faz por um trabalho de interpretação em alternância flexível (quando o essencial das identificações pós-edipianas foi adquirido) ou em fases separadas (quando as falhas narcísicas foram e continuam importantes). No último caso, é necessário dar tempo para a regressão do paciente a essas falhas, para a investigação delas, para sua perlaboração, antes que o paciente passe de uma transferência em espelho (nas personalidades narcísicas) ou de uma transferência idealizante (nos estados-limite) para uma transferência edipiana. O dogmatismo de certos psicanalistas que querem concentrar tudo em problemas edipianos seria o mesmo que colocar a carroça na frente dos bois. Interpretar a transferência narcísica de seu paciente como uma resistência em abordar o complexo de Edipo (o que também ela o é, e que convém interpretar, mas somente no momento oportuno) é sua própria resistência em trabalhar sobre o que Rosolato (1978) chamou o eixo narcísico das depressões que eles projetam sobre o paciente. Uma reviravolta nesta segunda cura de Rodolfo ocorreu

com sua tomada de consciência favorecida pelas minhas interpretações topográficas (e não apenas econômicas e genéticas), da configuração particular de seu Eu-pele: um envelope de nebulosidade, um espaço interno achatado, esmagado, uma indistinção do tubo digestivo e das vias respiratórias.

2) Rodolfo teve bons contatos pele a pele e trocas táteis significantes com sua mãe e adquiriu a estrutura de base do Eu-pele. O que foi deficiente decorre dos maus encaixes do envelope tátil com os envelopes gustativo e sonoro. Um dos efeitos mais importantes da segunda psicanálise foi restabelecer encaixes melhor ajustados.

3) Os cenários edipianos, como a grande maioria das fantasias, são visuais. Passar da problemática narcísica à problemática edipiana é passar do tátil, do gustativo, do olfativo, do respiratório ao visual (o sonoro fazendo parte dos dois níveis sob duas formas diferentes): esta passagem requer que seja acionado o que eu chamei anteriormente de o duplo interdito do tocar.

15

A segunda pele muscular

A descoberta de Esther Bick

Graças a observações sistemáticas dos bebês, sobre as quais ela estabeleceu uma metodologia, a psicanalista inglesa, discípula de Klein e de Bion, Esther Bick, formulou a hipótese de uma "segunda pele muscular" em um breve artigo publicado em 1968. Ela mostra que as partes do psiquismo sob a forma mais primitiva ainda não são diferenciadas das partes do corpo, faltando-lhes uma força coesiva *(binding force)* capaz de assegurar uma ligação entre elas. Devem ser mantidas coesas de uma forma passiva, graças à pele funcionando como uma limitação periférica. A função interna de conter as partes do Self resulta da introjeção de um objeto externo capaz de conter as partes do corpo. Este objeto continente se constitui normalmente durante a mamada, através da experiência dupla que o bebê faz, simultaneamente, do mamilo materno contido na sua boca e de sua própria pele contida pela pele da mãe que segura seu corpo, por seu calor, por sua voz, por seu cheiro familiar. O objeto continente é vivido concretamente como uma pele. Se a função continente é introjetada, o bebê pode adquirir a noção de um interior do Self e alcançar a divagem do Self e do objeto, cada um sendo contido por sua respectiva pele. Se a função continente não é preenchida de maneira adequada pela mãe, ou se a função é prejudicada pelos ataques famasmáticos destruidores do bebê, ela não é introjetada pelo bebê: uma identificação projetiva patológica contínua substitui a introjeção normal, provocando confusões de identidade. Os estados de não-inte-

gração persistem. O bebê procura freneticamente um objeto - luz, voz, odor etc. - que mantenha uma atenção unificadora sobre as partes de seu corpo e lhe permita, ao menos momentaneamente, fazer a experiência de manter juntas as partes do Self. O mau funcionamento da "primeira pele" pode conduzir o bebê à formação de uma "segunda pele", prótese substitutiva, "ersatz" muscular, que substitui a dependência normal "vis-à-vis" do objeto continente por uma pseudo-independência.

Esta "segunda pele" lembra a couraça muscular do caráter, importante a W. Reich. Quanto à "primeira pele" de Bick, ela corresponde a meu próprio conceito de Eu-pele. Eu o formulei em 1974, depois dela portanto, mas somente tomei conhecimento de seu artigo depois do meu ter sido publicado: prova da exatidão de um mesmo fato descrito por dois pesquisadores trabalhando separadamente. Resumo algumas observações relatadas por Bick.

Observação de Alice

Alice é a primeira recém-nascida de uma jovem mãe imatura e desajeitada que estimula a vitalidade do bebê a todo momento, mas que consegue exercer progressivamente durante os três primeiros meses a função de primeira pele continente, ocasionando na filha uma diminuição dos estados de não-integração e consequentes tremores, espirros e movimentos desordenados. Ao final do primeiro trimestre, a mãe se muda para uma casa ainda não terminada. Ela reage com uma diminuição de sua capacidade de manutenção (*holding*) e com um afastamento em relação ao bebê. Ela obriga Alice a um domínio muscular precoce (beber sozinha numa caneca com tampa, saltitar em um andador) e a uma pseudo-independência (a mãe reprime duramente choros e gritos noturnos). A mãe volta à sua primeira atitude de hiperestimulação, encorajando e admirando a hiperatividade e a agressividade de Alice, apelidando-a de "boxeur" em razão do seu hábito de bater no rosto das pessoas. Ao invés de encontrar na sua mãe uma verdadeira pele continente, Alice encontra na sua própria musculatura um continente de substituição.

Observação de Mary

> Mary é uma pequena esquizofrênica, cuja análise, desde a idade de três anos e meio, revela uma grave intolerância à separação relacionada às perturbações de sua história infantil: nascimento difícil, preguiça para sugar o seio, eczema aos quatro meses com arranhaduras até sangrar, agarramento ao extremo à mãe, impaciência na espera de ser alimentada, atraso generalizado do desenvolvimento. Ela chega às sessões encolhida, as articulações tensas com a postura grotesca de "um saco de batatas" ("pomme de terre"), como ela própria verbalizou. Esse saco estava em constante perigo de perder seus conteúdos: identificação projetiva a um objeto materno que mal lhe permitia conter suas próprias partes e representação de sua própria pele como continuamente perfurada. Mary conseguiu ter uma independência relativa e a capacidade de ficar ereta, aproveitando ao máximo sua segunda pele muscular, mais sólida e mais flexível pelo tratamento.

Em relação a um paciente adulto neurótico, Bick descreve duas representações alternantes e complementares da segunda pele muscular. O analisando se descreve ora no estado de "hipopótamo" (é a segunda pele vista do exterior: ele é agressivo, tirânico, cáustico, egocêntrico), ora no estado de "saco de maçãs" ("pommes") (trata-se de frutos cuja pele é fina e frágil e que simbolizam normalmente o seio; esse saco representa o interior do Self tal como é protegido e escondido pela segunda pele; esta contém as partes psíquicas destruídas, sequelas de um período arcaico de distúrbios da alimentação; nesse estado, o paciente fica suscetível, inquieto, reclamando atenção e elogios, temendo catástrofes e aniquilamento).

Essas observações muito densas e às vezes elípticas de Esther Bick me incitam a vários comentários adicionais:

1) A segunda pele muscular é anormalmente superdesenvolvida quando ela vem compensar uma grave insuficiência do Eu-pele e preencher as falhas, fissuras e buracos da primeira pele continente. Mas todo o mundo tem necessidade de uma segunda pele muscular como pára-excitação ativa que vem dobrar a pára-excitação

passiva, constituída pela camada externa de um Eu-pele normalmente constituído. O papel dos esportes e das roupas têm muitas vezes esse sentido. Pacientes se protegem da regressão psicanalítica e da revelação das partes destruídas e/ou mal-ligadas entre si, do Self antecedendo ou seguindo suas sessões de psicanálise por uma sessão de cultura física, ou conservando seu casaco, e mesmo se envolvendo com uma coberta quando eles se estendem no divã.

2) O investimento pulsional específico do aparelho muscular, e portanto da segunda pele, é fornecido pela agressividade (visto que o Eu-pele tátil primário é investido pela pulsão de apego ou de agarramento, ou de autoconservação): atacar é um meio eficaz de se defender; é tomar a dianteira, preservar-se mantendo o perigo a distância.

3) A anormalidade psíquica própria à segunda pele muscular se liga à confusão do envelope pára-excitação com o envelope superfície de inscrição: daí os distúrbios da comunicação e do pensamento. A explicação é a seguinte: se os estímulos de uma mãe hipertônica e/ou do ambiente primário foram muito intensos, incoerentes, bruscos, o aparelho psíquico procura se proteger mais quantitativamente do que filtrá-los qualitativamente. Se os estímulos exógenos foram muito fracos por virem de uma mãe deprimida, voltada sobre si mesma, pouco há para filtrar e a procura de estímulos endógenos se torna primordial. Nos dois casos, a segunda pele é útil, seja para reforçar a proteção externa ou a ativação interna.

Duas novelas de Sheckley

O fenômeno da segunda pele muscular como prótese protetora que substitui um Eu-pele insuficientemente desenvolvido para exercer sua função de estabelecer contatos, filtrar as trocas e registrar as comunicações, é ilustrado em uma novela de ficção científica de Robert Sheckley: *"Modèle expérimental"* (1956)[1]. Bentley, o principal personagem, é um astronauta enviado pelas autoridades terrestres para entrar em contato amistoso com os habitantes do planeta Tels IV. A sátira da

1. Esta novela apareceu na revista americana *Galaxy*. Agradeço Roland Gori por me tê-la indicado. Cf. M. Thaon (1975).

política comercial e tecnológica americana é evidente: esse contato amigável esconde objetivos de interesse: assinar acordos financeiros vantajosos com os autóctones; testar o material de proteção levado por Bentley. O professor Shiggert inventou o Protect, aparelho destinado a proteger exploradores do espaço de todos os perigos possíveis: ao menor alerta, ele estabelece automaticamente um campo de forças impenetrável ao redor daquele que o carrega nas costas e que se toma assim invulnerável. Por ser pesado (40 kg) e incômodo, o aparelho dá a Bentley, quando desembarca, uma postura estranha, parecida com as descrições da segunda pele muscular observadas por Esther Bick nas crianças que apresentam uma aparência de hipopótamo ou de saco de maçãs. Sheckley descreve na verdade seu herói, ora como uma fortaleza, ora como um homem com um macaco pendurado nas costas, ora como um "elefante muito velho que usa sapatos muito apertados". Diante desse personagem desajeitado e disforme em sua ridícula vestimenta, que o torna difícil de ser identificado, os telianos, apesar de sua natureza franca e amistosa, ficam desconfiados. O Protect registra os sinais dessa desconfiança e entra em ação. Ele repele automaticamente as aproximações e os esforços de conciliação tentados, no entanto, pelos telianos, que estendem as mãos, oferecem suas lanças sagradas e alimentação. O Protect pressente possíveis perigos por trás desses presentes desconhecidos. Estreita sua proteção sobre Bentley, que se vê incapaz do menor contato físico com os autóctones. Esses, cada vez mais surpresos com o estranho comportamento do astronauta terrestre, concluem que se trata de um demônio. Organizam uma cerimônia de exorcismo e cercam o Protect com uma cortina de chamas, e assim, constantemente ativado, o Protect renova cada vez mais seu campo de forças sobre seu portador. Bentley fica aprisionado num círculo que não deixa passar nem luz nem oxigênio. Ele se debate, cego, meio asfixiado. Suplica em vão ao implacável professor Shiggert, com o qual está em constante comunicação pelo rádio, através de um micro implantado na orelha (materialização do Superego acústico de que fala Freud) para que o liberte do Protect. A voz insiste para que prossiga sua missão no interesse da ciência, sem modificação do protocolo experimental: "não há discussão; deve-se confiar (...) com um equipamento de um milhão nas costas". Num último esforço (e por necessidade de um "happy end"), Bentley consegue serrar as amarras

que o prendem ao Protect e se livrar dele. Ele pode aceitar a amizade dos telianos, compreendendo que eles queriam não o homem, mas a máquina-demônio, que se compunha com ele sem verdadeiramente ser parte dele; os telianos lhe oferecem amizade vendo um primeiro gesto de humanidade de sua parte: livre do Protect, Bentley faz um recuo voluntário para não esmagar um pequeno animal.

Esse tema da pele falsa já fora tratado em outra novela de Sheckley, "Hunting problem" (Um problema de caça) (1935). Extraterrestres partem para caçar e juram trazer uma pele de terráqueo para seu chefe. Eles localizam um terráqueo sobre um asteróide, apossando-se dele, escorcham-no e retornam triunfalmente. Mas a vítima fica sã e salva, pois é apenas seu escafandro que eles lhe tomaram. Retornando ao "*Modèle experimental*" pode-se inventariar os seguintes temas subjacentes que são significativos dos pacientes dotados dessa pele falsa substitutiva de um Eu-pele enfraquecido: uma fantasia de invulnerabilidade; um comportamento automático de homem-máquina; uma postura meio-humana, meio-animal, o recuo protetor em uma carapaça hermética; a desconfiança em relação ao que os outros propõem como bom e que pode ser mau; a clivagem do Eu corporal e do Eu psíquico; um banho de palavras que não cria um envelope sonoro de compreensão, mas se reduz à voz repetitiva de um Superego que implanta suas injunções no ouvido; a fraqueza em qualidade e em quantidade das comunicações emitidas; a dificuldade para os outros de entrar em contato com tais sujeitos.

Observação de Gérard

> Gérard é um assistente social de uns trinta anos. O momento decisivo de sua psicanálise comigo é um sonho de angústia onde, levado por uma torrente, ele consegue, no último momento, se agarrar ao pilar de uma ponte. Ele se queixava, até aquele momento e com razão, de meu silêncio que o deixava confuso, e também de minhas interpretações muito vagas, muito gerais para ajudá-lo. Gérard relaciona ele próprio a torrente do sonho com o seio generoso, transbordante, excessivo de sua mãe na amamentação quando bebê. Lembro que, crescido e não mais alimentado no seio, esta

mãe que tanto lhe dera quanto aos desejos de boca (ele estava submerso pelo prazer oral e pelas ondas de avidez que ela superestimulava nele) não mais lhe dava o suficiente quanto às necessidades de pele, ela dele lhe falava de maneira vaga, geral (como estava se repetindo na relação transferência-contratransferência); ela lhe comprava sempre roupas muito grandes por medo que não durassem muito. Assim, nem o Eu corporal nem o Eu psíquico estavam contidos na justa medida. Gérard se lembra que, pouco depois da adolescência, ele começara a comprar calças compridas de um tamanho bem pequeno para ele: para equilibrar o tamanho muito grande das roupas (e portanto da pele continente) fornecidas pela mãe. O pai, um bom técnico porém taciturno, lhe ensinara a dominar os materiais inanimados, mas não como se comunicar com seres animados: na primeira parte de sua análise, ele transferira esta imagem de um pai com sólida técnica e mudo para mim, até o momento do sonho da torrente, onde a transferência desviou para o registro materno. Quanto mais explorava esse registro nas sessões, mais sentia a necessidade de se exercitar fisicamente fora das sessões, para desenvolver seu fôlego (ameaçado por uma mamada muito ávida) e para estreitar seus quadris (ao invés de estar apertado em roupas muito estreitas). Ele chegou até a se exercitar nas sessões com halteres cada vez mais pesados, deitado de costas. Por muito tempo, me perguntei o que ele queria me dizer com sua posição estendida sobre meu divã, considerando que meu embaraço aumentava pela minha falta de gosto pessoal por esse gênero de exploração física. Gérard acabou por fazer a ligação com a mais antiga lembrança angustiante que lhe ficara de sua infância, da qual ele já me falara de maneira muito vaga e geral, para que juntos chegássemos a um sentido. Deitado em seu berço, ele demorava um tempo interminável para dormir, pois via no aparador em frente uma maçã que desejava que lhe dessem, porém sem dizer que a queria. Sua mãe não se mexia, nada entendendo de seus choros, deixando-os persistir até que ele adormecesse

de cansaço. Bom exemplo onde o interdito do tocar ficou muito confuso e a função continente da mãe muito imprecisa para que o psiquismo da criança, assegurado no seu Eu-pele, renuncie facilmente e com eficácia à comunicação tátil para uma troca de linguagem-suporte de uma compreensão mútua. Exercitar-se com halteres era fortalecer e fazer crescer suficientemente seus braços para que consiga pegar por si próprio a maçã: era esse o cenário inconsciente subjacente a esse desenvolvimento (localizado em uma parte do corpo) da segunda pele muscular.

Certo ou errado, não achei conveniente interpretar-lhe o agarramento ao pilar em seu sonho. Eu não queria que uma sobrecarga interpretativa transformasse minha palavra em torrente, nem que Gérard fosse privado prematuramente da sustentação do pilar que ele transferia sobre mim. Talvez esta discrição de minha parte o tenha tacitamente encorajado a reforçar sua segunda pele muscular. A angústia de não poder se agarrar ao objeto de apego (ou ainda ao seio-pele-continente), se manifesta tão intensamente quanto a pulsão libidinal é intensamente satisfeita, por contraste, na relação de objeto ao seio-boca. Pensei que meu trabalho interpretativo, constante e importante sobre os outros pontos, fosse suficiente para restabelecer em Gérard a capacidade de introjetar um seio-pele-continente. Na medida em que se possa julgar os resultados de uma análise, este efeito parece ter sido alcançado mais tarde, por uma mutação espontânea do Eu, análoga à descrita antes com Sebastiana (cf. pp. 170-171).

16

O envelope de sofrimento

A psicanálise e a dor[1]

A dor física retém minha atenção aqui por duas razões. A primeira foi assinalada por Freud em "*Esquisse d'une psychologie scientifique*" (1895). Como cada um de nós pode vivê-la, uma dor intensa e durável desorganiza o aparelho psíquico, ameaça a integração do psiquismo no corpo, afeta a capacidade de desejar e a atividade de pensar. A dor não é o contrário ou o inverso do prazer: sua relação é assimétrica. A satisfação é uma "experiência", o sofrimento é uma "provação". O prazer indica a liberação de uma tensão, o restabelecimento do equilíbrio econômico. A dor força a rede das barreiras de contato, destrói a facilitação que canaliza a circulação da excitação, conecta os relés que transformam a quantidade em qualidade, suspende as diferenciações, abaixa os desnivelamentos entre os subsistemas psíquicos e tende a se espalhar em todas as direções. O prazer denota um processo econômico que deixa o Eu ao mesmo tempo intacto nas suas funções e aumentado nos seus limites por fusão com o objeto: - tenho prazer, e tanto o tenho quanto o dou. A dor provoca uma perturbação tópica e, por uma reação circular, a consciência de um apagar das distinções fundamentais e estruturantes entre Eu psíquico e Eu corporal, entre Id, Eu, Superego, torna o estado mais doloroso ainda. A dor não se partilha, ex-

1. A dor é pouco abordada pela literatura psicanalítica. Além dos trabalhos citados nesse capítulo, indicamos as obras de Pontalis (1977) e de Mac Dougall (1978), que nelas consagraram cada um, um capítulo.

ceto quando erotizada numa relação sadomasoquista. Cada um está só perante a dor. Ela ocupa todos os lugares e eu não existo mais como Eu: a dor é. O prazer é a experiência da complementaridade das diferenças, uma experiência regida pelo princípio de constância e que visa a manutenção de um nível energético estável por oscilação em torno desse nível. A dor é a provação da não-diferenciação: ela mobiliza o princípio de Nirvana, de redução das tensões - e das diferenças - no nível zero: melhor morrer que continuar a sofrer. Abandonar-se ao prazer supõe a segurança de um envelope narcísico, a aquisição prévia de um Eu-pele. A dor, se não se consegue curá-la e/ou erotizá-la, ameaça destruir a própria estrutura do Eu-pele, isto é, a separação entre sua face externa e sua face interna, assim como a diferença entre sua função de pára-excitação e a de inscrição de traços significantes.

Minha segunda razão de interesse é que, com exceção dos casos de mães mentalmente doentes ou repetindo um destino genealógico de várias crianças mortas de geração em geração[2] - onde a criança tem poucas chances de sobreviver - é o sofrimento físico do bebê o mais geralmente e o mais exatamente percebido pela mãe, mesmo que ela seja desatenta ou erre no localizar e decifrar os sinais das outras qualidades sensíveis. Não apenas a mãe toma a iniciativa dos cuidados, fazer curativos, mas também ela segura nos seus braços a criança que grita, que chora, que perde a respiração, ela a aperta contra seu corpo, a aquece, a embala, fala com ela, sorri para ela, a tranquiliza; em resumo, ela satisfaz no bebê a necessidade de apego, de proteção, de agarramento; ela maximiza as funções de pele mantenedora e continente; para que a criança a reintrojete suficientemente como objeto-suporte, restabeleça seu Eu-pele, reforce sua pára-excitação, tolere a dor trazida a um grau suportável e tenha esperança na possibilidade de cura. O que é compartilhável não é a dor, é a defesa contra a dor: o exemplo da dor nos queimados graves ilustra isso. Se a mãe, por indiferença, ignorância, depressão, não se comunica habitualmente com a criança, a dor pode ser a última chance da qual a criança se utiliza para obter sua atenção, para ser envolvida por seus cuidados e manifestações de seu amor. Esses pacientes, tão logo deitados sobre nosso divã, desencadeiam

2. Cf. a pesquisa de Odile Bourguignon sobre as famílias que tiveram muitos filhos mortos, "*Morts des enfants et structures familiales*" (1984).

uma litania de queixas hipocondríacas ou se põem a sentir com uma grande acuidade toda uma série de males corporais. Uma tentativa de restituir a função de pele continente não exercida pela mãe ou pelo círculo humano está, em último caso, em se auto-infringir um envelope de sofrimento, o que iremos ver: sofro, logo existo. Nesse caso, como observa Piera Aulagnier (1979), a relação entre corpo e objeto real se faz pelo sofrimento.

Os grandes queimados

Os grandes queimados apresentam uma grave agressão à pele; se mais de um sétimo da superfície for destruída, o risco de morte é considerável e subsiste por três semanas a um mês; o bloqueio da função imunológica pode conduzir a uma septicemia. Com o progresso atual da terapêutica, feridos graves sobrevivem, mas a evolução de toda queimadura é complexa, imprevisível e reserva dolorosas surpresas. Os cuidados são dolorosos, difíceis em dar e receber. Uma vez em dias alternados - ou todo dia em certos períodos delicados e em melhores serviços - o ferido é mergulhado nu em um banho fortemente esterilizado, para a desinfecção da ferida. Esse banho provoca um estado de choque, sobretudo quando é feito sob anestesia parcial, que pode ser necessária. Os atendentes retiram os pedaços de pele deteriorados para permitir uma regeneração completa, inconscientemente recriando o ciclo do mito grego de Marsias. Eles devem, cada vez que entram nas superaquecidas salas de tratamento, mesmo que seja por alguns minutos, se despir e colocar um avental esterilizado sob o qual geralmente estão quase nus. A regressão do doente à nudez sem proteção do recém-nascido, à exposição às agressões do mundo exterior e à violência eventual do adulto é difícil de suportar não apenas pelos queimados, mas também pelos atendentes, cujo mecanismo de defesa consiste em erotizar as relações entre eles. Um outro mecanismo é a recusa a se identificar a doentes privados de quase toda possibilidade de prazer.

A queimadura realiza um equivalente de situação experimental onde certas funções da pele são suspensas ou alteradas e onde é possível observar as repercussões correspondentes sobre certas funções psíquicas. O Eu-pele, privado de seu apoio corporal, apresenta então

um certo número de falhas as quais é possível, no entanto, remediar em parte por meios psíquicos.

Uma das minhas alunas de doutorado de terceiro ciclo, Emmanuelle Moutin, foi admitida por um determinado período como psicóloga clínica de um serviço de queimados. O que tem a fazer uma psicóloga, alegavam, num lugar de males e cuidados puramente físicos? Ela era objeto de uma desvalorização sistemática por parte do pessoal médico e de enfermagem, que nela concentravam uma agressividade latente para com os doentes e que reagiam persecutoriamente pelo fato de ter o funcionamento do serviço observado por um estranho. Por outro lado, ela desfrutava de uma liberdade total quanto aos contatos psicológicos com os feridos. Ela pôde manter entrevistas seguidas, longas e eventualmente repetidas com vários dos queimados e ajudar os agonizantes. O interdito significante se referia aos contatos com o pessoal de atendimento, que não podia ser "perturbado" nas suas atividades: os cuidados "psíquicos" deviam se anular diante da prioridade dos cuidados físicos. Interdito difícil de respeitar, pois as tensões dramáticas que afetavam os doentes e colocavam em perigo o bom andamento de seu tratamento ocorriam sempre durante esses cuidados físicos, em razão de uma relação psicológica inadequada do médico ou da enfermeira com o paciente.

Apresento uma primeira observação; agradeço a Emmanuelle Moutin por tê-la colocado à minha disposição:

Observação de Armand

> "Encontrei-me um dia no quarto de um doente com o qual eu tinha uma relação boa e continuada. Esse homem maduro era um preso que tentara se matar com o fogo. Medianamente queimado, não mais em perigo de vida, atravessava uma fase dolorosa. Logo que o vi, começou a se queixar de seus intensos sofrimentos físicos que não lhe davam trégua. Chamou a enfermeira e suplicou-lhe uma dose suplementar de calmantes, pois o efeito dos anteriores passara. Como esse doente tinha motivos para se queixar, a enfermeira concordou, mas, ocupada por uma urgência, só pôde retomar depois de meia hora. Durante esse tempo, permaneci a seu

> lado e a conversa espontânea e calorosa que mantivemos foi sobre sua vida passada e problemas pessoais que o afligiam. Quando enfim a enfermeira voltou com os analgésicos, ele os recusou dizendo com um grande sorriso: 'Não adianta mais, não tenho mais dores'. Ficou surpreso consigo mesmo. A conversa continuou; depois ele adormeceu calmamente e sem ajuda de medicamentos."

A presença a seu lado de uma jovem que não rejeitava seu corpo, mas que se ocupava unicamente de suas necessidades psíquicas, o diálogo animado e longo que se estabeleceu entre ambos, o restabelecimento da capacidade de comunicar com o outro (e consigo próprio) permitiram a esse doente reconstituir um Eu-pele suficiente para que sua pele, apesar da agressão física, pudesse exercer suas funções de pára-excitação em relação às agressões exteriores e de contenção das afecções dolorosas. O Eu-pele perdera seu apoio biológico sobre a pele. No seu lugar, ele encontrou, pela conversa, pela palavra interior e sucessivas simbolizações, um outro apoio de tipo sociocultural (o Eu-pele funciona na verdade por apoio múltiplo). A pele de palavras tem sua srcem num banho de palavras do bebê para quem falam as pessoas que o cercam ou para quem ele cantarola. Depois, com o desenvolvimento do pensamento verbal, ela fornece equivalentes simbólicos da doçura, da suavidade e da pertinência do contato, quando foi preciso renunciar ao tocar, se impossibilitado, proibido ou doloroso.

O estabelecimento de uma pele de palavras capaz de acalmar a dor de um grande queimado independe da idade e do sexo do paciente. Uma segunda observação, ainda de Emmanuelle Moutin, concerne a uma jovem.

Observação de Paulette

> "Eu presenciava o banho de uma adolescente, pouco injuriada, porém muito sensível. O banho, que era doloroso, se processava num ambiente tranqüilo. Éramos três, a doente, a enfermeira e eu. A atitude da enfermeira, enérgica mas segura e afetuosa, deveria normalmente facilitar os cuidados.

> Procurei pouco interferir, preocupada em não perturbar seu trabalho de atendente, em quem confiava e a quem particularmente estimava. Entretanto, Paulette reagia mal, aumentando sua dor por um grande nervosismo. De repente, ela me jogou, quase agressivamente: 'Você não vê que eu estou sofrendo! Diga alguma coisa, eu te suplico, fale!'. Eu já conhecia por experiência a relação entre um banho de palavras e a cessação da dor. Impondo silêncio à enfermeira através de um discreto gesto, eu procurei fazer então com que a jovem falasse de si própria, levando-a ao que pudesse reconfortá-Ia: sua família, seu ambiente, seus vínculos afetivos. Este esforço um pouco tardio teve êxito em parte, mas permitiu pelo menos que o banho se fizesse sem problemas e quase sem dor."

Um serviço de grandes queimados só pode funcionar psicologicamente com o estabelecimento de mecanismos de defesa coletivos contra a fantasia da pele arrancada, irremediavelmente evocada em cada um pela situação. É, na verdade, muito tênue a margem entre arrancar os pedaços de pele morta de alguém para seu bem e esfolar a pele viva por pura crueldade. O superinvestimento sexualizado das relações entre atendentes visa manter, para o pessoal do serviço, a distinção entre a fantasia e a realidade, uma realidade perigosa pois ela se parece muito à fantasia. Quanto aos doentes, é ouvindo suas histórias, seus problemas, é por um diálogo animado com eles que a separação entre a fantasia de um escorchamento infligido com uma intenção cruel e a representação de um arrancar terapêutico da pele pode ser garantida. A fantasia que lhes é imposta sobrecarrega sua dor física, já muito importante, com um sofrimento psíquico; o resultado desta soma fica tão insuportável que a função continente psíquico dos afetos não consegue mais se apoiar sobre a função continente de uma pele intacta. Entretanto, a pele de palavras que se tece entre o queimado e um interlocutor compreensivo pode restabelecer simbolicamente uma pele psíquica continente, capaz de tornar mais tolerável a dor de uma agressão da pele real.

Do corpo em sofrimento ao corpo de sofrimento

As duas características principais do envelope masoquista foram definidas por Micheline Enriquez[3] de quem eu retirei a expressão envelope de sofrimento:

1) O fracasso identificatório: pela falta de um suficiente prazer identificatório encontrado nas trocas precoces com a mãe, o afeto que mantém vivo o psiquismo do bebê é uma "experiência de sofrimento": seu corpo só se sente bem como corpo "de sofrimento".

2) A insuficiência da pele comum: "Nenhum sujeito pode viver sem o investimento de um mínimo de referências confirmadas e valorizadas por um outro, em uma língua comum. Poderá, no máximo, sobreviver, vegetar, e *permanecer em sofrimento.* Ele não poderá se auto-investir e se encontrará à espera de proprietário". Seu corpo é um corpo "em sofrimento, incapaz de sentir prazer e de ter atividade representativa, sem afetos, vazio, cujo sentido para o outro (mais frequentemente a mãe ou seu substituto) lhe será (...) mais do que enigmático". Daí a flutuação incessante de seus processos identificatórios; daí a utilização de singulares procedimentos de iniciação, e o sofrimento do corpo (Op. cit., p. 179).

O *corpo em sofrimento* aparece na cura de certos estados-limite. O corpo invade todo o espaço, não tem proprietário: se possível, o psicanalista lhe dá vida e o devolve ao paciente. A cura evidencia uma mãe que se ocupou do bebê por necessidade, não por prazer, o corpo é desprovido de afetos, reduzido a um funcionamento mecânico que se basta, sem trazer satisfação. O outro é provedor de poder e de abuso, jamais de prazer. O paciente é apenas um corpo de necessidade, e de uma necessidade mal conduzida. Conseqüência: o funcionamento corporal não é apropriado como seu, isto é, como objeto possível de conhecimento e de gozo; a distinção entre o que é meu e o que vem do meio não é adquirida, ele pode apenas ter uma queixa, nem mesmo uma acusação dirigida a uma causa, a um responsável denunciando

3. "*Du corpus en souffrance au corps de souffrance*", em *Aux carrefours de la haine*, 2ª parte, capítulo 4 (1984).

um perseguidor; o paciente não pode se abandonar a qualquer atividade representativa e fantasmática de desejos e de prazeres que lhe sejam próprios, à custa de vivenciar um insuperável conflito identificatório.

Ao mesmo tempo, o paciente busca no outro o menor sinal de reconhecimento, com o risco de usar, para obtê-lo, as vias da violência e da escravidão: daí os cenários perversos masoquistas na sua vida sexual. As marcas das violências exercidas sobre seu corpo lhe provocam não somente um gozo seguro, mas também o sentimento de uma apropriação de si mesmo; ele só pode possuir o domínio de seu corpo mascarando esta apropriação atrás de uma posição de vítima aparentemente desprovida de meios de defesa. O masoquismo secundário lhe permite realimentar seu corpo pela experiência de um sofrimento próprio que ele pode gozar e fazer gozar um parceiro, isto é, investir seu corpo dolorido em libido de objeto. Mas o masoquismo primário subjacente persiste: acidentes, doenças graves, cirurgias praticadas de emergência deixam seqüelas deformantes e dolorosas e cicatrizes visíveis. O paciente se apropria desta dor e de suas marcas com avidez para delas fazer um emblema narcísico. Aqui o investimento do corpo doloroso consiste em libido narcísica.

Para compreender a passagem do *corpo em sofrimento* ao corpo de sofrimento é conveniente, assinala Micheline Enriquez, acentuar que o corpo em perdição de afeição e de identidade é submetido não somente a leis (aquelas do desejo e do prazer), mas também à arbitrariedade do poder de um outro em sua relação. Esse corpo *em sofrimento* carrega duas potencialidades:

— Uma "potencialidade persecutória" (P. Aulagnier) de natureza paradoxal: o investimento de um objeto persecutório, sua presença e o elo que os une são necessários ao sujeito para que ele se perceba vivo; ao mesmo tempo, o sujeito lhe atribui um poder e um querer de morte em sua relação.

— Uma aptidão excessiva para a atuação, para a representação e para a encarnação do sofrimento. Esta encarnação é um calvário, um sacrifício, uma paixão. Mas é também viver essa experiência em seu próprio nome.

Observação de Fanchon

Resumo a longa observação desse caso publicada por Micheline Enriquez.

> Fanchon, abandonada ao nascer e criada por pais adotivos, é submetida às repetições de um romance de família grandioso e inquietante sobre suas srcens e aos cuidados corporais passionais e exclusivos de sua mãe adotiva: o corpo ideal deve ser sempre limpo, daí os rituais de lavagem e de purificação que deixam pouco espaço ao prazer (e, acrescento, à segurança de ter enfim sua pele limpa e sua própria pele)[4]. Este espaço materno fechado (que eu relaciono ao *claustrum* descrito por Meltzer) não favorecia a fantasia, exceto a via traçada pelo romance das srcens. Fanchon permanecia assim em sofrimento de corpo e de identidade, porém sem sofrer; sua passividade, sua inércia lhe poupavam os conflitos e as angústias de morte e de separação, exceto por alguns acessos de raiva destrutiva. A puberdade a levou à psicose, com sintomas dolorosos que a transformam em sujeito de um grande sofrimento e que rompem o confortável vínculo de alienação com sua mãe: distúrbios alimentares com variações de peso que a tomam irreconhecível, mas que esboçam o domínio do corpo e o prazer oral; mutilação do seio; alucinações auditivas que a chamam de "ordinária", "saída da sarjeta".
>
> Depois (como na lenda de Marsias) ela cria um mito de renascimento. Ela adota um novo nome (associo este ato ao trabalho do criador que cria um código organizador da obra e vive a criação de sua obra como a recriação de si mesmo por autogênese). Fanchon aperfeiçoa um ritual de lavagem de todo objeto ou roupa que estivesse em contato sujo com sua pele, a fim de apagar a sujeira de sua srcem e o pecado srcinal de sua verdadeira mãe. Ela se lava e se esfrega até arrancar a pele e sangrar; estraga seus cabelos friccionando-os com loções e xampus e arrancando-os.

4. N.T Em francês: "propre peau."

Aos 16-17 anos, o ritual da escrita representativa a salva. Toda manhã ao acordar, para lutar contra o delírio e o suicídio, ela alterna sobre o papel frases fixas, relatando fatos concretos relativos ao exercício atual de suas funções corporais (alimentação, higiene...) e frases variadas, do gênero diário íntimo, contendo julgamentos, interpretações, significações. "Mas esse último (o diário íntimo) só podia se manter e se realizar graças ao esqueleto do corpo imutável do texto que ordenava o espaço e o tempo, estabelecendo um limite entre o Self e o fora do Self." Assim, um lugar para a atividade representativa e o pensamento foi delimitado "pela criação de traços escritos se posicionando ao redor de um corpo de texto" (continuo meu paralelo: o corpo do texto muitas vezes traz ao criador um substituto do próprio corpo que lhe falta). Essas "frases" constituem o antídoto de que ela pode se utilizar contra suas vozes persecutórias. (Explico que tais enunciados corporais afirmam a existência de um Eu-pele e confirmam sua continuidade, estabilidade e constância; é sobre o fundo desse Eu-pele corporal limitado à sensorialidade primária que um Eu psíquico pode emergir como sujeito dizendo "eu" e acionar as funções mentais: é necessário que ele habite esse corpo e sua continuidade para que ele possa se encontrar e se reconhecer como uma identidade.)

Em relação aos cuidados excessivos de purificação da pele, acrescentarei: 1) uma observação qualitativa: seu excesso no sentido da destruição repete em sentido contrário, isto é, anula, contrabalança o excesso dos cuidados recebidos no sentido da paixão materna; 2) uma observação qualitativa: Fanchon carrega uma pele que não é a sua, a pele de uma outra, pele ideal desejada, oferecida, imposta pela segunda mãe; é preciso esfregá-la até arrancar por completo esta túnica, presente envenenado de uma abusiva mãe adotiva que a cerca e a isola. No seu lugar, ela pode encontrar uma pele de sofrimento, de feiura, de ignomínia, que é uma pele comum com sua primeira mãe e que sozinha pode ser a srcem de um Eu-pele próprio de Fanchon.

> A cura psicanalítica, face a face, relatada por Micheline Enriquez, passa pela dramatização e repetição na transferência do episódio psicótico da adolescente: uma noite, Fanchon arranca a metade dos cabelos e desenvolve uma doença de

> pele sobre o rosto com espinhas purulentas que ela arranha e que a desfiguram; suas vozes retornam, lhe dizendo: "Sua maldade é tão grande que se vê em seu rosto. Ela tem lepra (...). Virão procurá-la para isolá-la e interná-la... Fanchon não pertence à espécie humana. Ela é um monstro, é preciso destruí-la".

Fanchon orienta, no entanto, sua psicanalista, que ficou atur-

> dida pelos acontecimentos; ela está expiando o pecado de sua primeira mãe, mulher condenável e odiosa, de má conduta, um monstro não-humano, escondido atrás da ficção apresentada pelos pais adotivos, que faziam dela um ser superior. Em lugar de esperar sua volta como num conto de fadas (bela, inteligente, brilhante, e que levaria um dia Fanchon para seu meio de srcem). Fanchon pode dar corpo e vida a esta primeira mãe, inventar uma história possível com muitas versões verossímeis, e imaginar que esta mãe tivesse sofrido pela concepção, nascimento e abandono da criança.
>
> A medida que esta nova primeira mãe toma forma, Fanchon se refaz: escolhe um cabeleireiro que lhe aconselha uma peruca apropriada e um dermatologista, discreto e afetuoso, que trata de suas feridas com simplicidade. Fanchon persiste por todo um ano a um trabalho psicanalítico doloroso. Reencontrando uma aparência humana, ela viaja no verão seguinte para rever amigos de infância. Volta, literalmente de pele nova, "a pele de seu rosto tinha descarnado totalmente e havia no lugar uma pele lisa e fresca, como de uma criança". Chegara à conclusão de que acabara de expiar a culpa de sua primeira mãe podendo julgá-la e aceitar sua perda. Volta a se sentir "normal".

O trabalho psicanalítico girou, segundo Micheline Enriquez, em tomo de três temas: 1) o abandono da teoria sexual delirante primária, proposta pelo discurso dos pais adotivos e a ascensão às fantasias srcinárias comuns; 2) a resistência à agressão da voz materna, discorante em nível do sentido e do som, desqualificante das sensações e dos desejos da criança, não qualificando os afetos, incapaz de criar o

que eu chamo de envelope sonoro do Self; 3) a elaboração de um Eu-pele, primeiro por tentativas de domínio irrisório do corpo e de seus conteúdos (atividades de esvaziamento-preenchimento; anorexia, bulimia, constipação, diarréia: isto é, elaboração do que eu chamo um Eu-pele bolsa, uma pele continente); em seguida, pela inscrição de seu sofrimento sobre seu envelope corporal (o Eu-pele adquirindo assim a função que descrevi como superfície de inscrição das qualidades sensíveis).

Este sofrimento, exposto ao olhar e solicitando do outro fascinação e horror, lhe permite se desligar da dominação materna, formar um envelope intocável, adquirir um sentimento de segurança de base dentro de sua própria pele. Esta pode então ser investida autoeroticamente e conhecer os prazeres do tocar. Fanchon vai à piscina e nada com prazer; ela compra roupas e as tira de uma grande bolsa para mostrá-las à psicanalista; antes de se sentar, toca a poltrona, os objetos do consultório; ela aspira as flores, observa as roupas e os perfumes da psicanalista, ela chora: "é doce sentir as lágrimas quentes e salgadas escorrerem sobre meu rosto..."; (tudo isso confirma que o Eu se constitui por um apoio tátil). Esse Eu-pele permite a Fanchon dar e receber uma informação sensorial (favorecida pelo face a face), sob o duplo signo da atividade de conhecimento e da experiência de satisfação.

A passagem do *corpo em sofrimento* para o corpo de sofrimento, conclui Micheline Enriquez, é o "preço a pagar por ser para um outro e por dever a si mesmo": é a primeira posição identificatória, sobre a polaridade inclusão-exclusão, e que condiciona as identificações posteriores (especular, narcísica, edipiana). O relato da observação de Zenóbia (p. 273) vai mostrar como a película de sonhos pode se tomar uma porta de saída para o envelope de sofrimento.

17

A película do sono

O sonho e sua película

No primeiro sentido do termo, uma película é uma fina membrana que protege e envolve certas partes dos organismos vegetais ou animais e, por extensão, a palavra designa uma camada, sempre fina, de uma matéria sólida na superfície de um líquido ou na face exterior de um outro sólido. No segundo sentido, a película utilizada em fotografia é um fino folheto que serve de suporte à camada sensível destinada a ser impressionada. O sonho é uma película nos dois sentidos. Constitui uma pára-excitação que envolve o psiquismo de quem dorme e o protege da atividade latente dos restos diurnos (os desejos insatisfeitos da véspera, fundidos aos desejos insatisfeitos da infância) e da excitação do que Jean Guillaumin (1979) chamou os "restos noturnos" (sensações luminosas, sonoras, térmicas, táteis, cinestésicas, necessidades orgânicas etc., ativos durante o sono). Esta pára-excitação é uma membrana fina que coloca no mesmo plano os estímulos externos e as forças pulsionais internas, nivelando suas diferenças (não é, pois, uma interface capaz de separar o de dentro e o de fora como faz o Eu-pele). É uma membrana frágil, pronta a se romper e a se dissipar (daí o acordar angustiado), uma membrana efêmera (ela só dura enquanto dura o sonho, ainda que se possa supor que a presença desta membrana tranqüilize suficientemente quem dorme para que, tendo-a inconscientemente introjetada, ele nela se desdobre, regresse ao estado de narcisismo primário onde beatitude,

redução a zero das tensões e morte se confundem e mergulhe num sono profundo sem sonho) (cf. A. Green, 1984).

Por outro lado, o sonho é uma película impressionável, que registra imagens mentais geralmente visuais, eventualmente com letreiros ou faladas, às vezes fixas como na fotografia, mais frequentemente seguindo um desenvolvimento animado como nos filmes cinematográficos ou, esta comparação mais modema é melhor, como em um videoclipe. É uma função de Eu-pele que foi ativada, a função de superfície sensível e de registro de traços e inscrições. Se não for o Eu-pele, pelo menos a imagem do corpo não-real e achatada fornece a tela do sonho, sobre o fundo do qual emergem as representações que simbolizam ou personificam as forças e as instâncias psíquicas em conflito. A película pode ser má, a bobina ficar bloqueada ou exposta à luz e o sonho se apaga. Se tudo vai bem, pode-se revelar o filme ao acordar, visualizá-lo, refazer sua montagem e projetá-lo sob forma de relato, que se faz a outra pessoa.

O sonho pressupõe, para acontecer, que um Eu-pele se constitua (os bebês, os psicóticos não sonham no sentido estrito do termo; eles não adquiriram uma distinção exata entre a vigília e o sono, entre a percepção da realidade e a alucinação). Reciprocamente, o sonho tem, entre outras funções, a de tentar reparar o Eu-pele não somente porque o Eu-pele pode se desfazer durante o sono, mas sobretudo por ter sido de certa forma crivado de buracos produzidos pelas violências sofridas durante a vigília. Esta função vital do sonho, de reconstrução quotidiana do envelope psíquico, explica, na minha opinião, por que todo mundo (ou quase) sonha todas as noites (ou quase). Ignorada necessariamente pela primeira teoria freudiana do aparelho psíquico, ela está implícita na segunda teoria: vou procurar explicá-la.

Retorno à teoria freudiana do sonho

Freud, entre 1895 e 1899, fascinado por sua amizade passional por Fliess, exaltado pela descoberta da psicanálise, interpreta os sonhos noturnos como realizações imaginárias de desejos. Ele desmonta o

trabalho psíquico efetuado pelo sonho nos três níveis que, segundo ele, formam o aparelho psíquico. Associa uma atividade inconsciente a representantes de coisa e afetos, moções pulsionais que ela assim torna representáveis. Articula uma atividade pré-consciente a representantes de palavras e a mecanismos de defesa, representantes representativos e emocionais que se encontram assim elaborados em representações simbólicas e em formações de compromisso. Enfim, o sistema percepção-consciência que, durante o sono, desloca seu funcionamento do pólo progressivo da descarga motora para o pólo regressivo da percepção, alucina essas representações com uma vivacidade sensorial e afetiva que lhes dá a ilusão de realidade. O trabalho do sonho é bem-sucedido quando rompe o obstáculo sucessivo das duas censuras, primeiro entre o inconsciente e o pré-consciente e depois entre o pré-consciente e a consciência. Há também dois tipos de fracassos. Se o disfarce sob o qual se apresenta o desejo interdito não engana a segunda censura, é o despertar na angústia. Se os representantes inconscientes desviam do pré-consciente, passando diretamente à consciência, acontece o terror noturno, o pesadelo.

Quando Freud elaborou sua segunda concepção do aparelho psíquico, ele não retomou toda a teoria do sonho em sua nova perspectiva, contentando-se em revisões de alguns pontos. Estas revisões, porém, demandam uma sistematização mais completa.

O sonho realiza os desejos do Id, entendendo-se que se trata de toda a gama pulsional ampliada ao mesmo tempo por Freud: desejos sexuais, auto-eróticos, agressivos, autodestruidores; o sonho os realiza de acordo com o princípio do prazer, que rege o funcionamento psíquico do Id e que exige a satisfação imediata e incondicional das demandas pulsionais; e de acordo também com a tendência do recalcado a vir à tona. O sonho realiza as exigências do Superego: nesse sentido, se certos sonhos aparecem mais como realizações de desejo, outros sonhos são realizações de uma ameaça. O sonho realiza o desejo do Eu, que é dormir, e o realiza como servo de dois senhores: trazendo satisfações imaginárias ao mesmo tempo ao Id e ao Superego. O sonho realiza igualmente o desejo, próprio ao que alguns sucessores de Freud chamaram Eu Ideal, de restabelecer a fusão primitiva do Eu e do objeto e de reencontrar o estado feliz de simbiose orgânica intrauterina do bebê com sua mãe. Enquanto o aparelho psíquico em vi-

gília obedece ao princípio de realidade, mantendo limites entre o Self e o não-Self, entre o corpo e a psique, admitindo a limitação de suas possibilidades, afirmando sua pretensão à autonomia individual, no sonho, ao contrário, o aparelho psíquico reivindica a onipotência, exprime sua aspiração ao ilimitado. Em um de seus contos onde descreve a "*Cité des immortels",* Borges mostra os imortais passando seu tempo a sonhar. Sonhar é negar na verdade que se seja mortal. Sem esta crença noturna na imortalidade de pelo menos uma parte do Self, seria a vida diurna tolerável?

Nos sonhos pós-traumáticos estudados por Freud (1920), introduzindo sua segunda tópica psíquica, o sonhador revive repetidamente as circunstâncias que precederam o acidente. São sonhos de angústia que sempre param antes da representação do acidente, como se este pudesse de repente ser interrompido e evitado no último momento. Tais sonhos preenchem em relação aos precedentes quatro novas funções:

— Reparar a ferida narcísica infringida pelo fato de ter sofrido um traumatismo.

— Restaurar o envelope psíquico rasgado pela agressão traumática.

— Controlar retroativamente as circunstâncias desencadeantes do traumatismo.

— Restabelecer o princípio de prazer no funcionamento do aparelho psíquico, regredido pelo traumatismo à compulsão de repetição.

E eu me pergunto: o que ocorre com os sonhos que acompanham a neurose traumática não seria um caso particular? Ou então - pelo menos é minha convicção - se o traumatismo funciona como um vidro deformante, não estaríamos diante de um fenômeno mais geral que está na raiz de todos os sonhos? A pulsão enquanto força (independentemente de seu alvo e de seu objeto) irrompe no envelope psíquico de maneira repetitiva tanto durante a vigília quanto durante o sono, provocando microtraumatismos cuja diversidade qualitativa e acumulação quantitativa constituem, ultrapassado um certo limiar, o que Masud Khan (1974) chamou um traumatismo cumulativo. O aparelho psíquico precisa, por um lado, se aliviar desta sobrecarga e, por outro, procurar restabelecer a integridade do envelope psíquico.

A formação de um envelope de angústia e a de uma película de sonho estão entre os mais imediatos meios possíveis, e vêm frequentemente juntos. O aparelho psíquico foi surpreendido, quando do traumatismo, pelo surgimento de excitações externas que fizeram pressão através da pára-excitação, não só por serem muito fortes mas também, e Freud (1920) insiste, em razão do estado de despreparo do aparelho psíquico que não esperava tal surgimento. A dor é o sinal desta pressão repentina. Para que haja traumatismo, é preciso que haja desnivelamento entre o estado da energia interna e o estado da energia externa. Certamente existem choques que tornam irremediáveis o distúrbio orgânico e a ruptura do Eu-pele, qualquer que seja a atitude do sujeito em relação a eles. Mas em geral, a dor é menor se o choque não aconteceu de surpresa ou se se encontra o mais rapidamente possível alguém que, por suas palavras, por seus cuidados, funcione como Eu-pele auxiliar ou substituto em relação ao injuriado (estou considerando aqui tanto o fato de ser vítima de uma ferida narcísica quanto de uma ferida física). Freud, em "*Au-delà du príncipe du plaisir"* (1920), descreve esta defesa contra o traumatismo por contra-investimentos energéticos de intensidade correspondente e que tem o objetivo de igualar o investimento de energia interna à quantidade de energia externa trazida pelas excitações que surgem. Esta operação acarreta certo número de conseqüências; as três primeiras são econômicas e eram particularmente caras a Freud; a quarta é tópica e topográfica: foi apenas pressentida por Freud e convém desenvolvê-la.

a) Estes contra-investimentos têm em contrapartida um empobrecimento do resto da atividade psíquica, particularmente da vida amorosa e/ou intelectual.

b) No caso de uma lesão que persiste em decorrência de um traumatismo físico, os riscos de neurose traumática ficam diminuídos já que a lesão provoca um superinvestimento narcísico do órgão atingido, o que controla o excesso de excitação.

c) Quanto mais um sistema tem um investimento elevado e uma energia ligada (isto é, quiescente), mais forte é sua capacidade de ligação e, consequentemente, de resistência ao traumatismo; daí a formação do que chamo de um envelope de angústia, derradeira linha de defesa da pára-excitação: a angústia prepara o psiquismo,

pelo superinvestimento dos sistemas receptores, para antecipar o surgimento possível do traumatismo, mobilizando uma energia interna igualável tanto quanto possível à excitação externa.

d) De um ponto de vista topográfico agora, envolvida e preenchida por um contra-investimento permanente, a dor da agressão subsiste sob forma de sofrimento psíquico inconsciente, localizado e incrustado na periferia do Self (pode ser relacionado ao fenômeno da "cripta" descrito por Nicolas Abraham, 1978, ou ainda da noção winnicotiana de um "Self escondido").

O envelope de angústia (primeira defesa, e que é uma defesa pelo afeto) prepara o aparecimento da película do sonho (segunda defesa, que é uma defesa pela representação). Os orifícios do Eu-pele, sejam eles produzidos por um traumatismo importante ou pela acumulação dos microtraumatismos residuais da vigília ou contemporâneos ao sono, são transpostos pelo trabalho da representação a lugares cênicos onde podem então se desenrolar os cenários do sonho. Os orifícios são assim preenchidos por uma película de imagens, essencialmente visuais. O Eu-pele é srcinariamente um envelope tátil, desdobrado em um envelope sonoro e em envelope gustativo-olfativo. Os envelopes muscular e visual são posteriores. A película do sonho é uma tentativa de substituir o envelope tátil enfraquecido por um envelope visual mais fino, mais frágil, mas também mais sensível: a função de pára-excitação é restabelecida a mínima; a função de inscrição dos traços e de sua transformação em signos é, em contrapartida, aumentada. Penélope desfazia a cada noite, para fugir do apetite sexual dos pretendentes, a tapeçaria na qual trabalhava durante o dia. O sonho noturno funciona de maneira inversa: torna a tecer à noite aquilo que se desfez do Eu-pele durante o dia, sob o impacto dos estímulos exógenos e endógenos.

Minha concepção da película do sonho vem de encontro à observação publicada por Sami-Ali (1969) sobre um caso de urticária: constatando em uma paciente a alternância de períodos de crises de urticária sem sonho e períodos com sonho sem crises de urticária, Sami-Ali coloca a hipótese de que o sonho dissimula uma imagem do corpo desagradável. Transcreverei assim sua intuição: a pele ilusória do sonho mascara um Eu-pele irritado e exposto.

Tais considerações me levam a repensar também as relações entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto do sonho. Como notaram, cada um a seu modo, Nicolas Abraham, (1978) e Annie Anzieu (1974), o aparelho psíquico tem uma estrutura em encaixes. Na verdade, para que haja conteúdos, é preciso um continente e o que é um continente em certo nível pode se tomar um conteúdo em outro nível. O conteúdo latente do sonho visa ser um continente das forças pulsionais associando-as a representantes inconscientes de coisas. O conteúdo manifesto visa ser um continente visual do conteúdo latente. O relato do sonho ao despertar visa ser um continente verbal do conteúdo manifesto. A interpretação eventualmente dada pelo psicanalista ao relato do sonho do paciente desmonta em partes os encaixes (como se retira as sucessivas peles de uma cebola) e também restabelece o Eu desdobrado e consciente em sua função de contentor dos representantes representativos e afetivos das forças pulsionais e das pressões traumáticas.

Observação de Zenóbia

Dou a esta paciente, irmã mais velha marcada pela perda dolorosa de sua posição de filha única, o pseudônimo de Zenóbia em memória da brilhante rainha da antiga Falmira, destronada pelos romanos.

> Uma primeira análise com um colega parece ter girado essencialmente sobre seus sentimentos edipianos, sobre sua organização histérica, sobre as consequentes complicações de sua vida amorosa, sobre sua frigidez que diminuiu sem contudo desaparecer. Ela me vem consultar por causa de um estado de angústia quase permanente e que, depois dessa primeira análise, não pode mais reprimir e também por causa dessa frigidez persistente que procura ao mesmo tempo curar e negar, lançando-se a ligações cada vez mais complicadas.
>
> As primeiras semanas de sua segunda psicanálise são dominadas por uma intensa transferência amorosa, mais exatamente pela transferência na cura de suas habituais investidas de sedução em relação a homens mais velhos do que ela. Reconheço aí, sem lhe dizer, a artimanha histérica subja-

cente a esta sedução, bastante manifesta: reter a atenção e o interesse de um parceiro eventual propondo-lhe satisfações sexuais para, na verdade, dele obter a satisfação das necessidades do Eu, pouco apreciadas por seu antigo círculo. Mostro aos poucos a Zenóbia que seus mecanismos histéricos de defesa a protegem - mal - de falhas em sua segurança narcísica de base, falhas em relação a uma forte angústia de perda do amor da mãe e às múltiplas frustrações precoces de suas necessidades psíquicas. Zenóbia era marcada por um contraste quase traumático entre essas frustrações e a generosidade e o prazer com que sua mãe satisfizera as necessidades de seu corpo até o nascimento de um irmão rival.

A transferência de sedução desaparece quando Zenóbia se assegura que o psicanalista se dispõe a se ocupar de suas necessidades do Eu sem exigir, em troca, uma recompensa em prazer erótico. Ao mesmo tempo, modifica-se a qualidade de angústia: a angústia depressiva, ligada às experiências de perda ou de ameaça de perda do amor materno, dá lugar a uma angústia persecutória, ainda mais antiga e mais temível.

Ao retornar de estada no estrangeiro no verão, ela me conta ter tido então uma experiência muito agradável que foi a de viver em um apartamento maior, melhor situado, melhor iluminado do que ela ocupa em Paris. Considero todos estes detalhes, sem nada lhe falar, como refletindo a evolução de sua imagem do corpo e de seu Eu-pele: ela se sente mais à vontade em sua pele, tem uma intensa necessidade de comunicar, mas este Eu-pele esboçado não lhe oferece nem uma pára-excitação suficiente nem um filtro que lhe permitam discernir a srcem e a natureza das excitações. Na verdade, esse apartamento de sonho diurno tornava-se, à noite, um verdadeiro pesadelo. Não só ela não sonhava como ainda não conseguia dormir; imaginava que assaltantes pudessem entrar. Tal angústia persiste desde que voltou a Paris: ainda não recuperou o sono.

Interpreto seu temor da agressão como tendo uma dupla face: por um lado, uma agressão de srcem externa, a de um homem desconhecido sobre as partes íntimas de seu corpo (angústia de estupro), e também a do psicanalista sobre as partes íntimas de seu psiquismo; por outro, uma agressão interna, a de suas próprias pulsões que ignora serem suas, sobretudo um violento ressentimento pelas frustrações exercidas pelo seu círculo antigo e atual. Eu lhe explico que a intensidade de sua angústia decorre da acumulação e da confusão da agressão de srcem externa com a agressão de srcem interna e também da confusão da penetração sexual com a penetração psíquica. Esta interpretação visa consolidar seu Eu-pele como interface que separa a excitação externa da excitação interna e como o encaixe de envelopes que diferenciam o Eu psíquico do Eu corporal no seio de um mesmo Self. O efeito é imediato e bastante durável: ela recupera o sono. Mas a angústia que ela experimentava até então em sua vida tende a se transferir para sua psicanálise.

As sessões seguintes são marcadas por uma transferência em espelho. Exigência repetitiva de Zenobia para que seja eu quem fale, quem diga o que penso, como vivo, para que eu faça eco ao que ela diz, para que eu diga o que penso do que ela disse. Minha contratransferência é posta à prova por esta pressão insistente e sempre renascente que me oprime quase fisicamente e me priva de minha liberdade de pensar. Nem posso ficar calado, o que ela sente como uma rejeição agressiva que pode ser destrutiva para seu Eu-pele, em vias de se constituir; nem posso entrar em seu jogo histérico de inversão da situação, eu me tomando o paciente e ela o analista. Por aproximações sucessivas, chego a um procedimento de interpretação com duas possibilidades. Uma, levando-a a uma interpretação dada anteriormente, suscetível de responder em parte ao que ela exige e que mostra o que eu penso enquanto analista e como ecoa em mim o que ela diz. Por outro lado, procuro elucidar o sentido de seu pedido: explico que o fato de verificar que o que ela diz repercute em mim exprime sua ne-

cessidade de receber do outro uma imagem dela mesma para que possa, por sua vez, fazer sua própria imagem; explico também que saber em que pensava sua mãe, como vivia ela com seu marido, que relações mantinha com um primo, seu suposto amante, e por que tivera ela outros filhos, permanecera para ela uma interrogação dolorosa e sem resposta; e lhe faço ver ainda que, ao me submeter a um bombardeio de perguntas, ela reproduzia, procurando controlá-la, uma situação em que ela mesma, quando pequena, era submetida a um bombardeio de estimulações muito intensas ou muito precoces para serem pensadas.

Um trabalho psicanalítico persistente lhe permite um certo alívio em relação à posição persecutória. Reencontra comigo a segurança do primeiro elo com o bom seio materno, segurança destruída pelas desilusões dos sucessivos nascimentos procriados por este seio.

As férias de verão são por ela passadas sem dificuldades e sem passagens pelo ato perturbador. Na volta às sessões, ela se entrega a uma regressão importante. Experimenta durante os quarenta e cinco minutos da sessão um afeto intenso de desamparo. Revive toda a sua dor pelo abandono materno. Os detalhes que é então capaz de localizar e formular com respeito à qualidade desse sofrimento revelam uma progressão de seu Eu-pele: ela adquiriu o envelope, que lhe permite conter seus estados psíquicos, e o desdobramento do Eu consciente, que lhe permite a auto-observação e a simbolização das suas partes doentes. Ela traz três tipos de detalhes que eu reuni cada vez em uma interpretação. Em primeiro lugar, eu lhe explico ter ela sofrido pelo abandono materno ao ser destronada de sua situação de filha única: nós já o sabíamos intelectualmente, mas lhe era necessário reencontrar o afeto de intenso sofrimento que então conhecera e descartara. Em segundo lugar, proponho uma construção que o período precedente de transferência em espelho me permitia fazer: mesmo durante a fase em que fora filha

única, a comunicação entre ela e sua mãe fora fraca; a mãe alimentara e mimara abundantemente Zenóbia, mas não considerara suficientemente o sentimento interior do bebê. Em resposta, Zenóbia esclarece que sua mãe chorava por qualquer motivo (o que relaciono ao seu temor da agressão pelos ruídos); Zenóbia não pode diferenciar, de maneira segura, no que sentia, o que vinha de sua mãe e o que vinha dela mesma; o ruído exprimia a fúria por não saber quem. Em terceiro Lugar, sugiro que este não considerar suas sensações-afetos-fantasias primárias fora sem dúvida acentuado pelo pai, cujo caráter ciumento e violento pode agora ser evocado claramente por minha paciente.

Essa sessão é de uma intensidade emocional forte e prolongada. Zenóbia soluça, à beira do colapso. Aviso-lhe em tempo o fim da sessão, para que ela possa se preparar interiormente para a interrupção. Afirmo que eu acolho seu sofrimento, que ela está vivendo então talvez pela primeira vez um afeto tão temível que até então não se permitira experimentá-lo, tendo-o abafado, transportado e enquistado em sua própria periferia. Ela para de chorar, mas titubeia em partir. Seu Eu encontra nesse sofrimento, enfim dela mesma, um envelope que consolida seus sentimentos de unidade e de continuidade do Self.

Na semana seguinte, Zenóbia retomou seus mecanismos de defesa habituais: não quer mais, declara, refazer na psicanálise uma experiência tão dolorosa. Faz então alusão ao fato de sonhar muito, sem cessar, todas as noites, desde seu retomo das férias. Não pensava em me falar sobre isso. Na sessão seguinte, diz que decidiu me falar de seus sonhos mas, como são muitos, classificou-os em três categorias: a categoria "rainha de beleza", a categoria "bola". Esqueci qual a terceira categoria, já que não pude no momento tudo anotar pelo volume do material. Ela me conta seus sonhos em detalhe e desordenadamente durante sessões e sessões. Eu me sinto submergir, ou melhor, desisto de tudo reter, compreender e interpretar, deixando-me levar pela enxurrada.

> Nos sonhos da primeira categoria, ela é ou ela vê uma jovem muito bonita que vai ser desnudada por homens sob pretexto de ter sua beleza examinada.
>
> Ela mesma interpreta seus sonhos de "bolas" em relação com o seio ou com os testículos. Retoma e completa: a bola é um seio-testículo-cabeça. Evoca a expressão corrente "perder a pelota" por "perder a cabeça" *("perdre la boule" pour "perdre la tête")*.

Os sonhos de Zenóbia lhe tecem uma pele psíquica em substituição de sua pára-excitação enfraquecida. Começou a reconstituir seu Eu-pele a partir do momento em que interpretei sua perseguição sonora, acentuando a confusão entre os ruídos de fora e o ruído que em sua cabeça faz sua raiva interior, clivada, fragmentada e projetada. Seu relato faz então desfilar para mim seus sonhos sem se deter em nenhum, sem me dar nem tempo nem elementos pata uma interpretação possível. É um sobrevôo. Para ser mais exato, tenho a impressão que os sonhos a sobrevoam e ao seu redor com uma treliça de imagens. O envelope de sofrimento é substituído por uma película de sonhos pela qual seu Eu-pele toma mais consistência. Seu aparelho psíquico pode até simbolizar esta renascente atividade de simbolização pela metáfora da pelota, que condensa várias representações: a de um envelope psíquico em vias de completamento e de unificação; a da cabeça, isto é, retomando uma expressão de Bion, de um aparelho de pensar seus próprios pensamentos; a de um seio materno todo poderoso e perdido em cujo interior ela tem até agora vivido regressiva e fantasmaticamente; a dos órgãos masculinos da fecundação de cuja falta ela sofreu quando foi desalojada, pelo nascimento de um irmão, de sua posição de objeto privilegiado do amor materno. Assim, aí se entremeiam as duas dimensões, narcísica e objetal, de sua psicopatologia, prefiguração das interpretações cruzadas que eu lhe deveria dar durante as semanas seguintes e que vão alternar a consideração de sua fantasia sexual, pré-genital e edipiana, e a das falhas e dos superinvestimentos (por exemplo, sobre o modo da sedução) de seu envelope narcísico. Na verdade, a aquisição pelo sujeito de sua identidade sexual depende de duas condições. Uma condição necessária, isto é, que tenha para contê-la uma pele dele,

dentro da qual ele se sente precisamente sujeito. Uma condição suficiente, isto é, que faça, em relação com as fantasias perversas polimorfas e edipianas, a experiência sobre esta pele, de zonas erógenas e de fruições que podem aí ser experimentadas.

> Algumas sessões mais tarde aparece enfim um sonho sobre o qual nos é possível trabalhar: "Ela sai de sua casa, a calçada está desfeita. Vê-se as fundações do imóvel. Seu irmão chega, com toda a sua família. Ela está deitada sobre um acolchoado. Todos a olham com calma. Quanto a ela, ela se sente revoltada, tem vontade de gritar. Ela é submetida a uma prova horrorosa: deve fazer amor com seu irmão diante de todos os outros". Ela acorda esgotada.
>
> Suas associações a levam a retomar um sonho recente de bestialidade e que muito a perturbara, evocando o caráter desagradável da sexualidade por ela vivida, em sua infância e quando de suas primeiras relações heterossexuais na adolescência, como uma provação revoltante. "Os jogos amorosos de meus pais eram como de animais... (tempo). Temo sobretudo que a confiança que tenho em você seja questionada."
>
> Eu: "Seria a calçada desfeita, as fundações ameaçadas. Você espera de mim que eu a ajude a conter o volume de excitação sexual que há em você desde a sua infância e do qual sua psicanálise lhe dá uma consciência cada vez mais vivida".
> A palavra sexualidade se encontra assim pronunciada pela primeira vez em sua cura, e por mim mesmo.
>
> Ela revela ter vivido, durante toda a sua infância e adolescência, em um desagradável estado de permanente e confusa excitação de que ela não conseguia se libertar.
>
> Eu: "Era a excitação sexual, mas você não conseguia identificá-la como sexual, já que ninguém a sua volta lhe dera qualquer explicação sobre este assunto. Você também não sabia localizar em quais lugares de seu corpo sentia essa

excitação pois você não tinha uma representação de sua anatomia feminina suficientemente clara para fazê-lo". Ela parte tranqüilizada.

Na sessão seguinte, ela retoma este abundante material de sonhos com os quais ela me inunda: ela teme que este material, fluindo por todos os lados, ultrapasse minha capacidade de controlá-la.

Eu: "Você me coloca na mesma situação de me ver ultrapassado por seus sonhos como você mesma o é pela excitação sexual".

Zenóbia pode formular sua pergunta, refreada desde o começo da sessão: O que penso de seus sonhos?

Digo-lhe concordar em lhe responder aqui e agora sobre seus sonhos, já que as pessoas a sua volta não haviam respondido outrora às questões que ela se fazia sobre a sexualidade e que a levaram a uma incontrolável necessidade de interrogar os outros sobre o que sentem em relação a isso e o que pensam que ela própria sente. Mas esclareço que nenhuma opinião tenho, nem sobre seus sonhos, nem sobre seus atos. Não me cabe decidir, por exemplo, se o incesto ou a bestialidade é um bem ou um mal. Comunico-lhe em seguida duas interpretações. A primeira visa diferenciar o objeto de apego e o objeto de sedução. Com o cão, que se junta a ela no sonho mais antigo, ela tem a experiência de um objeto com o qual ela se comunica em um nível vital primitivo e essencial, pelo contato tátil, a suavidade do pêlo, o calor do corpo, a carícia do lamber. Essas sensações de bem-estar pelas quais ela se deixa envolver lhe permitem sentir-se suficientemente bem em sua pele de modo a experimentar um desejo propriamente sexual e feminino, porém inquietante, de ser penetrada. Com seu irmão, no último sonho, a sexualidade é bestial em um outro sentido, pois ele é brutal, ela o odiou quando de seu nascimento, ele podería se vingar possuindo-a, o que seria consumar com ele um incesto monstruoso,animal. É o amante

temível com quem, jovenzinha, imaginou que podetia ter sua iniciação sexual.

Em segundo lugar, destaco a interferência, embaraçosa para ela, entre a necessidade sexual do corpo cuja satisfação permanece ainda incompleta e a necessidade psíquica de ser compreendida. Ela se abandona ao brutal desejo sexual do homem como vítima, o que pensa ser necessário para atrair a atenção dele e para conseguir, à custa do prazer físico que ela lhe dá, a satisfação de suas necessidades do Eu, satisfação ora hipotética, ora insaciável (faço aí alusão aos dois tipos de experiência que se sucederam na história de sua vida sexual). Daí a alegada sedução em seus relacionamentos com os homens e o jogo de sedução em que ela mesma se enreda; eu a faço lembrar que os primeiros meses de sua psicanálise comigo tinham sido dedicados a refazer e a desfazer este jogo.

O trabalho psicanalítico reunido durante esta série de sessões continuou durante meses. Acomodou notáveis modificações, por golpes sucessivos (conforme o tipo de evolução por ruptura e por brusca reorganização própria a esta paciente), em sua vida amorosa e em sua vida profissional. E muito mais tarde que o salto direto da oralidade à genitalidade e o curto-circuito da analidade puderam ser analisados em Zenóbia.

O *envelope de excitação, fundo histérico de toda neurose*

Esta sequência ilustra a necessidade de aquisição de um Eu-pele e dos sentimentos correlativos de unidade e de continuidade do Self não apenas para aceder à identidade sexual e para abordar a problemática edipiana, mas principalmente para localizar corretamente a excitação erógena, para lhe dar ao mesmo tempo limites e vias de descarga satisfatórios, para liberar o desejo sexual de seu papel de contra-investi-

mento das frustações precoces sofridas pelas necessidades do Eu psíquico e pela pulsão de apego.

Este caso ilustra igualmente a sequência: envelope de sofrimento, película de sonhos, pele de palavras, necessária à construção de um Eu-pele suficientemente continente, filtrando e simbolizando, em pacientes que sofreram carências antigas na satisfação das necessidades do Eu, e apresentando por esta razão importantes falhas narcísicas. A agressividade inconsciente de Zenóbia em relação aos homens pode ser relacionada às sucessivas frustrações exercidas pela mãe, depois pelo pai, enfim pelo irmão. Com a evolução de seu Eu-pele em uma interface contínua, flexível e sólida, a pulsão (sexual e agressiva) torna-se para eta uma força disponível a partir de zonas corporais específicas em direção de objetos escolhidos mais adequadamente e com objetivos portadores de prazer tanto físicos como psíquicos.

Para ser reconhecida, isto é, representada, a pulsão deve estar contida em um espaço psíquico tridimensional, localizado em certos pontos da superfície do corpo, e emergir como figura sobre esta tela de fundo que constitui o Eu-pele. Por ser a pulsão delimitada e circunscrita é que sua pressão alcança sua plena força, uma força suscetível de se encontrar um objeto e um fim e de alcançar uma franca e viva satisfação.

Zenóbia apresenta muitos traços da personalidade histérica. Sua cura evidencia "o envelope de excitação", expressão que devo a Annie Anzieu. Em vez de buscar seu envelope psíquico a partir dos sinais sensoriais que lhe enviava sua mãe (havia claramente uma discordância grave entre as manifestações táteis calorosas e as emissões sonoras brutais desta mãe), Zenóbia procurou um Eu-pele substituto em um envelope de excitação permanente, investido de maneira difusa e total tanto pelas pulsões agressivas como pelas pulsões sexuais. Esse envelope é o resultado de um processo de introjecção de uma mãe amante e excitante na época da amamentação e dos cuidados corporais. Envolve o Self de Zenóbia com um círculo de excitações que perpetua em seu funcionamento psíquico a dupla presença de uma mãe atenta a suas necessidades corporais e de uma estimulação pulsional contínua que permite a Zenóbia se sentir existir em permanência. Mas essa mãe excitante com relação ao corpo é duplamente decepcionante, pois responde mal às necessidades psíquicas da filha e põe fim bruscamente à

excitação física que provocou quando a percebe muito duradoura ou muito agradável, ou muito equívoca ou muito onerosa: a mãe se irrita paradoxalmente com o que induz; por causa disso pune sua filha que se sente cheia de vergonha. A sequência excitação-decepção ocorre simultaneamente no plano da pulsão, o qual é superativado sem poder chegar a uma descarga plenamente satisfatória.

Annie Anzieu considera que um tal envelope psíquico de excitação física caracteriza não apenas o Eu-pele da histeria, mas também constitui o fundo histérico comum a toda neurose. Em vez de trocar também estes sinais que constituem as comunicações sensoriais srcinárias e que fundamentam a possibilidade de uma compreensão recíproca, a mãe e o filho trocam apenas estimulações, através de um processo ascendente que termina sempre mal. A mãe se decepciona porque a criança não lhe traz todo o prazer que esperava. A criança se decepciona duplamente, por ser decepcionante para a mãe e por conservar em si a sobrecarga de uma excitação insatisfeita.

Acrescento que este envelope histérico perverte, ao invertê-la, a terceira função do Eu-pele: em vez de se abrigar narcisicamente em um envelope de pára-excitação, o histérico se compraz em viver em um envelope de excitação, erógeno e agressivo, a ponto de por isso sofrer, acusar os outros, ter-lhes rancor, procurando arrastá-los na encenação desse jogo circular onde a excitação engendra a decepção que reaviva a necessidade de excitação. Em seu artigo *"La Rancune de l'hystérique*", Masud Khan (1974 b), analisou essa dialética.

18

Complementos

As configurações do Eu-pele que acabo de estudar não são nem exaustivas (sua relação deve ser complementada), nem fixas (são mais ou menos estáveis segundo as pessoas e as circunstâncias), nem sempre presentes em estado puro (procurei diferenciar formas topograficamente simples, mas estas são suscetíveis de encaixes complexos e variados).

A principal configuração que não foi tratada separadamente e em maior profundidade é o envelope visual e sua variante, ou talvez seu complemento, o envelope cromático. Por não ter tido ocasião de analisar pintores, não me senti qualificado para falar deste último. Quanto ao envelope visual, presente com pouca expressão em muitas de minhas observações, sua teoria parece ter sido já bem elaborada por Sami-Ali, em "*Corps réel, Corps imaginaire*" (1977), que trata das etapas de sua formação, e em "*Le Visuel et le Taccile. Essai sur l'allergie et la psychose*" (1984), que analisa a instalação do universo visual pela ruptura com o envelope tátil (ver também a obra de G. Bonnet, 1981, *"Voir-Être vu"*, sobre os investimentos inconscientes do visual).

O envelope sonoro ao qual consagrei um capítulo precisaria de complementos. A pele de palavras, por exemplo, não tem a mesma estrutura na pele sonora própria à poesia (como também ao poema em prosa ou à prosa poética) e no romance, onde predomina a pele do que chamei de "o corpo da obra" (D. Anzieu, 1981, pp. 118-121). O envelope sonoro específico da música começou a ser estudado por Michel Imberty, em *"Les Ecritures du temps"* (1981, pp. 114-224).

O papel das sensações cenestésicas e vestibulares na constituição do Eu-pele precisaria ser estudado[1].

Configurações mistas

Em uma mesma pessoa, uma parte do Self pode funcionar conforme uma configuração particular do Eu-pele ao mesmo tempo que uma outra parte do Self funciona conforme uma outra configuração. Vejamos um exemplo de uma tal configuração mista.

Observação de Estéfano

> Estéfano sonha muito depois que deita em suas sessões e faz muito esforço para compreender seus sonhos pois desenvolveu comigo, depois de uma análise frente a frente difícil em seus primeiros momentos, uma sólida aliança de trabalho. Chegamos, pouco a pouco, a localizar os pontos sobre os quais sua compreensão acaba normalmente por esbarrar: quando diz que esta aliança não poderá durar eternamente e que ele corre o risco de ter que experimentar e exprimir sentimentos hostis em relação a mim; e também por ter sido tanta a violência verbal e mesmo física de seu pai durante sua infância e adolescência que ele foi privado da liberdade de viver, por sua vez, as emoções agressivas em relação a este pai.
>
> Um fenômeno novo aparece durante as sessões, cada vez mais frequente, cada vez mais forte: sua barriga faz ruídos. Fica ainda mais furioso e mortificado por isso não lhe acontecer em qualquer outro lugar. A sessão a que me refiro foi invadida por esses ruídos, cujo significado escapa a Estéfano. De minha parte, não tenho explicações, procuro pensar a respeito e percebo uma relação com a problemática das sessões precedentes.

1. O trabalho "*L'Aube des sens"*(Herbinet, Busnel et coll., 1981) reúne os dados relativos ao desenvolvimento dos cinco sentidos e da equilibração nos bebês.

Eu: O que gorgoleja em você é a agressividade e você não sabe se é a sua ou a de seu pai.

Estéfano confirma: Teve por aqueles dias a imagem de golpes de faca no ventre.

Neste momento, meu ventre por sua vez gorgula. Faço um esforço para não me culpar, tentando esconder isso, mas procuro compreendê-lo como um efeito sobre mim da transferência de Estéfano. Proponho-lhe a seguinte interpretação:

Eu: Seu pai depositava em você a agressividade que lhe era desagradável para dela se desembaraçar; da mesma maneira, você me comunica esse gorgulejar, desagradável para você, a fim de que se torne meu e deixe de ser seu.

Estéfano: Sinto muito, eu o retomo.

Na verdade, meu ventre não gorguleja mais e o dele recomeça. Meu Eu psíquico, não mais invadido por seu Eu corporal, reencontra sua liberdade de pensamento e observo em silêncio que basta interpretar a pulsão subjacente (a agressividade) e o mecanismo de defesa (a identificação projetiva) se não procuro também o sentido específico inerente ao lugar do corpo afetado por esse sintoma (perspectiva topográfica).

Eu: Este gorgulejar se produz no ventre. A mãe e seu filho comunicam diretamente suas emoções pelo ventre.

Esta interpretação de caráter geral e exploratório oferece a Estéfano o quadro que lhe permite formular enfim a configuração híbrida de seu Eu-pele (meio Eu-pele couraça, meio Eu-pele escorredor).

Estéfano: Sou como as tartarugas. Trago uma carapaça nas costas e o ventre mole. Se deito de costas, meu ventre, cheio de buracos, é invadido pela agressividade dos outros e não posso me desvirar para a posição ativa.

Na situação analítica, quando fica deitado de costas diante de mim, é na verdade seu ventre que se encontra fantasmaticamente exposto. E então na transferência que pode acontecer a tomada de consciência por parte de Estéfano da configuração específica de seu Eu-pele.

Os *envelopes psíquicos no autismo*[2]

"O envelope de agitação" foi descrito no *autismo secundário de carapaça,* que aparece entre seis e dezoito meses e onde, em oposição ao autismo primário, a excitação substitui a inibição.

Essas crianças autistas secundárias têm uma armadura, uma pele espessa (relacionar à segunda pele muscular de E. Bick, 1968), um Eu-crustáceo, portanto uma pára-excitação voltada para fora, mas eles não têm uma pele interna. O envelope corporal e de relacionamento é buscado por eles na agitação psicomotora: caminham, correm, vocalizam continuadamente, introduzem desordem nos objetos ordenados pelos adultos, se impõem às suas mães de maneira parasitária, urrando logo que ela faz menção de se afastar, giram em torno de si mesmos, dilaceram suas roupas; recusam a comunicação, indiferentes aos olhares, às palavras. A angústia aparece quando essa defesa psicomotora é impedida pelos neurolépticos ou quando são presos à cama. A angústia se manifesta por automutilações: eles se escalpelam, fraturam seus crânios, rasgam a pele: a pele como órgão passível de inscrições e de trocas dos sinais é arrancada.

A criança autista secundária cria um ar de segurança projetando para fora dela uma barreira de agitação intransponível. Adquiriu a diferenciação animado/inanimado, fora/dentro. Tem uma barreira protetora mas não uma superfície envolvente, nem uma interface. Funciona conforme a posição esquizo-paranóide mas com mecanismos de defesa que permanecem corporais e que não são ainda aqueles,

2. Retomo aqui as descrições de Frances Tustin (1972. 1981) e de Donald Meltzer e col. (1975), tais como foram resumidas e completadas por Claudine e Pierre Geissmann, *"L'Enfant et sa psychose"* (1984).

psíquicos, da divagem, da projeção, da negação etc. O Eu-pele tátil é recusado. É pela instalação de um envelope sonoro que se pode entrar em contato com a criança: pela voz cantada, pela música, pela devolução em eco de seus gritos (fossem eles perfurantes e perturbadores) e de suas vocalizações.

No *autismo secundário regressivo*, a criança adquiriu uma pele psíquica e fina: daí uma hipersensibilidade que esconde sob a confusão e o distúrbio.

Na *esquizofrenia infantil,* mãe e filho são envelopados um no outro conforme uma relação de inclusão recíproca: há aí, então, um envelope psíquico, construído porém sob o modelo de uma fantasia intra-uterina e que não é ainda essa interface comum, separando e ligando a mãe e o filho.

Chegamos à mais grave e arcaica das patologias (suas manifestações são anteriores à idade de seis meses). No *autismo primário anormal*, o corpo é mole, flácido, amebóide, hipotônico. Vira um Eu-polvo. Nem a pele nem o Eu preenchem a função de sustenta- ção ou de conservação. A criança fica calma, imóvel por horas, indiferente, passiva, ausente; evita as trocas de olhar, mas observa "com o canto dos olhos" sem que pareça olhar. Se é muito solicitada, ou se há uma leve mudança da situação e dos hábitos, reage pela raiva ou pela angústia em pânico. Sentada, ela se balança para frente e para trás por horas em um ritmo lento. Não reage aos sinais sonoros. Fica indiferente às manipulações corporais e às dores. Mas um leve ruído, inesperado, um simples roçar tátil, pode provocar reações de agitação e de gritos.

Ela não possui nem envelope tátil nem sonoro. O envelope visual está apenas esboçado. A pára-excitação é encontrada no isolamento e no retraimento. O autobalanceio rítmico fornece talvez um envelope postural auto-erótico. Tais crianças conservam a posição fetal; ficam imóveis e exigem a imutabilidade do meio; seu corpo parece se afundar no regaço materno. É todo o corpo (e todo o psiquismo) que está dobrado sobre si mesmo para formar uma pele e prorrogar o envelope intra-uterino. Quem o atende é envolvido nesse universo, se sente transparente, manipulado como um objeto inanimado, mergulhado na embriaguez do impenetrável. A separação do atendente provoca o colapso da criança.

Seu desespero é profundo. Manifesta-se pelo furor, pela auto-mutilação, que atinge a cabeça, os olhos, a pele: tudo sobre o que se podería estruturar um Eu-pele é atacado.

A ausência de Eu-pele leva a perturbações de todas as funções: higiene, alimentação (às vezes ausência de busca do bico do seio ou mamadeira), sono. Não é adquirida a distinção entre o animado e o inanimado. Os autistas primários "brincam" de maneira estereotipada, mas sem dúvida por prazer auto-erótico, com suas mãos, pés, roupas, com cordões ou galhinhos, com pedaços de tecido áspero, chupam a língua, a cavidade da boca guardam as secreções, fazem bolas com a saliva, manipulam a água, a lama, a areia, escutam interminavelmente o mesmo disco. Não conseguem chegar ao objeto transicional, nem à separação exterior-interior. Tocam seus órgãos sexuais e os das pessoas a sua volta.

Resumindo, trata-se de:

— prorrogar artificialmente o envelope intra-uterino e, portanto, negar o nascimento;

— recusar todos os envelopes oferecidos pela mãe e pelo meio (tátil, visual, sonoro, cinestésico);

— não exercitar as funções da pele e dos órgãos dos sentidos e não adquirir a configuração de uma interface;

— deixar o corpo indiferenciado dos objetos e dividido em elementos separados, dotados de um valor auto-erótico;

— encontrar a pára-excitação no isolamento, na imobilidade do corpo, na imutabilidade do meio, na inibição das funções.

Seria o autismo sempre patológico ou havería, nas primeiras semanas de vida, fenômenos autistas "normais" (segundo F. Tustin e D. Meltzer), que corresponderíam a uma "posição autista" (D. Marcelli, 1983) anterior à posição esquizo-paranóide? Por não ter experiência clínica nesse campo, não tomarei partido. Com respeito a essa questão, retomarei uma das raras observações kleinianas concernentes à patologia do envelope psíquico, a descrição de uma fantasia autista do corpo materno vazio e negro: "Dick se protegeu da realidade e pôs sua vida fantasmática em ferros refugiando-se na fantasia do corpo materno vazio e negro. Conseguiu dessa maneira afastar sua atenção dos diversos objetos do mundo exterior e que representavam os conteúdos do corpo materno: o pênis do pai, as fezes, as crianças". Esses conteú-

dos nos quais Dick projetava seu sadismo eram perigosos; daí sua intensa angústia inconsciente e sua inibição da simbolização ("*Essais de psychanalise",* 1948, tr. fr., p. 272). Essa descrição kleiniana me parece antecipar a noção de "claustrum" proposta por Meltzer. F. Tustin observou que o envelope autista normal comporta saliências (que correspondem sem dúvidas às excrescências sensíveis da pele e aos órgãos dos sentidos), enquanto o envelope autista patológico é "desmontado" (para retomar a expressão de Meltzer) e apresenta "buracos negros" (que correspondem à angústia de se esvaziar de sua substância vital interna e à vertigem de ser aspirado pelo vazio, não tendo sido preenchida a função primeira de sustentação, por falta de um Eu-pele). A fascinação do autista pelos movimentos circulares ou de redemoinho que ocorrem no mundo exterior, seus próprios movimentos giratórios estereotipados evocam o risco de desaparecer nesses buracos negros e uma tentativa desesperada de se agarrar (D. Houzel, 1985 b).

D. Marcelli caracteriza a "posição autista" por um pensamento por contigüidade não simbólica (metonímica), por um objeto parcial situado em um plano bidimensional, por uma relação de objeto autista (nos casos patológicos) e narcísica (nos casos normais), pelo apoio do Eu sobre a pele e os órgãos sensoriais próximos (tato, cheiro, gosto). Os dois mecanismos de defesa são:

— A identificação adesiva: D. Marcelli descreve uma nova forma: "pegar a mão do adulto para usá-la como um prolongamento de seu próprio membro superior", isto é, incluir o outro em um Eu sem limites; "pegar a mão do adulto ou se colar a ele corpo a corpo (...)" significa utilizar o sentido do tato em uma relação de contigüidade onde nenhum limite existe; o mesmo processo pode ser encontrado com o faro e o gosto (os sentidos próximos); os sentidos distantes são utilizados ao anular toda separação entre o Eu e o não-Eu: o autista "ouve" a música da frase e reproduz, exagerada, a melopéia; da mesma maneira, ele "prende" o objeto do olhar.

— O desmantelamento: impede a constituição da intersensorialidade e da pele como "continuum" interligando os órgãos dos sentidos: "eles desmantelam seu Eu em capacidades perceptivas separadas" (Meltzer), eles reduzem o objeto de tipo "senso comum" a uma multiplicidade de fenômenos unissensorias, nos quais animado e inanimado se tornam indiscerníveis.

O autista rejeita a comunicação pelo olhar e pela palavra, pois rejeita a separação do corpo da mãe, o limite: caso contrário, é o pânico, e a violência. A criança normal, diferentemente, utiliza o "pointing" (Vigotski): ela estende a mão para pegar o objeto desejado; a mão fica no ar se o objeto está muito longe, esse gesto adquire um valor semiótico para os que estão a sua volta, e de volta a criança o utiliza para se comunicar (cf. "a ilusão antecipadora" segundo Diatkine).

O Eu-pele é um envelope que emite e recebe sinais em interação com o meio, ele "vibra" em ressonância; é animado, vivo em seu interior, claro e luminoso. O autista tem a noção - sem dúvida geneticamente pré-programada - de um tal envelope, mas este, por falta de experiências concretas que o atualizem, permanece vazio, negro, inanimado, mudo. Os envelopes autistas oferecem assim uma verificação pela negativa da estrutura e das funções do Eu-pele.

Da pele ao pensamento

Expus neste trabalho como as qualidades sensíveis se organizam em um espaço interno, o espaço do Self, delimitado por uma interface com os objetos exteriores que constituem o Eu (depois por outras interfaces: entre o Eu psíquico e o Eu corporal, entre o Eu e o Superego, entre os diversos objetos internos etc). Por sua vez, a diferenciação topográfica do espaço psíquico leva a transformações das qualidades sensíveis em elementos de fantasias, de símbolos, de pensamentos. Apenas pude deixar entrever o que dá início a essas transformações: estudá-las em detalhe seria para outro livro. Diversos autores, aliás, propuseram teorias que diziam respeito às etapas dessas transformações: Winnicott, Hanna Segal (1957) com a "equação simbólica", Bion com os oito níveis de sua "grade" até o pensamento abstrato formalizado etc. De minha parte, espero mostrar um dia como cada uma das nove funções do Eu-pele fornece um dos quadros ou um dos processos do pensamento.

Para terminar

A palavra do outro, se oportuna, viva e verdadeira, permite ao destinatário reconstituir seu envelope psíquico continente, e ela o faz na medida em que as palavras ouvidas tecem uma pele simbólica que seja um equivalente, no plano fonológico e no plano semântico, dos ecotactilismos srcinários entre o bebê e seu meio materno e familial.

Isto assim funciona na amizade, na cura psicanalítica, na leitura literária. Da mesma forma, a escrita pode ser uma palavra a si próprio e só para si, e que preencha desde a adolescência essa mesma função reconstituidora, depois de uma viva emoção, de uma tensão nos relacionamentos com as pessoas em volta, de uma crise interior. Isto acontece não apenas com muitos escritores (ainda que essa necessidade de restabelecer um Eu-pele provisoriamente enfraquecido fique muitas vezes ocultado do interessado e escondido sob os mais banais motivos: sentir prazer, se proteger da morte, rivalizar com a fecundidade feminina etc.), mas é ainda mais verdadeiro com a maior parte dos escritores (aqueles que escrevem sem preocupação estética e sem se importar com um público). Micheline Enriquez (1984) descreveu sob a expressão "escrita representativa" uma atividade na qual o paciente afirma sua presença para o mundo e para si mesmo (isto é, mantem seu Eu na posição que qualifiquei de interface), anotando palavra por palavra sobre o papel o quadro espaço-temporal em que se encontra, suas atuais percepções, os gestos materiais que acaba de realizar. É o caso de sua paciente Fanchon (cuja observação foi relatada antes, p. 263). Fanchon comenta assim esse episódio que foi uma etapa importante de sua cura: "É como se essa escrita me tivesse permitido a recuperação de uma pele" (*ibid.* p. 263). É esse também o caso de Doris Lessing que, no *"Carnet d'or"* (1962), assinala ter recorrido ao diário azul para lutar contra a depressão:[3]

> "Eu me encontro em um ponto onde a forma, a expressão desaparecem; então não sou mais nada, minha inteligência está a ponto de se desfazer, estou cada vez mais aterrorizada... (...) Foi então que decidi usar o diário azul, apenas pa-

3. Trad. fr. Albin Michel, 1976, p. 427. Citado e comentado por M. Enrique: (1984, p. 208).

> para anotar os acontecimentos. Eu me sentava a cada noite sobre minha banqueta de música e anotava o meu dia como se eu, Anna, prendesse Anna na página..."
>
> "A cada dia, eu *modelava* Anna, dizia: hoje. Levantei às sete horas. Preparei o café de Janet, mandei-a à escola etc-, e ficava com a impressão de ter salvo meu dia do caos..."

Esta auto-observação de uma escritora coloca em evidência o tronco comum a partir do qual se diferenciam a escrita do intelectual (ensaísta, crítico etc.) e a escrita do criador de uma obra de ficção. Em *"Pour um portrait psychanalitique de l intellectuel'"* (D. Anzieu, 1984), descrevo uma configuração do Eu-pele próprio do intelectual, onde a pele é a superfície do cérebro projetada no contato com as coisas, segundo um processo recíproco onde as coisas (o visto, o ouvido, o tocado, o sentido, o degustado) são transpostas diretamente para idéias que, por sua vez, filtram a percepção das coisas.

A palavra oral e também escrita tem um poder de pele. Meus pacientes me convenceram disso. A convivência com algumas grandes obras literárias também me confirmou. Foi a princípio uma intuição pessoal e foi preciso tempo para transformá-la em idéia. Se escrevi este livro, foi também para defender pela escrita meu Eu-pele. Por este ato de reconhecimento, posso considerar a presente obra como terminada.

Índice de Observações

Os casos cujos pseudônimos não vêm acompanhados por um nome de autor são extraídos de minha prática pessoal. Para os demais, indico entre parênteses o nome da pessoa a quem devo ou de quem empresto a observação.

Alice (E. Bick)..... 248
Armand (E. Moutin)..... 258
Edgar (P Fedem) 124
Eleonora (C. Destombes)..... 92
Errônea..... 221
Esté fano..... 286
Fanchon (M. Enriquez)..... . 263,264
Frau Emmy von N. (S. Freud)., ...177
Gérard..... 252
Gethsêmani..... 225-237
Irma (S. Freud) 178
Janette..... 190
Juanito (colega anônimo)..... 90
Marsias..... ..... 200, 216
Mary (E. Bick)..... 249
Sr. M. (M. de M'Uzan)..... 142
Pandora..... 152
Paulette (E. Moutin) 259
Rodolfo..... 239
Sebastiana 170
Zenóbia..... 273

Bibliografia

Este livro é composto aproximadamente metade por textos inéditos e metade por artigos anteriormente publicados e que aqui foram de alguma forma remanejados, recompostos ou reunidos. Agradeço os editores das revistas que me autorizaram reutilizar todo ou parte de meus artigos.

Na primeira parte, "Descoberta", os capítulos 2 ("Quatro séries de dados") e 3 ("A noção de Eu-pele") foram utilizados, completando-os, os seguintes textos:

- Meu artigo "princeps", *Le Moi-Peau (Nouv. Rev. Psychanal.,* 1974, nº 9, 195-208).

- De *Ia mythologie particulière à chaque type de masochisme (Bulletin de 1'Association Psychanalitique de France*, junho de 1968, nº 4, 84-9).

- *La peau: du plaisir à la pensée* (in D. Anzieu, R. Zazzo e col, *llaitachement,* Delachaux et Niestlé, 1974).

A segunda parte, "Estrutura, Funções, Superação", contém uma reprodução mais ou menos completa dos seguintes textos:

- *Quelques précurseurs du Moi-Peau chez Freud* (Rev. Franç. *Psychanal., 1981*, XLV, nº5, 1.163-1.185): retomado no capítulo 6.

- *Actualidad de FEDERN* (in P. FEDERN: *La psicologia del yo y las psicosis,* Amorrortu, Buenos Aires, 1984): retomado e desenvolvido no capítulo 6.

- *Fonctions du Moi-Peau (Linformatím psychiatrique*, 1984, n-8, pp. 869-875): retomado e completo no capítulo 7.

- *Altérations des fonctions du Moi-Peau dans le masochisme pervers (Revue de médecine psychosomatique*, 1985, nº 2): retomado no capítulo 7.

- A observação de Pandora (capítulo 8) é extraído (com acréscimos) da *L ́échange respiratoire comme processus psychique primaire. A propos d'une psychothérapie dun symptôme asthmatique (Psycho-thérapies*, 1982, nº 1, 3-8).

- *Machine à décroite: sur um trouble de la croyance dans les états limites (Nouv. Rev. Psychanal.,* 1978, nº 18, 151-167): esse artigo foi inteiramente repensado para chegar ao capítulo 9.

O capítulo 10 combina três artigos:

-*Le corps de la pulsion* (in Actes *du Colloque: La* pulsion, *pour quoi faire*? Association Psychanalytique de France, 1984).

- *Le double interdit du toucher (Nouv. Rev. Psychanal.,* 1984, nº 29, 173-187).

- *Au fond du Soi, le toucher (Rev. Franç. Psychanal.,* 1984, nº 6, 1.385-1.398)

Na terceira parte, "Principais Configurações", o capítulo 11 retoma *L ́enveloppe sonore du Soi* (Nouv. Rev. *Psychanal.,* 1976, nº 13, 161-179).

ABRAHAM, N., 1978, L'Écorce et le noyau, Paris, Aubier-Montaigne.

ANGELERGUES, R., 1975, Réflexions critiques sur la notion de schéma corporel, in *Psychologie de la cmnaissance de soi.* Actes du symposium de Paris (septembre 1973), EU.F.

ANZIEU, A., 1974, Emboítements, *Nouv. Rev. Psychanal.,* nº 9, pp. 57-7 1.

_____, 1978, *De la chair au verbe*, in D. ANZIEU et coll., *Psychanalyse et langage,* 2e édit., Paris, Dunod.

ANZIEU, D. 1970, *Freud et la mythologie, Nouv. Rev. Psychanal.,* nº 1, pp. 114-145.

___, 1975 a, *LAnto-analyse de Freud,* 2 vol., nouv., édit., Paris, EU.F.

___, 1975 b, *Le Transferi paradoxal, Nouv.* Rev. *Psychanal.,* n² 12, pp. 49-72.

___, 1979, La Démarche de 1'analyse transitionnelle en psychanalyse individuelle, in KAÈS, R. et coll., Crise, *rupture et dépassement,* Paris, Dunod.

___, 1980 a, Du corps et du code mystiques et de leu rs paradoxes, Nouv. Rev. *Psychanal.,* n° 22, pp. 159-177.

___, 1980 b, Les Antinomies du narcissisme dans la création littéraire, in *Guillaumin,* J., Corps Création, Entre *lettres et Psychanalyse,* 2* partie, ch. 1, Presses Univ. de Lyon.

___,1981 a. *Le Corps de 1'œuvre,* Paris, Gallimard.

___, 1981b, Le Groupe ei 1'tnconscient. *Uimaginaire grotipal, nouv.* édit., Paris, Dunod.

___, 1982 a, Le Psychodrame en groupe large, in KAES, R. et coll-, *Le travail psychanalytique dans les groupes,* tome 2, *Les Voies de 1'élaboration,* Paris, Dunod.

___, 1982 b. Sur la confusion primaire de 1'animé et de 1'inanimé. Un cas de triple méprise, N.R.E, ri* 25, pp. 215-222.

___, 1983 a, Le Soi disjoint, une voix liante: 1'écriture narrative de Samuel Beckett, Nouv. Rev. *Psychanal.,* ri* 28, pp. 71-85.

___, 1983 b, A la recherche d'une nouvelle définition clinique et théorique du contre-transfert, in SZTULMAN, H. et coll., *Le Psychanalyste et son* patient, Toulouse, Privat.

___, 1984, La Peau de 1'autre, marque du destin, *Nouv. Rev. Psychanal.,* n° 30, pp. 55-68.

___, 1985, Du fonctionnement psychique particulier à rintellectuel, *Topique,* n" 34, pp. 75-88.

AULAGNIER, E (Voir aussi CASTORIADIS-AULAGNIER)

_____, 1979, *Les Destins du plaisir,* Paris, EU.F.

_____, 1984, *LApprenti-historien et le maitre sorcier,* Paris, RU.E

ATLAN, H., 1979, Entre *le cristal et la fumée. Essai sur 1'orgarúsation du vivant,* Paris, Seuil.

BALINT, M, 1965, Amowr *primaire et technique psychanalytique,* tr. fr. Paris, Payot, 1972.

_____, 1968, *Le Défaut fmdamental,* tr. fr. Paris, Payot, 1971.

BEAUCHESNE, H., 1980, *LÉpileptique,* Paris, Dunod.

BELLER, I., 1973, *La Sémiophonie,* Paris, Maloine.

BERENSTEIN, I., PUGET, J., 1984, Considérations sur la psychothérapie du couple: de 1'engagement amoureux au reproche, in A. E1GUER et coll., *La Thérapie psychanalytique du couple,* Paris, Dunod.

BERGERET, J., 1974, *La Personnalité normale et pathologique,* Paris, Dunod.

_____, 1975, *La Dépression et les états* limices, Paris, Payot.

_____, 1984, *La* Vtolence *fondamentale,* Paris, Dunod.

BETTELHEIM, B., 1954, Les *Blessures symboliques,* tr. fr. Paris, Gallimard, 1971.

_____, 1967, *La Forteresse vide,* tr. fir. Paris, Gallimard, 1970.

BICK, E., 1968, UExpérience de la peau dans les relations dobjet précoces, tr. fr. in MELTZER, D. et coll., 1975, pp. 240-244.

BlON, W.R., 1962, Aux sources *de 1'expérience,* tr. fr. Paris, EU.F, 1979.

_____, 1967, *Réflexion faite,* tr. fr. Paris, PU.F., 1982.

BIVEN, B.M., 1982, The role of skin in normal and abnormal development with a note on the poet Sylvia Plath, *Intemat. Rev. Psycho-Aml.,* 9, 205-228.

BLEGER, J., 1966, *Psychanalyse du cadre psychanalytique,* tr. fir. in KAÊS, R. et coll., 1979 a.

BONNET G., 1981, Voir-Être w, 2 vol, Paris, RU.F.

————, 1985, De 1'interdit du toucher à Pinterdit de voir, P*sychaml. Univ. 10,* nu37, pp. 111-119.

BOULERY, L., MARTIN, A., PUAUD, A., 1981, Des enfants sourds-aveugles... et des grottes, *UEvol. Psychiat.,* 46, n° 4, pp. 873-892.

BOURGUIGNON, O., 1984, Mort *des enfants et structures familiales*, Paris, RU.F.

BOWLBY, J-, 1958, The nature of the child's tie to mother, Intemat. J. Psycho-Anal., 39, 350-373.

————, 1961, EEthologie et 1'évolution des relations objectales, tr. fr. *Rev. Fr. Psychanal.,* 24, n"s 4-5-6, pp. 623-631.

————, 1969, Att*achement et perte,* tome 1: *UAttachement,* tr. ff. Paris, RU.F., 1978.

————, 1973, *Attachemenc et perte*, tome 2: *La Séparation,* tr. fr. Paris, RU.F., 1978.

————, 1975, *Attachement et perte,* tome 3: *La perte, eristesse et dépression,* tr. fr. Paris, EU.F., 1982.

BRAZELTON, T.B., 1981, Le Bébé: partenaire dans 1'interaction, tr. fr. in BRAZELTON et coll., *La Dynamique du nourrisson,* Paris, E.S.F., 1982, pp. 11-27. Cet article contient une bibliographie détaillée des publications anglaises de Brazelton.

CACHARD, C., 1981, Enveloppes de corps membranes de rêve, *LEvol. Psychiat.,* 46, n"4, pp. 847-856.

CAST ORI ADIS - AULAGNIER, E, 1975, *La Viole nce de Vinterpretation,* Paris, EU.F.

CHAUVIN, R. et coll., 1970, *Modèles animaux du comportment humain,* éditions du C.N.R.S.

CHIVA, M., 1984, Le *Douxet l'amer,* Paris, RU.F.

CORRAZE, J., 1976, *De 1'hystérie aux pathominies,* Paris, Dunod.

DUYCKAERTS, F., 1972, LlObjet d'attachement: médiateur entre 1'enfant et le milieu, in Miíieu *et développment,* Actes du symposiumde Lille (septembre 1970), Paris, RU.F.

ENR1QUEZ, M., 1984, *Aux carrefours de la haine,* Paris, CEpi.

FEDERN, R, 1952, *La Psychologie* du Mot et *les psychoses,* tr. fr. Paris, RU.F., 1979.

F1SCHER, S., CLEVELAND, S.E., 1958, *Body images and personality*t Princeton, New York, Van Nostrand.

FRAZER, J.G., 1890-1915, *Le Rameau d'or,* tr. fir., réduite en 4 vol., Paris, R. Laffont, 1981-1984.

FREUD, S., 1887-1902, *La Naissance de la psychanalyse. Lettres à Wilhelm Fliess: notes etplans,* édition src. all. 1950; tr. fr. Paris, RU.F., 1956.

_____, 1891, *Contribution à la conception des aphasies,* tr. fir. Paris, RU.F., 1983.

_____ , 1895 a, Esquisse d'ime psychologie scientifique, édition. src. all. 1950; tr. fr. in *la Naissance de la psychanalyse,* RU.F., 1956.

_____, 1895 b (avec BREUER, J.), *Études sur 1 'hystene,* tr. fr. Paris, RU.F., 1955.

___, 1900, *Ulmerprétationdes rêves,* nouv. tr. fr. Paris, RU.F., 1967.

_____, 1905» Tr*ois essais sur la théorie de la sexualité,* nouv. tr. fr. Paris, Gallimard, 1968.

_____, 1914, Pour introduire le narcissisme, tr. fr. in *La Vie sexuetle,* Paris, E U.F., 1969.

_____ , 1915, LÜnconscienc, nouv. tr. *fr. in Mécapsychologie,* Paris, Gallimard, 1968.

_____, 1919, Elnquiétante étrangeté, tr. ff. in *Essais de Psychanalyse appliquée,* Paris, Gallimard, 1933.

_____, 1920, Au-delà du príncipe du plaisir, nouv. tr. fir. in Essais *de Psychanalyse*, Payot, 1981.

_____, 1923, Le Moi et le Ça, nouv. tr. fr. in *Essais de Psychanalyse, Paris,* Payot, 1981.

_____, 1925, Notice sur !e Bloc magique, tr. fr. Rev. *Franç.* PsycFumal., 1981, 45, n° 5, pp. 1.107-1.110.

_____ 1933, *Nouvelles conférences d'introdaction à la psychanalyse,* nouv. tr. fr. Paris, Gallimard, 1984.

GANTHERET, F., 1984, fncertitudes *d'Éros,* Paris, Gallimard.

GEISSMANN, R et GEISSMANN, C., 1984, *LEnfant et sa psychose,* Paris, Dunod.

GENDROT, J.A., RACAMIER, PC., 1951, Fonction respiratoire et oralité, *LÉvoL Psychiat,* 16, n°3, pp. 457-478.

GIBELLO, B., 1984, *UEnfant à 1'intelligence troublée.* Paris, Le Centurion.

GOR1, R., 1972, Wolfson ou la parole comme objet, Mouvemem *Psychiatr.,* n" 3, pp. 19-27.

_____, 1975, Les Murailles sonores, *IlEvol Psychiatr.,* ri" 4, pp. 779-803.

_____ , 1976, Essai sur le savoir préalable d a tis les groupes de formation, in KAES, R. et coll., *Désir de former et formation du savoir,* Paris, Dunod.

GORI, R., THAON, M., 1975, *Plaidayer pour une critique littéraire psychanaiytiqm,* Connexions, n° 15, pp. 69-86.

GRAND, S., 1982, The body and its boundaries: a psychoanalytic study of cognitive process disturbances in schizophrenia, Internat. Rev. *Psycho-Anal,* 9, pp. 327-342.

GRAVES, R., 1958, Les Mythes *grecs,* tr. fr. Paris, Fayard, 1967.

GREEN, A., 1984, Narcisswne *de vie, narcissisme de* mort, Paris, Ed. de Minuit.

GROTSTE1N, J.S., 198 1, *Splitting and projecuve Identification,* New York, Londres, Jason Aronson.

GRUNBERGER, B., 1971, Le Narcissisme, Paris, Payot.

GUILLAUM1N, J., 1979, *Le Rêve et le* M*oi,* Paris, PUF.

_____, 1980, La Peau du certame, ou le retournement projectif de 1'intérieur du corps dans la création littéraire, in GU1LLAUMIN, J. et coll., *Corps Création Entre* Lettres *et Psychanalyse,* 2C partie, chap. 7, Presses Univ. de Lyon.

HARLOW, H.F., 1958, The nature of love, *Americ-Psychol,* 13, 673-685.

HERB1NET E., BUSNEL, M.L. et coll., 1981, *UAube des* sens, *Les Cahiers du nouveau-né,* 5, Stock.

HERMANN, L, 1930, *Unsúnct fdial,* tr. fr. Paris, Denoél, 1973.

HERREN, H., 1971, La Voix dans le développement psychosomatique de 1'enfant, *]. franç. otorhino-laryngol.,* 20, n° 2, pp. 429-435.

HOUZEL, D., 1985 a, LÉvolution du concept d'espace psychique dans Tcieuvre de Mélanie Klein et de ses successeurs, in collectif *Mélanie Klein aujourd'hui,* Lyon, Editions Césura.

_____, 1985 b, Le Monde tourbillonnaire de 1'autiste, *Lieiix de 1'enfance,* n° 3, pp. 169-183.

IMBERTY, M., 1981, *Les Ecritures du temps. Sémanticfue psychologique de la musique,* tome 2, Paris, Dunod.

KAÉS, R., 1976, *LAppareil psychique groupal,* Paris, Dunod.

_____, 1979 a, Introductíon à Panalyse transitionnelle, in KAÉS, R. et coll., Crise, *rupture et dépassement,* Paris, Dunod.

_____, 1979 b, Trois repères théoriques pour le travail psychanalytique groupal: 1'étayage multiple, 1'appareil psychique groupal, la transitionalité, Perspectives *Psychiatr.,* n" 71, pp. 145-157.

_____, 1982, La catégorie de Pintermédiaire chez Freud; un concept pour la psychanalyse? (inédit).

_____, 1983, Identification multiple, personne conglomérat, Moi groupal. Aspects de la pensée freudienne sur les groupes internes, *Bull. Psychol.,* 37, n° 363, pp. 113-120.

_____, 1984, Etayage et structuration du psychisme, Cormexiom, n" 44, pp. 11-46.

KAFKA, E, 1914-1919, La Colonie pénitentiaire, tr. fr. *La Pléiade,* Paris, Gallimard, tome 2,1980, p. 304 (écrit en 1914, plublicat. src. all. en 1919).

KASPI, R-, 1979, UHistoire de la cure psychanalytique de Madame OGGI, in KAÉS, R. et coll., *Crise, rupture et dépassement,* Paris, Dunod.

KAUFMAN, I.C., 1961, Quelques implications théoriques tirées de 1 etude du fonctionnement des animaux et pouvant fácilliter la conception de 1'instinct, de 1'énergie et de la pulsion, Rev. Fr. PsychanaL, 24, n[c]* 4, 5, 6, pp. 633-649.

KERNBERG,Q, 1975, *Borderline canditions and pathoiogical narássism,* tr. fr. tome 1, L*es Troubles limites de la persomuilité,* 1979; tome 2, L*es* Personnalités narcissüjues, 1981, Toulouse, Privat.

KLEIN, M-, 1948, *Essais de psychanalyse,* tr. fr. Paris, Payot, 1968.

KOHUT, H,(1971, *Le Soi. La psycharudyse, des fransférts narcissiques,* tr. fr. Paris, PUE, 1974.

LACOMBE, E, 1959, Du rôle de la peau dans l'attachement mère-enfant, *Rev. Fr. Psychanal.*, 23, n" 1, pp. 83-102.

LAPLANCHE, J., 1970, *Vieetmortenpsychanalyse,* Paris, Flammarion.

LAPLANCHE, L, PONTALIS, J.B., 1968, *Vocabulaire de la psychanalyse,* Paris, EU.F.

LOISY, D., 1981, Enveloppes pathologiques, enveloppements thérapeutiques (le packing, thérapie somato-psychique), *LEvol.* Psychiac., 46, n° 4, pp. 857-872.

LORENZ, K.Z., 1949, *Il parlait avec les mammifères, les oiseaux et les poissons*, tr. fr Paris, Flammarion, 1968.

LUQUET, E, 1962, Les Identifications precoces dans la structuration et la restructuration du Moi, *Rev. Franç. Psychanal,* 26, n° spécial, pp. 197-301.

MAC DOUGALL, J., 1978, *Plaidoyer pour* tme certfrne *anormalité*, Paris, Gallimard.

MARCELLI, D., 1983, La position autistique. Hypothèses psychopathologiques et ontogénétiques, *Psychiatr. enfant,* 24, n° 1, pp. 5-55.

MASUD KHAN, 1974 a, *Le Soi caché*, tr. fr Paris, Gallimard, 1976.

_____, 1974 b, La Rancune de 1'Kystérique, Notiv. Rev. *Psychanal.*, n° 10, pp. 151-158

MELTZER, D. et coll., 1975, *Explorations dam le monde de lautisme,* tr. fir. Paris, Payot, 1980.

MISSENARD, A. 1979, Narcissisme et rupture, in R. KAÉS et coll., Crise, *rupture et dépassement,* Paris, Dunod.

MONTAGU, A., 1971, *La Peau et le toucher*, tr. fr. Paris, Seuil, 1979.

M'UZAN, M., 1972, Uncas de masochisme pervers, in ouvr. collectif La Sexualité perverse, Paris, Payot; repris in *De l'art à la mor*t. Paris, Gallimard, 1977.

NASSIF, J. 1977, *Freud,* Lincomcient, Galilée.

OLERON, R 1976, LAcquisition du langage, *Traité de Psychologie de l'ênfant,* tome 6, Paris, PU.F.

PASCHE, F-, 1971, Le Bouclier de Persée, *Rev. Fr Psychanal,* 35, ri" 5-6, pp. 859-870.

PINOL-DOURIEZ, M., 1974, Les Fondements de la sémiotique spatiale chez 1'enfant, *Nouv.* Rev. *Psychanal.,* ri' 9, pp. 171-194.

_____, 1984, *Bébé agi, bébé actif,* Paris, RU.F.

POMEY-REY, D., 1979, Pour mourir guérie, Cutis, 3, 2 février, pp. 151-157.

PONTALIS, J.B., 1977, *Entre le rêve et la douleur,* Paris, Gallimard.

RIBBLE, M., 1944, Infantile expériences in relation to personality development, in HUNT, J. Mc V., Persomjíity *and the behavior* in *disorders,* New York, Ronald Press, tome 2.

ROSOLATO, G., 1969, *Essais* sur *le symbolique,* Paris, Gallimard.

_____, 1978, *La Relation d'inconnu,* Paris, Gallimard.

RUFFIOT, A., 1981, Le groupe-famille en analyse. Lappareil psychique familial, in RUFFIOT, A. et coll., *La* T*hérapie familiale psychanalitique,* Paris, Dunod.

SAMI-ALI, M., 1969, Étude de l'image du corps dans Purticaire, *Rev. Fr. Psychanal.* 33, n° 2, pp. 201-242.

_____, 1974, *LEspace imaginaire,* Paris, Gallimard.

_____, 1977, Corps *réel, corps imaginaire,* Paris, Dunod.

_____, 1984, *Le Visuel et le tactile. Essai sur l'allergie el la psychose,* Paris, Dunod.

SEARLES, H., 1965, *LEffort pour rendre Vautre fou,* tr. fr. Paris, Gallimard, 1977.

_____, 1979, *Le Contre-transfert,* tr. fr. Paris, Gallimard, 1981.

SCHILDER, E, 1950, *Llmage du corps*, tr. Fr. Paris, Gallimard, 1968

SEGAL, H., 1957, Notes sur la formation du symbole, tr. fr. Rev. Fr. *Psychanal.,* 1970, 34, n" 4, pp. 685-696.

SOULE, M., 1978, LEnfant qui venait du froid. Mécanismes défensifs et processus pathogènes chez la mère de Penfant autiste, in *Le Devenir de lapsychose de Penfant,* Paris, RU.F., pp. 179-212.

SPITZ, R., 1965, *De la naissance à la parole. La première année de la vie,* tr. fr. Paris, RU.F., 1968.

TAUSK, V, 1919, De la genèse de "Pappareil à influencer" au cours de la schizophrénie, tr. ff. in *oeuvres psychanalitiques,* Paris, Payot, 1976.

TINBERGEN, N., 1951, *LÉtude de Pinstinct,* tr. fr. Paris, Payot, 1971.

THEVOZ, M., 1984, *Le Corps peint,* Genève, SKIRA.

TRISTANI, J.L., 1978, Le Stade du respir Paris, Ed. de Minuit.

TURQUET, PM., 1974, Menaces à 1'identité personnelle dans le groupe large, Buíí. *PsychoL,* n° spécial "Groupes: Psychologie sociale et psychanalyse", pp, 135-158.

TUSTIN, F., 1972, Auttsme ei *psychose de 1'enfant,* tr. fr. Paris, Seuil, 1977.

_____ ,1981, Amsc íso c *States in children,* Londres, Routledge and Kegan.

VINCENT, F., 1972, Réflexions sur le tégument des Primates, Ann. Fac. Sciences *Cameroun,* n° 10, pp. 143-146.

WIENER, P, 1983, Structure *et processus dans la psychose,* Paris, P U. F.

WINNICOTT, D., 1951, Objets transitionnels et phénomènes transitionnels, tr. fr. in *Jeuet réalité,* Paris, Gallimard, 1975, ch. 1.

_____, 1958, La Capacité d'être seul, tr. fir. in *De la pédiatrie à la psychanalyse,* Paris, Payot, 1969, chap. 16.

_____, 1962 a, LIntégration du Moi au cours du développement de 1'enfant, in Processus de *maturation chez 1'enfant,* tr. fr. Paris, Payot, 1970, chap. I.

_____, 1962 b, LEnfant en bonne santé et l'enfant en période de crise. Quelques propos sur les soins requis, in Processus *de maturation chez 1'enfant,* tr. fr Payot, 1970.

_____, 1969, Les Aspects positifs et négatifs de la maladie psychosomatique, tr. ft. Reu Méd. *Psychosomatique,* 11, n° 2, pp. 205-216.

_____, 1971, Le Rôle du miroir de la mère et de la famille dans le développement de 1'enfant, tr. fr. in *Jeu et réalité,* Paris, Gallimard, 1975, ch. 9.

ZAZZO, R., 1972, LAttachement. Une nouvelle théorie sur les origines de 1'affectivité, in *LOrientation* scolaire et *professionnelle,* pp. 101-128.

_____, 1974 (en collab.}, *LAttachement,* Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.